

HARRY POTTER

o

PRISIONEIRO *de*
AZKABAN



3

J.K. ROWLING

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

HARRY POTTER

e o

PRISIONEIRO *de*
AZKABAN



3

J.K. ROWLING

HARRY POTTER

e o

PRISIONEIRO *de*
AZKABAN

J.K. ROWLING

Pottermore[®]
from J.K. Rowling

Pottermore™

from J.K. Rowling

*A Jill Prewett e Aine Kiely,
as madrinhas do swing*

ÍNDICE

- I O correio das corujas
- II O grande erro da tia Marge
- III O Autocarro Cavaleiro
- IV O Caldeirão Escoante
- V O Dementor
- VI Garras e folhas de chá
- VII O Sem Forma no guarda-fatos
- VIII A fuga da Dama Gorda
- IX Uma derrota cruel
- X O Mapa do Salteador
- XI A *Flecha de Fogo*
- XII O Patronus
- XIII Gryffindor contra Ravenclaw
- XIV O rancor de Snape
- XV A final de Quidditch
- XVI A previsão da professora Trelawney
- XVII Gato, rato e cão
- XVIII Moony, Wormtail, Padfoot e Prongs
- XIX O servo de Lord Voldemort
- XX O Beijo do Dementor
- XXI O segredo de Hermione
- XXII O correio das corujas de novo

I

O CORREIO DAS CORUJAS

Harry Potter era um rapazinho muito pouco vulgar. Por um lado, a época do ano que mais detestava era a das férias de Verão. Por outro, queria muito fazer os trabalhos de casa, mas via-se obrigado a fazê-los às escondidas, pela calada da noite. Além disso, Harry Potter era um feiticeiro.

Era quase meia-noite e ele estava deitado de bruços, na cama, com os cobertores a taparem-lhe a cabeça formando uma espécie de tenda, uma lanterna na mão e um enorme livro com encadernação de cabedal (*A História da Magia*, de Adalbert Waffling) apoiado contra a almofada. Harry moveu a sua pena de águia ao longo da página, franzindo as sobrancelhas, enquanto procurava alguma coisa que o ajudasse a escrever o texto: «A queima das bruxas no século XIV foi totalmente inútil. Comente.»

A pena parou no princípio de um parágrafo muito prometedor. Harry ajeitou os óculos redondos sobre o nariz, aproximou mais a lanterna do livro e leu:

As pessoas não-mágicas (mais conhecidas por Muggles) tinham um tremendo receio da magia durante a Idade Média, mas não sabiam reconhecê-la. Das poucas vezes que prendiam uma verdadeira feiticeira ou feiticeiro, a fogueira não tinha qualquer efeito sobre eles. A feiticeira ou feiticeiro efectuava um feitiço básico de travagem das chamas e fingia torcer-se com dores enquanto sentia uma ligeira sensação de cócegas. Na verdade, a feiticeira Wendelin gostava tanto de ser queimada que se deixou apanhar quarenta e sete vezes ao todo, sob os mais variados disfarces.

Harry pôs a pena na boca e procurou debaixo da almofada o tinteiro e um rolo de pergaminho. Lenta e cautelosamente, abriu o frasco de tinta,

molhou a pena e começou a escrever, fazendo uma pausa de vez em quando para prestar atenção, porque se algum dos Dursley desse pelo ruído da pena a arranhar o pergaminho enquanto passava para a casa de banho, ele seria provavelmente fechado no armário que ficava debaixo das escadas até ao final do Verão.

A família Dursley, do número quatro de Privet Drive, era a razão pela qual Harry nunca apreciava as férias de Verão. O tio Vernon, a tia Petúnia e o seu filho Dudley eram os seus únicos familiares vivos. Eram Muggles e tinham uma atitude medieval em relação à magia. Os pais de Harry, já falecidos, que tinham sido ambos feiticeiros, nunca eram mencionados sob o tecto dos Dursley. Durante muitos anos, a tia Petúnia e o tio Vernon acreditaram que se maltratassem Harry suficientemente, conseguiriam extirpar a magia de dentro dele. Para sua grande cólera, fracassaram por completo e agora viviam apavorados com a ideia de que alguém pudesse descobrir que o sobrinho passara os dois últimos anos na Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts.

Tudo o que actualmente podiam fazer era fechar-lhe os livros de encantamentos, a varinha, o caldeirão e a vassoura no início das férias de Verão e proibi-lo de falar com os vizinhos.

Esta separação dos livros de encantamentos constituía um verdadeiro problema para Harry, porque os professores de Hogwarts tinham-lhe passado uma grande quantidade de trabalhos para fazer nas férias. Um deles, o mais difícil de todos, sobre Poções de Encolher, era para o professor de quem Harry menos gostava, o professor Snape, que adoraria ter um bom pretexto para lhe dar um castigo que durasse um mês. Por isso, Harry aproveitara a sua sorte durante a primeira semana de férias, enquanto o tio Vernon, a tia Petúnia e Dudley tinham ido até ao jardim admirar o novo carro da empresa do tio (falando muito alto para que todos os vizinhos reparassem nele) e, esgueirando-se até lá abaixo, pegara na chave do armário que ficava debaixo das escadas, tirara alguns dos seus livros e escondera-os debaixo da cama. Desde que não manchasse os lençóis com tinta, os Dursley não iriam descobrir que ele estudava magia à noite.

Harry tentava ao máximo evitar problemas com os tios, que já estavam bastante aborrecidos por ele ter recebido uma chamada telefónica de um colega feiticeiro, uma semana depois do início das férias de Verão.

Ron Weasley, que era um dos seus melhores amigos em Hogwarts, descendia de uma família de feiticeiros, o que significava que sabia uma série de coisas que Harry ignorava, embora nunca na vida tivesse utilizado um telefone. Infelizmente, foi o tio Vernon quem atendeu a chamada.

— Vernon Dursley, diga por favor.

Harry, que por acaso estava na sala naquele momento, ficou gelado quando ouviu a voz de Ron do outro lado.

— ESTÁ? ESTÁ? CONSEGUE OUVIR-ME? EU... QUERO... FALAR... COM... O HARRY... POTTER!

Ron gritava tão alto que o tio Vernon deu um salto e afastou o auscultador trinta centímetros do ouvido, olhando para ele com uma expressão que era um misto de fúria e de pânico.

— QUEM FALA? — berrou secamente em direcção ao auscultador. — QUEM ESTÁ AO TELEFONE?

— RON... WEASLEY — gritou Ron tão alto como se ele e o tio Vernon estivessem a falar de um para o outro extremo de um campo de futebol — EU SOU... UM AMIGO DO HARRY... DA ESCOLA...

Os olhos pequeninos do tio Vernon pousaram sobre Harry, que parecia pregado ao chão.

— NÃO MORA AQUI NENHUM HARRY POTTER! — respondeu o tio secamente, segurando o auscultador à distância de um braço, como se receasse que ele explodisse. — NÃO SEI DE QUE ESCOLA ESTÁ A FALAR! NÃO VOLTE A LIGAR PARA CÁ! NÃO SE APROXIME DA MINHA FAMÍLIA!

E pousou o auscultador no descanso como se largasse uma aranha venenosa.

A barafunda que se seguiu foi uma das piores de sempre.

— COMO TE ATREVES A DAR ESTE NÚMERO A PESSOAS COMO... A PESSOAS COMO TU?! — vociferou o tio Vernon, enchendo Harry de perdigotos.

Ron apercebeu-se obviamente de que tinha criado problemas ao amigo e não voltou a ligar. A outra grande amiga de Hogwarts, Hermione Granger, também não dissera nada. Harry suspeitou de que Ron a avisara para não telefonar, o que foi uma pena, porque Hermione, a jovem feiticeira mais inteligente do ano de Harry, era filha de Muggles, sabia perfeitamente usar o telefone e seria certamente sensata a ponto de não referir a escola de Hogwarts.

Harry, portanto, já não tinha notícias de nenhum amigo ou amiga feiticeiros havia cinco longas semanas e aquele Verão estava a tornar-se quase tão mau como o anterior. Havia apenas uma pequena coisa que era melhor: depois de ter jurado que não a usaria para mandar cartas a nenhum dos amigos, Harry tinha sido autorizado a soltar a sua coruja *Hedwig* durante a noite. O tio Vernon acabara por ceder por causa da balbúrdia que ela fazia, sempre encurralada na gaiola.

Harry acabou o seu texto sobre a feiticeira Wendelin e parou para escutar. O silêncio da casa sombria era apenas cortado pelos ronc

distantes do seu enorme primo Dudley. Devia ser muito tarde. Harry sentia picadas nos olhos devido ao cansaço. Seria melhor acabar o trabalho na noite seguinte.

Tapou o tinteiro, tirou uma velha fronha que tinha debaixo da cama, pôs a lanterna, *A História da Magia*, o seu trabalho, a pena e o tinteiro dentro da fronha e meteu tudo num esconderijo debaixo do soalho, mesmo sob a cama onde dormia. Em seguida, pôs-se de pé, espreguiçou-se e viu as horas no despertador de ponteiros luminosos que tinha na mesinha-de-cabeceira.

Era uma da manhã. O seu estômago contorceu-se. Havia uma hora que fizera treze anos sem dar por isso.

Outra coisa pouco usual na vida de Harry era a escassa esperança que depositava nos dias do seu aniversário. Nunca, até então, recebera um cartão de parabéns. Os Dursley tinham ignorado por completo os seus dois últimos aniversários e ele não tinha qualquer motivo para esperar que se lembrassem deste.

Harry atravessou a escuridão do quarto, passou pela enorme gaiola vazia de *Hedwig* e foi até à janela que estava aberta. Encostou-se ao peitoril, sentindo no rosto o agradável ar fresco da noite, depois de bastante tempo debaixo dos cobertores. *Hedwig* estava fora havia já duas noites, o que não o preocupava muito, já que não era a primeira vez, mas esperava que ela voltasse rapidamente. Era a única criatura naquela casa que não estremecia com a presença dele.

Apesar de continuar pequeno e magro para a idade, Harry crescera alguns centímetros desde o ano anterior. No entanto, o seu cabelo preto asa de corvo mantinha-se igual, teimosamente desalinhado por mais que o penteasse. Os olhos, por detrás dos óculos, eram de um verde brilhante e, na testa, por entre o cabelo, podia ver-se, claramente, uma fina cicatriz em forma de raio.

De todas as coisas pouco usuais em Harry, esta cicatriz era a mais extraordinária. Não era, como os Dursley durante dez anos tinham querido fazer-lhe acreditar, uma lembrança do acidente de automóvel em que tinham morrido os seus pais, porque Lily e James Potter não tinham morrido em nenhum acidente de automóvel, tinham sido assassinados. Assassinados pelo feiticeiro negro mais temido dos últimos cem anos, Lord Voldemort.

Harry escapara desse ataque apenas com uma cicatriz na testa, quando a maldição de Voldemort, em vez de o matar, se voltara contra o seu criador. Preso à vida por um fio, Voldemort desaparecera...

Harry, porém, voltara a encontrá-lo em Hogwarts. Ficou à janela, recordando o último encontro e reconhecendo que tivera imensa sorte em

chegar vivo aos treze anos de idade.

Perscrutou o céu cheio de estrelas em busca de um sinal de *Hedwig*, trazendo-lhe, talvez, no bico um rato morto, à espera de um elogio. Olhando absorto sobre os telhados, só alguns segundos depois se apercebeu do que estava a ver.

Recortada contra a Lua dourada e aumentando de tamanho a cada momento, via-se uma criatura grande, estranhamente desequilibrada que agitava as asas em direcção a Harry.

Ficou muito quieto, vendo-a descer a pouco e pouco. Durante uma fracção de segundo hesitou, com a mão no puxador da janela, perguntando a si próprio se deveria fechá-la, mas, então, a bizarra criatura sobrevoou um dos candeeiros de Privet Drive e Harry, percebendo o que era, afastou-se.

Pela janela entraram três corujas, duas das quais carregavam a terceira que parecia estar inconsciente. Aterraram com um ruído abafado na cama de Harry e a coruja do meio, que era grande e cinzenta, caiu para o lado e ficou imóvel. Trazia um grande pacote amarrado às patas.

Harry reconheceu de imediato a coruja inconsciente. Era *Errol* e pertencia à família Weasley. Saltando para a cama, desamarrou os cordéis que lhe envolviam as patas, pegou no embrulho e levou-a para a gaiola de *Hedwig*. *Errol* abriu um olho remelento, deu um frágil pio de gratidão e começou a beber água.

Harry voltou-se para as outras corujas. Uma delas, uma coruja-das-neves, era a sua *Hedwig*. Também ela transportava um embrulho e tinha um ar profundamente satisfeito. Deu a Harry uma bicada afectuosa quando ele lhe tirou a carga e voou pelo quarto, indo juntar-se à *Errol*.

Harry não reconheceu a terceira, uma bonita coruja trigueira, mas soube imediatamente de onde ela vinha, pois viu a carta que trazia, com o timbre de Hogwarts. Mal Harry lhe retirou o correio, ela enfunou as penas com ar importante, abriu as asas e voou em direcção à janela, perdendo-se na noite.

Harry sentou-se na cama, pegou no embrulho de *Errol*, rasgou o papel castanho e descobriu lá dentro um presente embrulhado em papel dourado com o seu primeiro cartão de parabéns. Com os dedos ligeiramente trémulos, abriu o sobrescrito. Duas folhas de papel caíram, uma carta e um recorte de jornal.

O recorte era claramente do jornal de feiticeiros *O Profeta Diário*, porque as pessoas da fotografia a preto e branco moviam-se. Harry pegou no recorte, alisou-o e leu:

FUNCIONÁRIO DO MINISTÉRIO DA MAGIA OBTÉM GRANDE PRÉMIO

Arthur Weasley, chefe do Gabinete da Utilização Incorrecta dos Artefactos dos Muggles do Ministério da Magia, ganhou o Prémio Anual Galeão d'O Profeta Diário.

Radiante, a esposa de Mr. Weasley disse ao nosso jornal: — Vamos gastar esse ouro numas férias de Verão no Egipto, onde se encontra Bill, o nosso filho mais velho, que trabalha como anulador de maldições para o Banco de Feiticeiros de Gringotts.

A família Weasley passará um mês inteiro no Egipto, regressando para o início das aulas em Hogwarts onde cinco das crianças Weasley estão matriculadas.

Harry observou a fotografia móvel e um sorriso iluminou-lhe o rosto quando viu os nove Weasley acenando-lhe, entusiasmados, em frente de uma enorme pirâmide. A rechonchuda Mrs. Weasley, Mr. Weasley, alto e calvo, os seis filhos e a filha, todos eles (a fotografia a preto e branco não mostrava) com cabelos de um ruivo flamejante. Mesmo no centro da fotografia via-se Ron, alto e magro, de pernas finas com o seu rato *Scabbers* ao ombro e o braço sobre Ginny, a irmã mais nova.

Harry não se lembrava de ninguém que merecesse mais ganhar uma pilha de ouro que os Weasley, que eram ótimas pessoas e muito pobres. Pegou na carta de Ron e desdobrou-a.

*Caro Harry,
feliz aniversário!*

Desculpa, lamento imenso aquilo do telefonema. Espero que os Muggles não te tenham criado grandes problemas. Falei com o meu pai e ele disse que eu não devia ter gritado.

Isto aqui no Egipto é magnífico. O Bill levou-nos a visitar todos os túmulos e não imaginas as maldições que os antigos feiticeiros egípcios lhes lançaram. A mãe não deixou a Ginny entrar no último. Estava cheio de esqueletos mutantes de Muggles que o profanaram e a quem cresceram cabeças extra.

Eu não queria acreditar quando o meu pai ganhou o prémio d'O Profeta Diário. Setecentos galeões! A maior parte gastou-se nestas férias, mas vão comprar-me uma nova varinha para o próximo ano lectivo.

Harry lembrava-se muito bem do dia em que a varinha de Ron estoirara. Tinha sido quando o carro em que eles voavam a caminho de Hogwarts se espetara contra uma árvore nos campos da escola.

Estaremos de volta uma semana antes do começo das aulas e vamos a

Londres comprar a varinha e os livros. Achas que podemos encontrar-nos nessa altura?

Não deixes que os Muggles te deprimam! Tenta vir a Londres,

Ron

PS: O Percy é Delegado dos Alunos. Recebeu a carta na semana passada.

Harry voltou a olhar para a fotografia. Percy, que estava no sétimo e último ano de Hogwarts, tinha um ar particularmente presunçoso. Pregara o seu distintivo de Delegado dos Alunos no fez que encarrapitara sobre o cabelo bem penteado, os óculos com aros de tartaruga a brilharem ao sol do Egipto.

Harry voltou-se em seguida para o presente e desembulhou-o. Lá dentro estava uma coisa que parecia um pão de vidro em miniatura. Junto dele, havia outro cartão de Ron.

Harry, isto é um Avisoscópio. Se houver alguém traiçoeiro perto de ti, ele acende-se e gira. O Bill diz que é uma aldrabice para os feiticeiros turistas e que não é de confiança porque não parou de se acender ontem à noite à hora do jantar. Mas ele não percebeu que o Fred e o George lhe tinham posto duas baratas dentro da sopa.

Adeus,

Ron

Harry pôs o Avisoscópio de bolso na mesinha-de-cabeceira, onde o objecto ficou muito quieto e equilibrado, reflectindo os ponteiros luminosos do relógio. Olhou satisfeito para ele durante alguns segundos, depois pegou no embrulho que Hedwig lhe trouxera.

Lá dentro havia também um presente embrulhado, um cartão e uma carta. Desta vez de Hermione.

Querido Harry,

o Ron escreveu-me a contar da chamada telefónica que foi atendida pelo teu tio Vernon. Espero que esteja tudo bem contigo.

Estou a passar férias em França e não sabia como mandar-te isto. E se abrissem na alfândega? Mas foi então que apareceu a Hedwig. Acho que ela queria assegurar-se de que tu recebias alguma coisa no dia dos teus anos, para variar.

O teu presente foi adquirido através do catálogo das corujas. Vinha um anúncio n'O Profeta Diário (temo-lo recebido. É tão bom mantermo-nos a par do que se passa no mundo da feitiçaria). Viste a fotografia do Ron e da

família toda que saiu na semana passada? Aposto que está a aprender imensas coisas. Estou cheia de inveja, os feiticeiros do antigo Egipto eram fascinantes.

Aqui também há algumas histórias de feitiçaria locais. Reescrevi o meu trabalho para História da Magia para incluir algumas das coisas que descobri. Espero que não esteja demasiado grande, já ultrapassei em dois rolos de pergaminho aquilo que o professor Binns perdeu.

O Ron diz que vai estar em Londres na última semana de férias. Achas que podes vir também? Espero que sim. Se não fores, vejo-te no Expresso de Hogwarts do dia 1 de Setembro.

Beijos da

Hermione

PS: O Ron diz que o Percy é Delegado dos Alunos. Aposto que está contentíssimo, mas o Ron não parece lá muito satisfeito.

Harry riu-se de novo, enquanto guardava a carta e pegava no seu presente. Era muito pesado. Conhecendo Hermione como conhecia, calculou que se tratasse de um livro enorme cheio de feitiços complicados... mas não era. O seu coração deu um salto quando rasgou o papel e viu um elegante estojo preto com letras douradas que diziam: *Kit de Tratamento de Vassouras.*

— Uau! Hermione! — exclamou, abrindo o fecho de correr do estojo para o ver por dentro.

Havia um grande frasco de verniz, para cabos Super-Brilho da *Fleetwood*, uma tesoura prateada para aparar a cauda da vassoura, uma bússola pequenina para lhe adaptar nas viagens mais longas e um livro prático de cuidados a ter com a vassoura, tipo *Faça Você Mesmo*.

Além dos amigos, aquilo de que Harry tinha mais saudades era do Quidditch, o jogo mais popular do mundo mágico, um jogo extremamente perigoso, excitante e jogado em cima de vassouras. Harry era por acaso um excelente jogador, fora o aluno mais jovem em um século a ser seleccionado para uma das equipas desportivas de Hogwarts. Um dos seus bens mais preciosos era a sua vassoura de corrida *Nimbus Dois Mil*.

Harry pôs o estojo de parte e pegou no último embrulho. Reconheceu de imediato os rabiscos desordenados no papel castanho: este era de Hagrid, o guarda dos campos. Rasgou a parte de cima do papel e vislumbrou uma coisa verde, semelhante a couro, mas, antes de ter tido tempo de o abrir convenientemente, o embrulho estremeceu e o que estava lá dentro abocanhou-o ruidosamente, como se tivesse mandíbulas.

Harry ficou gelado. Sabia que Hagrid nunca lhe enviaria

propositadamente nada que fosse perigoso, mas a verdade é que ele não tinha uma visão muito comum do que era perigoso. Sabia-se que tinha feito amizade com aranhas gigantes, comprara cães com três cabeças a homens com quem jogara nos bares e guardara ilegalmente ovos de dragão na sua cabana.

Muito nervoso, Harry apalpou o embrulho. A coisa tentou novamente mordê-lo. Harry pegou no candeeiro que tinha à cabeceira da cama, agarrou-o com força com uma das mãos e levantou-o à altura da cabeça, pronto para lhe bater. Em seguida, agarrou o resto do papel de embrulho com a outra mão e puxou.

E apareceu um livro. Harry só teve tempo de admirar a sua bonita capa verde, adornada com o título a dourado *O Monstruoso Livro dos Monstros* antes de ele se virar e fugir pela cama fora, qual caranguejo esquisito.

— Oh, oh — resmungou Harry. O livro caiu ao chão com um baque e atravessou rapidamente o quarto. Harry seguiu-o sub-repticiamente. O livro escondera-se no vão escuro debaixo da secretária. Pedindo aos céus que os Dursley estivessem a dormir profundamente, Harry pôs-se de gatas e conseguiu agarrá-lo.

— Ai!

O livro fechou-se-lhe nas mãos e logo a seguir escapou-se, correndo apoiado nas capas. Harry andou de um lado para o outro, atirou-se para a frente e conseguiu comprimi-lo contra o chão. No quarto ao lado, o tio Vernon soltou um ronco no meio do sono.

Hedwig e *Errol* observaram, interessadas, o modo como Harry segurou nos braços o livro irrequieto, abrindo uma gaveta e retirando de dentro um cinto que amarrou em volta dele. O Livro dos Monstros estremeceu zangado, mas já não podia correr nem morder, por isso Harry pousou-o na cama e leu o cartão de Hagrid.

*Querido Harry,
feliz aniversário!*

Achei qu'este livro te seria útil prò próximo ano. Não te vou contar mais nada. Depois conversamos. Espero qu'os Muggles te estejam a tratar bem.

*O melhor pra ti,
Hagrid*

Harry achou bastante sinistro que Hagrid tivesse pensado que um livro capaz de morder-lhe iria ser útil, mas colocou o cartão ao lado dos de Ron e de Hermione, cada vez mais satisfeito. Só faltava agora a carta de Hogwarts.

Reparando que era mais espessa que habitualmente, abriu o sobrescrito, retirou a primeira folha de pergaminho e leu:

Caro Mr. Potter,

por favor, tome nota de que o novo ano escolar em Hogwarts terá o seu início no dia 1 de Setembro. O Expresso de Hogwarts partirá da estação de King's Cross, plataforma nove e três quartos, às onze horas da manhã.

Os alunos do terceiro ano estarão autorizados a visitar a vila de Hogsmeade em certos fins-de-semana. Por favor, entregue a autorização que enviamos para que o seu pai ou encarregado de educação a assine.

Juntamos também uma lista dos livros para o próximo ano.

Atenciosamente,

Professora McGonagall

Vice-directora

Harry pegou no documento de autorização para visitar Hogsmeade e olhou para ela sem sorrir.

Seria óptimo visitar Hogsmeade aos fins-de-semana. Sabia que era uma vila exclusivamente de feiticeiros, onde nunca pusera os pés. Mas como iria convencer o tio Vernon e a tia Petúnia a assinar a autorização?

Olhou para o despertador: eram duas horas da manhã.

Tomando a decisão de deixar aquela preocupação para o dia seguinte, Harry voltou a meter-se na cama e fez uma cruzinha no gráfico que ele mesmo construía, onde riscava os dias que faltavam para voltar a Hogwarts. Em seguida, tirou os óculos e deitou-se com os olhos abertos, fixos nos três cartões de parabéns que tinha recebido.

Era extremamente raro sentir-se assim, como naquele momento, feliz, pela primeira vez na vida, por ser o dia do seu aniversário.

II

O GRANDE ERRO DA TIA MARGE

No dia seguinte, quando desceu para o pequeno-almoço, encontrou os três Dursley já sentados à mesa da cozinha. Olhavam para uma televisão novinha em folha, um presente de boas-vindas para Dudley que não parava de se queixar altíssimo da distância enorme que separava a televisão que estava na sala da porta do frigorífico. Dudley passara grande parte do Verão na cozinha com os seus olhinhos de porco fixos no ecrã e os seus cinco queixos balouçando enquanto comia ininterruptamente.

Harry sentou-se entre Dudley e o tio Vernon, um homem grande e robusto com um pescoço muito curto e um grande bigode. Em vez de lhe desejarem feliz aniversário, nenhum dos Dursley pareceu notar que Harry tinha entrado, mas ele estava tão habituado a isso que não se importou absolutamente nada.

Serviu-se de uma torrada e a seguir olhou para o noticiário na TV que estava a meio de uma notícia sobre um presidiário que se evadira da prisão.

«... A população está avisada de que Black se encontra armado e é extremamente perigoso. Foi montada uma linha telefónica especial e qualquer informação sobre Black deverá ser-nos imediatamente comunicada.»

— Não é preciso virem dizer-nos que ele não presta — resmungou o tio Vernon, olhando para o prisioneiro por cima do jornal que estava a ler. — Olhem para este aspecto de vagabundo nojento! Vejam só aquele cabelo!

Lançou um olhar de esguelha a Harry, cujo cabelo em desalinho irritava sempre o tio Vernon. Contudo, comparado com o do homem que se via na televisão, cujo rosto escanzelado estava rodeado por uma massa de cabelos enrijados que ia até aos cotovelos, Harry sentia-se muito apresentável.

O locutor reaparecera.

«O Ministério da Agricultura e Pescas anunciará hoje...»

— Espera aí — vociferou o tio Vernon, olhando furioso para o locutor.
— Não nos disseste de onde fugiu o maníaco. Assim não serve para nada, o doido pode vir neste momento a subir a minha rua!

A tia Petúnia, que era magra e tinha cara de cavalo, saiu do lugar onde estava sentada e foi espreitar pela janela da cozinha. Harry sabia que ela adoraria poder ser a pessoa a ligar para a linha especial. Era a mulher mais abelhuda deste mundo e passava parte dos seus dias a espiar os vizinhos, uns indivíduos chatíssimos e ultra-respeitadores da lei.

— Quando é que acabarão por perceber — bradou o tio Vernon, batendo na mesa com o seu enorme punho arroxado — que a única maneira de lidar com esta gente é enforcando-os?

— É bem verdade — concordou a tia Petúnia, que estava ainda a olhar de soslaio para os seus vulgaríssimos vizinhos.

O tio Vernon despejou a chávena de chá, olhou para o relógio e acrescentou: — Tenho de sair dentro de um minuto, Petúnia. O comboio da Marge chega às dez.

Harry, cujos pensamentos tinham estado lá em cima com o estojo para cuidar da vassoura, foi trazido à realidade com um choque desagradável.

— A tia Marge? — deixou escapar. — El... ela não vem para cá, pois não?

A tia Marge era irmã do tio Vernon. Apesar de não existir entre ela e Harry qualquer laço de sangue (a mãe de Harry era irmã da tia Petúnia), ele tinha sido obrigado durante toda a vida a chamar-lhe tia.

A tia Marge vivia no campo, numa casa com jardim onde criava buldogues. Não ficava muitas vezes em Privet Drive porque lhe era insuportável afastar-se dos cãesinhos, mas cada uma das suas visitas ficara marcada de forma indelével na memória de Harry.

Na festa do quinto aniversário de Dudley, a tia Marge tinha dado várias bengaladas nas canelas de Harry para o impedir de ganhar a Dudley no jogo das estátuas musicais. Alguns anos mais tarde, aparecera no Natal com um robô computadorizado para Dudley e uma caixa de biscoitos de cão para Harry. Durante a última visita, no ano que antecederia a sua entrada em Hogwarts, Harry pisou sem querer a pata do seu cachorro preferido. *Ripper* perseguiu-o até ao jardim e forçou-o a trepar a uma árvore. A tia Marge recusou-se a chamá-lo para dentro antes da meia-noite. A lembrança deste incidente ainda fazia Dudley chorar a rir.

— A Marge vai passar uma semana connosco — informou-o com secura o tio Vernon. — E, já que estamos a falar disso — apontou a Harry um dedo gordo e ameaçador —, temos de esclarecer algumas coisas antes de eu a ir buscar.

Dudley fez um sorriso afectado e afastou os olhos da televisão.

Ver o pai ameaçar Harry era a sua distração preferida.

— Em primeiro lugar — continuou o tio Vernon —, falas civilizadamente quando te dirigires à Marge.

— Está bem — disse Harry com azedume. — Se ela for civilizada a falar comigo.

— Em segundo lugar — continuou o tio Vernon, fingindo não ter ouvido a resposta de Harry —, como a Marge não sabe nada sobre a tua *anormalidade*, não quero gracinhas de qualquer espécie enquanto ela cá estiver. Porta-te como deve ser, entendido?

— Eu porto-me bem, se ela se portar bem comigo — replicou Harry entre dentes.

— E um terceiro aviso — concluiu o tio Vernon com os seus olhos pequeninos e maus que pareciam duas fendas na grande cara arroxeadada. — Nós dissemos à Marge que tu frequentavas o Centro de São Brutus para Jovens Delinquentes Irrecuperáveis.

— O quê? — gritou Harry.

— E vais manter essa história, rapaz, caso contrário estás em muito maus lençóis — ameaçou o tio Vernon.

Harry sentou-se, pálido e furioso, olhando para o tio Vernon sem querer acreditar. A tia Marge vinha para uma visita de uma semana; era o pior presente de aniversário que os Dursley lhe tinham dado em toda a sua vida, incluindo o par de peúgas velhas do tio Vernon.

— Bem, Petúnia — declarou o tio Vernon, pondo-se pesadamente de pé —, vou para a estação. Queres vir comigo em jeito de passeio, Dudders?

— Não — retorquiu Dudley cuja atenção se centrara de novo na televisão, mal o tio Vernon deixara de ameaçar Harry.

— O Dudley tem de se pôr bonito para a titi — disse a tia Petúnia, passando-lhe a mão pelos cabelos loiros e espessos. — A mamã comprou-lhe um lacinho novo para ele pôr ao pescoço.

O tio Vernon deu a Dudley uma palmada no ombro.

— Então, até já — despediu-se. — E saiu da cozinha.

Harry, que tinha ficado sentado num transe horrorizado, teve subitamente uma ideia. Largando a torrada, pôs-se de pé num salto e seguiu o tio Vernon até à porta da entrada.

O tio Vernon estava a vestir o casaco.

— Não vou levar-te — avisou rudemente, ao voltar-se e ver Harry a olhar para ele.

— Como se eu quisesse ir — replicou Harry friamente. — Quero pedir-lhe uma coisa.

O tio Vernon lançou-lhe um olhar desconfiado.

— Os alunos do terceiro ano em Hog... na minha escola podem ir à vila de vez em quando — explicou-lhe.

— Sim? — resmungou o tio Vernon, tirando as chaves do carro de um gancho junto da porta.

— Preciso de que assine a autorização — terminou Harry muito depressa.

— E por que faria eu isso? — gozou o tio Vernon.

— Bem — disse Harry, escolhendo cautelosamente cada palavra —, se não o fizer, vai ser difícil fingir perante a tia Marge que frequento o São Como É Que Se Chama...

— São Brutus, Centro para Jovens Delinquentes Irrecuperáveis — gritou o tio Vernon e Harry ficou satisfeito ao perceber uma clara nota de pânico na sua voz.

— Isso mesmo — tornou Harry, olhando calmamente para a cara grande e arroxeada do tio Vernon. — Tenho de me lembrar disso tudo e ser convincente, não é? Porque se por engano, deixo escapar que...

— Apanhavas uma valente sova — avisou o tio Vernon, mostrando a Harry um punho fechado. Mas ele manteve-se na sua.

— Dar-me uma sova não faz com que a tia Marge se esqueça do que eu tiver dito — afirmou com ar ameaçador.

O tio Vernon parou com o punho ainda no ar, exibindo o seu rosto feio cor de pulga.

— Mas se assinar o documento a dar a autorização — prosseguiu Harry rapidamente —, juro que vou lembrar-me da escola que supostamente frequento e vou comportar-me como um Mug... como se fosse normal.

Harry estava certo de que o tio Vernon estava a pensar no assunto apesar de ter os dentes cerrados e uma veia proeminente numa das têmporas.

— Certo — acedeu por fim. — Vou vigiar de perto o teu comportamento durante a estada da Marge e se, no fim, tiveres andado na linha e mantido a história, eu assino essa porcaria do formulário.

Deu meia volta, abriu a porta da frente e bateu com ela com tanta força que um dos vidrinhos do topo caiu.

Harry não voltou para a cozinha. Foi lá acima ao seu quarto. Se tinha de agir como um verdadeiro Muggle, era melhor começar já. Lenta e tristemente, juntou os presentes que recebera, assim como os cartões, e escondeu-os debaixo da tábua do chão, juntamente com o trabalho de casa. Em seguida, dirigiu-se à gaiola de *Hedwig*. *Errol* parecia ter recuperado. Estavam ambas a dormir com as cabeças debaixo das asas. Harry suspirou e depois acordou-as.

— *Hedwig* — disse tristemente —, vais ter de desaparecer durante uma semana. Vai com a *Errol*. O Ron toma conta de ti. Eu mando-lhe um bilhete a explicar. E não olhes para mim dessa maneira. — Os enormes olhos cor de âmbar de *Hedwig* eram recriminatórios. — A culpa não é minha, não posso fazer outra coisa. É a única maneira de conseguir visitar Hogsmeade com o Ron e a Hermione.

Três minutos mais tarde, *Errol* e *Hedwig* (que tinha um bilhete para Ron amarrado a uma das patas) saíram pela janela e lançaram-se no céu a perder de vista. Harry, que se sentia profundamente infeliz, guardou a gaiola vazia dentro do guarda-fatos.

Não teve, porém, muito tempo para cismar. Em menos de um segundo, a tia Petúnia estava a subir as escadas toda nervosa, chamando-o para descer e ir dar as boas-vindas à convidada.

— Vê se dás um jeito ao cabelo — comentou asperamente ao vê-lo chegar ao *hall*.

Harry não percebia qual a vantagem de tentar fazer o cabelo parecer liso. A tia Marge adorava criticá-lo, portanto, quanto mais desarranjado ele estivesse, mais satisfeita ela ficaria.

Pouco depois ouviu-se o ranger da gravilha lá fora, quando o carro do tio Vernon fez marcha atrás junto da entrada da garagem. Em seguida, o barulho das portas a fecharem-se e passos no jardim.

— Abre a porta — disse a tia Petúnia a Harry.

Com uma sensação de angústia no estômago, Harry abriu a porta.

No limiar, estava a tia Marge. Era muito parecida com o tio Vernon. Gorda, flácida e com o rosto arroxado, até tinha um pouco de bigode, embora não fosse farfalhudo como o do irmão. Numa das mãos segurava uma mala enorme e, enfiado debaixo do outro braço, estava um buldogue com ar de poucos amigos.

— Onde está o Dudders? — guinchou a tia Marge. — Onde está o meu sobrinho querido?

Dudley apareceu no *hall* a bambolear-se, com o cabelo loiro acachapado na sua cabeça gorda e um laçarote ao pescoço que mal se via sob os seus múltiplos queixos.

A tia Marge empurrou a mala contra o estômago de Harry, deixando-o sem ar, apertou Dudley contra si com o braço livre e deu-lhe um grande beijo na bochecha.

Harry sabia perfeitamente que Dudley só suportava os abraços da tia Marge porque lhe pagavam muito bem para isso. E sem dúvida quando se apartaram, Dudley tinha, fechada na mão gorda, uma nota amarrotada de vinte libras.

— Petúnia! — gritou a tia Marge, passando por Harry como se ele fosse um bengaleiro. A tia Marge e a tia Petúnia beijaram-se, ou melhor, a tia Marge bateu com a cara gorda contra o rosto ossudo da tia Petúnia.

O tio Vernon entrou então, com um sorriso jovial, fechando a porta.

— Chá, Marge? — perguntou. — E o que toma o *Ripper*?

— O *Ripper* bebe um pouco de chá do meu pires — disse a tia Marge enquanto se dirigiam à cozinha, deixando Harry sozinho no vestíbulo com a mala na mão. Mas ele não se queixava, qualquer pretexto para não ter de estar com a tia Marge era ótimo. Começou, portanto, a transportar a mala até ao quarto de hóspedes, demorando o máximo de tempo possível.

Quando voltou à cozinha, a tia Marge já tinha tomado chá e comido bolo de frutos e *Ripper*, a um canto, lambia ruidosamente o pires. Harry viu a tia Petúnia, que detestava animais, retrair-se um pouco, enquanto salpicos de chá e baba manchavam o chão imaculado da sua cozinha.

— Quem ficou a tomar conta dos teus outros cães, Marge? — perguntou o tio Vernon.

— Oh! Ficaram entregues ao coronel Fubster — respondeu animada a tia Marge. — Ele agora está reformado e precisa de se entreter com alguma coisa. Mas não podia deixar o pobre *Ripper*, ele adoece quando está longe de mim.

Ripper voltou a rosnar, quando Harry se sentou, o que chamou pela primeira vez a atenção da tia Marge para ele.

— Então — resmungou —, ainda por aqui?

— Sim — respondeu Harry.

— Não digas sim com esse tom ingrato — repreendeu-o com frieza a tia Marge. — É uma grande prova de generosidade da parte do teu tio Vernon e da tua tia Petúnia manterem-te aqui em casa. Eu não o teria feito, ias direitinho para um orfanato, se te tivessem deixado na soleira da minha porta.

Harry estava morto por responder que preferia mil vezes viver num orfanato do que com os Dursley, mas a ideia de Hogsmeade deteve-o. A muito custo, ostentou uma expressão sorridente.

— Não me faças sorrisinhos — rugiu a tia Marge. — Vejo perfeitamente que não mudaste nada desde a última vez que te vi. Esperava que a escola te ensinasse algumas maneiras. — Bebeu um grande gole de chá, limpou o bigode e perguntou: — Qual é a escola para onde o mandaste, Vernon?

— São Brutus — retorquiu de imediato o tio Vernon. — É uma instituição de primeira ordem para casos desesperados.

— Estou a ver — disse a tia Marge. — Eles usam a bengala em São Brutus, rapaz? — rosnou do outro lado da mesa.

— Hã...

O tio Vernon acenou afirmativamente, atrás da tia Marge.

— Sim — respondeu Harry. E, achando que deveria fazer bem as coisas, acrescentou: — Muitas vezes.

— Excelente — congratulou-se a tia Marge. — Eu não vou nessa conversa fiada de não se bater em quem merece. Uma boa sova é o que faz falta em noventa e nove por cento dos casos. Já te bateram muitas vezes?

— Sim, sim — disse Harry. — Montes de vezes.

A tia Marge contraiu os olhos.

— Continuo a não gostar do teu tom, rapaz — observou. — Se és capaz de falar das sovas que apanhas como se não fosse nada contigo, é porque não estão a bater-te como deviam. Petúnia, eu, no teu lugar, escrevia para lá, deixando bem claro que era a favor do uso da força no caso deste rapaz.

O tio Vernon, provavelmente receoso de que Harry esquecesse o acordo, mudou rapidamente de assunto.

— Ouviste as notícias hoje de manhã, Marge? Que me dizes do prisioneiro que fugiu?

À medida que a tia Marge começava a sentir-se em casa, Harry deu consigo a pensar quase com saudade na vida no número quatro de Privet Drive antes de ela ter chegado. O tio Vernon e a tia Petúnia costumavam encorajá-lo a evitar cruzar-se com eles, o que ele fazia com grande satisfação. A tia Marge, pelo contrário, queria tê-lo sempre debaixo de olho para poder lançar sugestões relativas à sua educação. Deliciava-se a comparar Harry com Dudley e dava-lhe imenso prazer oferecer a Dudley presentes dispendiosos e ficar a olhar para Harry, na esperança de que ele perguntasse por que não recebera nada. Lançava também insinuações veladas sobre os motivos que faziam de Harry um rapazinho tão desagradável.

— Não deves culpar-te por o rapaz ter ficado assim, Vernon — disse ela no terceiro dia, durante o almoço. — Quando há alguma coisa podre lá dentro, não há mesmo nada a fazer.

Harry tentou concentrar-se na comida, mas as mãos tremiam-lhe e o rosto começava a arder de raiva. — Lembra-te da assinatura do tio Vernon — repetia a si próprio. — Pensa em Hogsmeade. Não digas nada, não te levantes...

A tia Marge pegou no copo de vinho.

— É uma das regras-base da criação — afirmou. — Muito frequente nos cães. Se a cadela tem defeito, os cachorros vão ter d...

Nesse momento, o copo de vinho da tia Marge explodiu-lhe na mão. Os

estilhaços de vidro saltaram em todas as direcções e ela gaguejou e piscou os olhos com a sua cara vermelhusca a gotejar.

— Marge! — gritou a tia Petúnia. — Marge, estás bem?

— Não te preocupes — resmungou a tia Marge, limpando o rosto com o guardanapo. — Devo ter apertado com muita força. Aconteceu o mesmo em casa do coronel Fubster, no outro dia. Não te aflijas, Petúnia, eu tenho muita força nas mãos.

Mas a tia Petúnia e o tio Vernon olharam para Harry, cheios de desconfiança. Por isso, ele achou melhor desistir da sobremesa e sair da mesa o mais depressa possível.

Lá fora, no *hall*, encostou-se à parede, respirando fundo. Havia muito tempo que não lhe acontecia perder o controlo e fazer explodir coisas. Não podia deixar que aquilo se repetisse. Não era só a autorização para ir a Hogsmeade que estava em causa; se se comportasse assim, teria problemas com o Ministério da Magia.

Harry era ainda um feitiçeiro menor de idade e a lei da feitiçaria proibia-o de praticar qualquer acto de magia fora da escola. A sua folha já não estava limpa. No último Verão, recebera um aviso oficial que declarava muito explicitamente que se o Ministério tomasse conhecimento de mais alguma magia em Privet Drive, Harry seria expulso de Hogwarts.

Ouviu os Dursley levantarem-se da mesa e apressou-se a subir as escadas e a sair-lhes do caminho.

Harry suportou os três dias que se seguiram, forçando-se a pensar no manual *Como Tratar da Sua Vassoura* sempre que a tia Marge implicava com ele. Esta solução funcionou muito bem, embora parecesse dar-lhe um olhar esgazeado, pelo que a tia Marge começou a verbalizar a opinião de que ele era mentalmente retardado.

Por fim, depois de um tempo infinito, chegou o último serão da tia Marge lá em casa.

A tia Petúnia fez um jantar especial e o tio Vernon abriu várias garrafas de vinho. Comeram a sopa e o salmão sem fazer uma única referência aos defeitos de Harry. Enquanto comiam a tarte de merengue e limão, o tio Vernon massacrou-os com um longo discurso sobre a Grunnings, a sua empresa de fabrico de brocas. Em seguida, a tia Petúnia fez café e o tio Vernon foi buscar uma garrafa de brande.

— Vai um calicezinho, Marge?

A tia Marge já tinha tomado bastante vinho, e a sua cara enorme estava vermelha.

— Só um pouquinho, então — riu entre dentes. — Um pouco mais... um

pouco mais ainda... ora aí está.

Dudley comia a sua quarta fatia de tarte. A tia Petúnia servia o café com o dedinho mínimo espetado. Harry queria desaparecer e ir para o quarto, mas os seus olhos cruzaram-se com o olhar zangado do tio Vernon e percebeu que teria de aguentar, ali sentado.

— Ah! — suspirou a tia Marge, estalando os lábios e pousando o copo de brande vazio. — Excelente manjar, Petúnia. Eu habitualmente como muito pouco ao jantar, com doze cães para tratar... — Deu um enorme arroto e bateu no estômago sobre o casaco de *tweed*.

— Perdão. Eu cá gosto de ver um rapazinho assim saudável — continuou, piscando o olho a Dudley. — Vais ser um homem como deve ser, Dudders, como o teu pai. Sim, podes pôr-me mais uma gotinha de brande, Vernon.

«Agora este aqui... — Fez um sinal de cabeça, indicando Harry, que sentiu o estômago contrair-se. *O manual*, pensou rapidamente.

— Este aqui tem qualquer coisa de mau, de fracalhote. Também acontece com os cães. Obriguei o coronel Fubster a afogar um no ano passado. Parecia um rato, uma coisinha fraca, sem raça.

Harry tentava lembrar-se da página doze do livro *Um Encantamento para Curar Inversores Relutantes*.

— Vem tudo no sangue, como eu vos dizia no outro dia. O sangue mau manifesta-se sempre. Não quero com isto dizer mal da tua família, Petúnia. — Com a sua enorme mão papuda, deu uma palmadinha na pequena mão ossuda da cunhada. — Mas a tua irmã era a ovelha ranhosa. Acontece nas melhores famílias. Depois, fugiu com aquele inútil e aqui está o resultado mesmo na nossa frente.

Harry olhava para o prato com um estranho ressoar nos ouvidos. *Agarra com firmeza a tua vassoura pela cauda*, pensou. Mas não conseguia lembrar-se da frase seguinte. A voz da tia Marge parecia infiltrar-se nele como se fosse uma das brocas do tio Vernon.

— Esse tal Potter — continuava em voz alta a tia Marge, pegando na garrafa de brande e tentando encher o copo, mas espalhando a bebida na toalha —, vocês nunca me contaram o que ele fazia...

O tio Vernon e a tia Petúnia estavam bastante tensos. Até Dudley olhara por cima da tarte que tinha na mão para as caras dos pais.

— Ele... não trabalhava — respondeu o tio Vernon, lançando um olhar de soslaio a Harry. — Estava desempregado.

— Era de prever — disse a tia Marge, bebendo um grande gole de brande e limpando o queixo à manga. — Um inútil e um preguiçoso que...

— Ele não era nada disso! — protestou subitamente Harry. A mesa ficou

muito silenciosa. Harry tremia da cabeça aos pés. Nunca se sentira tão revoltado em toda a sua vida.

— MAIS BRANDE! — gritou o tio Vernon que empalidecera. Despejou a garrafa no copo da tia Marge. — E tu, rapaz — disse rispidamente a Harry —, vai para a cama, vai deitar-te.

— Não, Vernon — disse cheia de soluços a tia Marge, levantando uma das mãos, com os olhos pequeninos injectados de sangue, fixos nos de Harry. — Continua, rapaz, continua. Tens orgulho nos teus pais, não é? Eles mataram-se de carro (bêbedos, imagino eu)...

— Eles não morreram num acidente de automóvel! — gritou Harry que, quando deu por si, estava de pé.

— Morreram, sim, seu mentirosozinho e deixaram-te para seres um fardo na vida dos seus familiares, que são pessoas decentes e trabalhadoras — berrou a tia Marge, bufando de fúria. — Tu és um insolente e um ingrato...

Mas calou-se subitamente. Por momentos, foi como se as palavras a tivessem abandonado. Parecia estar a inchar devido a uma raiva inexprimível, mas o inchaço não parava de aumentar. A sua grande cara vermelha começou a expandir-se, os olhos pequeninos tornaram-se proeminentes e a boca ficou tão esticada que não podia falar. Logo a seguir, os botões do seu casaquinho de *tweed* rebentaram e fizeram ricochete nas paredes. Ela inchava como um monstruoso balão, o estômago já fora do casaco, cada um dos dedos do tamanho de um salame.

— MARGE! — gritaram ao mesmo tempo o tio Vernon e a tia Petúnia, quando o corpo dela começou a elevar-se da cadeira e a subir em direcção ao tecto. Estava agora totalmente redonda, parecia uma bóia enorme com olhos de porco, as mãos e os pés espetados de uma forma estranha, enquanto subia no ar e emitia ruídos insólitos. *Ripper* entrou na sala a ladrar furiosamente.

— NAAAAAAAAÃO!

O tio Vernon agarrou um dos pés da irmã e tentou puxá-la, mas por pouco não era também levado para cima. Logo a seguir, *Ripper* aproximou-se e enterrou os dentes na perna do tio Vernon.

Harry esgueirou-se da sala de jantar antes que alguém pudesse impedi-lo, entrando no armário por debaixo das escadas, cuja porta se abriu magicamente mal ele se aproximou. Em poucos segundos, tinha carregado o malão até à porta da frente. Subiu as escadas a correr e enfiou-se debaixo da cama para retirar do esconderijo a fronha cheia de livros e presentes de aniversário.

Escapou-se com a gaiola de *Hedwig* e desceu as escadas até ao sítio onde

deixara o malão, mas nesse momento o tio Vernon saía da sala de jantar com a perna das calças ensanguentada e feita em farrapos.

— ANDA CÁ! — gritou. — ANDA CÁ E PÕE-NA BEM!

Contudo, uma raiva irreflectida tomara conta de Harry. Deu um pontapé ao malão para o abrir, tirou lá de dentro a varinha e apontou-a ao tio Vernon.

— Ela mereceu — disse com a respiração acelerada. — Mereceu o que teve. Afaste-se de mim.

O tio Vernon procurou o fecho da porta às apalpadelas.

— Vou-me embora — disse Harry. — Estou farto.

E pouco depois estava lá fora, na escuridão tranquila da rua, puxando o pesado malão atrás de si, com a gaiola vazia de *Hedwig* debaixo do braço.

III

O AUTOCARRO CAVALEIRO

Harry percorrera várias ruas quando, já sem fôlego devido ao esforço de arrastar o malão, se encostou, exausto, a uma parede em Magnolia Crescent. Deixou-se ficar muito quieto, a raiva ainda a percorrê-lo, ouvindo as batidas descompassadas do coração.

Porém, depois de dez minutos sozinho naquela rua escura, uma nova emoção tomou posse dele: o pânico. Para onde quer que olhasse, era obrigado a admitir que nunca se encontrara numa situação tão crítica. Ali estava ele, abandonado, completamente só no mundo escuro dos Muggles e sem ter para onde ir. E o pior de tudo era que acabara de praticar magia a sério, o que queria dizer que seria quase certamente expulso de Hogwarts. Tinha quebrado de tal modo o Decreto das Restrições à Feitiçaria de Menores que não se espantaria nada se os representantes do Ministério da Magia caíssem ali mesmo sobre ele.

Tremeu e olhou para ambos os lados de Magnolia Crescent. Que iria acontecer-lhe? Seria preso ou simplesmente posto à margem do mundo da feitiçaria? Pensou em Ron e Hermione e o seu coração ficou ainda mais pequenino. Harry tinha a certeza de que, criminoso ou não, Ron e Hermione, quereriam ajudá-lo, mas estavam ambos no estrangeiro e, sem *Hedwig*, não havia maneira de os contactar.

Também não tinha consigo dinheiro dos Muggles. Guardara no porta-moedas, no fundo do malão, algum ouro do mundo dos feiticeiros, mas o resto da sua fortuna, tudo o que os pais lhe haviam deixado, estava guardado num cofre, no banco dos feiticeiros de Gringotts, em Londres. Nunca conseguiria transportar o malão até lá. A não ser que...

Olhou para a varinha que ainda segurava na mão. Se já estava expulso (o seu coração batia agora mais rápida e dolorosamente), um pouco mais de magia não ia fazer mal nenhum. Tinha consigo o Manto da Invisibilidade

que herdara do pai... e se ele enfeitiçasse o malão para o tornar leve como uma pena? Podia amarrá-lo à vassoura, cobrir-se com o Manto da Invisibilidade e voar até Londres...

Então poderia ir buscar o resto do dinheiro ao cofre e começar a sua vida como um proscrito. Era uma perspectiva horrível, mas não podia ficar sentado para sempre naquele muro ou ainda teria de explicar a um polícia Muggle porque se encontrava ali, na calada da noite, com um malão cheio de livros de feitiçaria e uma vassoura.

Harry voltou a abrir o malão e remexeu o seu conteúdo para procurar o Manto da Invisibilidade. Todavia, antes de o ter encontrado, endireitou-se subitamente, olhando mais uma vez à sua volta.

Um pequeno formigueiro na nuca dera a Harry a sensação de estar a ser observado, mas a rua parecia deserta e não havia luzes acesas em nenhuma das grandes casas do quarteirão.

Inclinou-se novamente sobre o malão mas voltou a endireitar-se, apertando a varinha. Sentira mais do que ouvira: alguém ou alguma coisa estava de pé, no espaço entre a garagem e a vedação, mesmo atrás de si. Harry olhou de soslaio para a passagem estreita e escura que separava os edifícios. Se ao menos aquilo se mexesse, para ele perceber se era só um gato vadio ou outra coisa.

— *Lumus!* — murmurou e, na ponta da varinha, surgiu uma pequena luz que quase o ofuscou. Ergueu a varinha acima da cabeça e as paredes de argamassa do número dois tremeluziram, a porta da garagem brilhou e entre as duas, Harry viu distintamente a silhueta maljeitosa de uma criatura muito grande com uns enormes olhos reluzentes.

Recuou, as pernas bateram no malão e tropeçou. A varinha saltou-lhe da mão, enquanto punha o braço à frente para atenuar a queda, indo aterrar na valeta.

Ouviu-se um ruído ensurdecedor e Harry levou as mãos aos olhos para se proteger de uma luz fortíssima.

Com um grito, rolou pelo chão mesmo a tempo. Segundos depois, um par de rodas e faróis gigantescos estacaram ruidosamente no preciso lugar onde ele estivera. Pertenciam, como viu quando levantou a cabeça, a um autocarro de três andares de um roxo berrante que aparecera do nada. Sobre o pára-brisas podia ler-se, em letras douradas: Autocarro Cavaleiro1.

Durante uma fracção de segundo, Harry perguntou-se se a queda estaria a provocar-lhe alucinações. Em seguida, um condutor de uniforme roxo saiu do autocarro e começou a falar muito alto para o ar.

— Bem-vindos ao Autocarro Cavaleiro, transporte de emergência para feiticeiras e feitiçeiros em apuros. Estenda a sua varinha, suba e levá-lo-

emos aonde quiser. O meu nome é Stan Shunpike e serei o seu condutor esta noi...

O condutor calou-se bruscamente. Acabava de avistar Harry, que ainda estava sentado no chão. Harry pegou na varinha e pôs-se de pé. Mais de perto, apercebeu-se de que Stan Shunpike era apenas alguns anos mais velho do que ele: teria dezoito ou dezanove anos no máximo, tinha umas orelhas grandes e salientes e bastantes borbulhas.

— O que ‘tavas a fazer aqui? — perguntou, abandonando o seu tom profissional.

— Caí — disse Harry.

— Caíste pra quê? — perguntou com um risinho abafado.

— Não caí de propósito — respondeu Harry aborrecido. Tinha os *jeans* rasgados num dos joelhos e a mão que levava ao chão para o amparar da queda estava a sangrar. Lembrou-se de repente por que motivo caíra e voltou-se para espreitar a passagem entre a garagem e a vedação. Os faróis do Autocarro Cavaleiro inundavam-na de luz e nada se avistava.

— Pra onde ‘tás tu a olhar? — perguntou Stan.

— Havia aqui uma coisa preta muito grande — explicou Harry, apontando indistintamente para a passagem. — Como um cão, mas mais maciço...

Olhou para Stan cuja boca estava entreaberta. Sentindo-se pouco à vontade viu que os olhos do rapaz se dirigiam para a cicatriz que tinha na testa.

— O qu’ é isso aí na tua cabeça? — perguntou de forma inesperada.

— Nada — disfarçou rapidamente Harry, pondo o cabelo para a frente. Se o Ministério da Magia andasse à procura dele, não era boa ideia facilitar-lhe as coisas.

— Com’ é que te chamas? — insistiu Stan.

— Neville Longbottom — declarou Harry, socorrendo-se do primeiro nome que lhe veio à cabeça. — Então, este autocarro... — continuou, sem perder tempo, na esperança de distrair Stan. — Disseste que vai a todo o lado?

— Sim — confirmou Stan orgulhoso. — Aonde tu quiseses desde que seja em terra. Não anda por debaixo de água. — Hã... — disse novamente desconfiado. — Tu fizeste-nos sinal co’ a varinha, não fizeste?

— Sim — respondeu Harry muito depressa. — Ouve lá, quanto é uma ida daqui a Londres?

— Onze leões — informou-o Stan. — Mas com treze ganhas um chocolate e com quinze ganhas uma botija d’ água quente e uma escova de dentes numa cor à tua escolha.

Harry remexeu mais uma vez no malão, retirou o porta-moedas e pôs algumas moedas de prata nas mãos de Stan. Em seguida, este ajudou-o a erguer o malão e a gaiola vazia de *Hedwig* para dentro do autocarro.

Não havia assentos. Em seu lugar, via-se meia dúzia de camas com armação de ferro ao lado das janelas com cortinas. Junto de cada cama, uma vela ardia num candelabro, iluminando as paredes revestidas a madeira. Um feiticeiro pequenino, com um barrete de dormir enfiado na cabeça, resmungou na parte de trás do autocarro. — Agora não, obrigado, estou a pôr algumas lesmas em conserva. — E, dando uma volta na cama, continuou a dormir.

— Esta é pra ti — murmurou Stan, empurrando o malão de Harry para debaixo da cama que ficava mesmo atrás do lugar do condutor. Este ia sentado numa poltrona em frente do volante. — Est'ê o nosso motorista, Ernie Prang, est'ê o Neville Longbottom, Ern.

Ernie Prang, um feiticeiro já velhote que usava óculos de lentes grossas, fez um sinal a Harry, que puxou nervosamente a franja para a frente, sentando-se na cama.

— Ora vamos lá, Ern — disse Stan, instalando-se na poltrona lado dele.

Ouviu-se outro ruído ensurdecedor e, no momento seguinte, Harry deu consigo deitado na cama, empurrado para trás pela velocidade do Autocarro Cavaleiro. Sentando-se, espreitou para fora da janela e viu que estavam agora a passar por uma rua bastante diferente. Stan observava com grande satisfação a sua cara estupefacta.

— Era aqui que 'távamos antes de nos teres feito sinal — informou-o. — Onde fica isto, Ern, no País de Gales?

— Sim — confirmou Ernie.

— Como é que os Muggles não ouvem o autocarro? — perguntou Harry.

— Esses — disse Stan desdenhosamente — não ouvem bem, pois não? Nem vêem bem, nunca dão por nada.

— É melhor ir acordar Madame Marsh, Stan — preveniu Ern. — Chegaremos a Abergavenny dentro de um minuto.

Stan passou pela cama de Harry e desapareceu por uma escada de madeira estreita. Harry continuava a espreitar pela janela, sentindo-se cada vez mais nervoso. Ernie não lhe parecia ser um ás do volante. O Autocarro Cavaleiro não parava de subir os passeios, mas não batia em nada. Os postes dos candeeiros, as caixas de correio e os contentores saíam do caminho quando ele se aproximava, voltando aos seus lugares depois de ele se afastar.

Stan desceu as escadas seguido de uma feiticeira ligeiramente esverdeada, embrulhada numa manta de viagem.

— Cá ‘tamos nós, Madame Marsh — anunciou Stan satisfeito, enquanto Ern metia os travões a fundo e as camas deslizavam quase meio metro para a frente no chão do autocarro. Madame Marsh pôs um lenço na boca e desceu os degraus a cambalear. Stan atirou-lhe a mala e fechou as portas. Ouviu-se outro BANG! E lá foram eles ribombando através de uma estreita vereda campestre com as árvores a afastarem-se todas do caminho.

Harry não teria conseguido dormir mesmo que a viagem fosse num autocarro que não fizesse tanto barulho nem desse saltos de muitos quilómetros de uma vez só. O seu estômago agitou-se quando voltou a pensar no que iria acontecer-lhe e se os Dursley já teriam conseguido tirar a tia Marge do tecto.

Stan tinha aberto um exemplar d’*O Profeta Diário* e estava a lê-lo com a língua entre os dentes. Uma grande fotografia de um homem de rosto chupado com longos cabelos emaranhados piscou o olho a Harry da primeira página do jornal. Pareceu-lhe estranhamente familiar.

— Esse homem! — exclamou Harry, esquecendo-se momentaneamente dos seus problemas. — Apareceu no noticiário dos Muggles!

Stanley voltou a página e riu-se entre dentes.

— Ó Sirius Black — disse, acenando com a cabeça. — É claro qu’apareceu no noticiário dos Muggles, Neville. Por onde tens andado?

Deu uma pequena gargalhada de superioridade ao ver a expressão confusa no rosto de Harry, rasgou a primeira página e entregou-lha.

— Devias ler o jornal mais vezes, Neville.

Harry segurou a folha, aproximando-a da luz, e leu:

BLACK AINDA À SOLTA

Sirius Black, talvez o prisioneiro mais abominável que passou pela fortaleza de Azkaban, continua em fuga, confirmou hoje o Ministério da Magia.

— Estamos a fazer todos os possíveis para o capturar — afirmou hoje de manhã o Ministro da Magia, Cornelius Fudge — e pedimos à comunidade mágica que se mantenha calma.

Fudge tem sido criticado por alguns membros da Federação Internacional de Feiticeiros por ter informado o Primeiro-Ministro dos Muggles acerca da crise.

— Bem, eu tinha de o fazer, compreendem — defendeu-se Fudge, irritado. — Black é louco. Constitui um perigo para quem se atravessar no seu caminho, seja mágico ou Muggle. O Primeiro-Ministro assegurou-me de que não referiria a verdadeira identidade de Black a

ninguém. E, verdade se diga, se ele o fizesse, quem acreditaria?

Enquanto os Muggles foram informados de que ele transporta uma arma (espécie de varinha metálica que os Muggles utilizam para se matar uns aos outros), a comunidade mágica vive aterrorizada com a possibilidade de um massacre semelhante ao que ocorreu há doze anos, quando Black assassinou treze pessoas com uma única maldição.

Harry olhou para os olhos sombrios de Sirius Black, a única parte do rosto cavado que parecia estar viva. Nunca tinha visto um vampiro, mas vira fotografias nas aulas de Defesa Contra A Magia Negra, e Black, com a sua pele branca como cera, parecia mesmo um vampiro.

— Coisa assustadora, n'ê? — comentou Stan que estivera a observar Harry enquanto ele lia a notícia.

— Ele assassinou *treze pessoas*? — perguntou Harry, devolvendo a página de jornal a Stan. — Com *uma maldição*?

— Sim — respondeu Stan. — Em frente de testemunhas e tudo à luz do dia! Criou cá um destes problemas! Não foi, Ern?

— Pois — confirmou Ern com ar sombrio.

Stan virou-se, apoiando as mãos nas costas da poltrona para olhar melhor para Harry.

— O Black foi um g'and'apoiente do Quem-Nós-Sabemos — recordou.

— Quem, do Voldemort? — perguntou Harry, sem pensar.

Até as borbulhas de Stan ficaram incolores. Ern deu um tal safanão ao volante que uma casa de quinta teve de saltar para o lado para evitar o Autocarro Cavaleiro.

— 'Tás maluco! — gritou Stan. — Pra que dissest'o nome dele?

— Desculpa — disse Harry apressadamente. — Esqueci-me...

— Esqueceste-te? — repetiu Stan quase sem forças. — O meu coração ia saltando do peito.

— Quer então dizer que o Black era apoiente do Quem-Nós-Sabemos — voltou Harry a dizer como quem pede desculpa.

— Sim — confirmou Stan, ainda a esfregar o peito. — É isso. Muito amigo do Quem-Nós-Sabemos. — Harry achatou nervosamente a franja. — Todos os apoiantes do Quem-Nós-Sabemos foram apanhados, não foram, Ern? Quase todos eles perceberam que tinh'acabado tudo quando o Quem-Nós-Sabemos desapareceu e ficaram quietos, mas o Sirius Black, não. Ouvi dizer qu'ele pensava qu'ia ser o seu braço direito quando o Quem-Nós-Sabemos tivesse subido ao poder.

— De qualquer modo, encurralaram o Black no meio duma rua cheia de Muggles e ele puxou da varinha e destruiu quase metade da rua, apanhou

um feiticeiro e doze Muggles que s'atravessaram no caminho. Horrível, hein? E sabes o qu'ô Black fez depois? — prosseguiu Stan num sussurro dramático.

— O quê? — perguntou Harry.

— Riu-se! — exclamou Stan. — Ficou ali a rir-se e quando chegaram as forças do Ministério da Magia, foi com eles sem se revoltar, sempre a rir às gargalhadas, porqu'ele é doido, sabes? Ern, ele não é doido?

— Se não fosse quando entrou em Azkaban, já deve ser agora — disse Ern numa voz arrastada. — Eu preferia estoirar os miolos a ter de pôr os pés naquele lugar. É *muito* bem feito, depois do que fez...

— Tiveram um trabalhão para abafar aquilo, não foi, Ern? — disse Stan. — Uma rua inteira destruída e todos aqueles Muggles mortos. O qu'ê qu'eles disseram que tinha acontecido, Ern?

— Uma explosão de gás — grunhiu Ernie.

— E agora 'tá cá fora — continuou Stan, observando de novo a fotografia do jornal e o rosto lúgubre de Black. — Nunca tinha havido uma fuga de Azkaban, pois não, Ern? Como terá ele conseguido? Assustador, hein? Não 'tou a ver quais as possibilidades dele contra os guardas de Azkaban. Tu vês, Ern?

Ernie estremeceu subitamente.

— Fala doutra coisa, Stan. Os guardas de Azkaban fazem-me calafrios.

Stan pôs o recorte do jornal de parte com alguma relutância e Harry encostou-se à janela do Autocarro Cavaleiro, sentindo-se pior que nunca. Não conseguiu evitar pensar no que Stan diria aos passageiros algumas noites depois.

— Já ouviram falar do tal 'Arry Potter? Fez estoirar a tia! Tivemo-lo aqui no Autocarro Cavaleiro, não foi Ern? Ele ia fugir...

Ele, Harry, agira contra as leis da feitiçaria tal como Sirius Black. O que fizera à tia Marge seria suficientemente grave para o levar a Azkaban? Harry não sabia nada sobre a prisão dos feiticeiros, embora todos se referissem a ela no mesmo tom apavorado. Hagrid, o guarda dos campos de Hogwarts, passara lá dois meses no último ano. Harry não se esqueceria facilmente da expressão de horror no seu rosto quando lhe anunciaram para onde iam a levá-lo, e Hagrid era um dos homens mais corajosos que Harry conhecia.

O Autocarro Cavaleiro avançou na escuridão, pondo em fuga arbustos, postes e sinais, cabinas telefónicas e árvores, enquanto Harry jazia, inquieto e infeliz, na sua cama de penas. Pouco tempo depois, Stan lembrou-se de que ele pagara chocolate quente, mas entornou-o todo sobre a almofada quando o autocarro mudou bruscamente de Anglesea para Aberdeen. Um

por um, feiticeiros e feiticeiras em camisa de dormir e chinelos, desceram dos andares superiores para saírem do autocarro. Pareciam todos muito satisfeitos por se irem embora.

Por fim, Harry era o único passageiro.

— Muito bem, Neville — disse Stan, batendo as palmas —, em que lugar de Londres?

— Na Diagon-Al — disse Harry.

— Certo, agarra-te.

BANG!

Avançavam de forma ameaçadora por Charing Cross Road. Harry sentou-se e ficou a ver os edifícios e os bancos de jardim encolherem-se, fugindo do Autocarro Cavaleiro. O céu começava a clarear. Teria ainda de esperar algumas horas antes de poder ir a Gringotts, logo que o banco abrisse, e depois partir, não sabia para onde.

Ern meteu travões a fundo e o Autocarro Cavaleiro derrapou em frente de um *pub* com mau aspecto chamado O Caldeirão Escoante, atrás do qual se encontrava a entrada mágica para a Diagon-Al.

— Obrigado — agradeceu Harry a Ern.

Desceu os degraus e ajudou Stan a pôr o seu malão e a gaiola vazia de *Hedwig* no passeio.

— Bem — disse Harry —, então adeus.

Mas Stan não estava a prestar-lhe atenção. Ainda à porta do autocarro, fitava de olhos esbugalhados a entrada sombria do Caldeirão Escoante.

— Aí estás tu, Harry! — exclamou uma voz.

Antes de ter tido tempo de se voltar, sentiu uma mão pousar-lhe no ombro. Ao mesmo tempo, Stan gritou: — C’os diabos, Ern. Vem cá, vem ver!

Harry olhou para cima para ver a quem pertencia a mão que estava sobre o seu ombro e sentiu o estômago enregelar-se-lhe. Acabava de ser apanhado por Cornelius Fudge², o Ministro da Magia.

Stan deu um salto para o passeio.

— O qu’ é que chamou ao Neville, Senhor Ministro? — perguntou excitadíssimo.

Fudge, um homem de baixa estatura e um porte digno, com um longo manto às riscas pretas e brancas, parecia exausto e cheio de frio.

— Neville? — repetiu, franzindo as sobrancelhas. — Este é o Harry Potter.

— Eu sabia! — gritou o Stan alegremente. — Ern, Ern, adivinha quem é o Neville, Ern. É o Harry Potter, olha a cicatriz!

— Sim — confirmou Fudge de mau humor. — Bem, foi óptimo o

Autocarro Cavaleiro ter recolhido o Harry, mas ele e eu agora temos de entrar no Caldeirão Escoante.

Fudge aumentou a pressão no ombro de Harry e ele deu por si a ser levado para dentro do *pub*. Uma silhueta curvada, transportando uma lanterna apareceu à porta. Era Tom, o proprietário, um feiticeiro asmático e desdentado.

— Já aí o tem, Senhor Ministro — disse Tom. — Vai querer alguma coisa? Cerveja, brande?

— Talvez um chá — pediu Fudge que ainda não largara Harry.

Ouviu-se um arrastar e um ofegar atrás deles e Stan e Ern apareceram, transportando o malão de Harry, a gaiola de *Hedwidg* e olhando embevecidos em volta.

— Por que não nos disseste quem eras, hein Neville? — perguntou Stan, olhando para Harry, enquanto o rosto solene de Ern espreitava, interessado, por cima do ombro do companheiro.

— É uma conversa particular, por favor, Tom — declarou Fudge sem rodeios.

— Adeus! — Harry despediu-se tristemente de Stan e Ern, enquanto Tom fazia sinal a Fudge, com um aceno, indicando um corredor que saía do bar.

— Adeus, Neville — gritou Stan.

Fudge atravessou o corredor estreito, seguindo a lanterna de Tom até uma pequena saleta. Tom estalou os dedos e o lume acendeu-se na lareira, enquanto saía fazendo uma vénia.

— Senta-te, Harry — mandou Fudge, apontando-lhe uma cadeira junto do lume.

Harry sentou-se. Apesar do fogo que crepitava na lareira, sentia calafrios que lhe subiam pelos braços. Fudge tirou o seu manto às riscas e atirou-o para o lado. Em seguida, puxou para cima as calças do fato verde-garrafa e sentou-se em frente dele.

— Eu sou Cornelius Fudge, Harry, o Ministro da Magia.

Harry já sabia, claro. Vira-o uma vez, mas nessa altura estava a usar o Manto da Invisibilidade do pai e Fudge não podia adivinhar.

Tom, o proprietário do *pub*, reapareceu, usando um avental sobre a camisa de dormir e transportando um tabuleiro com chá e *crumpets*. Colocou-os sobre uma mesa entre Fudge e Harry e saiu da sala, fechando a porta atrás de si.

— Bem, Harry — disse Fudge, servindo o chá. — Desorientaste-nos a todos, tenho de admitir. Fugir de casa dos teus tios daquela maneira. Eu já começava a pensar... mas estás bem e isso é que importa.

Fudge barrou um *crumpet* com manteiga e empurrou o prato para Harry.

— Come, Harry, pareces meio-morto. Bom, vais gostar de saber que tratámos da pobre Miss Marjory Dursley. Dois membros do Departamento de Reparação de Acidentes Mágicos foram enviados a Privet Drive há duas horas. Fizeram uma punção a Miss Dursley e a sua memória foi modificada. Não se lembra de todo do incidente. Portanto, o assunto está resolvido.

Fudge sorriu a Harry sobre o rebordo da chávena, como um tio que estudava o sobrinho preferido. Harry, que mal podia acreditar no que ouvia, abriu a boca para falar, mas como não sabia o que dizer, voltou a fechá-la.

— Ah! Estás preocupado com a reacção da tua tia e do teu tio? — disse Fudge. — Bem, não vou negar que estão extremamente zangados, mas aceitam receber-te no próximo Verão desde que fiques em Hogwarts no Natal e na Páscoa.

Harry recuperou a voz.

— Eu fico sempre em Hogwarts no Natal e na Páscoa — protestou. — E nunca mais quero voltar a Privet Drive.

— Ora, ora, tenho a certeza de que vais sentir de outro modo quando acalmares um pouco — disse Fudge, preocupado. — Eles são a tua família, ao fim e ao cabo, e tenho a certeza de que gostam uns dos outros... hã... lá bem no fundo.

Não lhe passou pela cabeça explicar as coisas a Fudge. Estava ainda à espera de ouvir o que lhe ia acontecer.

— Portanto, só falta — continuou Fudge, barrando outro *crompet* com manteiga — decidir onde vais ficar durante estas três últimas semanas de férias. Eu sugiro que aceites um quarto aqui, no Caldeirão Escoante e...

— Espere lá — interrompeu Harry. — E o castigo?

Fudge piscou os olhos.

— Castigo?

— Eu infringi a lei — disse Harry —, o Decreto para a Restrição de Feitiçaria de Menores!

— Oh! Meu caro, não vamos castigar-te por uma coisa tão pequena! — explicou Fudge, agitando o *crompet* com impaciência. — Foi um acidente. Não mandamos pessoas para Azkaban só por fazerem inchar as tias!

Mas aquilo não se enquadrava na experiência anterior que Harry tivera com o Ministério da Magia.

— O ano passado recebi um aviso oficial porque um elfo doméstico destruiu um pudim em casa dos meus tios — lembrou Harry, franzindo as sobrancelhas. — O Ministério da Magia disse que eu seria expulso de Hogwarts se houvesse mais magia lá em casa.

A menos que os olhos de Harry o enganassem, Fudge olhava-o subitamente embaraçado.

— As circunstâncias mudaram, Harry... temos de considerar... no clima actual... certamente não desejas ser expulso?

— É claro que não — disse ele.

— Então, para quê tanto barulho? — riu-se Fudge, aliviado. — Come um *crumpet*, Harry, enquanto eu vou ver se o Tom tem um quarto para ti.

Fudge saiu da saleta e Harry, espantado, seguiu-o com o olhar. Tudo aquilo era bastante estranho. Por que estaria Fudge à espera dele no Caldeirão Escoante, se não era para o castigar pelo que ele tinha feito? E agora que pensava nisso, seria habitual o Ministro da Magia envolver-se pessoalmente em questões de magia de menores?

Fudge voltou acompanhado de Tom.

— O quarto número onze está livre, Harry — anunciou Fudge. — Acho que vais ficar muito confortável. Só uma coisa, e tenho a certeza de que vais compreender: não quero que andes a vaguear pela Londres dos Muggles, está certo? Mantém-te pela Diagon-Al. E está de volta aqui todos os dias antes de escurecer. Certamente compreendes. Pedi ao Tom que te vigiasse.

— Está bem — assentiu Harry lentamente —, mas porque...

— Não queremos perder-te de novo, pois não? — observou Fudge com uma gargalhada calorosa. — Não, não, é melhor sabermos onde tu estás... isto é... — Fudge pigarreou alto e pegou no seu manto às riscas. — Bem, tenho de ir, muito trabalho, sabes como é.

— Já conseguiram apanhar o Black? — perguntou Harry.

Os dedos de Fudge soltaram os fechos prateados do manto.

— O quê? Ah! Já ouviste falar disso. Bem, não, ainda não, mas é uma questão de tempo. Os guardas de Azkaban nunca falharam... e estão furiosos como eu nunca os tinha visto.

Fudge estremeceu levemente.

— Então, adeus.

Estendeu a mão a Harry que, enquanto a apertava, teve uma ideia.

— Hã... Senhor Ministro, posso pedir-lhe uma coisa?

— Certamente — concedeu Fudge, sorrindo.

— Bem, os alunos do terceiro ano podem ir visitar Hogsmeade, mas a minha tia e o meu tio não assinaram a autorização. Acha que poderia ser o senhor a assiná-la?

Fudge parecia muito pouco à vontade.

— Ah! — exclamou. — Não, não, lamento Harry, mas não sou teu pai nem encarregado de educação...

— Mas é o Ministro da Magia — insistiu vivamente Harry. — Se me autorizasse...

— Não, lamento, Harry, mas regras são regras — insistiu Fudge secamente. — Talvez no próximo ano possas visitar Hogsmeade. Na verdade, acho que é melhor não... bem, tenho de ir. Uma boa estada para ti, Harry.

E com um último sorriso e aperto de mão, saiu da sala. Tom avançou sorrindo para Harry.

— Se quiser acompanhar-me, Mr. Potter — disse. — Já levei as suas coisas para cima.

Harry seguiu-o por uma bonita escada de madeira até uma porta com o número onze em bronze que ele abriu.

Lá dentro via-se uma cama de aspecto confortável, mobília de carvalho polido e uma acolhedora lareira a crepitar e, em cima do guarda-fatos...

— *Hedwig* — balbuciou Harry.

A coruja-das-neves fez um ruído com o bico e esvoaçou poisando no braço de Harry.

— É uma coruja muito esperta, esta — comentou Tom, a rir-se entre dentes. — Chegou cerca de cinco minutos depois de si. Se desejar alguma coisa, Mr. Potter, é só pedir.

Fez outra vénia e saiu.

Harry sentou-se na cama durante um bom bocado, o espírito ausente, afagando *Hedwig*. O céu lá fora mudara rapidamente de um azul profundo e aveludado para um cinzento frio e depois para um rosa mesclado de dourado.

Harry mal podia acreditar que deixara Privet Drive poucas horas antes, que não fora expulso e que tinha agora à sua frente três semanas totalmente livre dos Dursley.

— Foi uma noite muito esquisita, *Hedwig* — confessou-lhe com um bocejo.

E sem sequer tirar os óculos, encostou-se às almofadas e adormeceu.

IV

O CALDEIRÃO ESCOANTE

Harry demorou vários dias a habituar-se à sua nova e estranha liberdade. Nunca até então pudera levantar-se à hora que lhe apetecia e comer quando tinha vontade. Podia até ir aonde lhe agradasse desde que não saísse de Diagon-Al e como essa longa rua empedrada estava repleta das mais fascinantes lojas de feitiçaria, Harry não teve a menor vontade de faltar à palavra que dera a Fudge e de passar para o mundo dos Muggles.

Tomava todas as manhãs o pequeno-almoço no Caldeirão Escoante, onde gostava de observar os outros hóspedes. Pequenas feiticeiras estranhas, vindas do campo para fazer compras, feiticeiros de aspecto venerável que discutiam o último artigo da revista *Transfiguração Hoje*, magos de ar louco, duendes roufenhos e, uma vez, uma megera que encomendou um prato de fígado cru sem tirar a grossa *balaclava* de lã que lhe cobria o rosto.

Depois do pequeno-almoço, Harry ia até ao pátio das traseiras, pegava na varinha, tocava com ela no terceiro tijolo a contar da esquerda por cima do balde do lixo e chegava-se para trás, enquanto a arcada para a Diagon-Al se abria na parede.

Passou os longos dias ensolarados a explorar as lojas e a comer debaixo dos coloridos chapéus-de-sol que havia à porta dos cafés, onde os outros clientes mostravam uns aos outros as respectivas compras (é um Lunascópio, pá, já não é preciso andar com mapas lunares, vês?) ou então discutiam o caso de Sirius Black (pessoalmente, eu não deixo nenhum dos miúdos sair sozinho, enquanto ele não estiver de novo em Azkaban).

Harry já não era obrigado a fazer os trabalhos de casa debaixo dos cobertores, à luz da lanterna. Podia agora sentar-se ao sol, na esplanada da gelataria do Florean Fortescue e acabar os seus textos, tendo por vezes a ajuda do próprio Florean que, além de saber imenso sobre a condenação à

morte pelo fogo por actos de feitiçaria, na Idade Média, lhe dava *sundaes* de graça, de meia em meia hora.

Quando Harry foi ao cofre de Gringotts e voltou a encher o porta-moedas com galeões de ouro, leões de prata e janotas de bronze, foi obrigado a exercer algum autocontrolo para não gastar tudo de uma vez. Teve de recordar a si próprio que ainda lhe faltavam cinco anos em Hogwarts e imaginar que tinha de pedir aos Dursley dinheiro para os livros de encantamentos para conseguir vencer a tentação de comprar um bonito estojo de Berlindes Esguichadores de ouro maciço (um jogo de feiticeiros parecido com os berlindes em que as pedras esguichavam um líquido malcheiroso para a cara dos outros jogadores quando eles perdiam um ponto). Foi também fortemente tentado por um modelo perfeito da galáxia em movimento, dentro de uma grande bola de vidro que significaria não precisar mais de aulas de astronomia. Contudo, aquilo que mais pôs à prova a sua firmeza surgiu na sua loja preferida Equipamentos de Qualidade para Quidditch, uma semana depois de ter chegado ao Caldeirão Escoante.

Curioso por descobrir o que atraía a multidão para a montra, Harry abriu caminho e entrou, espremendo-se entre as feiticeiras e os feiticeiros, até vislumbrar um pódio em cima do qual se encontrava a vassoura mais magnífica que ele vira em toda a sua vida.

— Acaba de ser lançada... é um protótipo... — dizia um feiticeiro com um grande queixo ao seu companheiro.

— É a vassoura mais rápida do mundo, não é, pai? — perguntou um rapazinho mais novo que Harry que estava pendurado no braço do pai.

— A Irish International Side acaba de encomendar sete destas belezas — comunicou o proprietário da loja à multidão. — E eles são favoritos para a Taça do Mundo!

Uma feiticeira gorda saiu da frente de Harry e ele pôde ler o cartaz junto da vassoura:

FLECHA DE FOGO

Esta inovadora vassoura de corrida apresenta um aerodinâmico cabo em madeira de freixo, superfino, polido a diamante e com o número registado à mão. Cada uma das varas do ramo da cauda foi individualmente seleccionada, tendo sido alvo de um tratamento especial até adquirir a perfeição aerodinâmica que confere à Flecha de Fogo um equilíbrio inultrapassável e uma precisão absoluta. A Flecha de Fogo acelera dos 0-100 em 4,5 s em dez segundos e incorpora um inquebrável feitiço de Travagem. Pergunte o preço.

Pergunte o preço... Harry não queria pensar na quantidade de ouro que a *Flecha de Fogo* custaria. Nunca desejara tanto uma coisa em toda a sua vida, mas nunca perdera um jogo de Quidditch com a sua *Nimbus Dois Mil*. Para quê esvaziar o cofre de Gringotts por causa da *Flecha de Fogo* quando tinha já uma vassoura muito boa? Harry não perguntou o preço, mas voltou quase todos os dias só para admirar a *Flecha de Fogo*.

Contudo, havia coisas que ele precisava mesmo de comprar. Foi ao boticário reabastecer-se dos ingredientes para fazer poções e, como as capas e os mantos da escola lhe ficavam agora vários centímetros mais curtos nos braços e nas pernas, passou na loja de Capas para Todas as Ocasões de Madame Malkin e comprou outros novos. Mas o mais importante eram os seus livros escolares que incluiriam os das duas novas disciplinas, Cuidados Com As Criaturas Mágicas e Artes Divinatórias.

Ficou muito espantado quando viu a montra da livraria. Em vez da exposição habitual de livros de encantamentos com as suas encadernações douradas do tamanho de ladrilhos, via-se uma grande gaiola de ferro que tinha dentro cerca de cem exemplares de *O Monstruoso Livro dos Monstros*. Páginas arrancadas esvoaçavam por todo o lado enquanto os livros lutavam uns com os outros, entregues a uma furiosa competição e mordendo-se agressivamente.

Harry tirou do bolso a lista dos livros e consultou-a pela primeira vez. *O Monstruoso Livro dos Monstros* constava como o livro obrigatório de Cuidados Com As Criaturas Mágicas. Naquele momento, Harry compreendeu por que motivo Hagrid dissera que o livro lhe seria útil. Sentiu-se aliviado. Tinha-lhe passado pela cabeça que Hagrid podia precisar de ajuda por causa de algum pavoroso animalzinho de estimação.

Quando entrou na Borrões e Floreados, o gerente veio imediatamente ter com ele.

— Hogwarts? — perguntou bruscamente. — Vens buscar livros novos?

— Sim — respondeu Harry. — Preciso...

— Sai da frente — disse o gerente com impaciência, empurrando-o para o lado. Calçou um par de luvas muito grossas, pegou num enorme bastão e avançou para a porta da jaula dos livros dos monstros.

— Espere lá — disse Harry rapidamente. — Eu já tenho esse.

— Já tens? — Uma expressão de imenso alívio iluminou o rosto do gerente. — Valha-nos isso, já fui mordido cinco vezes esta manhã...

Um ruído de papel a ser rasgado encheu o ar. Dois dos livros dos monstros tinham agarrado um terceiro e estavam a destruí-lo.

— Parem! Parem! — gritava o gerente, enfiando a bengala por entre as grades e tentando separar os livros.

— Nunca mais os mando vir, nunca mais. Tem sido uma confusão enorme. Pensei que não me aconteceria nada pior do que quando encomendei duzentos exemplares d’*O Invisível Livro da Invisibilidade*... custaram-me uma fortuna e nunca os encontrámos... Bem, há mais alguma coisa que eu possa fazer por ti?

— Sim — disse Harry consultando o resto da lista. — Preciso de *Aclarando o Futuro* de Cassandra Vablatsky.

— Ah, vais a começar Artes Divinatórias? — perguntou o gerente, tirando as luvas e conduzindo Harry para as traseiras da livraria onde havia um canto dedicado à cartomancia. Uma pequena mesa estava cheia de volumes como *Prevendo o Imprevisível*, *Proteja-se dos Choques e das Balas Assaltantes*, *Quando as Sortes Enlouquecem*.

— Aqui está — anunciou o gerente que subira alguns degraus para retirar um exemplar espesso de capa preta de *Aclarando o Futuro*. — Um guia muito bom para todos os métodos de cartomancia, quiromancia, bolas de cristal, intestinos de pássaros...

Harry, porém, não estava a ouvi-lo. Os seus olhos tinham-se fixado num outro livro que se encontrava sobre uma mesa, em exposição: *Presságios de Morte: o que fazer quando se sabe que o pior está a chegar?*

— Ah! Eu no teu lugar não lia esse — aconselhou o gerente que vira para onde Harry estava a olhar. — Vais começar a ver presságios de morte em todo o lado, isso assusta qualquer leitor!

Harry, porém, continuava a olhar para a capa do livro que mostrava um cão preto, grande como um urso, com os olhos brilhantes, que lhe parecia vagamente familiar...

O gerente meteu-lhe nas mãos o *Aclarando o Futuro*.

— Mais alguma coisa? — perguntou.

— Sim — disse Harry, afastando os olhos dos do cão e consultando, desorientado, a lista. — Hã... preciso de *Transfiguração Intermédia* e *O Livro Básico dos Feitiços. Nível três*.

Harry saiu da Borrões e Floreados dez minutos mais tarde com os seus livros novos debaixo do braço e voltou ao Caldeirão Escoante quase sem ver por onde ia, tropeçando em várias pessoas.

Subiu as escadas até ao quarto, entrou e atirou os livros para cima da cama. Alguém tinha ido lá arrumá-lo. As janelas estavam abertas e o sol entrava. Harry podia ouvir os autocarros que passavam por trás, na rua dos Muggles que não era visível, e o som da multidão lá em baixo, na Diagon-Al.

Viu-se no espelho que estava sobre o lavatório.

— Não pode ter sido um presságio de morte — disse ao seu reflexo

como quem o desafia. — Eu estava em pânico quando vi aquilo em Magnolia Crescent, mas devia ser só um cão vadio...

Levantou automaticamente a mão e tentou achatar o cabelo.

— Estás a travar uma luta inglória — disse-lhe o espelho em voz rouca.

À medida que os dias iam passando, Harry começou a procurar em todos os lugares um sinal de Ron ou de Hermione. Com a proximidade do início das aulas começavam a chegar à Diagon-Al muitos alunos de Hogwarts. Harry encontrou Seamus Finnigan, Dean Thomas, seus companheiros dos Gryffindor, na Loja de Equipamentos de Qualidade de Quidditch, onde, também eles, comiam com os olhos a *Flecha de Fogo*. Chocou ainda com o verdadeiro Neville Longbottom, um rapazinho desmemoriado, de cara redonda que estava à porta da Borrões e Floreados. Harry não parou para conversar. Neville estava com ar de quem tinha perdido a lista dos livros e era repreendido pela sua terrível avó. Harry desejou que ela nunca desconfiasse de que ele se fizera passar pelo neto quando fugia do Ministério da Magia.

No último dia de férias, Harry acordou a pensar que, pelo menos, ia encontrar Ron e Hermione no dia seguinte no Expresso de Hogwarts. Levantou-se, vestiu-se, foi dar uma última vista de olhos à *Flecha de Fogo* e estava na dúvida sobre o lugar onde iria almoçar quando alguém o chamou pelo nome, fazendo-o dar meia volta.

— Harry! Harry!

Ali estavam eles, sentados na esplanada da casa de gelados Florean Fortescue. Ron incrivelmente sardento e Hermione muito morena, os dois acenando-lhe com entusiasmo.

— Até que enfim! — exclamou Ron com um grande sorriso, enquanto Harry se sentava. — Fomos ao Caldeirão Escoante mas disseram-nos que tinhas saído e fomos à Borrões e Floreados e à Madame Malkin e...

— Comprei as minhas coisas para a escola na semana passada — explicou Harry. — E como é que vocês souberam que eu estava no Caldeirão Escoante?

— Pelo meu pai — explicou Ron.

Mr. Weasley, que trabalhava no Ministério da Magia, tinha certamente tomado conhecimento do que sucedera à tia Marge.

— É verdade que insuflaste a tua tia, Harry? — perguntou Hermione muito séria.

— Não era essa a minha intenção — disse Harry, enquanto Ron se torcia a rir. — Só me descontrolei um pouco...

— Não tem graça nenhuma, Ron — repreendeu Hermione. —

Francamente, estou espantada por ele não ter sido expulso.

— Eu também — admitiu ele. — Pior que expulso, pensei que ia ser preso. — Olhou para Ron. — O teu pai saberá por que motivo o Fudge não me castigou?

— Provavelmente por se tratar de ti — arriscou Ron, ainda a rir-se baixinho. — O famoso Harry Potter e essa história toda. Não gostava nada de ver o que o Senhor Ministro me faria a mim, se eu insuflasse a minha tia. A verdade é que tinham de me desenterrar primeiro, porque a minha mãe matava-me antes. Mas podes fazer essa pergunta ao meu pai hoje à noite. Vamos ficar também no Caldeirão Escoante e, assim, amanhã podes vir connosco para a estação de King's Cross. A Hermione também lá fica!

Hermione confirmou a sorrir: — A minha mãe e o meu pai deixaram-me aqui hoje de manhã com todo o meu material de Hogwarts.

— Ótimo — disse Harry, feliz. — Então já têm todos os vossos livros novos e as outras coisas?

— Olha para aqui — disse Ron, tirando uma caixa longa e estreita de dentro do saco e abrindo-a. — Uma varinha novinha em folha. Trinta e cinco centímetros, madeira de salgueiro, contendo um pêlo da cauda de um unicórnio. E já temos os livros todos. — Apontou para um saco grande que estava debaixo da cadeira. — E o que me dizes aos livros dos monstros, hein? O empregado quase chorou quando dissemos que queríamos dois.

— O que é tudo aquilo, Hermione? — perguntou Harry, apontando não para um, mas para três sacos cheios na cadeira ao lado dela.

— Bem, eu inscrevi-me num maior número de disciplinas do que vocês, não foi? — disse ela. — Esses são os meus livros de Aritmancia, Cuidados com as Criaturas Mágicas, Artes Divinatórias, Runas Antigas, Estudos de Muggles...

— Para que vais tu fazer estudos de Muggles? — perguntou Ron, revirando os olhos para Harry. — Tu és filha de Muggles. O teu pai e a tua mãe são Muggles. Já sabes tudo sobre os Muggles!

— Mas deve ser fascinante estudá-los do ponto de vista da feitiçaria — replicou vivamente Hermione.

— Estás a pensar em ter tempo para comer e dormir este ano, Hermione? — perguntou Harry, enquanto Ron se ria. Hermione ignorou-os.

— Ainda tenho dez galeões — disse, remexendo no porta-moedas. — Faço anos em Setembro e os meus pais deram-me algum dinheiro para comprar a minha prenda de anos.

— Que tal um bom livro? — sugeriu Ron inocentemente.

— Não. Não creio — respondeu ela com toda a calma. — O que eu quero mesmo é uma coruja. Afinal, o Harry tem a *Hedwig*, tu tens a

Errol...

— Não é minha — esclareceu Ron. — A *Errol* é a coruja da família. Eu só tenho o *Scabbers*. — Tirou do bolso o seu rato de estimação. — E quero ver se ele é observado — acrescentou. — Acho que não se deu lá muito bem no Egito.

Scabbers estava mais magro do que o habitual e tinha os bigodes visivelmente murchos.

— Há ali à frente uma loja de animais mágicos — disse Harry que conhecia agora de cor a Diagon-Al. — Podemos ver se têm alguma coisa para o *Scabbers* e a Hermione aproveita para comprar uma coruja.

Pagaram, portanto, os gelados e atravessaram a rua até à Loja de Animais Mágicos.

Não havia muito espaço lá dentro. A parede estava completamente coberta de jaulas. Cheirava mal e o ruído era imenso porque os ocupantes dessas jaulas não paravam de guinchar e grasnar, palrar e sibilar. A feiticeira que estava atrás do balcão prevenia um feitiço sobre os cuidados a tomar com um tritão de cauda bifurcada. Por isso, Harry, Ron e Hermione esperaram, enquanto observavam as jaulas.

Um par de enormes sapos roxos deliciava-se a engolir moscas varejeiras mortas. Uma tartaruga gigante com uma carapaça com jóias incrustadas cintilava junto da montra. Caracóis venenosos alaranjados rastejavam lentamente pelo lado do seu tanque de vidro e um coelho branco e gordo não parava de se transformar num chapéu alto de seda e de novo em coelho com um ruído ensurdecedor. Havia gatos de várias cores, uma barulhenta gaiola de corvos, um cesto cheio de uns animaizinhos que pareciam bolinhas de pele coloridas que zumbiam muito alto e, sobre o balcão, uma enorme jaula de luzidios ratos pretos que faziam uma espécie de jogo de saltar à corda, usando as longas caudas sem pêlo.

O feitiço do tritão de cauda bifurcada foi-se embora e Ron aproximou-se do balcão.

— É por causa do meu rato — disse, dirigindo-se à feiticeira. — Tem andado com má cor desde que voltámos do Egito.

— Põe-no aí em cima do balcão — disse ela, tirando do bolso um par de óculos grossos.

Ron retirou *Scabbers* do bolso e colocou-o junto da jaula dos seus companheiros que interromperam as acrobacias e se amontoaram junto das grades para ver melhor.

Como quase tudo o que Ron possuía, *Scabbers*, o rato, era em segunda mão (pertencera antes ao seu irmão Percy) e estava um pouco desgastado. Comparado com os ratos lustrosos da jaula, parecia particularmente

abatido.

— Hum! — exclamou a feiticeira, pegando em *Scabbers*. — Que idade tem este rato?

— Não sei — disse Ron. — É bastante velho, era do meu irmão.

— Quais são os poderes dele? — perguntou, examinando-o atentamente.

— Hã... — hesitou Ron. A verdade é que *Scabbers* nunca dera o mais leve sinal de possuir poderes interessantes. Os olhos da feiticeira saltaram da orelha esquerda, esfarrapada, de *Scabbers* para a pata da frente, a que faltava um dedo, e resmungou em voz alta:

— Este já teve a sua conta.

— Ele já era assim quando o Percy mo ofereceu — defendeu-se Ron.

— Não se pode esperar que um vulgar rato como este viva mais do que três anos ou coisa assim — explicou a feiticeira. — Se estivesse à procura de qualquer coisa um pouco mais vigorosa, talvez gostasses de um destes...

Indicou os ratos pretos que começaram prontamente a jogar. Ron murmurou entre dentes: — Exibicionistas.

— Bem, se não queres substituí-lo, podes tentar dar-lhe este tónico para ratos — sugeriu a feiticeira, retirando de debaixo do balcão um frasco vermelho e mostrando-lho.

— Está bem — disse Ron. — Quanto... Ui!

Ron encolheu-se todo ao ver uma coisa enorme e alaranjada atirar-se do topo de uma das jaulas mais altas, aterrar na sua cabeça e, em seguida, atijar-se contra *Scabbers*.

— Não, *Crookshanks*, não! — gritou a feiticeira, mas *Scabbers* saltou-lhe das mãos como se fosse um sabonete, aterrou de patas abertas no chão e desapareceu porta fora.

— *Scabbers*! — gritou Ron, saindo a correr da loja, atrás dele. Harry seguiu-o.

Demoraram quase dez minutos a encontrá-lo, refugiado debaixo de um cesto de papéis, à porta da loja de Equipamentos de Qualidade para Quidditch. Ron meteu o pobre e trémulo rato no bolso, endireitou-se e massajou a cabeça.

— O que era aquilo?

— Ou era um gato muito grande ou um pequeno tigre — retorquiu Harry.

— Onde está a Hermione?

— Provavelmente a comprar a coruja.

Voltaram à loja de Animais Mágicos. Mal lá chegaram, viram Hermione a sair, mas não trazia consigo nenhuma coruja. Os braços envolviam fortemente o gigantesco gato ruivo.

— Compraste esse monstro? — perguntou-lhe Ron, boquiaberto.

— Não é *lindo*? — perguntou Hermione a sorrir.

Era uma questão de opinião, pensou Harry. O gato de pêlo ruivo, espesso e macio, tinha as pernas um pouco arqueadas e um focinho de poucos amigos, estranhamente achatado como se tivesse chocado contra uma parede de tijolo. Mas agora que *Scabbers* estava fora de vista, o gato ronronava satisfeito nos braços de Hermione.

— Hermione, essa coisa quase me escalpelou — protestou Ron.

— Não foi de propósito, pois não, *Crookshanks*? — perguntou ela.

— E o *Scabbers*? — insistiu Ron, apontando para a protuberância no bolso do peito. — Ele precisa de repouso e tranquilidade. Como vai tê-los com essa coisa por perto?

— Isso vem lembrar-me de que te esqueceste do tónico para ratos — disse Hermione, metendo o pequeno frasco vermelho na mão de Ron. — E pára de te preocupares, o *Crookshanks* vai ficar no meu dormitório e o *Scabbers* no teu. Qual é o problema? Pobre *Crookshanks*, a feiticeira contou-me que ele estava lá há séculos, pois ninguém o queria.

— Por que será? — retorquiu Ron sarcasticamente, enquanto tomavam o caminho do Caldeirão Escoante.

Foram encontrar Mr. Weasley sentado no bar a ler *O Profeta Diário*.

— Harry! — exclamou ele, sorrindo ao vê-lo. — Como estás?

— Bem, muito obrigado — respondeu Harry, enquanto se aproximavam com todas as suas compras.

Mr. Weasley guardou o jornal e Harry viu a cara conhecida de Sirius Black a olhar para ele.

— Ainda não o apanharam? — perguntou.

— Não — respondeu Mr. Weasley com ar grave. — Afastaram-nos a todos das nossas tarefas habituais no Ministério para tentarmos localizá-lo, mas até agora não fomos bafejados pela sorte.

— Há alguma recompensa para quem o capturar? — perguntou Ron. — Era bem bom ganhar algum dinheiro.

— Não sejas ridículo, Ron — ripostou Mr. Weasley que, olhando bem, tinha um ar bastante tenso. — O Black não vai deixar-se apanhar por um feiticeiro de treze anos de idade. São os guardas de Azkaban que acabarão por capturá-lo, escreve o que eu te digo.

Nesse momento, Mrs. Weasley entrou no bar carregada de compras e seguida pelos gémeos, Fred e George, que iam iniciar o seu quinto ano em Hogwarts, por Percy, recém-eleito Delegado, e pela filha mais nova dos Weasley e única rapariga, Ginny.

Ginny, que sempre tivera um fraquinho por Harry, ficou ainda menos à

vontade do que de costume quando o viu, talvez por ele lhe ter salvado a vida no ano anterior em Hogwarts. Corou imenso e balbuciou: — Olá — sem olhar para ele. Por seu turno, Percy estendeu-lhe formalmente a mão como se os dois nunca se tivessem visto e disse: — Harry, que bom ver-te aqui!

— Olá, Percy — respondeu Harry, tentando não se rir.

— Espero que estejas bem — insistiu Percy pomposamente, apertando-lhe a mão. Era como se estivesse a ser apresentado ao Presidente da Câmara.

— Bem, muito obrigado.

— Harry! — exclamou Fred, dando uma cotovelada a Percy para o tirar do caminho e fazendo uma grande vénia —, é fantástico ver-te aqui, rapaz!

— É ótimo — concordou George, empurrando Fred e agarrando na mão de Harry. — Absolutamente o máximo.

Percy lançou-lhes um olhar carrancudo.

— Já chega, meninos — ralhou Mrs. Weasley.

— Mãe! — exclamou o Fred como se só naquele momento a tivesse visto e agarrando-lhe também a mão. — Que fantástico vê-la aqui!

— Eu disse que já chega — repreendeu Mrs. Weasley, colocando as compras em cima de uma cadeira vazia. — Olá, Harry. Calculo que já saibas as nossas boas notícias. — Apontou para o distintivo prateado no peito de Percy. — O segundo Delegado dos Alunos da família — anunciou, inchando de orgulho.

— E último — murmurou Fred, entre dentes.

— Não tenho a menor dúvida a esse respeito — respondeu Mrs. Weasley, de sobrelance subitamente franzidas. — Já reparei que nenhum de vocês foi nomeado prefeito.

— Para que queremos nós ser prefeitos? — retorquiu George como se a simples ideia o revoltasse. — Tornava a nossa vida uma chatice.

Ginny riu-se baixinho.

— Fazes o favor de dar um melhor exemplo à tua irmã? — disse rispidamente Mrs. Weasley.

— A Ginny tem outros irmãos para lhe darem o exemplo, mãe — afirmou Percy num tom arrogante. — Vou subir para me vestir para o jantar.

Desapareceu e George suspirou.

— Tentámos fechá-lo numa pirâmide — contou a Harry —, mas a mãe viu-nos...

O jantar dessa noite foi um momento muito agradável. Tom, o

estalajadeiro, juntou três mesas na sala e os sete Weasley, Harry e Hermione deliciaram-se com cinco magníficos pratos.

— Como vamos amanhã para a estação de King's Cross, pai? — perguntou Fred enquanto faziam as honras a um sumptuoso pudim de chocolate.

— O Ministério pôs à nossa disposição dois carros — informou Mr. Weasley.

Olharam todos para ele.

— Porquê? — perguntou Percy, curioso.

— Por tua causa, Percy — disse o George muito sério. — E vão trazer bandeirinhas no capô com as iniciais G. C.

— De Grande Cabeçudo — completou Fred.

Todos, com exceção de Percy e Mrs. Weasley, atacaram o pudim.

— Por que é que o Ministério vai pôr carros à nossa disposição, pai? — perguntou Percy de novo com alguma excitação na voz.

— Bem, como já não temos carro e eu trabalho lá, eles fazem-me esse favor...

O seu tom de voz era natural, mas Harry não pôde deixar de reparar que as orelhas de Mr. Weasley tinham ficado vermelhas, como costumava acontecer a Ron quando se enervava.

— E a confusão não é pouca — disse vivamente Mrs. Weasley. — Dão-se conta da quantidade de bagagem que têm entre todos? Devem ter feito uma linda figura no metropolitano dos Muggles! Têm as malas todas feitas, não têm?

— O Ron ainda não guardou as coisas novas na mala — disse Percy num tom de voz sofredor. — Atirou-as para cima da minha cama.

— É melhor ires arrumar tudo como deve ser, Ron, porque amanhã de manhã temos pouco tempo — ordenou Mrs. Weasley e Ron lançou ao irmão mais velho um olhar furioso.

A seguir ao jantar, toda a gente se sentia cheia e com sono. Um após um, subiram as escadas até aos respectivos quartos para prepararem as coisas para o dia seguinte. Ron e Percy ficavam no quarto ao lado do de Harry. Ele tinha acabado de fechar o malão à chave quando ouviu vozes zangadas do lado de lá da parede e foi ver o que se passava.

A porta do número doze estava entreaberta e Percy berrava:

— Estava *aqui*, na mesinha-de-cabeceira. Eu tirei-o para o limpar.

— Eu não lhe mexi, percebes? — gritou-lhe Ron.

— O que é que se passa? — perguntou Harry.

— O meu distintivo de Delegado desapareceu — explicou Percy, voltando-se bruscamente para Harry.

— E o mesmo aconteceu ao tónico para ratos que comprei para o *Scabbers* — queixou-se Ron, enquanto tirava as coisas da mala. — Se calhar deixei-o no bar...

— Não vais a lado nenhum, enquanto eu não encontrar o meu distintivo — gritou Percy.

— Eu vou buscar o tónico do *Scabbers*, já fiz a minha mala — prontificou-se Harry e desceu as escadas.

Estava a meio do corredor escuro que conduzia ao bar quando ouviu um par de vozes exaltadas que vinham da sala. Um segundo depois, reconheceu-as como pertencendo a Mr. e Mrs. Weasley. Hesitou, não querendo que eles soubessem que os ouvira, quando o seu nome o fez parar e aproximar-se um pouco mais da porta da saleta.

— Não faz sentido esconder-lhe isso — afirmava Mr. Weasley acaloradamente. — O Harry tem o direito de saber. Tentei explicar ao Fudge, mas ele insiste em tratá-lo como se ele fosse uma criança. Já tem treze anos e...

— Arthur, a verdade ia deixá-lo apavorado! — interrompeu Mrs. Weasley com a voz esganiçada. — Queres mandá-lo para a escola com esse peso no peito? Nem penses nisso, ele está feliz sem saber o que se passa.

— Eu não quero torná-lo infeliz, quero pô-lo de sobreaviso! — retorquiu Mr. Weasley. — Sabes como eles são, o Harry e o Ron, sempre a andarem por aí sozinhos, já foram parar por duas vezes à floresta proibida! E o Harry não pode fazer isso este ano. Quando penso no que podia ter-lhe acontecido na noite em que fugiu de casa! Se o Autocarro Cavaleiro não o tivesse apanhado, quase aposto que ele teria sido morto antes de o Ministério o encontrar.

— Mas ele não morreu, está bem, portanto qual é a vantagem...

— Molly, eles dizem que o Sirius Black é doido e talvez até seja, mas foi suficientemente lúcido para sair de Azkaban, o que deveria ser impossível. Já foi há três semanas e ninguém mais lhe soube do rasto e eu não me importo com o que o Fudge afirma n'*O Profeta Diário*. O certo é que estamos tão longe de encontrá-lo como de inventar varinhas que façam feitiços por si só. A única certeza que temos é de que o Black anda atrás do...

— Mas o Harry estará perfeitamente seguro em Hogwarts.

— Nós achávamos que Azkaban era perfeitamente seguro. Se o Black conseguiu sair de Azkaban, também pode entrar em Hogwarts.

— Mas ninguém tem a certeza absoluta de que o Black ande atrás do Harry...

Ouviu-se um baque surdo e Harry percebeu que Mr. Weasley tinha dado

um soco na mesa.

— Molly, quantas vezes tenho de dizer-te? Eles não divulgaram o caso na imprensa, porque o Fudge quis que se mantivesse em segredo, mas o Fudge foi a Azkaban na noite em que o Black se evadiu e os guardas contaram-lhe que nos últimos tempos ele costumava falar durante o sono. Sempre as mesmas palavras: «Ele está em Hogwarts... ele está em Hogwarts.» O Black é um desequilibrado, Molly, e quer o Harry morto. Na minha opinião, ele acha que o facto de o liquidar trará de volta ao poder o Quem-Nós-Sabemos. O Black perdeu tudo na noite em que o Harry venceu o Quem-Nós-Sabemos e está há treze anos sozinho em Azkaban a matutar nisso.

Fez-se um silêncio. Harry inclinou-se um pouco mais para a porta, ansioso por ouvir mais alguma coisa.

— Bem, Arthur, faz o que achares que deves fazer, mas estás a esquecer-te do Albus Dumbledore. Não me parece que consigam fazer mal ao Harry, enquanto o Dumbledore for director de Hogwarts. Calculo que ele esteja a par de tudo isto.

— É claro que sim. Tivemos de lhe pedir licença para deixar os guardas de Azkaban cercarem as entradas e os campos da escola. Ele não ficou propriamente radiante com a ideia, mas acabou por concordar.

— Não ficou satisfeito? Porquê, se eles estão lá para apanharem o Black?

— O Dumbledore não gosta muito dos guardas de Azkaban — explicou Mr. Weasley. — E eu também não... mas quando se está a lidar com um feiticeiro como o Black, às vezes é preciso reunir esforços com aqueles que preferíamos evitar.

— Se eles salvarem o Harry...

— Então, não direi mais uma palavra contra eles — afirmou Mr. Weasley. — Já é tarde, Molly, é melhor subirmos.

Harry ouviu o ruído das cadeiras. O mais silenciosamente possível, apressou-se a descer o corredor até ao bar e a desaparecer. A porta da saleta abriu-se e os passos que se ouviram segundos depois a subir a escada indicaram-lhe que Mr. e Mrs. Weasley tinham ido para o quarto.

O frasco de tónico para ratos estava debaixo da mesa onde eles tinham estado sentados. Harry esperou até ouvir a porta do quarto de Mr. e Mrs. Weasley fechar-se e só depois subiu com o frasco de tónico.

Fred e George estavam agachados na sombra, contendo o riso, enquanto ouviam Percy dismantelar o quarto que partilhava com Ron à procura do distintivo.

— Já está — murmurou Fred a Harry. — Estivemos a melhorá-lo.

O distintivo tinha agora escrito *Delegado Cabeçudo*.

Harry forçou uma gargalhada, foi entregar o tónico dos ratos a Ron e, em seguida, fechou-se no quarto e deitou-se na cama.

Com que então, o Sirius Black andava atrás dele! Isso explicava tudo. Fudge não o castigara, porque ficara aliviado ao encontrá-lo ainda vivo. Obrigara-o a prometer ficar na Diagon-Al, onde havia imensos feiticeiros para o vigiarem e ia mandar dois carros do Ministério para os conduzirem à estação no dia seguinte para que os Weasley pudessem tomar conta dele até dar entrada no comboio.

Ficou a ouvir os gritos abafados no quarto ao lado e perguntou a si próprio por que não se sentia mais assustado. Sirius Black assassinara treze pessoas com uma única maldição. Mr. e Mrs. Weasley pareciam pensar que ele entraria em pânico se soubesse a verdade, mas Harry concordava de alma e coração com Mrs. Weasley em como o lugar do mundo onde se encontraria mais seguro era em Hogwarts, onde estava Albus Dumbledore.

Não dizia toda a gente que Dumbledore era a única pessoa de quem Lord Voldemort alguma vez tivera medo? Certamente Black, como braço direito de Voldemort, teria igualmente medo dele.

E, depois, havia todos aqueles guardas de Azkaban de que tanto se falava. Pareciam assustar muita gente e, com eles em volta da escola, as hipóteses de Black lá entrar pareciam-lhe bastante remotas.

Não, pensando bem, o que mais preocupava Harry era o facto de as suas possibilidades de visitar Hogesmeade terem ficado reduzidas a zero. Ninguém ia deixá-lo sair da segurança do castelo antes de Black ter sido capturado. Na verdade, Harry achava que lhe iam vigiar todos os passos, enquanto o perigo se mantivesse.

Olhou mal-humorado para o tecto escuro. Pensariam que ele não era capaz de tomar conta de si próprio? Ele escapara a Lord Voldemort três vezes, não era propriamente um inútil.

Inesperadamente, veio-lhe à cabeça a imagem do monstro nas sombras de Magnolia Crescent. *O que fazer quando sabes que o pior está a aproximar-se...*

— Eu não vou ser morto — proferiu Harry em voz alta.

— Isso mesmo, rapaz — respondeu-lhe o espelho, sonolento.

V

O DEMENTOR

Com o seu habitual sorriso desdentado e uma chávena de chá, Tom foi acordar Harry na manhã seguinte. Este vestiu-se e estava quase a convencer *Hedwig* a voltar para a gaiola quando Ron bateu à porta e entrou, enfiando, irritado, uma *sweatshirt* pela cabeça abaixo.

— Quanto mais depressa chegarmos ao comboio, melhor — desabafou. — Pelo menos em Hogwarts vejo-me livre do Percy. Agora está a acusar-me de ter entornado chá na fotografia da Penelope Clearwater, já viste bem? — Fez uma careta. — É a namorada dele. Ela até escondeu a cara debaixo da moldura porque ficou com o nariz todo esborratado...

— Tenho de te contar uma coisa — começou Harry, mas foram interrompidos por Fred e por George que queriam felicitar Ron por ter conseguido levar Percy outra vez aos arames.

Desceram para tomar o pequeno-almoço e foram encontrar Mr. Weasley a ler a primeira página d'*O Profeta Diário* com uma sobrançelha franzida e Mrs. Weasley contando a Hermione e Ginny a história de uma poção de amor que ela fizera quando era garota. Estavam as três bastante bem-dispostas.

— O que estavas a dizer? — perguntou Ron a Harry quando se sentaram.

— Depois conto-te — murmurou ele, enquanto Percy bramia.

Harry não teve possibilidade de falar com Ron nem com Hermione durante o momento caótico da partida. Estavam demasiado ocupados a arrastar os malões pela escada estreitinha do Caldeirão Escoante e a arrumar tudo junto da porta com *Hedwig* e *Hermes*, a coruja-das-torres de Percy, encarrapitadas sobre as duas gaiolas. Um pequeno cesto de verga ocupava o espaço entre as malas bufando alto.

— Calma, *Crookshanks* — murmurou baixinho Hermione, através do cesto de verga. — No comboio eu deixo-te sair.

— Não deixas coisa nenhuma — interrompeu Ron. — Então e o *Scabbers*?

Apontou para o peito onde era visível um volume que indicava que o ratinho estava dentro do seu bolso.

Mr. Weasley, que ficara na rua à espera dos carros do Ministério, meteu a cabeça para dentro da porta.

— Já chegaram, vamos, Harry.

Mr. Weasley acompanhou Harry na pequena distância até ao primeiro de dois carros verde-escuros de aspecto antiquado, cada um deles conduzido por um feitiheiro de olhar furtivo, com um uniforme de veludo verde-esmeralda.

— Entra, Harry — disse Mr. Weasley, olhando para um e outro lado da rua cheia de gente.

Harry enfiou-se para dentro do carro e foi imediatamente seguido de Hermione, Ron e, para grande contrariedade deste último, de Percy.

A viagem até à estação de King's Cross foi bastante normal comparada com a que Harry fizera no Autocarro Cavaleiro. Os automóveis do Ministério da Magia pareciam vulgaríssimos embora ele tivesse reparado que conseguiam deslizar por aberturas por onde o novo carro da empresa do tio Vernon nunca teria passado. Chegaram a King's Cross com vinte minutos de avanço. Os motoristas do Ministério arranjaram-lhes carrinhos para a bagagem, colocaram sobre eles as malas, saudaram Mr. Weasley com os chapéus e foram-se embora, conseguindo ultrapassar uma fila imóvel de trânsito e parando junto aos semáforos.

Mr. Weasley não se afastou um centímetro de Harry até chegarem à estação.

— Muito bem — disse, olhando para todos eles. — Vamos fazer isto por pares já que somos muitos. Eu vou à frente com o Harry.

Aproximou-se da barreira, entre as plataformas nove e dez, empurrando o carrinho de Harry e mostrando-se aparentemente interessado no Intercidades 125 que acabara de chegar à plataforma nove. Lançando a Harry um olhar significativo, inclinou-se de forma natural para a barreira e Harry fez o mesmo.

No momento seguinte tinham atravessado o metal sólido e encontravam-se na plataforma nove e três quartos. Na sua frente estava o Expresso de Hogwarts, um comboio a vapor escarlate que lançava fumo sobre uma plataforma apinhada de feiticeiras e feitiçeiros que vinham trazer os filhos ao comboio.

Percy e Ginny apareceram subitamente atrás de Harry. Vinham ofegantes como se tivessem passado a barreira a correr.

— Ah! Lá está a Penelope! — exclamou Percy, passando a mão pelos cabelos e corando. — Ginny trocou um olhar com Harry e ambos se voltaram de costas para disfarçarem o riso, enquanto Percy se dirigia a uma rapariga de longos cabelos encaracolados, de peito tão inchado que era impossível ela não notar o seu distintivo cintilante.

Logo que os outros Weasley e Hermione se lhes juntaram, Harry e Mr. Weasley abriram caminho ao longo do comboio, passando por compartimentos cheios até chegarem a uma carruagem completamente vazia. Arrumaram os malões, colocaram *Hedwig* e *Crookshanks* na prateleira da bagagem e, em seguida, foram lá fora despedir-se de Mr. e Mrs. Weasley.

Mrs. Weasley beijou todos os filhos e, no fim, Hermione e Harry. Este ficou um pouco envergonhado mas verdadeiramente satisfeito quando ela lhe deu um abraço especial.

— Vais ter cuidado, não vais Harry? — disse, enquanto se endireitava com o olhar estranhamente brilhante. Em seguida, abriu o seu enorme saco de mão e declarou: — Fiz sanduíches para todos. Aqui estão. Ron, não, não são de carne enlatada... Fred? Onde está o Fred? Ah, estás aí, querido...

— Harry — pediu Mr. Weasley calmamente —, chega aqui por um momento.

Com um gesto de cabeça, indicou-lhe um pilar e Harry seguiu-o, deixando todos os outros em volta de Mrs. Weasley.

— Não há problema, Mr. Weasley — disse Harry. — Eu já sei de tudo.

— Já sabes? Como é que podes saber?

— Eu... Hã... ouvi-vos conversar ontem à noite, não pude evitar — acrescentou rapidamente. — Peço desculpa.

— Não era assim que eu gostaria que tivesses sabido — confessou Mr. Weasley, ansioso.

— Não, está tudo bem. Assim o senhor não teve de quebrar a palavra que deu ao Fudge e eu fiquei a par do que se passa.

— Harry, deves estar muito assustado...

— Não — respondeu ele com toda a sinceridade. — A sério — confirmou vendo que Mr. Weasley o olhava, incrédulo. — Não estou a tentar ser herói, mas a verdade é que o Sirius Black não pode ser pior que o Voldemort, ou pode?

Mr. Weasley pestanejou ao ouvir pronunciar aquele nome, mas recompôs-se.

— Harry, eu sempre soube que tu eras mais forte do que o Fudge imaginava e estou obviamente satisfeito ao constatar que não tens medo, mas...

— Arthur! — chamou Mrs. Weasley que acompanhava agora os outros ao comboio. — Arthur, o que estás a fazer? Está na hora!

— Ele já vai, Molly — disse Mr. Weasley, mas voltou-se para Harry e continuou numa voz mais baixa e preocupada: — Ouve, quero que me dês a tua palavra...

— Que vou portar-me bem no castelo? — interrompeu Harry a sorrir.

— Não só — insistiu Mr. Weasley, que tinha uma expressão mais séria do que Harry alguma vez lhe vira. — Jura-me que não vais à procura do Black.

Harry olhou para ele pasmado.

— O quê?

Ouviu-se um apito. Vários guardas vigiavam o comboio, fechando todas as portas.

— Promete-me, Harry — pediu Mr. Weasley, falando agora mais depressa —, que aconteça o que acontecer...

— Por que é que eu iria procurar alguém que sei que me quer matar? — inquiriu Harry de modo inexpressivo.

— Jura-me que ouças o que ouvires...

— Arthur, depressa! — gritou Mrs. Weasley.

O vapor saía do comboio que começava a movimentar-se. Harry correu até à porta da carruagem e Ron abriu-a e ajudou-o a entrar. Inclinar-se à janela, acenando a Mr. e Mrs. Weasley até que o comboio fez a primeira curva e os perdeu de vista.

— Preciso de falar com vocês em particular — murmurou Harry a Ron e a Hermione, mal o comboio ganhou velocidade.

— Sai daqui, Ginny — ordenou Ron.

— Oh! Que simpático — respondeu Ginny, maldisposta, afastando-se.

Harry, Ron e Hermione saíram para o corredor em busca de uma carruagem vazia, mas estavam todas cheias, à exceção de uma mesmo na cauda do comboio.

Essa tinha apenas um ocupante, um homem sentado junto da janela, profundamente adormecido. Harry, Ron e Hermione detiveram-se à entrada. O Expresso de Hogwarts costumava ser reservado a estudantes e nunca tinham visto lá nenhum adulto a não ser a feiticeira que empurrava o carrinho da comida.

O indivíduo usava uma roupa extremamente coçada que fora cerzida em vários lugares. Tinha um ar adoentado e exausto. Apesar de bastante novo, o seu cabelo castanho-claro tinha já alguns fios grisalhos.

— Quem será? — sussurrou Ron, enquanto se sentavam e fechavam a porta, ocupando os lugares mais afastados da janela.

— O professor R. J. Lupin — respondeu de imediato Hermione.

— Como sabes?

— Está escrito na mala — explicou, apontando para o lugar da bagagem sobre a cabeça do homem, onde podia ver-se uma pequena mala desgastada, amarrada com grande quantidade de cordel. O nome «Professor R. J. Lupin» estava gravado num dos cantos em letras que começavam a descascar-se.

— O que será que ele ensina? — questionou-se Ron, franzindo as sobrancelhas perante o perfil pálido do professor Lupin.

— É óbvio — murmurou Hermione. — Só há uma vaga, não é? Defesa Contra A Magia Negra.

Harry, Ron e Hermione já tinham tido dois professores daquela disciplina e nenhum dos dois ficara na escola mais do que um ano. Corriam boatos de que o cargo estava agourado.

— Bem, espero que este se aguentar — disse Ron, duvidoso. — Tem ar de sucumbir a um bom feitiço, não acham? Bem, mas o que ias contar-nos?

Harry repetiu, palavra por palavra, a conversa de Mr. e Mrs. Weasley e o aviso que Mr. Weasley lhe fizera. Quando chegou ao fim, Ron estava estupefacto e Hermione tapava a boca com as mãos. Afastou-as, por fim, para dizer: — O Sirius Black evadiu-se para vir atrás de ti? Oh, Harry... Tens mesmo de ser cauteloso, não vás à procura de problemas...

— Eu não costumo ir à procura de problemas — protestou Harry, espicaçado. — Eles é que geralmente vêm ter comigo.

— Achas que ele é assim tão idiota para ir atrás de um louco que o quer matar? — perguntou Ron, pouco seguro.

Estavam a reagir às notícias pior do que Harry imaginara. Tanto Ron como Hermione pareciam bastante mais assustados com Black do que ele próprio.

— Ninguém sabe como conseguiu fugir de Azkaban — afirmou Ron, inseguro.

— Nunca ninguém o tinha feito. E ainda por cima era um preso de alta segurança. Mas vão apanhá-lo, não vão? — inquiriu Hermione muito séria. — Isto é, com os Muggles todos também à procura dele...

— Que barulho é este? — perguntou de repente Ron.

Ouvia-se, vindo não se sabe de onde, um pequeno apito que não parava. Procuraram por todo o compartimento.

— Vem do teu malão, Harry — disse Ron, pondo-se de pé para chegar à bagagem. Pouco depois retirava o Avisoscópio do meio das roupas de Harry. Girava a toda a velocidade na palma da mão de Ron e brilhava como nunca.

— Isso é um Avisoscópio? — perguntou Hermione, interessada, pondo-se de pé para o ver melhor.

— Sim... mas sabes, foi bastante barato — explicou Ron. — Começou a rodar como louco quando eu tentava amarrá-lo à pata da *Errol* para o enviar ao Harry.

— Estavas a fazer alguma coisa errada ou falsa? — perguntou Hermione de forma perspicaz.

— Não, bem... eu não devia usar a *Errol*. Sabes que ela não aguenta bem viagens longas... Mas de que outro modo poderia eu enviar o presente ao Harry?

— Mete-o outra vez no malão, — sugeriu Harry, enquanto o Avisoscópio apitava agudamente —, senão ele acorda.

Apontou para o professor Lupin. Ron meteu o Avisoscópio num horroroso par de peúgas velhas do tio Vernon que abafaram o som e a seguir fechou o malão.

— Podíamos levá-lo para ser observado em Hogsmeade — sugeriu Ron, sentando-se. — Eles vendem lá coisas destas na Dervish e Banges, juntamente com instrumentos mágicos e outras coisas, segundo me disseram o Fred e o George.

— Sabes muito sobre Hogsmeade? — perguntou Hermione. — Li que é a única vila totalmente não-Muggle que existe na Grã-Bretanha.

— Sim, acho que sim — confirmou Ron com indiferença. — Mas não é por isso que lá quero ir. Quero entrar nos Doces dos Duques.

— O que é isso? — perguntou Hermione.

— É uma loja de doces — informou Ron com um ar sonhador — onde têm de *tudo*: Diabinhos de Pimenta que te fazem fumo na boca, grandes Bolas de Chocolate cheias de mousse de morango e coalhada, e umas deliciosas penas de açúcar que podes chupar durante as aulas enquanto olhas para o ar como se estivesses a pensar no que vais escrever a seguir...

— Mas Hogsmeade é um lugar muito interessante, não é? — insistiu vivamente Hermione. — No livro *Locais da História da Feitiçaria* diz-se que a hospedaria serviu como quartel-general na rebelião dos duendes de 1612 e que a Cabana dos Gritos é considerada o edifício mais assombrado da Grã-Bretanha...

— ... e bolas enormes de sumo de frutos que nos fazem levantar a alguns centímetros do chão enquanto as chupamos — continuou Ron que não ouvira uma palavra do que Hermione dissera.

Hermione olhou para Harry.

— Não vai ser fantástico sair por alguns momentos da escola e ir explorar Hogsmeade?

— Suponho que sim — respondeu ele lentamente. — Vocês depois contam-me tudo.

— O que queres dizer com isso? — perguntou o Ron.

— Eu não posso ir. Os Dursley não assinaram a autorização e o Fudge também não.

Ron olhou-o chocado.

— *Não tens licença para vir?* Mas... e se a McGonagall ou alguém te der autorização?

Harry deu uma gargalhada seca. A professora McGonagall, chefe da equipa dos Gryffindor, era extremamente rígida.

— ... Ou podemos pedir ajuda ao Fred e ao George que conhecem, uma por uma, todas as saídas secretas do castelo.

— Ron! — exclamou Hermione de forma cortante. — Não me parece que o Harry deva esgueirar-se da escola com o Black por aí à solta.

— Sim, deve ser essa a explicação que a McGonagall vai dar quando eu lhe pedir autorização — comentou tristemente Harry.

— Mas se nós estivermos com ele — sugeriu espirituosamente Ron —, achas que o Black se vai atrever...

— Oh! Ron, não digas disparates — cortou Hermione. — O Black já assassinou um monte de pessoas no meio de uma rua cheia de gente; achas que vai deixar de atacar o Harry por nós estarmos ao pé?

Enquanto falava, mexia atrapalhadamente na correia do cesto de *Crookshanks*.

— Não soltes essa coisa! — gritou-lhe Ron.

Mas foi tarde de mais. *Crookshanks* saiu com ligeireza do cesto, espreguiçou-se, bocejou e saltou para os joelhos de Ron. O pequeno alto no bolso de Ron estremeceu e ele, zangado, enxotou *Crookshanks*.

— Sai daqui.

— Ron, não faças isso — protestou Hermione, aborrecida.

Ron ia responder-lhe quando o professor Lupin se mexeu. Olharam para ele apreensivos, mas Lupin limitou-se a voltar a cabeça para o outro lado com a boca ligeiramente aberta, continuando a dormir.

O Expresso de Hogwarts avançava firmemente para norte e a paisagem era cada vez mais agreste e sombria à medida que as nuvens, no céu, se tornavam mais espessas. As pessoas andavam de um lado para o outro no corredor. *Crookshanks* tinha-se enroscado num lugar vazio com o seu focinho achatado voltado para Ron e os olhos amarelos fixos no seu bolso do peito.

À uma hora, a feiticeira rechonchuda chegou com o carrinho da comida à porta do compartimento.

— Açam que devíamos acordá-lo? — perguntou acanhadamente Ron, apontando para o professor Lupin. — Ele tem ar de quem não come há dias.

Hermione aproximou-se cautelosamente do professor.

— Hã... professor — chamou. — Desculpe, professor?

Ele não se mexeu.

— Não te preocupes, filha — disse a feiticeira, enquanto entregava a Harry uma grande dose de Bolo do Caldeirão. — Se ele tiver fome quando acordar, eu estou lá à frente com o condutor.

— Bem, suponho que ele está mesmo a dormir — disse Ron baixinho quando a feiticeira fechou a porta do compartimento. — Quer dizer, não está morto, pois não?

— Não, não, está a respirar — murmurou Hermione, pegando no Bolo do Caldeirão que Harry lhe oferecera.

Podia não ser sido uma grande companhia, mas a presença do professor Lupin no compartimento deles teve as suas vantagens. A meio da tarde, logo que começou a chover, tornando a paisagem montanhosa indistinta, ouviram-se novamente passos no corredor e as três pessoas de quem eles menos gostavam apareceram à porta: Draco Malfoy e os seus compinchas, Vincent Crabbe e Gregory Goyle.

Draco Malfoy e Harry eram inimigos desde o primeiro dia em que se tinham encontrado em Hogwarts. Malfoy, que tinha um rosto pálido e afilado, pertencia aos Slytherin e jogava como *seeker* na respectiva equipa de Quidditch, a mesma posição que Harry ocupava na equipa dos Gryffindor. Crabbe e Goyle pareciam só existir para servir Draco. Eram ambos grandes e musculosos. Crabbe era o mais alto, com um corte de cabelo à tigela e um pescoço grosso. Goyle tinha o cabelo muito curto e uns enormes braços de gorila.

— Olhem quem eles são — exclamou Malfoy no seu habitual tom lento e sarcástico, abrindo a porta do compartimento. — O Potty e o Weasel4.

Crabbe e Goyle riram-se estupidamente.

— Ouvi dizer que o teu pai pôs finalmente as mãos nalgum ouro este Verão, Weasley — exclamou Malfoy. — A tua mãe não morreu com o choque?

Ron levantou-se tão rapidamente que derrubou o cesto de *Crookshanks*. O professor Lupin deu um ronco.

— Quem é esse? — perguntou Malfoy, dando imediatamente um passo atrás ao avistar Lupin.

— O novo professor — respondeu Harry que também se tinha posto de pé para o caso de ter de agarrar Ron. — O que estavas a dizer, Malfoy?

Os olhos pálidos de Malfoy contraíram-se. Não era parvo a ponto de começar uma briga debaixo do nariz de um professor.

— Vamos embora — murmurou com má cara a Crabbe e a Goyle enquanto desapareciam.

Harry e Ron voltaram a sentar-se, Ron a massajar os nós dos dedos.

— Não vou aturar coisas destas ao Malfoy este ano — afirmou zangado. — Estou a falar a sério. Se ele voltar a gozar com a minha família, agarro-lhe a cabeça e...

Ron fez um gesto violento no ar.

— Ron — sussurrou Hermione, apontando para o professor Lupin —, tem *cuidado*...

Mas o professor Lupin continuava a dormir profundamente.

A chuva engrossava, enquanto o comboio avançava a toda a velocidade para norte. As janelas eram agora de um cinzento pesado e difuso que escurecia gradualmente, até que as lanternas ganharam vida nos corredores e sobre as redes da bagagem. O comboio estremecia, a chuva martelava, o vento rugia, mas, mesmo assim, o professor Lupin continuava a dormir.

— Devemos estar quase a chegar — disse Ron, inclinando-se para a frente para espreitar por cima do professor Lupin para a janela totalmente escura.

Mal tinha proferido aquelas palavras quando o comboio começou a abrandar.

— Ótimo! — exclamou, levantando-se e passando cautelosamente pelo professor Lupin para tentar ver lá para fora.

— Estou cheio de fome, quero chegar depressa ao banquete.

— Não podemos estar já a chegar — disse Hermione, consultando o relógio.

— Então, por que paramos?

O comboio abrandava cada vez mais. Quando o ruído dos êmbolos cessou, o vento e a chuva pareciam bater ainda com mais força contra as janelas.

Harry, que estava mais perto da porta, levantou-se para espreitar para o corredor. Em todas as carruagens se viam cabeças de fora, cheias de curiosidade.

O comboio parou com um solavanco e alguns baques longínquos indicaram-lhes que a bagagem caíra das respectivas redes. Em seguida, sem qualquer aviso, as luzes apagaram-se e ficaram todos mergulhados na escuridão absoluta.

— O que se passa? — ouviu-se a voz de Ron atrás de Harry.

— Ai! — queixou-se Hermione. — Esse pé é meu.

Harry conseguiu sentar-se de novo.

— Será que houve algum problema?

— Não sei...

Ouviu-se um guincho e Harry viu a silhueta de Ron, desembaciando um pedaço do vidro da janela e espreitando lá para fora.

— Há qualquer coisa a mexer-se — contou ele. — Acho que vai entrar gente.

A porta do compartimento abriu-se e alguém caiu sobre as pernas de Harry, magoando-o.

— Desculpa, sabes o que se passa? Ai, desculpa...

— Olá, Neville — saudou Harry, tateando no escuro e puxando-o pela capa.

— Harry, és tu? O que é que se passa?

— Não faço ideia. Senta-te.

Ouviu-se um bufar e um uivo de dor. Neville tentara sentar-se em cima de *Crookshanks*.

— Vou perguntar ao condutor o que se passa — decidiu Hermione.

Harry sentiu-a passar por ele, ouviu a porta abrir-se de novo e, em seguida, um estrondo e dois gritos de dor.

— Quem é?

— Quem é?

— Ginny?

— Hermione?

— O que é que estás a fazer?

— Eu estava à procura do Ron...

— Anda sentar-te.

— Aqui não! — exclamou Hermione, aflita. — Aqui estou eu!

— Ai — fez Neville.

— Silêncio — ouviu-se de repente uma voz rouca.

O professor Lupin parecia ter finalmente acordado. Harry ouvia movimentos no canto onde ele se encontrava. Ninguém falou.

Ouviu-se um leve estalido e uma pequena luz encheu o compartimento. O professor Lupin parecia ter nas mãos um punhado de chamas que lhe iluminaram o rosto cansado e os olhos vivos e atentos.

— Fiquem nos vossos lugares — ordenou, na mesma voz rouca, e pôs-se lentamente de pé, mantendo o fogo à sua frente.

Porém, a porta abriu-se lentamente antes que Lupin pudesse lá chegar.

De pé, na soleira, iluminada pelas chamas serpenteantes que Lupin tinha nas mãos, estava uma silhueta encapuzada que ia quase até ao tecto. O rosto estava totalmente oculto por detrás de um capuz. Harry baixou

rapidamente o olhar e o que viu fez-lhe contrair o estômago. Do manto saía uma mão que cintilava, acinzentada, com um ar viscoso e cheio de crostas como uma coisa morta que tivesse apodrecido na água...

Apenas foi visível durante uma fracção de segundo. Como se tivesse sentido o olhar de Harry, a criatura retirou a mão para dentro das dobras do tecido negro.

E então, a coisa dentro do capuz, o que quer que fosse, respirou lenta e ruidosamente como se estivesse a tentar sugar mais do que o ar à sua volta.

Um frio intenso invadiu-os. Harry sentiu a sua própria respiração prender-se-lhe no peito, enquanto o frio lhe penetrava para além da pele, perfurando-lhe o peito e o coração.

Revirou os olhos. Deixou de ver. Estava a afogar-se no frio. Havia um ruído nos seus ouvidos que parecia água. Estava a ser arrastado para o fundo e o barulho aumentava...

E foi então que, de muito longe, ouviu gritos terríveis, tenebrosos, assustadores. Harry queria ajudar a pessoa que gritava. Tentou mexer os braços, mas não conseguiu... uma névoa espessa girava em turbilhão à sua volta, dentro de si.

— Harry, Harry, estás bem?

Alguém lhe batia no rosto.

— O q-quê?

Harry abriu os olhos. Havia lanternas sobre ele e o chão estremecia. O Expresso de Hogwarts estava outra vez em movimento e as luzes tinham-se acendido de novo. Parecia que ele tinha deslizado do assento para o chão. Ron e Hermione estavam ajoelhados ao seu lado e em cima podia ver Neville e o professor Lupin a observarem-no. Harry sentia-se muito enjoado. Quando estendeu a mão para endireitar os óculos, percebeu que um suor frio lhe cobria o rosto.

Ron e Hermione ajudaram-no a sentar-se.

— Estás bem? — perguntou Ron, nervosíssimo.

— Sim — sossegou-o Harry, dando uma espreitadela à porta. A criatura encapuzada tinha desaparecido. — O que aconteceu? Onde está aquela... aquela coisa? Quem gritou?

— Ninguém gritou — respondeu Ron ainda mais nervoso.

Harry observou o compartimento iluminado. Ginny e Neville olhavam-no muito pálidos.

— Mas eu ouvi gritar...

Um estalido fê-los a todos dar um salto. O professor Lupin partia aos bocados uma enorme barra de chocolate.

— Toma — disse, dando a Harry um bocado particularmente grande. —

Come isto que te vai ajudar.

Harry pegou no chocolate, mas não o comeu.

— Que coisa era aquela? — perguntou a Lupin.

— Um Dementor — informou Lupin que estava agora a oferecer chocolate aos outros. — Um Dementor de Azkaban.

Ficaram todos a olhar para ele. O professor Lupin amachucou o papel da embalagem do chocolate e meteu-o no bolso.

— Comam — repetiu. — Vai ajudar-vos. Eu tenho de ir falar com o condutor, desculpem-me.

Passou por Harry e desapareceu no corredor.

— Tens a certeza de que estás bem, Harry? — perguntou Hermione, observando-o cheia de ansiedade.

— Não percebo o que aconteceu — disse ele, limpando mais suor do rosto.

— Bem, aquela coisa, o Dementor, ficou ali, a olhar em volta (isto é, acho que foi isso, não consegui ver-lhe a cara) e tu... tu...

— Pensei que estavas a ter um ataque — interveio Ron que ainda tinha um ar assustado. — Ficaste todo rígido, caíste do teu lugar e começaste a contorcer-te...

— E o professor Lupin passou por ti, foi direito ao Dementor e ergueu a varinha — continuou Hermione. — E disse-lhe: «Nenhum de nós está a esconder o Sirius Black debaixo do manto, vá-se embora.» Mas o Dementor não se mexeu. Então, o Lupin murmurou qualquer coisa e algo prateado saltou da sua varinha e o Dementor deu meia volta e foi-se embora, a deslizar.

— Foi horrível! — exclamou Neville num tom de voz mais alto que o habitual. — Sentiram o frio quando ele entrou?

— Eu senti-me esquisito — contou Ron, mexendo os ombros, incomodado. — Como se nunca mais na vida fosse sentir alegria.

Ginny, que estava quietinha no seu canto a sentir-se quase tão mal quanto Harry, soltou um soluço. Hermione foi ter com ela e pôs-lhe o braço por cima do ombro.

— Mas nenhum de vocês caiu do lugar onde estava sentado? — comentou Harry, embaraçado.

— Não — afiançou-lhe Ron, voltando a olhar ansiosamente para ele. — Mas a Ginny tremia como varas verdes.

Harry não compreendia. Sentia-se fraco e com calafrios, como se estivesse a recuperar de uma fortíssima gripe. Começava também a experimentar alguns laivos de vergonha. Por que diabo se tinha ido abaixo daquela maneira, quando todos os outros se tinham aguentado bem?

O professor Lupin regressara. Fez uma pausa quando entrou, olhou em volta e disse com um leve sorriso: — O chocolate que vos dei não estava envenenado, sabem?

Harry deu uma pequena dentada e, para sua grande surpresa, sentiu um calor espalhar-se subitamente por todo o corpo até à ponta dos dedos das mãos e dos pés.

— Estaremos em Hogwarts dentro de dez minutos — informou. — Já estás bem, Harry?

Harry não se deu ao trabalho de perguntar ao professor Lupin como soubera o seu nome.

— Sim — respondeu, um pouco embaraçado.

Não falaram muito durante o resto da viagem. Pouco depois, o comboio parou na estação de Hogsmeade e uma grande multidão apeou-se. As corujas piavam, os gatos miavam e o sapo de estimação de Neville coaxava bem alto, debaixo do seu chapéu. Estava muito frio na pequena plataforma, a chuva caía em lençóis de gelo.

— Alunos do primeiro ano, por aqui! — chamou uma voz familiar. — Harry, Ron e Hermione voltaram-se e viram a silhueta gigantesca de Hagrid do outro lado da plataforma, fazendo sinal aos novos alunos que o seguiram, apavorados, para a tradicional travessia do lago.

— Vocês estão bem? — gritou ele sobre as cabeças da multidão. Os três acenaram-lhe, mas não conseguiram falar-lhe devido à quantidade de gente que os empurrava ao longo da plataforma. Harry, Ron e Hermione seguiram os restantes alunos até uma vereda enlameada onde, pelo menos, uma centena de carruagens esperava pelos estudantes, cada uma delas puxada, calculou Harry, por um cavalo invisível, porque quando entraram e fecharam a porta, a carruagem arrancou sozinha, aos solavancos, juntamente com as restantes.

Esta cheirava intensamente a terra húmida e a palha. Harry estava melhor depois de ter comido o chocolate, mas, mesmo assim, sentia-se fraco. Ron e Hermione não paravam de olhar para ele com medo de que desmaiasse outra vez.

Quando a carruagem passou através de dois magníficos portões de ferro forjado, ladeados de colunas de pedra encimadas por javalis alados, Harry viu mais dois imensos Dementors encapuzados a guardarem a entrada. Uma onda de frio e mal-estar ameaçou tomá-lo de novo. Encostou-se para trás no assento e fechou os olhos até passarem os portões.

A carruagem ganhou velocidade, subindo a longa encosta que conduzia ao castelo. Hermione espreitava pela janelinha, vendo as inúmeras torres e torreões aproximarem-se. Por fim, a carruagem deteve-se e Hermione e

Ron saíram.

Quando Harry estava a descer, uma voz deliciada falou-lhe baixo ao ouvido.

— *Desmaiaste*, Potter? O Longbottom terá dito a verdade? Desmaiaste mesmo?

Malfoy empurrou Hermione para se atravessar à frente de Harry, impedindo-o de subir os degraus de pedra do castelo, o rosto transbordante de satisfação e os olhinhos brilhando de malícia.

— Pisga-te, Malfoy — ordenou Ron com os dentes cerrados.

— Também desmaiaste, Weasley? — perguntou Malfoy bem alto. — O velho Dementor também te assustou, Weasley?

— Há algum problema? — perguntou uma voz branda. — O professor Lupin tinha acabado de descer da carruagem seguinte.

Malfoy lançou-lhe um olhar insolente, avaliando as suas vestes cerzidas e a mala a cair aos bocados. Com um pequeno toque de sarcasmo na voz, disse: — Oh não... hã, *Professor*. — Em seguida fez um sorriso escarninho a Crabbe e a Goyle e subiu com eles para o castelo.

Hermione espicçou Ron por trás para ele se apressar e os três juntaram-se à multidão que subia a escada para entrar no castelo, através das gigantescas portas de madeira de carvalho, enchendo o imenso *Hall* de Entrada, que se encontrava iluminado por tochas flamejantes e possuía uma magnífica escadaria de mármore que conduzia aos andares superiores.

A porta para o Salão de Festas à direita estava aberta. Harry seguiu atrás da multidão, mas mal pousara os olhos no tecto encantado, que nessa noite se apresentava negro e cheio de nuvens, quando uma voz chamou: — Potter, Granger, quero ver-vos aos dois!

Harry e Hermione voltaram-se, surpreendidos. A professora McGonagall, que dava Transfiguração e era chefe de equipa dos Gryffindor, chamava-os por cima das cabeças da multidão de alunos. Era uma feiticeira de aspecto rígido que usava o cabelo amarrado num carrapito. Emolduravam os seus olhos penetrantes uns óculos de aros quadrados. Harry abriu caminho até junto dela com uma sensação de mau presságio. A professora McGonagall conseguia sempre fazê-lo sentir-se culpado de alguma coisa.

— Não é preciso ficares com um ar tão aflito, só quero falar convosco no meu gabinete — explicou-lhes. — Põe-te a andar, Weasley.

Ron ficou a olhar para a professora McGonagall enquanto ela levava Harry e Hermione para longe da multidão. Atravessaram o *Hall*, subiram a escadaria de mármore e percorreram um longo corredor.

Chegados ao gabinete, uma pequena sala com uma grande e acolhedora

lareira, a professora McGonagall fez sinal a Harry e a Hermione para que se sentassem. Instalou-se atrás da secretária e disse bruscamente: — O professor Lupin enviou uma coruja a prevenir-me de que tu te tinhas sentido mal no comboio, Potter.

Antes que Harry pudesse responder, ouviu-se uma leve batida na porta e Madame Pomfrey, a enfermeira-chefe, entrou.

Harry sentiu-se corar. Já era bastante mau ter desmaiado ou lá o que lhe acontecera, não era preciso toda a gente fazer disso um drama.

— Eu estou bem — assegurou-lhes. — Não preciso de nada...

— Ah! És tu? — comentou Madame Pomfrey, ignorando as palavras de Harry e inclinando-se para o observar de perto. — Imagino que tenhas andado de novo a fazer coisas perigosas!

— Foi um Dementor, Poppy — explicou a professora McGonagall.

Trocaram um olhar soturno e Madame Pomfrey abanou a cabeça em sinal de discordância.

— Espalharem Dementors em volta da escola — murmurou, puxando o cabelo de Harry para trás e sentindo-lhe a testa. — Não é o primeiro a desmaiar. Claro, está todo húmido. São terríveis os efeitos que têm sobre as pessoas que já de si são frágeis...

— Eu não sou frágil — protestou Harry de mau humor.

— É claro que não — respondeu, alheia, Madame Pomfrey, enquanto lhe media as pulsações.

— De que é que ele precisa? — perguntou, decidida, a professora McGonagall. — Cama, repouso? Será melhor passar esta noite na enfermaria?

— Eu estou *ótimo* — afirmou Harry, pondo-se de pé. — A ideia de tudo o que Draco Malfoy poderia espalhar se ele fosse para a enfermaria era-lhe insuportável.

— Bem, ele devia comer pelo menos algum chocolate — sugeriu Madame Pomfrey que tentava agora observar-lhe os olhos.

— Já comi — disse ele. — O professor Lupin deu-me. Deu-nos a todos.

— A sério? — espantou-se Madame Pomfrey, num tom aprovador. — Quer dizer que temos finalmente um professor de Defesa Contra A Magia Negra que sabe o que deve fazer!

— Tens a certeza de que estás bem, Potter? — insistiu a professora McGonagall.

— Sim — assegurou-lhe Harry.

— Muito bem. Faz então o favor de esperares aí fora um minuto, enquanto eu dou uma palavrinha rápida a Miss Granger sobre o seu horário; a seguir podemos descer todos juntos para o banquete.

Harry saiu para o corredor atrás de Madame Pomfrey, que seguiu para a enfermaria, resmungando de si para consigo. Esperou apenas alguns minutos, até que Hermione surgiu com um ar muito satisfeito, seguida da professora McGonagall e os três desceram a escadaria até ao Salão de Festas.

Era um mar de chapéus pontiagudos. As longas mesas das equipas estavam cheias de estudantes com os rostos a brilhar à luz de milhares de velas que flutuavam no ar. O professor Flitwick, que era um feiticeiro pequenino com uma madeixa de cabelo branco, vinha a sair do Salão, transportando um chapéu velho e um banco de três pernas.

— Oh! — exclamou baixinho Hermione. — Perdemos a selecção.

Os novos alunos de Hogwarts eram distribuídos pelas quatro grandes equipas, experimentando o Chapéu Seleccionador que gritava o nome da equipa onde eles se integravam melhor. (Gryffindor, Ravenclaw, Hufflepuff ou Slytherin.) A professora McGonagall dirigiu-se à sua cadeira vazia na mesa dos professores e Harry e Hermione encaminharam-se o mais discretamente possível na direcção oposta para a mesa dos Gryffindor. Todos olhavam para eles enquanto passavam e alguns apontavam para Harry. Teria a história do desmaio diante do Dementor circulado com tanta rapidez?

Ele e Hermione sentaram-se um de cada lado de Ron, que lhes guardara os lugares.

— O que é que ela queria? — murmurou o amigo para Harry.

Harry começou a explicar num sussurro, mas calou-se, quando o director se pôs de pé.

Apesar da sua idade avançada, o professor Dumbledore, tinha o dom de transmitir sempre uma grande energia. O cabelo e a barba eram longos e grisalhos, usava óculos de meia-lua e tinha um nariz bastante adunco. Era muitas vezes descrito como o maior feiticeiro vivo, mas não era isso que levava Harry a respeitá-lo tanto. Era impossível não confiar em Albus Dumbledore e quando Harry o viu sorrir a todos os estudantes, sentiu-se, pela primeira vez, calmo, desde que o Dementor entrara no seu compartimento do comboio.

— Bem-vindos! — saudou Dumbledore com a luz das velas a incidir sobre a barba. — Bem-vindos a um novo ano em Hogwarts! Tenho algumas coisas a dizer-vos e como uma delas é bastante séria, acho melhor tratarmos já disso antes que vocês fiquem estonteados com o nosso magnífico banquete...

Dumbledore pigarreou e prosseguiu: — Como todos já devem saber depois da busca no Expresso de Hogwarts, a nossa escola conta com a

presença de alguns Dementors de Azkaban que se encontram aqui por ordem do Ministério da Magia.

Fez uma pausa e Harry lembrou-se do que Mr. Weasley dissera sobre Dumbledore não estar nada satisfeito com o facto de os Dementors guardarem a escola.

— Eles estão colocados em todas as entradas dos campos — continuou Dumbledore. — E enquanto estiverem connosco, devo sublinhar que ninguém deverá sair da escola sem autorização. Os Dementors não se deixam enganar com truques e disfarces, nem mesmo com Mantos de Invisibilidade — acrescentou com brandura e Harry e Ron olharam um para o outro. — Não está na natureza de um Dementor compreender justificações ou desculpas. Estou, portanto, a avisar-vos a todos de que é melhor não lhes darem motivo para vos fazerem mal. Conto com os professores e os dois novos Delegados dos Alunos, um rapaz e uma rapariga, para se assegurarem de que nenhum aluno tem problemas com os Dementors.

Percy, que estava sentado a pouca distância de Harry, voltou a inchar o peito e olhou pomposamente em volta. Dumbledore fez outra pausa. O silêncio era geral.

— Uma nota mais alegre — continuou. — Tenho o prazer de dar as boas-vindas a dois novos professores que vêm juntar-se ao nosso grupo este ano.

«Primeiro, o professor Lupin, que aceitou amavelmente a cadeira de Defesa Contra A Magia Negra.

Ouviu-se um aplauso disseminado e pouco entusiástico. Só os que tinham partilhado a carruagem de comboio com o professor Lupin bateram as palmas com força, Harry entre eles. Lupin tinha um ar particularmente mal vestido comparado com os outros professores, que ostentavam os seus trajes de gala.

— Olha para o Snape! — sussurrou Ron ao ouvido de Harry.

O professor Snape, que tinha a seu cargo a disciplina de Poções, olhava ao longo da mesa dos professores para Lupin. Todos sabiam que ele queria há muito leccionar Defesa Contra A Magia Negra, mas até Harry, que detestava Snape, estava espantado com a expressão que lhe distorcia a cara magra e descorada. Ia para além da raiva: era ódio. Harry conhecia muito bem aquela expressão. Era a que Snape ostentava sempre que se dirigia a ele próprio.

— Em segundo lugar, — continuou Dumbledore, mal os frouxos aplausos ao professor Lupin se esvaíram — devo comunicar-vos com pesar que o mestre Kettleburn, o nosso professor de Cuidados Com As Criaturas

Mágicas, se reformou no final do ano passado, a fim de poder usufruir tranquilamente dos membros que lhe restam. Tenho, contudo, o grande prazer de vos informar de que o seu lugar será ocupado precisamente por Rubeus Hagrid, que aceitou acumular este lugar docente com as suas funções de guarda dos campos.

Harry, Ron e Hermione olharam uns para os outros, perplexos. Em seguida juntaram-se aos aplausos que foram exuberantes, principalmente na mesa dos Gryffindor. Harry inclinou-se para a frente para ver Hagrid, que estava vermelho como um pimentão e olhava para as mãos enormes com o sorriso oculto no emaranhado da sua barba preta.

— Devíamos ter calculado! — resmungou Ron, dando um soco na mesa. — Quem mais ia escolher um livro que morde?

Harry, Ron e Hermione foram os últimos a parar de bater palmas e quando o professor Dumbledore começou a falar, viram que Hagrid limpava os olhos à toalha.

— Bem, penso que referi tudo o que era importante — concluiu Dumbledore. — Vamos dar início ao festim.

Os pratos dourados e as taças, à frente deles, ficaram subitamente cheios de comida e bebida e Harry, sentindo-se esfomeado, serviu-se de tudo aquilo a que conseguiu chegar e começou a comer.

Foi uma festa maravilhosa! Ouvia-se o eco das vozes e dos risos e o ruído alegre dos garfos e das facas. Todavia, Harry, Ron e Hermione estavam ansiosos por chegar ao fim para poderem falar com Hagrid, pois sabiam o significado que tinha para ele ser nomeado professor.

Hagrid não era um feiticeiro plenamente qualificado. Fora expulso de Hogwarts no terceiro ano por um crime que não cometera e tinham sido eles, Harry, Ron e Hermione, quem no ano anterior havia esclarecido esse equívoco, limpando assim o seu nome.

Por fim, quando as últimas fatias de tarte de abóbora tinham desaparecido das travessas douradas, Dumbledore deu sinal de que estava na hora de se irem deitar.

— Parabéns, Hagrid! — gritou Hermione mal chegaram junto da mesa dos professores.

— Graças a vocês os três — disse, limpando a cara ao guardanapo, enquanto olhava para eles. — Nem posso acreditar... grande homem, o Dumbledore. Veio logo ter comigo quand' o professor Kettleburn se demitiu... foi o qu'eu sempre sonhei...

Dominado pela emoção, enterrou o rosto no guardanapo e a professora McGonagall fez-lhes sinal para que se fossem embora.

Juntamente com os outros Gryffindor, Harry, Ron e Hermione subiram

em turbilhão a escadaria de mármore e, já muito cansados, depois de corredores, escadas e mais corredores, chegaram à entrada secreta da torre dos Gryffindor: um grande retrato a óleo de uma dama gorda vestida de cor-de-rosa que lhes perguntou pela senha.

Percy gritou lá de trás: — Já lá vou, já lá vou! A senha para este ano é «Fortuna Major»!

— Oh, não! — exclamou tristemente Neville Longbottom que tinha uma enorme dificuldade em fixar as novas senhas.

Depois de terem passado pelo buraco do retrato e entrado na sala comum, raparigas e rapazes dirigiram-se para diferentes lugares. Harry subiu a escada em espiral, sem pensar em nada a não ser na satisfação de estar de volta. Chegaram ao seu dormitório circular com as suas cinco camas de dossel e Harry, olhando em volta, sentiu-se finalmente em casa.

VI

GARRAS E FOLHAS DE CHÁ

Quando Harry, Ron e Hermione entraram no Salão, no dia seguinte, para tomar o pequeno-almoço, a primeira coisa que viram foi Draco Malfoy que parecia estar a divertir um grupo de Slytherin com uma história muito engraçada. Quando passaram por eles, Malfoy fazia a imitação ridícula de um desmaio que provocou a risota geral.

— Não lighes — disse Hermione que ia mesmo atrás dele. — Não lighes, ele não merece.

— Eh, Potter — guinchou Pansy Parkinson, uma rapariga dos Slytherin com cara de buldogue. — Vêm aí os Dementors, Potter! Uuuuuu!

Harry sentou-se à mesa dos Gryffindor, ao lado de George Weasley.

— Novos horários para os alunos do terceiro ano — anunciou George, fazendo-os circular. — O que se passa, Harry?

— É o Malfoy — explicou Ron, sentando-se do outro lado de George e olhando ferozmente para a mesa dos Slytherin.

George olhou também, mesmo a tempo de ver Malfoy que fingia de novo desmaiar, aterrorizado.

— Grande cretino — disse com toda a calma. — Não estava tão arrogante ontem à noite quando os Dementors vieram ao nosso lado do comboio e ele entrou a correr no nosso compartimento, não foi Fred?

— Quase fez chichi nas calças — confirmou Fred, lançando a Malfoy um olhar de desprezo.

— Eu também não gostei lá muito — confessou George. — São horríveis, aqueles Dementors.

— Parece que nos gelam por dentro, não é? — afirmou Fred.

— Mas não desmaiaste, pois não? — perguntou Harry em voz baixa.

— Esquece isso, Harry — insistiu George, tentando animá-lo. — O nosso pai teve de ir uma vez a Azkaban, lembras-te, Fred? E disse que

tinha sido a pior experiência da sua vida. Veio de lá fraco e a tremer... Eles sugam a felicidade dos lugares, os Dementors, por isso a maior parte dos prisioneiros enlouquece.

— De qualquer modo, logo veremos a satisfação do Malfoy depois do nosso primeiro jogo de Quidditch — vaticinou Fred. — Não te esqueças, o primeiro jogo do ano é Gryffindor contra Slytherin.

Da única vez que Harry e Malfoy se tinham confrontado num jogo de Quidditch, Malfoy saíra claramente a perder. Sentindo-se um pouco mais animado, Harry serviu-se de salsichas e tomates fritos.

Hermione estudava o seu novo horário.

— Oh! que bom, começamos hoje algumas disciplinas novas — comentou, feliz.

— Hermione — proferiu Ron, franzindo as sobrancelhas enquanto espreitava sobre o ombro dela —, eles baralharam o teu horário todo. Olha, puseram-te dez disciplinas por dia, não há tempo que chegue.

— Eu cá me arranjo. Já combinei tudo com a professora McGonagall.

— Mas, olha só — insistiu Ron a rir-se. — Vês esta manhã? 9 horas, Artes Divinatórias. E, por baixo, 9 horas Estudos de Muggles e... — Ron aproximou-se mais ainda do horário, sem querer acreditar —, *olha*, por baixo, *9 horas*, Aritmancia. Eu sei que tu és boa, Hermione, mas ninguém é assim tão bom. Como é que vais conseguir assistir a três aulas ao mesmo tempo?

— Não sejas tolo — respondeu Hermione com brusquidão. — É claro que não vou estar nas três aulas ao mesmo tempo.

— Então, como...

— Passa-me o doce de laranja — pediu ela.

— Mas...

— Oh, Ron, que mal tem o meu horário estar um pouco sobrecarregado? — retorquiu Hermione. — Já te disse, combinei tudo com a professora McGonagall.

Nesse momento, Hagrid entrou no Salão. Trazia vestido o seu sobretudo de pêlo de toupeira e balançava distraidamente numa das enormes mãos uma doninha malcheirosa.

— Tudo bem? — cumprimentou com vivacidade, parando a caminho da mesa dos professores. — Hoj' é a minha primeira aula, log'a seguir ao almoço. 'Tou a pé desde as cinco da manhã a preparar tudo... espero que corra bem... eu, professor, nem quero acreditar...

Abriu um grande sorriso e avançou para a mesa dos professores, sempre a balouçar a doninha.

— Que diabo terá ele estado a preparar? — perguntou Ron com alguma

ansiedade na voz.

O Salão começava a esvaziar-se com os alunos a encaminharem-se para as suas primeiras aulas. Ron olhou para o horário.

— É melhor irmos. Temos Artes Divinatórias no topo da torre Norte. São uns dez minutos até lá chegarmos.

Acabaram apressadamente o pequeno-almoço, despediram-se de Fred e de George e saíram do Salão. Ao passarem pela mesa dos Slytherin, Malfoy fez mais uma imitação do desmaio. As gargalhadas seguiram Harry até ao *Hall* de Entrada.

O percurso por dentro do castelo até à Torre Norte era longo. Dois anos em Hogwarts não lhes tinham ensinado tudo sobre o castelo e nunca até então tinham entrado naquela torre.

— Tem... de... haver... um... caminho... mais... rápido — dizia Ron quase sem fôlego, enquanto subiam o sétimo lanço de escadas e emergiam num lugar desconhecido onde havia apenas um grande quadro de uma extensão vazia de erva, pendurado numa parede de pedra.

— Acho que é por aqui — disse Hermione, espreitando pelo corredor vazio do lado direito.

— Não pode ser — contrapôs Ron. — Para esse lado é o Sul. Olha, consegues ver um bocadinho do lago por esta janela...

Harry observou o quadro. Um *pony* gordinho, cinzento com manchas pretas, tinha acabado de se aproximar da erva e pastava distraidamente. Harry estava habituado a ver os motivos dos quadros mudarem de lugar e saírem das molduras para se visitarem uns aos outros e sempre achara engraçado observá-los. Pouco depois, um cavaleiro pequenino de pernas arqueadas, enfiado numa armadura, entrou no quadro fazendo um enorme ruído metálico, à procura do *pony*. Pelos bocados de erva que tinha nas joelheiras metálicas era fácil deduzir que devia ter acabado de cair do cavalo.

— Ah! — gritou ao ver Harry, Ron e Hermione. — Que vilões são estes que invadem a minha propriedade privada? Acaso vêm escarnecer da minha queda? Desapareçam, seus tratantes, seus cães!

Eles observaram, assombrados, como o cavaleiro baixinho desembainhou a espada, começando a brandi-la violentamente, aos pulos, cheio de raiva. Mas a espada era grande de mais para ele e, com um balanço, desequilibrou-se e foi enfiar a cara nas ervas.

— Está bem? — perguntou Harry, aproximando-se um pouco mais do quadro.

— Para trás, seu desprezível fanfarrão! Para trás, seu tratante!

O cavaleiro voltou a pegar na espada e utilizou-a para se tentar pôr de pé,

mas a lâmina enterrou-se no chão e, apesar de ter usado toda a sua força, não conseguiu desenterrá-la. Por fim, deixou-se cair de costas e levantou o visor para limpar o rosto transpirado.

— Ouça — disse Harry, aproveitando a exaustão do cavaleiro. — Estamos à procura da Torre Norte. Saberá por acaso indicar-nos o caminho?

— Uma demanda! — A raiva do cavaleiro desapareceu como que por encanto. Ergueu-se ruidosamente e gritou: — Sigam-me, queridos amigos, e encontraremos a meta ou morreremos com bravura tentando alcançá-la!

Deu à espada outro puxão inútil, tentou em vão montar o cavalinho gordo e gritou: — A pé, cavalheiros e gentil dama!

E, fazendo imenso barulho, começou a correr pelo lado esquerdo da moldura até o perderem de vista.

Seguiram-no pelo corredor fora, acompanhando o som da armadura. De vez em quando, avistavam-no a correr por dentro de um quadro.

— Coração ao largo, o pior ainda não chegou! — gritou o cavaleiro e viram-no reaparecer em frente de um grupo apavorado de damas com crinolinas, cujo quadro estava pendurado na parede de uma escada em caracol muito estreitinha.

Arfando de cansaço, Harry, Ron e Hermione subiram os degraus em espiral, cada vez mais tontos, até que por fim ouviram vozes a murmurar lá em cima e perceberam que tinham chegado à sala de aula.

— Adeus — gritou o cavaleiro, enfiando a cabeça no quadro de uns monges de aspecto sinistro. — Adeus, meus companheiros de armas. Se alguma vez precisarem de um coração nobre e músculos de ferro, chamem Sir Cadogan!

— Sim, nós chamamos-te — murmurou Ron entre dentes, enquanto o cavaleiro desaparecia. — Se alguma vez precisarmos de um louco.

Subiram os últimos degraus e encontraram-se num pequeno patamar onde a maior parte dos alunos se encontrava já reunida. Não havia portas. Ron deu uma cotovelada a Harry e apontou para o tecto, onde havia um alçapão circular com uma placa de bronze.

— Sybill Trelawney, professora de Artes Divinatórias — leu Harry. — Como diabo vamos nós chegar ali?

Como que respondendo àquela pergunta, o alçapão abriu-se e uma escada prateada desceu até aos pés de Harry. Ficaram todos em silêncio.

— Depois de ti — disse Ron a sorrir.

Harry subiu, portanto, a escada em primeiro lugar.

Deu consigo na mais estranha sala que vira em toda a sua vida. Na verdade, parecia tudo menos uma sala de aulas. Era uma mistura de sótão

com uma sala de chá antiquada. Havia pelo menos vinte mesinhas redondas rodeadas de cadeirões forrados a chita e pequenos pufes também redondos. Era tudo iluminado por uma luz difusa, carmesim. As cortinas das janelas estavam corridas e os inúmeros candeeiros cobertos com lenços vermelho-escuros. O calor era sufocante e o lume que ardia na lareira espalhava no ar uma espécie de perfume doentivamente pesado, ao mesmo tempo que aquecia uma grande chaleira de cobre.

Nas prateleiras que cobriam as paredes circulares amontoavam-se penas de aspecto poeirento, restos de velas, muitos baralhos de cartas quase a desfazerem-se, inúmeras bolas de cristal prateadas e uma quantidade enorme de chávenas.

Ron surgiu ao lado de Harry, sussurrando como todos os outros colegas, reunidos em volta.

— Onde está ela? — perguntou.

Uma voz surgiu imediatamente do meio das sombras, uma voz suave e imprecisa.

— Bem-vindos — disse. — Que bom ver-vos finalmente no mundo físico.

A primeira impressão de Harry foi de ter avistado um enorme insecto brilhante.

A professora Trelawney aproximou-se do lume e viram que era extremamente magra. Os óculos enormes aumentavam-lhe os olhos, multiplicando várias vezes a sua dimensão natural, e estava enrolada num xaile transparente com lantejoulas. Vários fios e contas pendiam-lhe delicadamente do pescoço frágil, enquanto as mãos e os braços ostentavam pulseiras e anéis.

— Sentem-se, meninos, sentem-se — disse. E todos eles subiram desajeitadamente para as cadeiras ou afundaram-se nos pufes. Harry, Ron e Hermione sentaram-se em volta da mesma mesa redonda.

— Bem-vindos à aula de Artes Divinatórias — saudou-os a professora Trelawney que se sentara numa poltrona de braços em frente do lume. — Eu sou a professora Trelawney. É provável que nunca me tenham visto. Eu desço poucas vezes, pois a confusão da escola obscurece a minha Visão Interior.

Ninguém abriu a boca em resposta a esta extraordinária afirmação. A professora Trelawney compôs delicadamente o xaile e continuou: — Então vocês escolheram estudar Artes Divinatórias, a mais difícil de todas as artes mágicas. Devo prevenir-vos, logo de entrada, de que se não forem dotados de Visão, não poderei ensinar-vos grandes coisas nesta área... Os livros não vos levarão longe.

Ao ouvir estas palavras, Harry e Ron olharam, sorrindo, para Hermione que estava estarelecida com a ideia de os livros não a poderem ajudar naquela disciplina.

— Muitas feiticeiras e feiticeiros, bastante talentosos na área dos estoíros, cheiros e desaparecimentos súbitos, mostraram-se incapazes de penetrar nos mistérios velados do futuro — prosseguiu a professora Trelawney com os seus olhos enormes e brilhantes, saltando de um para outro rosto ansioso. — É um Dom que muito poucos possuem. Tu, rapaz — disse dirigindo-se a Neville, que quase caiu do pufe abaixo. — A tua avó está bem?

— Acho que sim — respondeu Neville a tremer.

— Eu, no teu lugar, não teria tanta certeza, filho — afirmou a professora Trelawney com a luz do fogo a brilhar nos seus longos brinco de esmeraldas.

Neville engoliu em seco. A professora prosseguiu tranquilamente: — Abordaremos este ano os métodos básicos das Artes Divinatórias. O primeiro período será dedicado à leitura nas folhas de chá. No período seguinte evoluiremos para a quiromancia. A propósito, minha querida — dirigiu-se a Parvati Patil —, cuidado com um homem de cabelos ruivos.

Parvati olhou de esguelha para Ron, que estava mesmo atrás dela, e afastou a cadeira.

— No terceiro período — continuou a professora Trelawney — passaremos às bolas de cristal, se já tivermos terminado os presságios de fogo, claro. Infelizmente as aulas serão interrompidas em Fevereiro por um surto de gripe em que eu própria ficarei afónica. E, pela Páscoa, um de nós deixar-nos-á para sempre.

Um silêncio angustiante seguiu-se a esta afirmação, mas a professora Trelawney pareceu não dar por isso.

— Será que poderias, minha filha — pediu a Lavender Brown que estava mais próxima dela e se encolheu na cadeira —, passar-me o bule de prata maior?

Lavender levantou-se, com um ar aliviado, retirou o enorme bule da prateleira e pousou-o sobre a mesa em frente da professora Trelawney.

— Obrigada, filha. A propósito, aquilo que receias sucederá na sexta-feira, 16 de Outubro.

Lavender estremeceu.

— Ora bem, quero que se dividam em pares, que retirem, cada um, uma chávena da prateleira e venham ter comigo para eu a encher. Em seguida sentar-se-ão e beberão o chá até que fiquem apenas as folhas no fundo. Agitem a chávena três vezes com a mão esquerda e, em seguida, voltem-na

ao contrário e esperem que o resto do chá escorra até à última gota. Depois darão a chávena ao vosso parceiro para ele ler. Interpretarão os sinais utilizando as páginas cinco e seis do livro *Aclarando o Futuro*. Eu circularéi pelo meio de vocês, ajudando e dando informações. Espera, querido — agarrou Neville pelo braço, ajudando-o a levantar-se —, depois de teres partido a primeira chávena, fazias o favor de escolher antes uma das azuis. É que tenho um apego muito especial às cor-de-rosa.

Meu dito, meu feito, mal Neville se aproximou da prateleira das chávenas ouviu-se um ruído de loiça a partir-se.

A professora Trelawney precipitou-se para ele, segurando uma pá e uma vassoura e disse: — Uma das azuis, está bem, querido, se não te importas... obrigada...

Mal as chávenas de Harry e Ron ficaram cheias, voltaram à mesa e tentaram beber depressa o chá escaldante. Andaram com as folhas à volta como a professora lhes tinha explicado e em seguida escorreram as chávenas e trocaram-nas.

— Pronto — disse Ron, enquanto abriam ambos os livros nas páginas cinco e seis. — O que vês na minha?

— Umas coisas castanhas ensopadas — respondeu Harry. O fumo intensamente perfumado que invadia a sala começava a provocar-lhe sono e a entorpecer-lhe as ideias.

— Abram o vosso espírito, meus filhos, e permitam que os vossos olhos vejam para além do mundano! — exclamou a professora Trelawney através da obscuridade.

Harry tentou concentrar-se.

— Bem, tu tens uma espécie de cruz imperfeita — afirmou consultando o livro *Aclarando o Futuro* —, quer dizer que vais passar maus bocados e sofrer, desculpa lá, mas há aqui uma coisa que podia ser o sol. Espera, isto significa «grande felicidade». Quer dizer que vais sofrer, mas vais ser muito feliz...

— Se queres a minha opinião, tens de mandar analisar a tua Visão Interior — rematou Ron e desataram os dois a rir, enquanto a professora Trelawney olhava para eles.

— Agora eu.

Ron olhou para dentro da chávena de Harry, com a testa muito franzida. — Há aqui um borrão, assim como um chapéu de coco — disse. — Se calhar, vais trabalhar com o Ministro da Magia...

Virou a chávena.

— Mas assim parece mais uma bolota. O que é isto? — consultou o seu exemplar de *Aclarando o Futuro*. — Uma herança inesperada, ouro. —

Excelente, podes emprestar-me algum. E há aqui uma outra coisa — voltou de novo a chávena — que parece um animal. Sim, se isto fosse a cabeça poderia ser um hipo... não um carn...

A professora Trelawney aproximou-se, quando Harry estava a meio de uma gargalhada.

— Deixa ver, filho — disse olhando para Ron de forma reprovadora e retirando-lhe a chávena de Harry. Ficaram todos calados a ouvir.

A professora Trelawney olhava para a chávena, girando-a no sentido oposto ao dos ponteiros do relógio.

— O falcão... meu filho, tens um inimigo mortal.

— Mas *isso* todos sabem — replicou Hermione num murmúrio audível.

— A professora Trelawney olhou fixamente para ela.

— Pois sabem — repetiu Hermione. — Todos sabem do Harry e do Quem-Nós-Sabemos.

Harry e Ron ficaram a olhar para Hermione com um misto de espanto e admiração. Era a primeira vez que a viam dirigir-se a um professor daquela maneira. A professora Trelawney preferiu não responder. Baixou os seus enormes olhos para a chávena de Harry e continuou a girá-la.

— Uma moca... um ataque. Oh! não, esta chávena não é feliz.

— Eu pensei que era um chapéu de coco — disse Ron embaraçado.

— A caveira... perigo no teu caminho, meu filho.

Estavam todos a olhar transtornados para a professora Trelawney, que deu uma última volta à chávena, sobressaltou-se e soltou um grito.

Ouviu-se outro ruído de loiça a partir-se. Neville escaqueirara a segunda chávena. A professora Trelawney afundou-se num cadeirão vazio, com a mão cintilante sobre o coração e os olhos fechados.

— Oh!, meu pobre rapazinho, meu pobre rapazinho. Não, é melhor não te dizer, não me perguntes nada.

— O que é, professora? — perguntou imediatamente Dean Thomas. Todos se tinham posto de pé e lentamente rodearam a mesa de Harry e de Ron, tentando ver melhor a chávena de Harry.

— Meu filho — os enormes olhos da professora Trelawney abriram-se dramaticamente —, tu tens o Cruel.

— O quê? — perguntou Harry.

Via-se que não fora o único a não compreender. Dean Thomas encolheu os ombros e Lavender Brown ficou com um ar aparvalhado, mas quase todos os outros levaram as mãos à boca, horrorizados.

— O Cruel, filho, o Cruel — gritava a professora Trelawney que parecia espantada por Harry não compreender. — O cão gigantesco e espectral que assombra os cemitérios! Meu filho, é um presságio, o pior dos presságios

de morte.

O estômago de Harry deu uma volta. Aquele cão na capa do livro *Presságios de Morte* que ele vira na Borrões e Floreados, o cão nas sombras de Magnolia Crescent... Lavender Brown levou também as mãos à boca. Todos olhavam para ele com exceção de Hermione, que se levantara e passara por trás da cadeira da professora Trelawney.

— Não me parece nada um Cruel — disse secamente.

A professora Trelawney observou Hermione com um crescente desagrado.

— Desculparás, minha querida, mas a tua aura é muito pequena. Tens uma fraca receptividade às ressonâncias do futuro.

Seamus Finnigan virava a cabeça de um lado para o outro.

— Parece um Cruel se fizermos assim — explicou com os olhos quase fechados. — Mas daqui — e inclinou-se para a esquerda — parece mais um burro.

— Quando decidirem se eu vou ou não morrer, avisem!!! — bradou Harry, surpreendendo-se a si próprio. Ninguém se sentia à vontade para olhar de frente para ele.

— Penso que hoje será melhor ficarmos por aqui — rematou a professora Trelawney com a sua voz imprecisa. — Sim... podem arrumar as vossas coisas.

Silenciosamente a turma entregou à professora as chávenas de chá, arrumou os livros e fechou os sacos. Até Ron evitava o olhar de Harry.

— Até ao nosso próximo encontro — despediu-se a professora Trelawney vagamente. — Que a boa sorte esteja convosco. E tu, querido — apontou para Neville —, como vais chegar atrasado à próxima aula, importas-te de trabalhar um pouco mais como forma de compensação?

Harry, Ron e Hermione desceram a escada de mão da professora Trelawney e a de espiral em silêncio e seguiram para a aula de Transfiguração. Demoraram tanto que, apesar de terem saído mais cedo de Artes Devinatórias, chegaram mesmo em cima da hora à aula da professora McGonagall.

Harry sentou-se lá para trás, ao fundo da sala, sentindo-se como se estivesse debaixo de um foco de luz. O resto da turma continuou a lançarlhe olhares furtivos como se ele fosse morrer a qualquer momento. Mal conseguiu ouvir o que a professora McGonagall estava a dizer sobre Animagi (feiticeiros que podiam transformar-se em animais) e nem deu por ela se ter transformado, diante de todos, numa gata malhada com as marcas dos óculos em volta dos olhos.

— Francamente, o que se passa hoje convosco? — perguntou a

professora McGonagall, voltando a ser ela própria com um pequeno estalido e olhando para todos. — Não é que seja importante, mas é a primeira vez que a minha transformação não recebe um aplauso colectivo!

Todas as cabeças se voltaram de novo para Harry, mas ninguém disse nada. Foi então que Hermione pôs a mão no ar.

— É que, Professora, acabámos de ter a primeira aula de Artes Divinatórias e estivemos a ler folhas de chá e...

— Ah!, claro — disse a professora McGonagall, franzindo as sobrancelhas. — Não é preciso dizer mais, Miss Granger. Só uma coisa, quem é que vai morrer este ano?

Ficaram todos a olhá-la espantados.

— Eu — respondeu Harry, por fim.

— Compreendo. — A professora McGonagall fixou Harry com os seus olhos pequenos e brilhantes. — Então, é melhor que saibas, Potter, que a Sybill Trelawney tem previsto a morte de um estudante todos os anos desde que chegou a esta escola. Nenhum deles morreu ainda. Ver presságios de morte é a sua maneira preferida de dar as boas-vindas a uma nova turma. Se não tivesse horror a falar mal dos meus colegas... — A professora McGonagall fez uma interrupção e puderam ver que as suas narinas tinham ficado sem cor. Após uma breve pausa, continuou: — As Artes Divinatórias são um dos ramos mais imprecisos da Magia. Não vou esconder-vos que tenho muito pouca paciência para isso. Os verdadeiros videntes são raríssimos e a professora Trelawney...

Calou-se de novo e depois disse num tom muito natural: — Tu estás com um magnífico aspecto, Potter, por isso vais desculpar-me se eu não te dispensar dos trabalhos de casa. Podes ficar tranquilo que, se morreres, não precisas de mos entregar.

Hermione riu-se. Harry sentiu-se um pouco melhor. Era mais difícil ter medo de um molho de folhas de chá longe da luz fraca e vermelha e do perfume atordoante da aula da professora Trelawney. Mas nem todos ficaram convencidos. Ron ainda estava preocupado e Lavender murmurou: — Mas... e a chávena do Neville?

Quando a aula de Transfiguração acabou, juntaram-se à multidão ruidosa que se dirigia ao Salão para almoçar.

— Ron, alegre-te — animou-o Hermione, passando-lhe um prato de estufado. — Ouviste o que disse a professora McGonagall.

Ron serviu-se do estufado, pegou no garfo e começou a comer.

— Harry — declarou com voz grave —, *não* viste nenhum cão grande e preto, pois não?

— Vi, sim — respondeu Harry. — Vi-o na noite em que saí de casa dos

Dursley.

Ron deixou cair o garfo com espalhafato.

— Era provavelmente um animal perdido — explicou calmamente Hermione.

Ron olhou-a como se ela tivesse enlouquecido.

— Hermione, se o Harry viu um Cruel, isso é muito mau sinal — afirmou. — O meu... o meu tio Bilius viu um e morreu vinte e quatro horas mais tarde!

— Coincidência! — afirmou Hermione com desenvoltura, servindo-se de sumo de abóbora.

— Não sabes do que estás a falar! — insistiu Ron, que começava a ficar zangado. — Os Cruéis apavoram de morte a maior parte dos feiticeiros!

— Então, aí está — contrapôs Hermione de forma superior. — Eles vêem o Cruel e morrem de medo. Não é um presságio, é uma causa de morte. E o Harry ainda está connosco, o que prova que não é estúpido a ponto de ter visto um Cruel, e só por isso convencer-se de que vai desta para melhor.

Ron olhou sem palavras para Hermione. Ela abriu o saco, retirou de lá de dentro o seu novo livro de Aritmancia e abriu-o, encostando-o ao jarro de sumo.

— Acho as Artes Divinatórias extremamente imprecisas — comentou, procurando uma determinada página. — É muito trabalho de conjectura.

— Aquele Cruel na chávena não foi nada impreciso — disse acaloradamente Ron.

— Não tinhas tanta certeza quando estavas a dizer ao Harry que era um carneiro — contrapôs ela firmemente.

— A professora Trelawney disse que tu não tinhas uma boa aura. O que não te agrada é não seres boa em tudo!

Tinha tocado no ponto fraco de Hermione. Ela fechou o livro de Aritmancia com tanta força que por todo o lado saltaram pedaços de carne e cenoura.

— Se ser boa em Artes Divinatórias significa ter de fingir ver presságios de morte num monte de folhas de chá, não tenho a certeza de querer continuar a estudá-la durante muito mais tempo. Aquilo tudo foi um disparate pegado comparado com a minha aula de Aritmancia!

Agarrou bruscamente no saco e afastou-se.

Ron franziu as sobrancelhas.

— Que diabo foi aquilo? — perguntou a Harry. — Ela ainda não teve nenhuma aula de Aritmancia!

Harry gostou bastante de sair do castelo a seguir ao almoço. A chuva da véspera desaparecera. O céu estava limpo, de um cinza-pálido, e a relva húmida e flexível debaixo dos pés, enquanto eles retiraram para a primeira aula de Cuidados Com As Criaturas Mágicas.

Ron e Hermione não se falavam. Harry caminhava a seu lado, calado, enquanto desciam os relvados íngremes até à cabana de Hagrid na orla da Floresta Proibida. Só quando avistaram, de costas, três indivíduos que conheciam bastante bem, é que perceberam que iam certamente ter estas aulas juntamente com os Slytherin. Malfoy conversava animadamente com Crabbe e Goyle, que riam muito alto. Harry tinha quase a certeza de que sabia qual era o assunto.

Hagrid esperava a turma à porta da cabana. Tinha vestido o sobretudo de pêlo de toupeira e estava sentado com *Fang*, o cão caçador de javalis, aos seus pés, impaciente por começar.

—Vá lá, mexam-se — gritou ao ver os alunos aproximarem-se. — Tenh'uma surpresa pra vocês qu' é um verdadeiro regalo. Uma grande lição qu' aí vem. Já 'tão todos? Muito bem. Sigam-me.

Por momentos, Harry pensou perfidamente que Hagrid ia levá-los até à Floresta Proibida. Já ali tivera experiências desagradáveis que davam para uma vida inteira, mas Hagrid torneou a orla das árvores e cinco minutos mais tarde estavam numa espécie de picadeiro vazio.

— Todos aqui junto da vedação! — gritou. — Isso mesmo. Procurem um lugar donde vejam bem. Agora, a primeira coisa a fazer é abrirem os livros.

— Como? — perguntou a voz fria e sarcástica de Draco Malfoy.

— Quê?... — respondeu Hagrid.

— Como abrimos os livros? — repetiu Malfoy, tirando o seu exemplar de *O Monstruoso Livro dos Monstros* que estava amarrado com uma corda. Os outros alunos tiraram também os seus. Alguns, como Harry, tinham-nos atado com cintos, outros metido em sacos apertados ou fixado com pequenos pregos.

— Ning... ninguém conseguiu abrir os livros? — inquiriu Hagrid, desanimado.

Os alunos acenaram negativamente.

— Têm de os acariciar, — explicou ele como se fosse a coisa mais óbvia deste mundo — assim...

Pegou no exemplar de Hermione e arrancou a fita adesiva que o rodeava. O livro tentou morder, mas Hagrid passou-lhe o gigantesco dedo indicador pela lombada e o livro estremeceu e, em seguida, abriu-se e ficou quieto na sua mão.

— Oh! Como somos parvos! — ironizou Malfoy. — Devíamos tê-los acariciado. Como é que não adivinhámos?

— Eu... eu achei qu'eram engraçados — comentou Hagrid inseguro, voltado para Hermione.

— Extremamente engraçados! — afirmou Malfoy. — Hilariante, dar-nos livros que nos tentam arrancar as mãos.

— Cala-te, Malfoy — disse Harry baixinho. Hagrid estava a ficar abatido e Harry queria que a primeira aula do amigo fosse um sucesso.

— Muito bem 'tão — retomou Hagrid que parecia ter perdido o fio à meada. — 'Tão vocês têm os livros e... e... agora precisam das criaturas mágicas. Sim, 'tão eu vou buscá-las. 'Perem aí.

Afastou-se deles e partiu em direcção à floresta, desaparecendo.

— É incrível, este lugar está a ficar entregue aos bichos — comentou Malfoy em voz alta. — Um idiota destes a dar aulas... o meu pai vai ter um ataque quando eu lhe contar.

— Cala-te, Malfoy — repetiu Harry.

— Cuidado, Potter, está um Dementor atrás de ti...

— Oooooooo! — fez Lavender Brown, apontando para o lado oposto do picadeiro.

A trotar em direcção a eles vinha uma dúzia das mais bizarras criaturas que Harry alguma vez vira na vida. Tinham corpo, pernas traseiras e cauda de cavalos, mas as patas da frente, as asas e as cabeças pareciam ser de águias gigantescas com bicos cruéis da cor do aço e enormes olhos de um alaranjado brilhante. As garras das patas da frente tinham cerca de quinze centímetros de comprimento e pareciam mortíferas. Cada um dos animais tinha uma coleira larga em volta do pescoço, ligada a uma corrente longa cujas extremidades se encontravam nas enormes mãos de Hagrid, que entrou a correr no picadeiro atrás das estranhas criaturas.

— Calma aí! — bradou, sacudindo as correntes e conduzindo-as para a vedação onde se encontrava a turma em peso. Todos eles se chegaram um pouco para trás quando Hagrid se aproximou e prendeu as criaturas à vedação.

— Hipogrifos! — exclamou Hagrid feliz, indicando-os com um gesto. — Lindos, não acham?

Harry compreendia o que ele queria dizer. Uma vez refeito do choque inicial de ver uma coisa que era metade cavalo, metade pássaro, começou a apreciar a pele brilhante do hipogrifo que mudava suavemente de pêlo para penas, todas de cores diferentes. Cinzento-chumbo, bronze, rosado, cor de castanha e preto asa de corvo.

— 'Tão — disse Hagrid, esfregando as mãos e sorrindo. — Se quiserem

aproximar-se um bocadinho...

Ninguém parecia estar com vontade de chegar muito perto. Mas Harry, Ron e Hermione deram um passo cauteloso em direcção à vedação.

— Agora a primeira coisa que vocês têm d'aprender sobre os hipogrifos é qu'eles são muito orgulhosos — explicou Hagrid. — Ofendem-se por tudo e por nada. Nunca insultem um hipogrifo, porque pode ser a vossa última vez.

Malfoy, Crabbe e Goyle não estavam a ouvir. Conversavam uns com os outros numa espécie de murmúrio e Harry teve a desagradável sensação de que planeavam atrapalhar-lhe a aula.

— Vocês devem esperar sempre que seja o hipogrifo a dar o primeiro passo — continuou Hagrid. — É educado, 'tão a ver? Avancam para ele, fazem uma vénia e esperam. S'ele fizer também uma vénia, podem tocar-lhe. S'ele não fizer, é melhor afastarem-se, porqu'essas garras magoam.

«Quem quer ir primeiro?»

A maior parte da turma recuou como resposta. Até Harry, Ron e Hermione ficaram apreensivos. Os hipogrifos agitavam as suas orgulhosas cabeças e flectiam as asas poderosas. Pareciam não estar a gostar nada de ser presos daquela maneira.

— Ninguém? — perguntou Hagrid com um olhar de súplica.

— Eu vou — ofereceu-se Harry.

Ouviu-se alguém sustar a respiração e tanto Lavender como Parvati murmuraram: — Oh! não, Harry, lembra-te das folhas de chá!

Mas ele ignorou-as e saltou a cerca.

— Muito bem, Harry — aplaudiu Hagrid. — Vamos lá ver então como te entendes com o *Buckbeak*.

Desamarrou uma das correntes, afastou o hipogrifo cinzento dos companheiros e retirou-lhe a coleira. A turma, do outro lado da cerca, estava com a respiração suspensa. Os olhos de Malfoy contraíam-se maliciosamente.

— Calma agora, Harry — disse baixinho Hagrid. — Tens de fazer contacto visual e tenta não piscar os olhos. Os hipogrifos não confiam em nós se piscarmos demasiado.

Os olhos de Harry começaram logo a lacrimejar, mas não os fechou. *Buckbeak* tinha voltado a sua enorme cabeça afiada e fitava-o com um feroz olhar alaranjado.

— Já 'tá — disse Hagrid. — Faz agora a vénia, Harry.

Harry não tinha grande vontade de expor a nuca a *Buckbeak*, mas seguiu as instruções de Hagrid. Fez uma leve vénia e a seguir olhou para cima.

O hipogrifo continuava a olhar altivamente para ele sem se mexer.

— Ah! — exclamou Hagrid preocupado. — Recua agora, Harry.

Mas então, para grande surpresa de Harry, o hipogrifo dobrou devagarinho os joelhos escamudos numa inequívoca vénia.

— Espantoso, Harry! — exclamou Hagrid entusiasmado. — Agora podes tocar-lhe, acariciar-lhe o bico.

Sentindo que melhor recompensa seria poder sair dali para fora, Harry avançou lentamente para o hipogrifo e estendeu o braço. Deu-lhe várias palmadinhas no bico e o hipogrifo fechou preguiçosamente os olhos em sinal de satisfação.

Toda a turma aplaudiu com exceção de Malfoy, Crabbe e Goyle, que tinham um ar profundamente desapontado.

— Muito bem, Harry — disse Hagrid. — Acho qu'ele te deixa montá-lo!

Aquilo era de mais para ele. Estava habituado a voar numa vassoura, mas não tinha a certeza se montar um hipogrifo seria a mesma coisa.

— Vá, sob'aqui por detrás do encaixe da asa — explicou Hagrid. — E vê se não lh'arrancas nenhuma pena qu'eles não gostam nada...

Harry pôs o pé no topo da asa de *Buckbeak* e içou-se para o seu dorso. O hipogrifo levantou-se, mas Harry não sabia ao certo onde deveria agarrar-se. À sua frente, tudo estava coberto de penas.

— Vá — incitou Hagrid, dando uma palmada no traseiro do hipogrifo.

Sem aviso prévio, asas de três metros e meio de comprimento abriram-se de cada um dos lados de Harry, que só teve tempo de se agarrar ao pescoço do hipogrifo antes de levantarem voo. Não se parecia nada com uma vassoura e Harry percebeu qual delas preferia. As asas do hipogrifo batiam desconfortavelmente, tocando-lhe nas pernas e fazendo-o sentir que mais cedo ou mais tarde ia ser derrubado. As penas lustrosas escapavam-lhe sob os dedos e ele não se arriscava a agarrá-las com mais força. Em vez da suavidade da sua *Nimbus Dois Mil*, sentia-se agora a oscilar para a frente e para trás, pois os flancos traseiros do hipogrifo subiam e desciam com o movimento das asas.

Buckbeak deu uma volta ao picadeiro e, em seguida, começou a descer. Era a parte que Harry receava. Encostou-se para trás quando o pescoço macio baixou, receando escorregar-lhe pelo bico. Depois sentiu um solavanco, quando as quatro patas desemparelhadas tocaram no chão e conseguiu recompor-se e endireitar-se de novo.

— Muito bem, Harry! — bradou Hagrid, enquanto todos aplaudiam menos Malfoy, Crabbe e Goyle. — Pronto, quem mais quer vir?

Inebriada com o sucesso de Harry, o resto da turma saltou cuidadosamente para o picadeiro. Hagrid desamarrou, um por um, os hipogrifos e pouco depois toda a gente fazia vénias nervosas. Neville

fartou-se de correr para trás, mas o seu hipogrifo não parecia disposto a dobrar os joelhos. Ron e Hermione tentaram com o cor de castanha, enquanto Harry os observava.

Malfoy, Crabbe e Goyle tinham ficado com *Buckbeak*. Ele fizera a vénia a Malfoy que lhe afagava o bico, olhando-o com desprezo.

— Isto é muito fácil — gabou-se afectadamente Malfoy, suficientemente alto para Harry ouvir. — Calculei que fosse. Se o Potter conseguiu... aposto que não és nada perigoso — dirigiu-se ele ao hipogrifo. — Pois não, seu bruto horroroso?

Tudo aconteceu numa fracção de segundo. Malfoy soltou um grito agudo e, logo a seguir Hagrid colocava de novo com dificuldade a coleira a *Buckbeak*, enquanto este tentava alcançar Malfoy, que estava dobrado na relva com o sangue a espalhar-se pelo manto.

— Estou a morrer — gemeu, enquanto a turma entrava em pânico. — Olhem para mim, estou a morrer, aquela coisa matou-me.

— Não estás nad'a morrer — assegurou-lhe Hagrid, que empalidecera. — Ajudem-me, tenho d'o tirar daqui...

Hermione correu a abrir a cancela, enquanto Hagrid levantava Malfoy com toda a facilidade. Quando passaram, Harry viu que ele tinha um golpe fundo no braço. O sangue salpicava a relva e Hagrid corria com ele pela encosta acima até ao castelo.

Muito abalados, os alunos de Cuidados Com As Criaturas Mágicas seguiram-nos a pé. Os Slytherin gritavam todos contra Hagrid.

— Deviam despedi-lo imediatamente — afirmava Pansy Parkinson, lavada em lágrimas.

— Foi culpa do Malfoy — respondeu Dean Thomas. Crabbe e Goyle mostraram-lhe ameaçadoramente os músculos.

Subiram os degraus de pedra para o *Hall* de Entrada, àquela hora deserto.

— Vou ver se ele está bem — anunciou Pansy, subindo as escadas de mármore. Os Slytherin, sempre a resmungar contra Hagrid, tomaram o caminho da sua sala comum, junto das masmorras. Harry, Ron e Hermione subiram para a torre dos Gryffindor.

— Achas que ele vai ficar bem? — perguntou Hermione, nervosa.

— É claro que sim. A Madame Pomfrey trata de cortes num segundo — afiançou-lhe Harry, que fora tratado pela enfermeira-chefe de males bem piores.

— Foi mesmo mau isto acontecer na primeira aula do Hagrid, não achas? — disse Ron com um ar preocupado. — Aquele Malfoy atrapalhou mesmo as coisas...

À hora do jantar, foram dos primeiros a chegar ao Salão, esperando ver Hagrid, mas ele não estava lá.

— Eles não vão despedi-lo, pois não? — perguntou ansiosamente Hermione que nem tocou no empadão de carne.

— Acho bem que não o façam — declarou Ron que também não conseguiu comer.

Harry observava a mesa dos Slytherin. Um grande grupo, que incluía Crabbe e Goyle, estava muito juntinho numa conversa que, segundo Harry calculou, devia ser acerca da versão que iam apresentar de como Malfoy fora ferido.

— Bem, ninguém pode dizer que não tenha sido interessante para primeiro dia de aulas — comentou Ron tristemente.

Depois do jantar, subiram para a sala comum dos Gryffindor, que estava cheia de gente, e tentaram fazer o trabalho de casa que a professora McGonagall lhes passara, mas nenhum dos três conseguia concentrar-se, sempre a espreitar pela janela da torre.

— Há luz na janela do Hagrid — anunciou Harry subitamente.

Ron olhou para o relógio.

— Se nos apressarmos, ainda podemos descer e ir até lá, é cedo...

— Não sei — hesitou Hermione e Harry viu-a olhar para ele.

— Eu posso andar pelos campos — disse sem rodeios. — O Sirius Black ainda não passou pelos Dementors, que eu saiba.

Arrumaram, então, as coisas e dirigiram-se ao buraco do retrato, satisfeitos por não encontrarem ninguém no caminho até à porta de entrada, visto não terem a certeza absoluta de estarem a agir correctamente.

A relva ainda estava húmida e parecia quase preta à luz do crepúsculo. Quando chegaram à cabana de Hagrid, bateram à porta e uma voz anunciou: — Entrem.

Hagrid estava sentado, em mangas de camisa, à sua pequena mesa de madeira. O cão caçador de javalis, *Fang*, tinha a cabeça no seu colo. Um breve olhar disse-lhes que Hagrid tinha estado a beber. Na frente dele via-se uma caneca de estanho quase do tamanho de um balde e ele parecia ter dificuldade em vê-los com nitidez.

— Deve ser um recorde — disse com a voz empastada quando os reconheceu. — Não me lembro de nenhum professor que só durasse um dia.

— Tu não foste despedido, Hagrid! — ripostou Hermione.

— 'Inda não — respondeu infelicíssimo, bebendo um enorme trago da bebida que estava na caneca —, mas é uma questão de tempo, depois daquilo do Malfoy...

— Como está ele? — perguntou Ron enquanto se sentavam. — Não foi nada grave, pois não?

— A Madame Pomfrey tratou-o o melhor que pôde — disse Hagrid, atordoado —, mas ele continua a queixar-se, cheio de ligaduras, a gemer...

— Está a fingir — assegurou-lhes Harry de imediato. — A Madame Pomfrey cura tudo. Ela refez metade dos meus ossos o ano passado. Aposto que o Malfoy está a fazer render o peixe.

— O Conselho Directivo foi informado, claro — disse Hagrid tristíssimo. — Acham qu'eu comecei p'lo fim, que devia ter deixado os hipogrifos pra mais tarde... apresentado qualquer coisa da família dos vermes. Mas eu queria qu'a primeira lição fosse boa. Foi tudo culpa minha...

— É tudo culpa do *Malfoy*, Hagrid — afirmou Hermione muito séria.

— Nós somos testemunhas — confirmou Harry. — Tu disseste que os hipogrifos atacavam quando eram insultados. Azar do Malfoy se não estava a ouvir. Vamos contar ao Dumbledore o que de facto aconteceu.

— Não te preocupes, Hagrid, nós apoiamos-te — assegurou-lhe Ron.

As lágrimas desceram pelo canto dos olhinhos de Hagrid, pretos como baratas. Agarrou Harry e Ron e ergueu-os num abraço de partir os ossos.

— Acho que já bebeste de mais — disse Hermione com firmeza. Retirou a caneca de cima da mesa e foi lá fora esvaziá-la.

— Pois... talvez ela tenha razão — disse Hagrid, largando Harry e Ron que ficaram a esfregar as costelas. Levantou-se da cadeira com dificuldade e seguiu Hermione até lá fora, cambaleando. Ouviu-se um forte chape.

— O que é que ele fez? — indagou Harry nervoso, enquanto Hermione voltava com a caneca vazia.

— Enfiou a cabeça no barril da água — disse, arrumando a caneca.

Hagrid voltou com os longos cabelos e a barba encharcados, limpando os olhos.

— 'Tá melhor — disse, sacudindo a cabeça como um cão e molhando-os a todos. — Ouçam, foi bom terem vindo ver-me, eu...

Hagrid calou-se de repente, olhando para Harry como se só naquele momento se tivesse apercebido de que ele ali estava.

— O QU'É QUE 'TÁS A FAZER AQUI? — disse de forma tão irritada e inesperada que todos eles deram um salto. — TU NÃO PODES ANDAR POR AÍ DEPOIS DE ESCURECER, HARRY. COM'É QUE VOCÊS O DEIXARAM?

Hagrid aproximou-se de Harry, agarrou-o por um braço e levou-o até à porta. — Vamos — disse zangado. — Vou levar-te até à escola e não voltas aqui pra me visitar depois de escurecer. Eu não valho assim tanto.

VII

O SEM FORMA NO GUARDA-FATOS

Malfoy só voltou às aulas no final da manhã de quinta-feira, quando os Gryffindor e os Slytherin estavam a meio da aula conjunta de Poções. Entrou na mesma a pavonear-se, com o braço direito ao peito, coberto de ligaduras, e fingindo, na opinião de Harry, ser o heróico sobrevivente de uma terrível batalha.

— Como vai isso, Draco? — quis saber Pansy Parkinson. — Dói muito?

— Sim — confirmou Malfoy, fazendo uma careta de dor corajosa, mas Harry viu-o piscar o olho a Crabbe e a Goyle quando ela virou as costas.

— Senta-te, senta-te — disse calmamente o professor Snape.

Harry e Ron olharam um para o outro. Snape não lhes teria dito que se sentassem se tivessem sido eles a entrar a meio da aula. Ter-lhes-ia dado um castigo, isso sim. Mas Malfoy sempre conseguira tudo nas aulas de Snape, que era o chefe da equipa dos Slytherin e costumava favorecer os seus estudantes em detrimento dos outros.

Nesse dia estavam a fabricar uma nova poção, uma Solução de Encolhimento. Malfoy colocou o seu caldeirão ao lado do de Harry e Ron para que preparassem os ingredientes na mesma mesa.

— Professor — chamou Malfoy —, Professor, eu preciso de ajuda para cortar estas raízes de malmequer, por causa do meu braço...

— Weasley, corta as raízes do Malfoy — ordenou Snape sem olhar.

Ron ficou vermelho como um pimentão.

— Tu não tens nada no braço — sussurrou.

Malfoy fez o seu riso escarninho.

— Weasley, ouviste o professor Snape, corta essas raízes.

Ron pegou na faca, pegou nas raízes e começou a cortá-las grosseiramente, de tal modo que ficaram todas de tamanhos diferentes.

— Professor — queixou-se Malfoy —, o Weasley está a mutilar as

minhas raízes.

Snape aproximou-se da mesa, olhou sobranceiramente para as raízes e, em seguida, esboçou um sorriso desagradável sob o seu cabelo longo e gorduroso.

— Troca de raízes com o Malfoy, Weasley.

— Mas, Professor...

Ron passara o último quarto de hora a picar cuidadosamente as suas raízes em pedacinhos exactamente iguais.

— Já! — impôs Snape num tom de voz profundamente autoritário.

Ron fez deslizar as suas raízes cortadas na perfeição ao longo da mesa e pegou novamente na faca.

— Professor, eu também preciso de que me tirem a pele a este figo — disse Malfoy com a voz cheia de um riso malicioso.

— Potter, tu podes tirar a pele ao figo do Malfoy — ordenou Snape, lançando a Harry o olhar de desprezo que lhe reservava sempre.

Harry pegou no figo de Malfoy, enquanto Ron começava a tentar reparar os estragos que fizera nas raízes que agora tinham ficado para ele. Harry pelou o figo o mais depressa que pôde e passou-lho sem palavras através da mesa. Malfoy sorria como nunca.

— Tens visto o teu amigo Hagrid? — perguntou com toda a calma.

— Não é da tua conta — respondeu Ron bruscamente sem olhar para cima.

— Receio que ele não seja professor durante muito mais tempo — comentou Malfoy num tom de falso lamento. — O meu pai não ficou nada satisfeito com o meu ferimento...

— Se continuas a falar, quem te faz um ferimento a sério sou eu — rugiu Ron.

— Ele queixou-se ao Conselho Directivo da Escola e ao Ministério da Magia. O meu pai tem imensa influência, como sabes. E um ferimento persistente como este... — Deu um profundo suspiro falso. — Nem sei se o meu braço voltará alguma vez a ser o mesmo.

— Então é por isso que tens andado a fazer toda esta fita — concluiu Harry, degolando acidentalmente uma lagarta já morta, com a mão a tremer de raiva —, para tentar que despeçam o Hagrid.

— Bem — disse Malfoy, baixando a voz até a transformar num murmúrio —, em parte, Potter, mas há outras vantagens. Weasley, corta a minha lagarta.

Um pouco mais à frente, junto de outro caldeirão, Neville estava em apuros. Tinha sempre problemas nas aulas de Poções. Era a sua pior disciplina e o imenso medo que o professor Snape lhe provocava piorava

dez vezes mais as coisas. A sua poção que deveria ser de um verde-brilhante tornara-se...

— Cor de laranja Longbottom — troçou Snape, retirando um pouco do líquido com uma concha e vertendo-o de novo para o caldeirão para que todos pudessem ver. — Cor de laranja! Diz-me, rapaz, será que entra alguma coisa nessa tua cabeça dura? Não me ouviste dizer explicitamente que bastava o fígado de um rato? Não terei sido claro quando afirmei que umas gotinhas de sumo de sanguessuga eram o suficiente? O que é que eu tenho de fazer para tu perceberes, Longbottom?

Neville estava todo corado e tremia dos pés à cabeça. Parecia à beira de um ataque de choro.

— Por favor, Professor — disse Hermione. — Deixe-me dar-lhe uma ajuda...

— Não me lembro de lhe ter pedido que se exibisse, Miss Granger — respondeu Snape friamente, deixando Hermione tão corada como Neville. — Longbottom, no final da aula, vamos dar umas gotas dessa poção ao teu sapo de estimação e ver o que acontece. Talvez isso te ensine a fazer as coisas como deve ser.

Snape afastou-se, deixando Neville com medo até de respirar.

— Ajuda-me — suplicou ele num sussurro a Hermione.

— Eh, Harry — chamou Seamus Finnigan, inclinando-se para lhe pedir a balança emprestada. — Já sabes? *O Profeta Diário* hoje de manhã... acham que o Sirius Black foi visto.

— Onde? — perguntaram rapidamente Harry e Ron.

Do outro lado da mesa Malfoy olhou, ouvindo atentamente.

— Não muito longe daqui — informou Seamus, entusiasmado. — Foi uma Muggle quem o viu. É claro que não percebeu as implicações da coisa. Para os Muggles, trata-se de um mero criminoso, não é? Por isso, ligou para a linha directa, mas quando o Ministério da Magia lá chegou, ele já tinha desaparecido.

— Não muito longe daqui... — repetiu Ron, olhando para Harry de modo significativo. Voltou-se e viu que Malfoy continuava a observá-los. — O que foi, Malfoy, precisas de que te tirem a pele a mais alguma coisa?

Mas os olhos dele brilhavam maldosamente e estavam fixos em Harry. Encostou-se à mesa.

— Estás a pensar em capturar o Black sozinho, Potter?

— Sim, é isso mesmo — respondeu Harry com desenvoltura.

A boca fina de Malfoy torcia-se num sorriso malévolo.

— É claro que se fosse eu — disse com toda a calma —, já teria feito alguma coisa. Não ficaria aqui na escola como um menino bem comportado

e ia procurá-lo.

— O que é que estás para aí a dizer, Malfoy? — perguntou Ron asperamente.

— Não *sabes*, Potter? — murmurou Malfoy, os olhos inexpressivos a contraírem-se.

— Não sei o quê?

Malfoy soltou uma gargalhada de escárnio. — Talvez não queiras arriscar a pele — disse — e prefiras deixar isso para os Dementors. Mas se fosse eu, ia querer vingar-me. Ia mesmo atrás dele.

— De que é que estás a falar? — vociferou Harry já a perder a paciência, mas nesse momento Snape chamou-os.

— Já devem ter acabado de pôr os ingredientes. Esta poção precisa de apurar algum tempo antes de ser tomada. Guardem as vossas coisas enquanto ela ferve e, em seguida, testaremos a poção do Longbottom.

Crabbe e Goyle riam abertamente, vendo Neville suar enquanto mexia nervosamente a sua poção. Hermione dava-lhe instruções pelo canto da boca para que Snape não percebesse.

Harry e Ron guardaram os ingredientes e foram lavar as mãos e as conchas no lavatório de pedra que havia a um canto da sala.

— Que queria o Malfoy dizer? — murmurou Harry a Ron, enquanto enfiava as mãos debaixo do jacto gelado que saía da boca de uma gárgula. — Por que queria eu vingar-me do Black? Ele ainda não me fez nada!

— Está a inventar — assegurou-lhe Ron, furioso. — A tentar levar-te a fazer qualquer coisa estúpida.

Perto do fim da aula, Snape aproximou-se de Neville, que estava encolhido de medo ao lado do caldeirão.

— Venham cá todos — disse com os olhinhos pretos a brilharem — e vejam o que vai acontecer ao sapo do Longbottom. Se ele tiver conseguido produzir uma Solução de Encolhimento, o sapo ficará do tamanho de um girino. Se, como me parece, ele fez tudo errado, o sapo ficará muito provavelmente envenenado.

Os Gryffindor olhavam receosos, os Slytherin entusiasmados. Snape pegou em *Trevor*, o sapo de Neville, com a mão esquerda e mergulhou uma pequena colher na poção que agora estava verde. Empurrou algumas gotas pela garganta de *Trevor*.

Houve um momento de grande silêncio, enquanto o sapo engolia. Em seguida, ouviu-se um estalido e *Trevor*, o girino, contorceu-se na palma da mão de Snape.

Os Gryffindor aplaudiram vivamente. Snape, com um ar irritado, retirou um pequeno frasco do bolso do seu manto, deitou algumas gotas sobre

Trevor, que voltou ao seu tamanho normal.

— Cinco pontos a menos para os Gryffindor — anunciou Snape, apagando os sorrisos de todos os rostos. — Eu disse-lhe que não o ajudasse, Miss Granger. A aula acabou.

Harry, Ron e Hermione subiram os degraus para o *Hall* de Entrada. Harry continuava a pensar nas palavras de Malfoy enquanto Ron vinha encolerizado com Snape.

— Cinco pontos a menos para os Gryffindor, porque a poção estava bem. Por que não mentiste, Hermione? Devias ter dito que o Neville a tinha feito sozinho.

Hermione não respondeu e Ron olhou em volta.

— Onde está ela?

Harry voltou-se também. Estavam no cimo das escadas, vendo o resto da turma passar por eles em direcção ao Salão, onde ia ser servido o almoço.

— Ela vinha atrás de nós — afirmou Ron, franzindo as sobrancelhas.

Malfoy passou por eles, ladeado por Crabbe e por Goyle. Sorriu sarcasticamente a Harry e desapareceu.

— Ali vem ela — disse Harry.

Hermione vinha ofegante, subindo as escadas apressadamente, com uma mão a segurar o saco e outra que parecia esconder alguma coisa em frente do manto.

— Como é que fizeste aquilo? — perguntou Ron.

— Aquilo o quê? — admirou-se Hermione, juntando-se a eles.

— Num minuto estavas atrás de nós e, de repente, estavas no fundo das escadas.

— O quê? — Hermione parecia um pouco confusa. — Ah! Tive de ir buscar uma coisa. Oh! Não...

Uma costura do seu saco acabara de se rasgar, mas Harry não ficou surpreso. Via-se que estava a abarrotar, com mais de uma dúzia de livros grandes e pesados.

— Para que andas com tudo isso? — perguntou Ron.

— Sabes as disciplinas que eu tenho — justificou-se Hermione, sem fôlego. — Podes pegar aqui um segundo?

— Mas... — Ron olhou para as capas dos livros que ela lhe depositara nas mãos — não tiveste nada disto hoje. Só à tarde é que vamos ter Defesa Contra A Magia Negra.

— Sim, sim — disse ela vagamente, mas voltou a guardar os livros no saco. — Espero que o almoço seja bom. Estou cheia de fome — observou, encaminhando-se para o Salão.

— Não tens a sensação de que a Hermione nos anda a esconder alguma

coisa? — perguntou Ron a Harry.

O professor Lupin ainda não tinha chegado quando eles entraram para a primeira aula de Defesa Contra A Magia Negra. Sentaram-se, tiraram os livros, as penas e os pergaminhos. Conversavam animadamente quando ele entrou na sala. Lupin esboçou um vago sorriso e colocou a sua pasta já muito gasta sobre a secretária. Tinha o mesmo ar maltrapilho de sempre, mas parecia mais saudável que no comboio, como se lhe tivessem feito bem algumas boas refeições.

— Boa tarde — cumprimentou. — Façam o favor de guardar de novo os livros nos sacos. A aula de hoje vai ser prática. Precisarão apenas das vossas varinhas.

Os alunos trocaram entre si alguns olhares curiosos enquanto guardavam os livros. Nunca tinham tido uma aula prática de Defesa Contra A Magia Negra a não ser aquela memorável experiência no dia em que o professor anterior trouxera para a aula uma jaula cheia de *pixies* travessos e os soltara.

— Muito bem — disse o professor Lupin, quando todos estavam prontos. — Façam o favor de me seguir.

Curiosos e interessados, os alunos puseram-se de pé e seguiram o professor para fora da sala de aula. Ele conduziu-os pelo corredor deserto, virou uma esquina e a primeira coisa que viram foi Peeves, o *poltergeist* que flutuava no ar, de cabeça para baixo, entretido a encher um buraco de fechadura com pastilha elástica.

Peeves só deu pela presença do professor Lupin quando este estava a meio metro dele. Nessa altura, começou a revirar os pés com seus dedinhos tortos e desatou a cantar.

— Louco, Lorpa, Lupin — cantava Peeves. — Louco, Lorpa, Lupin, Louco, Lorpa, Lupin.

Mal-educado e intratável como sempre, Peeves costumava, apesar de tudo, demonstrar algum respeito pelos professores. Os alunos olharam repentinamente para Lupin, curiosos por ver qual seria a sua reacção, mas, para surpresa de todos, o professor continuava a sorrir.

— Eu, no teu lugar, tirava essa pastilha elástica do buraco da fechadura — disse, bem-humorado. — Mr. Filch não vai poder entrar para ir buscar as vassouras.

Filch era o encarregado, um feiticeiro falhado e maldisposto, que travava uma luta constante com os estudantes e também contra Peeves. Todavia, Peeves não ligou nenhuma às palavras do professor Lupin e mandou-o bem alto à fava.

O professor Lupin suspirou e pegou na varinha.

— Este é um pequeno feitiço muito útil — anunciou ele por sobre o ombro, aos seus alunos. — Observem com atenção.

Ergueu a varinha à altura do ombro, pronunciou *Waddiwasi!* e apontou para Peeves.

Com a força de uma bala, a bucha de pastilha elástica saltou do buraco da fechadura e enfiou-se pela narina esquerda de Peeves, que rodopiou e se afastou velozmente a praguejar.

— Fixe, Professor! — exclamou Dean Thomas, deslumbrado.

— Obrigado, Dean — respondeu o professor Lupin, guardando a varinha. — Vamos prosseguir?

Continuaram a andar. Os alunos olhavam agora para o esfarrapado professor Lupin com um respeito redobrado. Ele conduziu-os por um segundo corredor e parou à porta da sala dos professores.

— Vamos entrar, por favor — disse, abrindo a porta e deixando-se ficar para trás.

Na sala dos professores, um espaço vasto e apainelado cheio de cadeiras antigas sem par, encontrava-se apenas um professor.

O professor Snape estava sentado num cadeirão de braços e olhou em volta enquanto a turma entrava. Os seus olhos brilharam e um sorrisinho mau brincou-lhe nos lábios. Quando o professor Lupin entrou e mandou fechar a porta, Snape disse: — Deixa-a aberta, Lupin. Eu prefiro não assistir a isto.

Levantou-se, passou pelos alunos, as vestes negras a ondularem atrás de si. À entrada da porta, voltou-se para trás e acrescentou: — Não sei se alguém te avisou, Lupin, mas esta turma inclui o Neville Longbottom. Aconselho-te a não lhe pores nas mãos nada de complicado a não ser que Miss Granger esteja ao lado dele, a sussurrar-lhe ao ouvido o que deve fazer.

Neville ficou escarlate e Harry olhou ferozmente Snape. Não lhe bastava vexar, Neville nas suas próprias aulas, tinha ainda de o fazer na frente dos outros professores.

O professor Lupin ergueu as sobrancelhas.

— Eu contava pedir ao Neville que me ajudasse na primeira parte da operação — disse. — E tenho a certeza de que ele se sairá admiravelmente.

A cara de Neville corou, se possível, ainda mais. Snape fez um esgar de desdém e saiu batendo com a porta.

— Ora bem — prosseguiu o professor Lupin, levando os alunos para o fundo da sala onde havia apenas um velho guarda-fatos no qual os professores guardavam os seus mantos suplementares. Mal o professor

Lupin se colocou junto dele, o guarda-fatos deu um súbito solavanco, afastando-se um pouco da parede.

— Não se preocupem — explicou o professor Lupin com a maior das calmas, enquanto alguns alunos saltavam para trás, assustados. — É um Sem Forma que está aí dentro.

Muita gente achou que devia mesmo preocupar-se. Neville olhou para o professor Lupin verdadeiramente aterrorizado e Seamus Finnigan fitou, apreensivo, o puxador que chocalhava.

— Os Sem Forma gostam de espaços escuros e fechados: guarda-fatos, o espaço debaixo das camas, os armários debaixo dos lava-loiças e dos lavatórios... Uma vez, vi um que se instalara na caixa de madeira de um relógio de parede. Este veio para aqui ontem e eu pedi licença ao director para dar aos meus alunos do terceiro ano esta aula prática. Portanto, a primeira pergunta que devemos colocar-nos é esta: o que é um Sem Forma?

Hermione pôs a mão no ar.

— É um ser que muda de forma — explicou. — Assume a forma que pensa que nos vai assustar mais.

— Eu não teria explicado melhor — asseverou o professor Lupin e Hermione brilhou de satisfação. — Portanto, o Sem Forma que está sentado, lá dentro, no escuro, ainda não assumiu forma alguma. Ainda não sabe o que assustará a pessoa que está do outro lado da porta. Ninguém sabe qual é o aspecto de um Sem Forma quando está sozinho, mas mal o deixamos sair, ele transforma-se, de imediato, naquilo que cada um de nós mais receia.

«O que significa — continuou o professor Lupin, optando por ignorar a voz de Neville, embargada pelo terror — que temos à partida uma enorme vantagem sobre o Sem Forma. Já viste qual é, Harry?

Tentar responder à pergunta com Hermione ao lado, a pular em bicos de pés e com a mão bem no ar, era um pouco complicado mas Harry tentou.

— Hã... porque como somos muitos, o Sem Forma não pode saber que forma deverá adoptar?

— Precisamente — confirmou o professor Lupin e Hermione baixou a mão, um pouco desapontada. — É sempre bom estar acompanhado quando se lida com um Sem Forma. Ele fica confuso. Em que deverá transformar-se? Num cadáver sem cabeça ou numa lesma carnívora? Uma vez, vi um Sem Forma cometer esse erro. Tentou assustar duas pessoas ao mesmo tempo e transformou-se em meia lesma, o que não assustou ninguém.

«O feitiço que repele o Sem Forma é muito simples, contudo exige força mental. Estão a ver, aquilo que acaba com um Sem Forma é o *riso*. O que vocês têm de fazer é obrigá-lo a assumir uma forma que vocês achem

engraçada.

«Vamos começar por praticar o feitiço sem varinhas. Repitam comigo... *Riddikulus!*

— *Riddikulus!* — disse a turma em peso.

— Ótimo! — exclamou o professor Lupin. — Muito bem. Mas receio que esta tenha sido a parte mais fácil. É que só a palavra não é suficiente. E é aqui que tu vais entrar, Neville.

O guarda-fatos estremeceu de novo, mas não tanto quanto Neville, que deu um passo em frente como se estivesse a avançar para o cadafalso.

— Isso, Neville — incentivou o professor Lupin. — Vamos por partes. Qual é a coisa que mais te assusta neste mundo?

Os lábios do Neville moveram-se, mas não saiu deles nenhum som.

— Não consegui ouvir, Neville, desculpa — insistiu, bem-disposto, o professor Lupin.

Neville olhou em volta como que a pedir ajuda e sussurrou numa espécie de murmúrio: — O professor Snape.

Quase todos se riram. Até ele próprio sorriu como que a desculpar-se, mas Lupin estava pensativo.

— O professor Snape... hum... diz-me uma coisa, Neville, tu vives com a tua avó, não vives?

— Hã... sim... — confirmou Neville, nervoso —, mas eu também não gostava que o Sem Forma se transformasse nela.

— Não, não é isso, compreendeste-me mal — disse o professor Lupin agora a sorrir. — Poderias dizer-me que tipo de roupa costuma a tua avó usar?

Neville ficou aparvalhado mas respondeu: — Bem, usa quase sempre o mesmo chapéu. Um chapéu alto com um abutre embalsamado no topo, e um vestido comprido, normalmente verde e às vezes uma pele de raposa.

— E mala? — sugeriu o professor Lupin.

— Uma mala grande, encarnada — disse ele.

— Muito bem — tornou o professor Lupin. — És capaz de imaginar essas roupas com nitidez, Neville? Consegues vê-las com os olhos da mente?

— Sim — asseverou Neville inseguro, perguntando a si próprio o que viria a seguir.

— Quando o Sem Forma sair deste guarda-fatos e te vir, vai assumir a forma do professor Snape — explicou Lupin. — E tu ergues a varinha, gritas *Riddikulus* e concentras-te nas roupas da tua avó. Se tudo correr bem, o Professor Sem Forma Snape será obrigado a enfiar o chapéu com o abutre embalsamado, o vestido verde e a grande mala vermelha.

Ouviu-se um coro de gargalhadas. O guarda-fatos oscilou com mais violência.

— Se o Neville for bem sucedido, o Sem Forma voltará, muito provavelmente, a sua atenção para outro de vós e assim sucessivamente — preveniu o professor Lupin. — Gostaria que todos vocês pensassem durante um momento naquilo que mais vos aterroriza e em como poderiam torná-lo cômico...

A sala ficou em silêncio. Harry perguntou a si próprio o que o assustava mais no mundo.

O seu primeiro pensamento foi para Lord Voldemort, um Voldemort que regressasse no pleno vigor das suas forças. Mas antes de ter sequer planeado o contra-ataque para um Sem Forma-Voldemort, uma imagem horrível surgiu a flutuar à superfície do seu espírito.

Uma mão reluzente e nojenta, escondendo-se por detrás de um manto preto. Uma respiração arrastada e sibilante vinda de uma boca invisível e, depois disso, um frio tão penetrante como a morte por afogamento...

Harry estremeceu e olhou em volta na esperança de que ninguém tivesse reparado. Muitos dos colegas tinham os olhos fechados. Ron murmurava de si para consigo: — Tirar-lhe as pernas. — Harry tinha a certeza de que se tratava do grande medo que o amigo tinha das aranhas.

— Estão todos prontos? — perguntou o professor Lupin.

Harry sentiu uma onda de pavor. Ele não estava pronto. Como seria possível tornar um Dementor menos assustador? Mas não queria pedir mais tempo para pensar. Os outros todos acenavam e arregaçavam as mangas.

— Neville, nós agora vamos recuar — anunciou o professor Lupin —, deixando-te um amplo campo de visão, certo? A seguir, eu chamarei o próximo colega. Agora recuem todos para que o Neville tenha espaço.

Todos recuaram, encostando-se às paredes e deixando Neville sozinho ao lado do guarda-fatos. Estava pálido e assustado, mas arregaçara as mangas do manto e estava pronto, de varinha na mão.

— Quando eu contar até três — disse o professor Lupin que apontava a sua própria varinha ao guarda-fatos. — Um, dois, três, agora!

Um feixe de luzes saltou da ponta da varinha do professor Lupin e atingiu o puxador do armário. O guarda-fatos abriu-se. De nariz adunco e ar ameaçador, o professor Snape saiu de lá de dentro com os olhos a faiscarem contra Neville.

Neville recuou com a varinha no ar, fazendo trejeitos sem conseguir falar. Snape aproximava-se dele, procurando qualquer coisa dentro do manto.

— *R-r-riddikulus!* — balbuciou Neville. Ouviu-se um estalido de chicote

e Snape tropeçou. Envergava um longo vestido verde cheio de rendas e um chapéu alto com um abutre embalsamado. Nas mãos, baloiçava uma mala carmesim.

A gargalhada foi geral. O Sem Forma parou, confuso, e o professor Lupin gritou: — Parvati, és tu a seguir.

Parvati deu um passo em frente, com uma expressão determinada. Snape virou-se para ela. Ouviu-se outro estalido e onde ele tinha estado encontrava-se agora uma múmia, coberta de ligaduras sanguinolentas. Tinha o rosto cego voltado para Parvati e começou a avançar para ela muito lentamente, arrastando os pés e com os braços rígidos no ar.

— *Riddikulus!* — gritou Parvati.

Uma ligadura desenrolou-se junto aos pés da múmia, fazendo-a tropeçar. Caiu sem amparo e a cabeça rolou pelo chão.

— Seamus! — chamou o professor Lupin.

Seamus avançou, passando à frente de Parvati. *Craque!* Onde estava a múmia, passou a estar uma mulher com cabelos negros até ao chão e um rosto esquelético e esverdeado, uma bruxa carpideira. Abriu a sua boca enorme e um som que parecia ser de outro mundo encheu a sala, um grito longo e agudo que deixou os cabelos de Harry totalmente em pé.

— *Riddikulus!* — gritou Seamus.

A bruxa carpideira fez um som roufeno e levou a mão à garganta. Ficara sem voz.

Craque. No seu lugar surgiu uma ratazana que começou a andar à volta da própria cauda e depois *Craque!...* Tornou-se uma cobra cascavel que deslizou e se contorceu antes de... *Craque!...* se transformar num sangrento globo ocular.

— Está confuso! — bradou Lupin. — Mas estamos a conseguir. Dean!

Dean chegou-se apressadamente à frente.

Craque! O globo ocular transformou-se numa mão decepada que, num movimento súbito, começou a correr pelo chão como se fosse um caranguejo.

— *Riddikulus!* — gritou Dean.

Ouviu-se um estalo e a mão foi apanhada numa ratoeira.

— Excelente. Ron, agora tu.

Ron avançou.

Craque!

Ouviram-se alguns gritos. Uma aranha gigante com dois metros de altura, coberta de pêlo, avançava para Ron, batendo com as tenazes uma contra a outra de forma ameaçadora. Por momentos, Harry pensou que Ron estivesse transido de medo. Mas, então...

— *Riddikulus!* — gritou Ron e as pernas da aranha desapareceram, fazendo-a rolar pelo chão.

Lavender Brown gritou e saiu do caminho até que ela parou junto dos pés de Harry. Ele levantou a varinha, mas...

— Pronto — gritou o professor Lupin, subitamente, avançando rapidamente.

Craque!

A aranha sem pernas desaparecera.

Por momentos, todos olharam em volta para ver onde ela estava. Em seguida, viram, suspensa no ar, uma esfera de um branco prateado, em frente de Lupin que disse lentamente: — *Riddikulus!*

Craque!

— Em frente, Neville, e acaba com ele! — encorajou Lupin, enquanto o Sem Forma aterrava no chão transformado em barata. *Craque!* Snape estava de volta. Desta vez, Neville carregou sobre ele, determinado.

— *Riddikulus!* — gritou e tiveram um novo vislumbre de Snape com o vestido de rendinhas, antes de Neville ter lançado uma gargalhada que fez o Sem Forma explodir, desfeito em milhares de pequenos tufos de fumo.

— Excelente! — elogiou o professor Lupin, enquanto a turma aplaudia vivamente. — Excelente, Neville. Muito bem a todos vocês. Vejamos, cinco pontos para os Gryffindor por cada aluno que enfrentou o Sem Forma e dez pontos para o Neville que o enfrentou duas vezes. Mais cinco para o Harry e cinco para a Hermione.

— Mas eu não fiz nada — protestou Harry.

— Tu e a Hermione responderam correctamente às minhas perguntas no início da aula, Harry — explicou Lupin. — Estão todos de parabéns, foi uma aula magnífica. Como trabalho de casa vão ler o capítulo sobre os Sem Forma e fazer um breve resumo para me entregarem na segunda-feira. É tudo.

A turma saiu da sala dos professores muito excitada, mas Harry não se sentia satisfeito. O professor Lupin impedira deliberadamente que ele se confrontasse com o Sem Forma. Porquê? Teria sido por o ter visto desmaiar no comboio e pensar que ele não aguentaria muito? Teria tido medo de que ele desmaiasse outra vez?

Mas, ao que parecia, ninguém mais dera por isso.

— Viste-me enfrentar a bruxa carpideira? — gritava Seamus.

— E a mão? — dizia Dean, abanando a sua, para cima e para baixo.

— E o Snape de chapéu?

— E a minha múmia?

— Pergunto a mim própria por que terá o professor Lupin medo de bolas

de cristal? — interrogou-se, pensativa, Lavender.

— Foi a melhor aula de Defesa Contra A Magia Negra que alguma vez tivemos, não acham? — comentou Ron, excitadíssimo, enquanto voltavam à aula para recolher os sacos.

— Ele parece ser muito bom professor — observou Hermione de forma aprovadora. — Mas tive pena de não ter podido enfrentar o Sem Forma.

— De que é que ias ter medo, Hermione? — perguntou Ron na brincadeira. — Que em vez de vinte te dessem só dezanove num trabalho de casa?

VIII

A FUGA DA DAMA GORDA

Num curto espaço de tempo, a cadeira de Defesa Contra A Magia Negra tornara-se a aula preferida da maior parte dos alunos. Só Draco Malfoy e o seu bando de Slytherins falavam mal do professor Lupin.

— Olha para o estado da roupa dele — comentava Malfoy em murmúrios audíveis quando o professor Lupin passava. — Veste-se como o nosso velho elfo doméstico.

Mas mais ninguém se preocupava se as roupas do professor Lupin estavam remendadas ou puídas. As lições que ele deu a seguir foram tão interessantes como a primeira. Depois dos Sem Forma, estudaram os Barretinhos Vermelhos, que eram umas criaturas malvadas parecidas com duendes que se escondiam onde quer que tivesse havido derramamento de sangue, nos calabouços dos castelos, nos buracos dos campos de batalha desertos, à espera de atacar pessoas que se tivessem perdido por ali. A seguir, estudaram os Kappas, uns horripilantes habitantes das águas que pareciam macacos com escamas, com mãos de palmípede, prontos a estrangular os incautos nadadores dos seus lagos.

Harry só gostaria de se sentir igualmente feliz em algumas das outras aulas. A pior de todas continuava a ser a de Poções. Snape andava com um espírito particularmente vingativo e todos sabiam porquê. A história do Sem Forma que assumira o aspecto de Snape e o modo como Neville o vestira com as roupas da avó corraera pela escola a grande velocidade e Snape parecia não ter achado graça nenhuma. Os seus olhos faiscavam à mera referência ao nome do professor Lupin e implicava mais do que nunca com Neville.

Harry começava também a recear as horas que passava na sala sufocante da torre da professora Trelawney, decifrando formas e símbolos assimétricos e tentando ignorar o modo como os olhos enormes da

professora se enchiam de lágrimas sempre que olhava para ele. Não conseguia gostar dela, apesar de a maior parte dos alunos a tratar com um respeito que rondava a reverência. Parvati Patil e Lavender Brown tinham ganhado o hábito de rondar a torre da professora Trelawney à hora do almoço e voltavam sempre com ares superiores, como se soubessem coisas que os outros ignoravam. Tinham também começado a falar baixinho sempre que se dirigiam a Harry, como se ele estivesse já no seu leito de morte.

Ninguém gostava verdadeiramente de Cuidados Com As Criaturas Mágicas, que, depois daquela primeira aula cheia de acção, se tornara numa matéria extremamente maçadora. Hagrid parecia ter perdido toda a autoconfiança. Passavam agora todas as aulas, uma após outra, a aprender como cuidar dos Flobervermes que deviam ser as criaturas mais aborrecidas à face da Terra.

— Por que é que alguém se iria dar ao trabalho de os procurar? — perguntou Ron, depois de mais uma hora a empurrar tiras de alface pelas gargantas nojentas dos vermes.

No princípio de Outubro, contudo, Harry teve algo mais com que se entreter. Algo que lhe agradou tanto que compensou todas as aulas maçadoras a que tinha sido obrigado a assistir. A época de Quidditch aproximava-se e Oliver Wood, treinador da equipa dos Gryffindor, convocou uma reunião numa quinta-feira para discutir as novas tácticas.

As equipas de Quidditch eram compostas por sete jogadores: três *chasers* (cuja função era marcar golos, enfiando a *quaffle* — uma bola vermelha com as dimensões de uma bola de futebol — numa das balizas que se encontravam a quinze metros de altura em ambas as extremidades do campo); dois *beaters*, equipados com pesados bastões para repelir as *bludgers* (duas bolas pretas pesadíssimas que se deslocavam na área tentando deitar abaixo os jogadores); um *keeper* que defendia as balizas e um *seeker* que tinha o papel mais difícil de todos, o de apanhar a *snitch* dourada, uma bolinha pequenina, do tamanho de uma noz, cuja captura punha fim ao jogo, dando à equipa do respectivo *seeker* cento e cinquenta pontos adicionais.

Oliver Wood era um rapaz corpulento de dezassete anos, agora no seu sétimo e último ano em Hogwarts. Havia na voz dele uma espécie de desespero quando se dirigiu aos seis colegas de equipa nos vestiários gelados, à beira do estádio de Quidditch.

— Esta é a última hipótese, a minha última hipótese, de ganhar a taça de Quidditch — anunciou-lhes, enquanto andava de um lado para o outro dando grandes passadas. — Eu vou-me embora no final deste ano. Não vou

ter mais possibilidades. Há sete anos que os Gryffindor não vencem. É certo, temos tido uma série de azares. Ferimentos, o cancelamento do jogo no ano passado. — Wood engoliu em seco como se a simples lembrança dos factos ainda lhe secasse a garganta. — Mas sabemos também que *temos a melhor equipa da escola* — contrapôs, batendo com o punho na palma da mão, com os olhos a brilharem como antigamente.

— Temos três *chasers* sensacionais. — Apontou para Alicia Spinnet, Angelina Johnson e Katie Bell.

— Temos dois *beaters* imbatíveis.

— Pára, Oliver, estás a deixar-nos constrangidos — disseram em simultâneo Fred e George Weasley, fingindo corar.

— E temos um *seeker* que nunca nos fez perder um jogo! — Wood voltou-se a sorrir para Harry com um ar de orgulho desmedido.

— E eu — acrescentou, por fim.

— Nós achamos-te também muito bom, Oliver — afiançou-lhe George.

— Um *keeper* explosivo — acrescentou Fred.

— Então, é assim — prosseguiu Wood, resumindo o seu ponto de vista. — A Taça de Quidditch já devia ter tido o nosso nome há dois anos, quando o Harry entrou para a equipa. Eu achei que ela estava no papo, mas a verdade é que ainda não a conseguimos e, este ano, é para mim a última possibilidade de ver finalmente o nosso nome na taça.

Wood falou de uma forma tão deprimida que até Fred e George o apoiaram.

— Oliver, este é o nosso ano — garantiu-lhe Fred.

— Vamos conseguir! — afirmou Angelina.

— Sem dúvida! — reforçou Harry.

Cheia de determinação, a equipa iniciou os seus treinos três vezes por semana. O tempo começava a arrefecer, a ficar mais húmido e as noites mais escuras, mas nem a lama nem a chuva conseguiram embaciar a visão fantástica de Harry a ganhar, finalmente, a enorme Taça de Quidditch.

Uma noite, depois dos treinos, Harry voltou à sala comum dos Gryffindor cheio de frio, mas satisfeito com o modo como as coisas tinham decorrido e foi encontrar os colegas numa tremenda excitação.

— O que se passa? — perguntou a Ron e Hermione que estavam sentados em duas das melhores cadeiras, junto da lareira, a completar mapas celestes para Astronomia.

— O primeiro fim-de-semana em Hogsmeade — disse Ron, apontando para uma informação que surgira no velho quadro de avisos. — Final de Outubro, Halloween.

— Excelente! — exclamou Fred que seguira Harry pelo buraco do

retrato. — Eu tenho de ir à loja do Zonko, estou quase sem bombinhas de mau cheiro.

Harry deixou-se cair numa cadeira ao lado de Ron. A sua alegria esvaíra-se. Hermione pareceu ler-lhe os pensamentos.

— Harry, estou certa de que vais poder ir da próxima vez — consolou-o. — Um dia destes eles apanham o Black, já o avistaram...

— O Black não é tolo para tentar seja o que for em Hogsmeade — opinou Ron. — Pede à McGonagall para te deixar ir agora. A próxima vez pode ser daqui a imenso tempo.

— Ron! — repreendeu Hermione. — O Harry deve ficar na escola...

— Ele não pode ser o único aluno do terceiro ano a ficar aqui — insistiu Ron. — Pede à McGonagall, Harry...

— Sim, acho que vou pedir — disse Harry, tomando uma decisão.

Hermione abriu a boca para argumentar, mas, nesse momento, *Crookshanks* saltou-lhe para o colo. Da sua boca pendia uma aranha morta.

— Ele tem de comer isso na nossa frente? — perguntou Ron, mal-humorado.

— Lindo, *Crookshanks*, apanhaste-a sozinho? — perguntou Hermione.

Crookshanks engoliu lentamente a aranha, mantendo os olhos amarelos insolentemente fixos em Ron.

— Fica aí quietinho — disse ele irritado, voltando-se para o seu mapa de estrelas. — Tenho o *Scabbers* a dormir no meu saco.

Harry bocejou. Apetecia-lhe ir para a cama, mas faltava-lhe ainda acabar o mapa. Tirou o pergaminho de dentro do saco, a tinta e a pena e começou a trabalhar.

— Podes copiar o meu, se quiseres — ofereceu-lhe Ron irritado, assinalando a última estrela com um floreado e passando o mapa a Harry.

Hermione, que não concordava que se copiasse, apertou os lábios, mas não disse nada. *Crookshanks* continuava a olhar fixamente para Ron, batendo com a ponta da cauda farfalhuda. De repente, sem avisar, deu um salto.

— Eh! — gritou Ron, agarrando o saco, enquanto *Crookshanks* enfiava nele as garras todas e tentava rasgá-lo com ferocidade. — SAI DAÍ, SEU ANIMAL ESTÚPIDO!

Ron tentou arrancar-lhe, o saco mas o gato enorme não o largava, bufando e fazendo-o em bocados.

— Ron, não lhe faças mal — gritou Hermione. — Toda a gente na sala comum olhava para eles. Ron fez girar o saco com *Crookshanks* ainda lá agarrado e *Scabbers* saiu pela abertura.

— AGARREM ESSE GATO! — gritou Ron, mal *Crookshanks* se libertou

dos destroços do saco e saltou por cima da mesa atrás do apavorado *Scabbers*.

George Weasley tentou agarrar *Crookshanks*, mas falhou. *Scabbers* passou por entre vinte pares de pernas e desapareceu debaixo de uma cómoda.

Crookshanks deslizou e parou, agachou-se sobre as pernas arqueadas e começou a varrer o espaço debaixo da cómoda com a pata da frente, furioso.

Ron e Hermione acorreram. Hermione segurou *Crookshanks* pelo meio do corpo e levou-o para longe. Ron deitou-se no chão, de barriga para baixo e, com grande dificuldade, agarrou *Scabbers* pela cauda.

— Olha para ele — disse furioso a Hermione, mostrando-lhe o rato. — É só pele e osso. Mantém esse gato longe dele!

— O *Crookshanks* não percebe que está a fazer mal — desculpou-o Hermione, com voz trémula. — Todos os gatos perseguem ratos, Ron.

— Há alguma coisa esquisita nesse animal! — observou Ron que tentava convencer um *Scabbers* nervosíssimo a voltar para dentro do seu bolso. — Ele ouviu-me dizer que o *Scabbers* estava no saco.

— Oh! Que disparate! — exclamou Hermione com impaciência. — O *Crookshanks* podia cheirá-lo, Ron, senão como é que pensas que...

— Esse gato anda atrás do *Scabbers*! — insistiu Ron, ignorando as pessoas que, em volta dele, começavam a rir-se à socapa. — E o *Scabbers* estava aqui primeiro e está doente!

Ron atravessou a sala comum e desapareceu pelas escadas acima, em direcção ao dormitório dos rapazes.

No dia seguinte, Ron ainda estava aborrecido com Hermione. Mal lhe falou durante a aula de Herbologia, apesar de estarem os três a trabalhar no mesmo grupo.

— Como está o *Scabbers*? — perguntou Hermione timidamente, enquanto raspavam as vagens rosadas das plantas e esvaziavam os feijões reluzentes para um balde de madeira.

— Está escondido ao fundo da minha cama, a tremer — respondeu Ron zangado, falhando o balde e entornando os feijões no chão da estufa.

— Cuidado, Weasley, cuidado — gritou a professora Sprout, enquanto os feijões começavam a germinar à vista de todos.

A seguir tinham Transfiguração. Harry, que resolvera pedir à professora McGonagall, depois da aula, se poderia ir a Hogsmeade com os outros, ficou para o fim, à porta da sala, tentando decidir como iria expor a situação. Todavia, foi afastado dos seus pensamentos por uma agitação na

fila da frente.

Lavender Brown parecia estar a chorar. Parvati tinha o braço em volta dela e explicava qualquer coisa a Seamus Finnigan e a Dean Thomas, que estavam muito sérios.

— O que é que se passa, Lavender? — perguntou Hermione ansiosa, enquanto ela, Harry e Ron se juntavam ao grupo.

— Ela recebeu uma carta de casa hoje de manhã — murmurou Parvati.

— Foi o coelhinho dela, o *Binky*. Foi morto por uma raposa.

— Oh! — disse Hermione. — Lamento, Lavender.

— Eu devia ter calculado! — exclamou Lavender com um ar dramático.

— Sabes que dia é hoje?

— Hã...

— Dezasseis de Outubro. *Aquilo que tu receias sucederá a 16 de Outubro*. Lembram-se? Ela estava certa. Ela estava certa!

A aula inteira encontrava-se agora reunida em volta de Lavender. Seamus abanou a cabeça seriamente. Hermione hesitou e disse em seguida:

— Tu receavas que o *Binky* fosse morto por uma raposa?

— Não, não obrigatoriamente por uma *raposa* — respondeu Lavender, olhando para Hermione com os olhos rasos de água —, mas é óbvio que eu tinha medo de que ele morresse, não é?

— Oh! — exclamou Hermione, fazendo uma pausa. — Então o *Binky* era um coelho já velho?

— N-não — soluçou Lavender. — E-era um coelho pequenino.

Parvati apertou os ombros de Lavender com mais força.

— Mas então, por que receavas que ele morresse? — perguntou Hermione.

Parvati olhou para ela, furiosa.

— Bem, olhemos para as coisas do ponto de vista lógico — afirmou Hermione, voltando-se para o resto do grupo. — Afinal, o *Binky* nem sequer morreu hoje, pois não? A Lavender acaba de receber a notícia. — Lavender soluçava bem alto. — E não receava com certeza que isto acontecesse, porque ficou em choque.

— Não lighes à Hermione, Lavender — disse Ron em voz alta. — Ela não liga nenhuma aos animais de estimação dos outros.

A professora McGonagall abriu a porta da sala de aula nesse preciso momento, o que foi provavelmente uma sorte. Hermione e Ron olhavam com ferocidade um para o outro e quando entraram na aula, sentaram-se um de cada lado de Harry e não trocaram palavra durante toda a aula.

Harry ainda não decidira o que ia dizer à professora McGonagall quando a campainha tocasse no final da aula, mas foi ela quem trouxe à baila a

questão de Hogsmeade.

— Um momento, por favor! — pediu, quando os alunos se preparavam para sair.

— Como vocês fazem parte da minha equipa, deverão entregar-me as autorizações para ir a Hogsmeade antes do Halloween. Sem isso não há visita à vila, portanto não se esqueçam.

Neville pôs a mão no ar.

— Por favor, professora, eu acho que perdi...

— A tua avó mandou-me a autorização directamente, Longbottom — disse a professora McGonagall. — Parece ser de opinião que é mais seguro assim. Bem, é tudo. Podem sair.

— Pede-lhe agora — sussurrou Ron.

— Oh! mas... — começou Hermione.

— Vai lá, Harry — insistiu Ron com teimosia.

Harry esperou que o resto da turma saísse, antes de se aproximar nervosamente da secretária da professora McGonagall.

— Sim, Potter.

Harry respirou fundo.

— Professora, o meu tio e a minha tia... hã... esqueceram-se de assinar a autorização — disse.

A professora McGonagall olhou para Harry por cima dos óculos quadrados que usava, mas não respondeu.

— Então... hã... acha que eu posso ir a Hogsmeade?

A professora McGonagall olhou para baixo e começou a arrumar os papéis na secretária.

— Receio bem que não, Potter — afirmou. — Ouviste as minhas palavras. Sem autorização não há visita à vila. São as regras.

— Mas, Professora, os meus tios, sabe como é, são Muggles, não percebem nada de autorizações para Hogwarts e essas coisas — insistiu Harry, enquanto Ron o apoiava, acenando vigorosamente com a cabeça. — Se a Professora disser que eu posso ir...

— Mas eu não direi tal coisa — afirmou a professora McGonagall, levantando-se e guardando os papéis todos certinhos dentro da gaveta. — O formulário afirma claramente que o pai, a mãe ou o encarregado de educação deverá autorizar por escrito. — Voltou-se para olhar para ele com uma expressão estranha no rosto. Seria pena? — Lamento imenso, Potter, mas é a minha última palavra. Será melhor apressares-te ou vais chegar tarde à tua próxima aula.

Não havia nada a fazer. Ron chamou à professora McGonagall uma data

de nomes, o que aborreceu bastante Hermione. Esta assumiu uma expressão de «foi tudo pelo melhor» que irritou Ron ainda mais. Harry teve de suportar todos os colegas na aula a comentarem, no auge do entusiasmo, tudo o que iam fazer quando chegassem a Hogsmeade.

— Sempre tens o banquete — lembrou Ron num esforço por alegrá-lo.
— O banquete de Halloween, à noite.

— Pois — proferiu Harry sombriamente. — Ótimo. — O banquete de Halloween era sempre bom, mas seria bastante melhor a seguir a um dia passado em Hogsmeade com todos os outros. Nada do que lhe disseram para o consolar o ajudou a sentir-se melhor. Dean Thomas, que tinha imenso jeito, ofereceu-se para falsificar a assinatura do tio Vernon, mas como Harry já tinha dito à professora McGonagall que ele não assinara, não servia de nada. Ron, com o coração apertado, sugeriu o Manto da Invisibilidade, mas Hermione pôs a ideia de parte, lembrando que Dumbledore lhes dissera que os Dementors podiam detectá-lo. Percy teve, afinal, as palavras que lhe deram o maior conforto.

— Eles fazem todo esse alarido sobre Hogsmeade, mas eu posso assegurar-te, Harry, de que não é nada de tão especial — disse com seriedade. — Está certo, a loja de doces é bastante boa, mas a loja de Brincadeiras Mágicas do Zonko é francamente perigosa e, é verdade, vale a pena visitar a Cabana dos Gritos, mas se queres saber, Harry, à parte disso, não perdes nada.

Na manhã de Halloween, Harry acordou ao mesmo tempo que os outros e desceu para o pequeno-almoço, sentindo-se verdadeiramente em baixo, mas fazendo todos os possíveis por agir normalmente.

— Vamos trazer-te montes de guloseimas dos Doces dos Duques — prometeu Hermione cheia de pena dele.

— Sim, imensos — confirmou Ron. Ele e Hermione tinham finalmente esquecido a briga por causa de *Crookshanks*, perante a desilusão de Harry.

— Não se preocupem comigo — disse ele num tom de voz que tentou que fosse o mais espontâneo possível. — Vemo-nos no banquete. Divirtam-se. Um bom dia para vocês.

Acompanhou-os ao *Hall* de Entrada, onde Filch, o encarregado, estava de pé junto da grande porta, a conferir um por um os nomes numa longa lista, espreitando cheio de suspeitas para a cara de todos e assegurando-se de que não passava por ele ninguém não autorizado.

— Ficas cá, Potter? — murmurou Malfoy que estava na fila com Crabbe e Goyle. — Tens medo de passar pelos Dementors?

Harry ignorou-o e subiu sozinho a escadaria de mármore, passando pelos

corredores desertos em direcção à Torre dos Gryffindor.

— A senha? — perguntou a Dama Gorda, acordando de repente.

— Fortuna Major! — disse Harry prontamente.

O retrato abriu-se e ele passou pela abertura para a sala comum. Estava cheia de alunos do primeiro e segundo anos que conversavam animadamente e de outros, mais velhos, que já tinham certamente visitado Hogsmeade tantas vezes que a novidade se esgotara.

— Harry, olá, Harry!

Era Colin Creevey, um aluno do segundo ano que tinha uma profunda admiração por ele e nunca perdia uma oportunidade de o cumprimentar.

— Não vais a Hogsmeade, Harry? Porquê? Olha... — Colin olhou em volta para os amigos ansiosamente. — Podes sentar-te aqui, ao pé de nós se quiseres.

— Hã... não, obrigado, Colin — disse Harry que não estava com vontade de ter uma série de gente a olhar avidamente para a cicatriz que tinha na testa. — Tenho de ir à biblioteca, falta-me acabar uns trabalhos.

Depois disso, não teve outro remédio senão dar meia volta e sair de novo pelo buraco do retrato.

— Para que é que me acordaste? — ripostou maldisposta a Dama Gorda, depois de ele passar.

Harry foi caminhando desanimadamente para a biblioteca, mas a meio caminho mudou de ideias. Não lhe apetecia trabalhar. Voltou-se e deu de caras com Filch, que devia ter acabado de fazer a verificação dos últimos visitantes de Hogsmeade.

— O que fazes aqui? — perguntou, curioso.

— Nada — disse Harry que não podia ser mais verdadeiro.

— Nada? — repetiu Filch com os maxilares a tremer de forma desagradável. — Que linda história! Espiando por aqui sozinho! Por que não estás em Hogsmeade a comprar Bombinhas de Mau Cheiro, Pó de Arrotos e Vermes Sibilantes como todos os teus coleguinhos nojentos?

Harry encolheu os ombros.

— Bom, volta para a sala comum dos Gryffindor que é lá o teu lugar! — prosseguiu Filch rispidamente ficando a olhar, enquanto Harry desaparecia do seu ângulo de visão.

Mas ele não voltou à sala comum. Subiu uma escada, pensando vagamente em ir à Torre das Corujas visitar *Hedwig* quando uma voz, de dentro de uma das salas que ladeavam o corredor o chamou: — Harry!

Voltou-se para ver quem era e deu com o professor Lupin à porta do seu gabinete.

— O que andas a fazer? — perguntou Lupin, num tom de voz bastante

diferente do de Filch. — Onde estão o Ron e a Hermione?

— Foram a Hogsmeade — respondeu Harry

— Ah! — exclamou Lupin. — Olhou para Harry durante um momento.

— Por que não entras? Acabo de receber um Grindyflow para a nossa próxima lição.

— Um quê? — perguntou Harry.

Seguiu Lupin até ao gabinete. A um dos cantos encontrava-se um grande aquário com água. Tinha dentro uma criatura verde de aspecto horrível com uns pequeninos cornos afiados, a cara encostada ao vidro, fazendo caretas e dobrando os longos dedos fusiformes.

— É um demónio da água — explicou Lupin, contemplando pensativamente o Grindyflow. — Não vamos ter grandes dificuldades com ele depois dos Kappas. O segredo está em obrigá-lo a ceder. Reparaste nos dedos incrivelmente grandes? Fortes, mas quebradiços.

O Grindyflow mostrou-lhes os seus dentes verdes e, em seguida, enfiou-se num emaranhado de ervas que havia a um canto do aquário.

— Queres uma chávena de chá? — perguntou Lupin, olhando em volta à procura da chaleira. — Eu estava a pensar em fazer chá.

— Está bem — acedeu Harry, pouco à vontade.

Lupin tocou na chaleira com a varinha e uma baforada de vapor saiu subitamente do bico.

— Senta-te — disse ele, tirando a tampa de uma lata poeirenta. — Só tenho saquetas mas, segundo creio, já estás um pouco farto das folhas de chá!

Harry olhou para ele, e viu que os olhos do professor brilhavam.

— Como soube? — perguntou.

— Contou-me a professora McGonagall — disse Lupin, passando-lhe uma chávena rachada com chá. — Não estás preocupado, pois não?

— Não — respondeu Harry.

Durante um momento, pensou em contar a Lupin tudo sobre o cão que vira em Magnolia Crescent, mas decidiu não dizer nada. Não queria que ele ficasse a pensar que era cobarde, principalmente depois de Lupin ter achado que ele não se aguentaria com um Sem Forma.

Alguns dos seus pensamentos devem ter-se-lhe espelhado no rosto, porque Lupin perguntou: — Há alguma coisa a preocupar-te?

— Não — mentiu ele. Bebeu um pouco mais de chá e viu o Grindyflow ameaçá-lo com o punho. — Sim — disse subitamente, pousando a chávena sobre a secretária. — Lembra-se do dia em que combatemos o Sem Forma?

— Sim — disse Lupin, lentamente.

— Por que não me deixou enfrentá-lo? — perguntou Harry

repentinamente.

Lupin ergueu as sobrancelhas.

— Pareceu-me óbvio, Harry — respondeu, surpreendido.

Harry, que esperava que o professor negasse tê-lo feito, ficou espantado.

— Porquê? — voltou a perguntar.

— Bem — disse Lupin, franzindo levemente as sobrancelhas — calculei que se o Sem Forma te visse, assumiria a forma de Lord Voldemort.

Harry ficou a olhar para ele. Não só aquela era a última coisa que esperava ouvir, como ainda Lupin pronunciara o nome de Voldemort. A única pessoa a quem ele ouvira dizer aquele nome em voz alta (além dele próprio) fora o professor Dumbledore.

— É claro que eu estava enganado, — afirmou Lupin que continuava a franzir as sobrancelhas — mas não me pareceu uma boa ideia que Lord Voldemort se materializasse na sala dos professores. Imaginei que as pessoas poderiam entrar em pânico.

— Eu pensei no Voldemort em primeiro lugar, — admitiu Harry com toda a honestidade — mas depois lembrei-me dos Dementors.

— Estou a ver — disse Lupin pensativo. — Bem... bem... estou impressionado. — Sorriu perante o olhar de surpresa no rosto de Harry. — Isso sugere que aquilo que te provoca mais medo é o próprio medo. Muito inteligente, Harry.

Harry não soube o que responder àquilo, por isso bebeu mais uns goles de chá.

— Então, ficaste a pensar que eu não te achava capaz de enfrentar um Sem Forma? — perguntou Lupin com sagacidade.

— Bem... sim — respondeu Harry, mais satisfeito. — Professor Lupin, sabe que os Dementors...

Foi interrompido por uma batida na porta.

— Entre — declarou Lupin.

A porta abriu-se e Snape entrou. Trazia nas mãos um cálice que fumegara levemente e parou quando viu Harry, contraindo ligeiramente os olhos negros.

— Ah! Severus — disse Lupin a sorrir —, muito obrigado. Podes deixá-lo aí em cima da secretária.

Snape pousou o cálice. O seu olhar saltava de Harry para Lupin.

— Eu estava agora mesmo a mostrar ao Harry o meu Grindylow — informou-o Lupin, bem-disposto, apontando para o aquário.

— Fascinante — observou Snape sem sequer se dar ao trabalho de olhar. — Devias beber isso imediatamente, Lupin.

— Sim, é o que vou fazer — continuou ele.

— Fiz um caldeirão inteiro — prosseguiu Snape. — Se quiseres mais...

— Talvez amanhã te peça mais, obrigado, Severus.

— De nada — disse Snape, mas tinha um brilho nos olhos de que Harry não gostou nada. Saiu da sala sério e desconfiado.

Harry olhou cheio de curiosidade para o copo. Lupin sorriu.

— O professor Snape teve a gentileza de fazer uma poção para mim — explicou. — Nunca tive muito jeito para fazer poções e esta é particularmente complicada.

Pegou no copo e cheirou-o. — É uma pena o açúcar estragar-lhe por completo o efeito — acrescentou, bebendo um gole e arrepiando-se.

— Por que... — começou Harry. Lupin olhou para ele e respondeu à pergunta inacabada.

— Tenho andado a sentir-me indisposto — disse. — Esta poção é a única coisa que ajuda. Tenho muita sorte em trabalhar perto do professor Snape. Poucos feiticeiros conseguem fazê-la.

O professor Lupin bebeu mais um gole e Harry teve uma vontade enorme de lhe arrancar o cálice das mãos.

— O professor Snape interessa-se muito por Magia Negra — deixou escapar.

— A sério? — repetiu Lupin, manifestando um interesse muito relativo e bebendo outro trago da poção.

— Algumas pessoas acham... — Harry hesitou, mas acabou por ir decididamente em frente. — Algumas pessoas acham que ele faria tudo para conseguir a disciplina de Defesa Contra A Magia Negra.

Lupin bebeu o resto e fez uma careta.

— Horrível! — exclamou. — Bem, Harry, tenho de voltar ao trabalho. Vemo-nos mais tarde no banquete.

— Certo — respondeu Harry, pousando a chávena de chá.

O cálice vazio ainda fumegava.

— Aqui está — indicou Ron. — Trouxemos tudo o que podíamos.

Uma chuva de doces de cores vivas caiu no colo de Harry. Estava a escurecer e Ron e Hermione tinham chegado à sala comum, rosados do frio e com o ar de quem passara o melhor dia da sua vida.

— Obrigado — agradeceu Harry, pegando num pacote de Diabinhos de Pimenta Preta. — Como é Hogsmeade? Aonde é que vocês foram?

Ao que parecia, a todo o lado. À Dervish e Banges, a loja de equipamentos de feitiçaria, à loja de Jogos e Brincadeiras Mágicas do Zonko, ao Três Vassouras para uma caneca de Cerveja de Manteiga quente a espumar e a muitos outros lugares.

— E fomos ao correio, Harry! Cerca de duzentas corujas, todas sentadas em prateleiras, divididas por cores de acordo com a velocidade que atingem a transportar uma carta.

— O Doces dos Duques tem outro tipo de *fudge*⁵, estavam a distribuí-lo gratuitamente. Está aqui um bocadinho, olha.

— Estamos convencidos de que vimos um ogre, a sério, vêem-se as criaturas mais estranhas no Três Vassouras.

— Pena que não tenhamos podido trazer-te Cerveja de Manteiga. Aquece-nos mesmo...

— O que é que tu fizeste? Estiveste a trabalhar?

— Não — respondeu Harry. — O Lupin ofereceu-me uma chávena de chá no gabinete dele e a certa altura entrou o Snape...

Contou-lhes tudo sobre o cálice fumegante. Ron ficou de boca aberta.

— O Lupin bebeu-o? — murmurou. — Ele é doido?

Hermione viu as horas.

— É melhor descermos. O banquete vai começar dentro de cinco minutos. — Passaram apressadamente pelo buraco do retrato e misturaram-se com a multidão, sempre a falar de Snape.

— Mas, se ele... sabes como é — Hermione baixou a voz, olhando nervosamente em volta —, se ele estava a tentar envenenar o Lupin, não ia fazê-lo diante do Harry.

— Sim, talvez — disse Harry, enquanto chegavam ao *Hall* de Entrada e entravam no Salão que tinha sido decorado com centenas e centenas de abóboras com velas lá dentro. Uma nuvem de morcegos vivos flutuava no ar e muitas serpentinas cor de laranja flamejante oscilavam levemente, cruzando o tecto tempestuoso como cintilantes cobras-d'água.

A comida estava deliciosa. Até Ron e Hermione, que estavam cheios com as iguarias do Doces dos Duques, se serviram duas vezes de cada prato. Harry não parava de olhar para a mesa dos professores. O professor Lupin parecia tão bem-disposto como de costume. Conversava animadamente com o baixinho Dr. Flitwick, o professor de Encantamentos. Harry passeava a olhar por toda a mesa em busca do lugar onde Snape se sentava. Seria imaginação sua ou Snape olhava mais vezes na direcção de Lupin do que o que seria natural?

O banquete terminou com um pequeno espectáculo proporcionado pelos fantasmas de Hogwarts. Entraram pelas paredes e pelas mesas para fazerem um número de acobracia aérea. O Nick Quase-Sem-Cabeça, o fantasma dos Gryffindor, foi muito aplaudido na reconstrução da sua decapitação imperfeita.

Foi um serão tão agradável que nada podia estragar o humor de Harry,

nem mesmo Malfoy, que gritava lá de longe enquanto saíam do Salão: — Os Dementors mandam-te cumprimentos, Potter!

Harry, Ron e Hermione seguiram os outros Gryffindor pelo caminho habitual até à torre, mas quando chegaram ao corredor que terminava no retrato da Dama Gorda, deram com uma multidão de estudantes.

— Por que é que ninguém entra? — perguntou Ron, cheio de curiosidade.

Harry espreitou por cima das cabeças que tinha na frente. O retrato parecia estar fechado.

— Deixem passar, por favor — dizia a voz de Percy que abria caminho pelo meio dos alunos com um ar importante. — Por que estão aqui parados? Não me digam que se esqueceram todos da senha? Deixem passar, eu sou Delegado dos Alunos...

Fez-se um silêncio nas filas da frente e um arrepio de medo foi-se espalhando pelo corredor. Subitamente ouviu-se a voz cortante de Percy:

— Alguém chame depressa o professor Dumbledore.

As cabeças voltaram-se. Os que estavam atrás puseram-se em bicos de pés.

— O que se passa? — perguntou Ginny, que acabava de chegar.

Pouco depois aparecia o professor Dumbledore, avançando em grandes passos para o retrato. Os Gryffindor apertaram-se para lhe abrir caminho e Harry, Ron e Hermione conseguiram chegar um pouco mais perto e ver o que se passava.

— Oh! — exclamou Hermione, agarrando o braço de Harry.

A Dama Gorda desaparecera do retrato que tinha sido violentamente retalhado. Tiras de tela enchiam o chão. Grandes pedaços tinham sido totalmente destruídos.

Dumbledore deu uma vista de olhos aos destroços do quadro e olhou com uma expressão sombria para os professores McGonagall, Lupin e Snape, que estavam atrás dele.

— Temos de encontrá-la — afirmou. — Professora McGonagall, por favor, vá ter com Mr. Filch imediatamente e diga-lhe que procure a Dama Gorda em todos os quadros do castelo.

— Terá sorte se a encontrar! — comentou uma voz de cana rachada.

Era Peeves, o *poltergeist*, balançando-se sobre a multidão, deliciado como era seu costume perante a confusão e o caos.

— O que queres dizer com isso, Peeves? — perguntou calmamente Dumbledore e o sorriso de Peeves afogou-se um pouco. Não tinha coragem de escarnecer de Dumbledore. Em vez disso, adoptou um tom untuoso que não era melhor que o anterior.

— Está envergonhada, Vossa Senhoria. Não quer que a vejam. Estava pavorosa. Vi-a a correr pela paisagem no quarto andar, escondendo-se por detrás das árvores, a chorar desesperada — contou felicíssimo. — Coitada! — acrescentou de modo pouco convincente.

— Ela disse quem fez isto? — perguntou Dumbledore calmamente.

— Sim, Vossa *Professoria* — disse Peeves como quem segura uma enorme granada nas mãos. — Ele ficou furioso quando ela lhe disse que não o podia deixar entrar. — Peeves deu uma cambalhota e, espreitando pelo meio das pernas, declarou com um sorriso: — Que mau feitio tem esse tal Sirius Black!

IX

UMA DERROTA CRUEL

O professor Dumbledore mandou todos os Gryffindor de novo para o Salão onde foram juntar-se-lhes, dez minutos mais tarde, os alunos dos Hufflepuff, Ravenclaw e Slytherin, que estavam todos bastante confusos.

— Eu e os outros professores temos de levar a cabo uma busca completa ao castelo — anunciou Dumbledore, enquanto os professores McGonagall e Flitwick fechavam as portas que davam para o Salão. — Receio bem que, para a vossa própria segurança, tenham de passar aqui a noite. Quero que os Prefeitos guardem as entradas e vou deixar os Delegados dos Alunos a tomarem conta de vocês. Qualquer distúrbio deverá ser-me imediatamente comunicado — acrescentou dirigindo-se a Percy, que ostentava um ar de grande importância. — Mandem as mensagens pelos fantasmas.

O professor Dumbledore fez uma pausa antes de deixar o Salão e acrescentou:

— Ah! sim, vão precisar...

Com um mero ondular da sua varinha, fez com que as enormes mesas voassem para as extremidades do Salão e ficassem encostadas às paredes. Outro ondular e o chão ficou coberto de centenas de sacos-cama roxos, muito macios.

— Durmam bem — desejou o professor Dumbledore, fechando a porta atrás de si.

O Salão começou logo a fervilhar de excitação. Os Gryffindor contavam ao resto dos colegas o que tinha sucedido.

— Todos para os sacos-cama! — gritou Percy. — Não há mais conversa. Dentro de dez minutos as luzes vão-se apagar.

— Venham — disse Ron a Harry e a Hermione. Pegaram em três sacos-cama e levaram-nos para um canto.

— Acham que o Black ainda está no castelo? — perguntou Hermione

num murmúrio ansioso.

— Obviamente o Dumbledore pensa que ele poderá estar — disse Ron.

— Foi uma sorte ter escolhido a noite de hoje — comentou Hermione, enquanto se enfiavam completamente vestidos dentro dos sacos-cama e se apoiavam nos cotovelos para poderem conversar. — Era a única noite em que não estávamos na Torre...

— Eu acho que ele deve ter perdido a noção do tempo por andar fugido — opinou Ron. — Não se apercebeu de que era Halloween. Caso contrário, teria entrado por aqui dentro.

Hermione estremeceu.

Em volta deles, os colegas colocavam uns aos outros a mesma questão:

— Como terá ele entrado?

— Talvez seja capaz de se Materializar. Aparecer do nada — opinava uma Ravenclaw a um metro e pouco de distância.

— Talvez disfarçado — sugeria um Hufflepuff do quinto ano.

— Pode ter vindo a voar — arriscava Dean Thomas.

— Francamente, será que fui a única pessoa que se deu ao trabalho de ler *Hogwarts: Uma História*? — disse Hermione, aborrecida, a Harry e a Ron.

— Provavelmente — arriscou Ron. — Porquê?

— Porque este castelo não está só protegido pelas paredes, não sei se sabem. Há vários encantamentos para evitar que seja assaltado. Não é possível alguém Materializar-se aqui e eu gostaria de saber qual o disfarce que enganaria os Dementors. Eles guardam todas as entradas dos campos. Tê-lo-iam visto se ele entrasse a voar. Além disso, o Filch conhece todas as passagens secretas, que devem estar vigiadas...

— As luzes vão apagar-se agora — gritou Percy. — Quero toda a gente dentro dos sacos-cama e acabou-se a conversa!

As velas apagaram-se todas ao mesmo tempo. A única luz que havia vinha agora dos fantasmas prateados que andavam por ali, falando muito a sério com os Prefeitos, e do tecto encantado que, tal como o céu lá fora, estava cheio de estrelas. Com esse efeito e os murmúrios que ainda enchiam o Salão, Harry sentiu-se como se estivesse a dormir ao ar livre, tocado por uma leve brisa.

De hora a hora, um dos professores vinha até ao Salão confirmar se tudo estava em ordem. Por volta das três da madrugada, quando a maior parte dos alunos tinha já adormecido, entrou o professor Dumbledore.

Harry viu-o à procura de Percy, que tinha andado pelo meio dos sacos-cama a mandar as pessoas calarem-se. Percy estava a poucos metros de distância de Harry, Ron e Hermione que, mal os passos de Dumbledore se aproximaram, fingiram imediatamente estar a dormir.

— Algum sinal dele, Professor? — perguntou Percy num murmúrio.

— Não. Tudo bem por aqui?

— Tudo sob controlo, Professor.

— Ótimo. Não vale a pena estar a mudá-los agora. Arranjei um guarda temporário para o buraco do retrato dos Gryffindor. Poderemos transferi-los para lá amanhã.

— E a Dama Gorda, Professor?

— Está escondida num mapa de Argyllshire, no segundo andar. Parece que se recusou a deixar o Black entrar sem a senha, por isso ele atacou-a. Está ainda muito perturbada, mas quando se acalmar, pedirei ao Filch que a restaure.

Harry ouviu a porta do Salão voltar a abrir-se e novos passos.

— Director? — Era Snape. Harry ficou muito quieto a ouvir. — O terceiro andar foi todo revistado. Ele não está lá. E o Filch procurou nas masmorras. Também não há lá nada.

— E a torre de Astronomia? A sala da professora Trelawney? A Torre das Corujas?

— Tudo visto...

— Muito bem, Severus. Na verdade, eu não esperava que o Black se demorasse muito.

— Tem alguma ideia de como ele poderá ter entrado, Professor? — perguntou Snape.

Harry afastou muito levemente a cabeça dos braços para libertar o outro ouvido.

— Muitas, Severus. E cada uma delas mais improvável que a anterior.

Harry abriu ligeiramente os olhos e olhou de esguelha. Dumbledore estava de costas e pôde ver a cara atenta de Percy e o perfil enraivecido de Snape.

— Lembra-se da conversa que tivemos, Director, mesmo antes de... no princípio do ano? — disse Snape que mal abria os lábios, tentando pôr Percy fora da conversa.

— Lembro, Severus — respondeu Dumbledore, e havia uma espécie de aviso na sua voz.

— Parece-me praticamente impossível que o Black possa ter entrado na escola sem a ajuda de alguém cá de dentro. Eu manifestei a minha apreensão quando o senhor nomeou...

— Não acredito que uma única pessoa deste castelo tivesse ajudado o Black a entrar — afirmou Dumbledore num tom de voz tão categórico que o assunto foi encerrado e Snape não respondeu.

— Tenho de ir lá abaixo falar aos Dementors — acrescentou

Dumbledore. — Fiquei de os prevenir quando a busca tivesse terminado.

— Eles não quiseram ajudar, Professor? — perguntou Percy.

— Oh! É claro que sim — respondeu friamente Dumbledore. — Mas enquanto eu for director desta escola, nenhum Dementor cruzará a soleira da porta.

Percy ficou ligeiramente desconcertado. Dumbledore saiu com passos seguros e lentos. Snape ficou alguns momentos a olhar para ele com uma expressão de profundo ressentimento. Por fim, saiu também.

Harry olhou para ambos os lados. Tanto Ron como Hermione estavam de olhos abertos, reflectindo o céu estrelado.

— Que história foi aquela? — murmurou Ron.

Nos dias que se seguiram, não se falou de outra coisa na escola a não ser de Sirius Black. As teorias de como ele entrara no castelo tornavam-se cada vez mais fantasiosas. Hannah Abbott, dos Hufflepuff, passou grande parte da aula de Herbologia a dizer a quem a quisesse ouvir que Black podia transformar-se num arbusto.

O retrato destruído da Dama Gorda fora retirado da parede e substituído pelo retrato de Sir Cadogan e o seu *pony* gordinho. Ninguém ficara particularmente feliz com isto. Sir Cadogan passava metade do tempo a desafiar as pessoas para duelos, e o resto a pensar em complicadíssimas senhas que mudava pelo menos duas vezes por dia.

— Ele é completamente doido — queixou-se Seamus Finnigan a Percy, aborrecido. — Não se pode arranjar outro?

— Nenhum dos outros quadros quis o trabalho — explicou Percy. — Assustaram-se com o que aconteceu à Dama Gorda. Sir Cadogan foi o único suficientemente corajoso para se oferecer como voluntário.

Todavia, Sir Cadogan era a menor das preocupações de Harry, que estava agora a ser observado de perto. Os professores arranjavam desculpas para o acompanhar nos corredores e Percy Weasley (que, segundo Harry, obedecia a ordens da mãe) seguia-o para todo o lado pomposamente, como se fosse um fiel cão de guarda. Para culminar, a professora McGonagall chamou-o ao seu gabinete e tinha nos olhos uma expressão tão sombria que ele chegou a pensar que tinha morrido alguém.

— Não vale a pena esconder-te por mais tempo, Potter — afirmou numa voz extremamente séria. — Sei que isto vai constituir um choque para ti, mas o Sirius Black...

— Eu sei que ele anda atrás de mim — disse Harry prontamente. — Ouvi o pai do Ron contar à mãe dele. Mr. Weasley trabalha para o Ministério da Magia.

A professora McGonagall ficou muito surpreendida. Olhou para Harry durante um momento ou dois e em seguida disse: — Bem, nesse caso, Potter, compreenderás por que não me parece uma boa ideia que continues a praticar Quidditch à noite. Lá fora, no campo, sozinho com a tua equipa, estás demasiado exposto.

— Temos o nosso primeiro jogo no sábado! — revoltou-se Harry. — Preciso de treinar, Professora.

A professora McGonagall observou-o atentamente. Harry sabia que ela se interessava muito pelas hipóteses da equipa Gryffindor. Afinal, fora ela quem sugerira que Harry fosse aceite como *seeker*. Esperou, contendo a respiração.

— Hum... — A professora McGonagall levantou-se e olhou pela janela para o estádio de Quidditch que se avistava por entre a chuva. — Bem... só eu sei como gostava que vocês vencessem finalmente a taça, mas, por outro lado, Potter... ficaria mais tranquila se um professor estivesse presente. Vou pedir a Madame Hooch se pode vigiar os vossos treinos.

O tempo piorava drasticamente à medida que o jogo de Quidditch se aproximava. Imperturbável, a equipa dos Gryffindor treinava mais do que nunca sob a supervisão de Madame Hooch. No final dos treinos, antes do jogo de sábado, Oliver Wood deu à sua equipa algumas notícias muito pouco agradáveis.

— Não vamos jogar contra os Slytherin — disse-lhes com um ar bastante aborrecido. — O Flint veio falar comigo. Vamos ter de jogar com os Hufflepuff.

— Porquê? — perguntou o resto da equipa em coro.

— A desculpa do Flint é que o braço do *seeker* ainda não está bom — disse Wood, rangendo furiosamente os dentes —, mas é óbvio que não é esse o motivo. Não querem jogar com este tempo, acham que lhes reduz as possibilidades...

Os ventos tinham sido fortes durante todo o dia e a chuva pesada e, enquanto Wood falava, ouviram o ribombar de um trovão à distância.

— O Malfoy não tem nada no braço — disse Harry, furioso. — É tudo a fingir.

— Eu sei, mas não podemos prová-lo — constatou Wood amargamente. — E temos praticado todas estas jogadas partindo do princípio de que os opositores eram os Slytherin e agora são os Hufflepuff, cujo estilo é totalmente diferente. Têm um novo treinador e *seeker*, o Cedric Diggory.

Angelina, Alicia e Katie começaram a rir baixinho.

— O que é? — quis saber Wood, franzindo as sobrancelhas face ao

comportamento pouco adequado das raparigas.

— Aquele tipo alto e bonitão? — perguntou Angelina.

— Calado e forte? — acrescentou Katie. — E começaram a risota.

— Ele só é calado e forte, porque é demasiado bronco para juntar duas palavras — explicou Fred, impaciente. — Não sei por que te preocupas, Oliver, os Hufflepuff são canja. Da última vez que jogámos contra eles, o Harry apanhou a *snitch* ao fim de cinco minutos, lembras-te?

— As condições em que estávamos a jogar eram totalmente diferentes — gritou Wood, com os olhos protuberantes. — O Diggory conseguiu uma frente muito forte e é um excelente *seeker*. Eu já receava que vocês tomassem as coisas assim. Não podemos abrandar, há que estar atento. Os Slytherin estão a tentar passar-nos uma rasteira. Temos de vencer!

— Acalma-te, Oliver — sossegou-o Fred, que estava a ficar um pouco alarmado. — Nós levamos os Hufflepuff a sério. De verdade!

Na véspera do jogo, o vento uivava e a chuva caía intensamente. Estava tão escuro nos corredores e nas salas de aulas que foi preciso acender mais velas e tochas. A equipa dos Slytherin ostentava um ar presumido e o pior de todos era Malfoy.

— Ah! Se ao menos o meu braço estivesse um pouco melhor! — suspirava, enquanto a ventania chicoteava as janelas.

Harry não tinha disponibilidade mental para se preocupar com outra coisa que não fosse o jogo do dia seguinte. Oliver Wood não parava de o incentivar nos intervalos, dando-lhe dicas. Da terceira vez que o fez, falou durante tanto tempo que Harry se apercebeu de que estava dez minutos atrasado para a aula de Defesa Contra A Magia Negra e saiu a correr com Wood a gritar atrás dele: — O Diggory tem uma guinada muito rápida, Harry, por isso será melhor fazeres uns *loopings*...

Harry derrapou e estacou à porta da sala de aula de Defesa Contra A Magia Negra, empurrou-a e entrou.

— Desculpe o atraso, Professor Lupin, eu...

Mas não foi o professor Lupin quem olhou para ele da secretária e sim Snape.

— Esta aula começou há dez minutos, Potter. Portanto, acho que vamos retirar dez pontos aos Gryffindor. Senta-te.

Harry, porém, não se mexeu.

— Onde está o professor Lupin? — perguntou.

— Está doente. Não se sentiu capaz de dar a aula de hoje — afirmou Snape com um sorriso retorcido. — Julgo que te mandei sentar.

Harry, porém, continuou onde estava.

— O que é que ele tem?

Os olhos pretos de Snape brilharam. — Nada de vida ou de morte — disse como se desejasse que assim fosse. — Menos cinco pontos para os Gryffindor e ainda chegas a cinquenta se tiver de te mandar sentar outra vez.

Harry dirigiu-se lentamente para o lugar e sentou-se. Snape olhou em volta para os alunos.

— Como eu estava a dizer-vos antes de o Potter me ter interrompido, o professor Lupin não deixou registados os assuntos que vos deu...

— Por favor, Professor, demos os Sem Forma, os Barretinhos Vermelhos, os Kappas e os Grindybows — enumerou Hermione rapidamente. — E íamos começar a dar...

— Cale-se — interrompeu Snape friamente. — Eu não pedi informações. Comentava apenas a falta de sentido organizativo do professor Lupin.

— Ele é o melhor professor de Defesa Contra A Magia Negra que nós alguma vez tivemos — afirmou corajosamente Dean Thomas e ouviu-se um murmúrio de aprovação do resto da turma. Snape tinha um ar profundamente ameaçador.

— Vocês satisfazem-se com pouco. Não se pode dizer que o Lupin vos sobrecarregasse. Eu esperaria que os alunos do primeiro ano já soubessem lidar com Barretinhos Vermelhos e Grindybows. Hoje vamos falar de...

Harry viu-o folhear rapidamente o livro até ao último capítulo onde eles, naturalmente, ainda não tinham chegado.

— Lobisomens — anunciou Snape.

— Mas, Professor — interrompeu Hermione, incapaz de se conter —, não deveríamos dar lobisomens ainda, íamos começar os Hinkypunks...

— Miss Granger — disse Snape numa voz excessivamente calma —, eu estava convencido de que me cabia a mim dar esta aula e não à menina. Estou a dizer-lhe que abra na página trezentos e noventa e quatro. — Olhou em volta. — Todos vocês, já!

Com muitos olhares amargos, de esguelha e alguns murmúrios prolongados, a turma abriu os livros.

— Qual de vocês pode dizer-me como se distingue um lobisomem de um verdadeiro lobo? — perguntou Snape.

Ficaram todos imóveis e em silêncio com exceção de Hermione, cujo braço, pela força do hábito, se tinha posto no ar.

— Alguém? — insistiu Snape, ignorando-a. Ostentava de novo seu sorriso desdenhoso. — Querem dizer-me que o professor Lupin nem sequer vos ensinou a distinção básica entre...

— Nós dissemos-lhe — interrompeu Parvati subitamente. — Ainda não chegámos aos lobisomens, ainda vamos nos...

— Silêncio! — gritou Snape. — Ora, ora, nunca na minha vida imaginei encontrar uma turma do terceiro ano que não fosse capaz de reconhecer um lobisomem quando o visse. Faço questão de informar pessoalmente o professor Dumbledore de como vocês estão atrasados...

— Por favor, Professor — insistiu Hermione com a mão ainda no ar. — O lobisomem distingue-se do verdadeiro lobo de várias maneiras. O focinho do lobisomem...

— É a segunda vez que fala sem autorização, Miss Granger — repreendeu Snape friamente. — Cinco pontos a menos por ser uma sabichona insuportável.

Hermione ficou muito vermelha, baixou a mão e olhou para o soalho com os olhos cheios de lágrimas. Mas a prova de que a classe em peso detestava Snape é que ficaram todos a olhá-lo com uma expressa furiosa, apesar de cada um deles ter chamado sabichona a Hermione pelo menos uma vez na vida. Ron, que lho chamava pelo menos duas vezes por semana, disse em voz alta: — Fez-nos uma pergunta e ela sabe a resposta. Para que é que perguntou se não quer que lhe respondam?

A classe percebeu de imediato que ele fora longe de mais. Snape avançou para ele lentamente e os outros contiveram a respiração.

— Castigo, Weasley — disse Snape de forma insinuante, com o rosto quase em cima do de Ron. — E se mais alguma vez te oíço criticar o meu método de ensino, vais lamentá-lo para o resto dos teus dias.

Ninguém falou até ao fim da aula. Tiraram notas sobre lobisomens do livro de texto, enquanto Snape caminhava para cima e para baixo entre as secretárias, examinando o trabalho feito com o professor Lupin.

— Muito mal explicado... aliás, incorrecto. O Kappa encontra-se com mais frequência na Mongólia... o professor Lupin deu a isto um dezasseis numa escala de zero a vinte, comigo não tinha mais de seis...

Quando finalmente tocou a campainha, Snape reteve-os.

— Cada um de vós vai escrever um trabalho para me ser entregue sobre o modo como se reconhecem e matam lobisomens. Quero duas folhas de pergaminho sobre este assunto na segunda-feira. Já é altura de alguém ter mão nesta turma. Weasley, tu ficas para trás, temos de falar sobre o teu castigo.

Harry e Hermione saíram com o resto da turma, que esperou até estar bem longe para estoirar em tiradas furiosas contra Snape.

— O Snape nunca chegou a este ponto com nenhum dos outros professores de Defesa Contra A Magia Negra, apesar de querer o lugar —

observou Harry a Hermione. — O que terá ele contra o Lupin? Achas que tudo isto é por causa do Sem Forma?

— Não sei — disse Hermione pensativa. — Mas espero que o professor Lupin melhore depressa.

Ron veio ter com eles cinco minutos mais tarde completamente furioso.

— Sabem o que aquele... — (chamou a Snape um nome que fez a Hermione exclamar: Ron!) — me vai obrigar a fazer? Vou ter de esfregar as arrastadeiras da enfermaria *sem usar magia*. — Respirava com dificuldade, com os punhos fechados. — Por que não se escondeu o Black no gabinete do Snape? Podia ternos feito o favor de acabar com ele.

Na manhã seguinte, Harry acordou extremamente cedo. Tão cedo que ainda estava tudo escuro. Por momentos pensou que acordara com o zumbido do vento, mas a seguir sentiu uma brisa fria na nuca e sentou-se de repente. Peeves, o *poltergeist*, andava a flutuar junto dele e a soprar-lhe nos ouvidos.

— Por que fizeste isto? — perguntou, furioso.

Peeves encheu as bochechas de ar, soprou com força e saiu do quarto a cacarejar.

Harry procurou desajeitadamente o despertador e viu as horas. Eram quatro e meia. Praguejando contra Peeves, deu meia volta e tentou adormecer de novo, mas, agora que tinha acordado, não era fácil ignorar os sons da trovoada lá em cima, as investidas do vento contra os muros do castelo e o chiar distante das árvores na Floresta Proibida.

Dentro de poucas horas estaria no estádio de Quidditch a travar a sua luta no meio daquele temporal. Por fim, desistiu de tentar dormir mais, levantou-se, vestiu-se, pegou na sua *Nimbus Dois Mil* e saiu tranquilamente do dormitório.

Mal abriu a porta, sentiu uma coisa a roçar-lhe na perna. Baixou-se a tempo de agarrar *Crookshanks* pela extremidade da cauda farfalhada e arrastá-lo lá para fora.

— Sabes, acho que o Ron tinha razão em relação a ti — disse Harry, desconfiado. — Há imensos ratos neste castelo, vai atrás deles — mandou, empurrando *Crookshanks* com o pé pela escada em espiral. — Deixa o *Scabbers* em paz.

O barulho da trovoada era ainda maior na sala comum. Harry sabia perfeitamente que o jogo não seria cancelado. Não era hábito os jogos de Quidditch serem afectados por ninharias como uma trovoada. Contudo, começava a sentir-se muito apreensivo. Wood apontara-lhe no corredor Cedric Diggory, que era um aluno do quinto ano, bastante mais alto do que

ele. Os *seekers* costumavam ser leves e rápidos, mas o peso de Diggory podia tornar-se uma vantagem com aquele tempo, porque corria menos riscos de ser arrastado pelo vento.

Harry esperou em frente da lareira que chegasse o amanhecer, levantando-se de vez em quando para evitar que *Crookshanks* se esgueirasse de novo pela escada dos rapazes. Por fim, achou que devia estar na hora do pequeno-almoço e passou sozinho pelo buraco do retrato.

— Levanta-te e luta, seu cachorro miserável! — gritou Sir Cadogan.

— Oh! Cala a boca — respondeu-lhe Harry.

Reanimou-se um pouco com um grande prato de papa de aveia, e quando estava a começar a comer a torrada, vinha a chegar o resto da equipa.

— Vai ser um jogo difícil — resmungou Wood que não comeu nada.

— Deixa de estar preocupado, Oliver — disse Alicia, aligeirando as coisas. — Nós não nos assustamos com uma chuvazinha.

Mas era bastante mais do que uma chuvazinha. A popularidade do Quidditch era tal que a escola em peso apareceu para ver o jogo como de costume, correndo pelos relvados fora até ao estádio, as cabeças baixas, defendendo-se do vento feroz, os guarda-chuvas a serem-lhes arrancados das mãos pelo caminho.

Mesmo antes de entrar nos vestiários, Harry viu Malfoy, Crabbe e Goyle a rirem-se, apontando para ele, os três debaixo de um gigantesco guarda-chuva enquanto se encaminhavam para o estádio.

A equipa vestiu os seus fatos escarlate e esperou pelo habitual discurso que Wood sempre os obrigava a ouvir, mas, desta vez, isso não aconteceu. Wood tentou por várias vezes falar, mas fez um ruído estranho, abanou a cabeça, desalentado, e fez-lhes sinal para que o seguissem.

O vento estava tão forte que eles eram levados de lado, enquanto avançavam para o campo. Se a multidão aplaudia, não conseguiam ouvir nada com o ruído dos trovões. A chuva turvava os óculos de Harry. Como diabo ia conseguir ver a *snitch* assim?

Os Hufflepuff aproximavam-se, vindos do outro extremo do campo, com os seus fatos amarelo-canário. Os capitães avançaram um para o outro e apertaram as mãos. Diggory sorriu a Wood mas este tinha os maxilares cerrados e limitou-se a fazer um aceno. Harry viu os lábios de Madame Hooch formarem as palavras: — Montem nas vassouras.

Harry soltou o pé da lama, com um ruído de sucção, e passou-o sobre a *Nimbus Dois Mil*. Madame Hooch levou o apito aos lábios e soprou, emitindo um som distante. O jogo começa.

Harry elevou-se no ar rapidamente mas a sua *Nimbus* mudava ligeiramente de direcção com o vento. Ele agarrou-a com a maior firmeza

possível e voltou-se, tentando ver através da chuva.

Cinco minutos depois, estava ensopado até aos ossos e gelado, quase não conseguia ver os seus companheiros de equipa, quanto mais a pequenina *snitch*. Voava para a frente e para trás ao longo do campo, passando por vagas formas vermelhas e amarelas sem ter a menor ideia do que estava a decorrer no resto do jogo.

Com o vento, não conseguia ouvir os comentários. A multidão estava oculta por detrás de um mar de capas e guarda-chuvas inclinados. Por duas vezes, Harry esteve perto de levar com uma *bludger*. A sua visão estava tão toldada pelos pingos de chuva nos óculos que nem as vira aproximarem-se.

Perdeu a noção do tempo. Era cada vez mais difícil manter a vassoura direita. O céu escurecia como se a noite tivesse decidido chegar mais cedo. Por duas vezes, Harry quase chocou com outro jogador sem mesmo perceber se se tratava de um colega da sua equipa ou da contrária. Estavam já todos tão molhados e a chuva era tão espessa que dificilmente os distinguia uns dos outros.

Com o primeiro relâmpago veio o som do apito de Madame Hooch. Harry só conseguiu ver a silhueta de Wood fazendo-lhe sinal para que descesse. Toda a equipa aterrou na lama com grande espalhafato.

— Eu pedi tempo — bradou Wood à sua equipa. — Venham cá, aqui debaixo...

Abrigaram-se numa das extremidades do campo, debaixo de um grande guarda-chuva. Harry tirou os óculos e limpou-os apressadamente à capa.

— Qual é a pontuação?

— Temos cinquenta pontos de vantagem — informou Wood. — Mas, se não agarrarmos rapidamente a *snitch*, vamos ficar a jogar pela noite dentro.

— Eu não consigo ver nada com estes óculos — queixou-se Harry, exasperado.

Nesse momento, Hermione apareceu ao lado dele. Tinha a capa sobre a cabeça e estava inexplicavelmente sorridente.

— Tive uma ideia, Harry. Dá-me os teus óculos depressa!

Ele entregou-lhos e, enquanto a equipa a observava, espantada, Hermione tocou-lhes com a varinha e pronunciou *Impervius!*

— Já está — disse, voltando a entregar-lhos. — A partir de agora vão repelir a água.

Wood tinha vontade de beijá-la.

— Magnífico! — exclamou com voz rouca, enquanto ela desaparecia no meio da multidão. — Pronto, rapazes, vamos a isto!

O encantamento de Hermione funcionara. Harry continuava gelado, mais húmido do que nunca, mas conseguia ver. Com uma determinação

revigorada, acelerou a vassoura pelo ar turbulento, olhando em todas as direcções em busca da *snitch* e evitando uma *bludger*, mergulhando por baixo de Diggory, que se deslocava a grande velocidade na direcção oposta.

Ouviu-se um novo trovão, seguido de uma série de raios. As coisas estavam a tornar-se cada vez mais perigosas. Harry tinha de agarrar rapidamente a *snitch*.

Voltou-se, tentando recuar até ao meio campo, mas, nesse momento, outro relâmpago iluminou as bancadas e Harry viu algo que o distraiu completamente: a silhueta de um enorme cão preto e peludo, nitidamente recortado no céu, imóvel, na última fila das bancadas, que estava vazia.

As suas mãos dormentes escorregaram no cabo da vassoura e a *Nimbus Dois Mil* desceu um ou dois metros. Sacudindo a franja dos olhos, lançou um olhar de esguelha à bancada. O cão tinha desaparecido.

— Harry — chegou-lhe o grito angustiado de Wood. — Harry, atrás de ti!

Harry olhou descontroladamente em volta. Cedric Diggory atravessava o campo a grande velocidade e uma pequenina mancha dourada brilhava no ar, cortada pela chuva que caía entre ambos.

Com um salto de pânico, Harry deitou-se sobre o cabo da vassoura e avançou direito à *snitch*.

— Vá lá — gritou à sua *Nimbus*, enquanto a chuva lhe vergastava a cara. — *Mais depressa!*

Mas algo muito estranho estava a acontecer. Um silêncio arrepiante instalara-se no estádio. O vento, apesar de continuar mais forte do que nunca, esquecera-se de uivar. Era como se alguém tivesse desligado o som, como se Harry tivesse ficado subitamente surdo. O que é que se passava?

E então uma onda de frio que lhe era familiar envolveu-o por fora e por dentro, ao mesmo tempo que se apercebia de um movimento lá em baixo no campo.

Pelo menos uma centena de Dementors avistava-se lá em baixo, com os seus rostos ocultos virados para cima. Era como se a água gelada lhe subisse no peito, dilacerando-lhe as entranhas. E foi então que a ouviu de novo: uma voz que gritava dentro da sua cabeça, uma voz de mulher.

— *Não, o Harry não, por favor, o Harry não!*

— *Afasta-te, sua palerma, afasta-te...*

— *Não, o Harry não, por favor, prefiro ser eu a morrer...*

O cérebro de Harry estava entorpecido, girando numa neblina branca... que estava ele a fazer? Por que voava? Era preciso ajudá-la... ela ia morrer... ia ser assassinada...

E ele caía, caía por entre a neblina gélida.

— *O Harry não, por favor... tenha piedade...*

Uma voz estridente ria-se, enquanto a mulher gritava e foi tudo de que Harry se pôde aperceber.

— Felizmente o chão era macio.

— Pensei que ele tinha morrido...

— ... mas nem sequer partiu os óculos.

Harry ouvia as vozes a murmurar, mas não faziam sentido. Não sabia onde estava ou como ali tinha chegado. Não sabia sequer o que tinha feito para ir ali parar. Só sabia que todo o corpo lhe doía como se tivesse levado uma sova.

— Foi a coisa mais assustadora que vi até hoje.

Assustador... a coisa mais assustadora... silhuetas negras encapuzadas... frio... gritos.

Harry abriu os olhos. Estava na enfermaria. Em volta da sua cama, podia ver-se a equipa de Quidditch dos Gryffindor, coberta de lama da cabeça aos pés. Ron e Hermione também lá estavam com o ar de quem acabou de sair de uma piscina.

— Harry! — exclamou Fred que parecia incrivelmente pálido sob a lama. — Como te sentes agora?

Era como se a sua memória regressasse a toda a velocidade. Os raios, o Cruel, a *snitch*... e os Dementors.

— O que aconteceu? — perguntou, sentando-se tão depressa que todos se assustaram.

— Caíste — explicou Fred. — Para aí de uma altura de quinze metros.

— Pensámos que tinhas morrido — acrescentou Alicia, que tremia toda.

Hermione soltou um gemido. Tinha os olhos incrivelmente vermelhos.

— Mas, e o jogo? — quis saber Harry. — O que aconteceu? Vamos ter alguma repetição?

Ninguém lhe respondeu. A terrível verdade atingiu Harry como uma pedrada.

— Não me digam que... perdemos?

— O Diggory agarrou a *snitch* — disse George. — Logo a seguir à tua queda. Não se apercebeu do que sucedera. Quando te viu no chão, tentou anular e pedir um novo jogo, mas eles ganharam com toda a justiça. Até o Wood admite esse facto.

— Onde está o Wood? — perguntou Harry, apercebendo-se, finalmente, de que ele não se encontrava ali.

— Nos vestiários, no duche — respondeu Fred. — Pensamos que está a

tentar afogar-se.

Harry levou o rosto aos joelhos e agarrou o cabelo com as mãos. Fred tocou-lhe no ombro e sacudiu-o vigorosamente.

— Então, Harry, nunca deixaste de agarrar a *snitch* até hoje.

— Alguma vez tinhas de perder — disse George.

— Ainda não acabou — comentou Fred. — Perdemos por cem pontos, certo? Portanto, se os Hufflepuff perderem com os Ravenclaw e com os Slytherin...

— Os Hufflepuff vão ter de perder pelo menos por duzentos pontos — concluiu George.

— Mas se eles ganharem aos Ravenclaw...

— É difícil. Os Ravenclaw são muito bons. Mas se os Slytherin perderem contra os Hufflepuff...

— Tudo depende do número de pontos. Uma margem de cem para um ou outro lado...

Harry não dizia nada. Tinham perdido... pela primeira vez ele perdera um jogo de Quidditch.

Cerca de dez minutos mais tarde, Madame Pomfrey veio pedir ao resto da equipa que o deixasse em paz.

— Vimos ver-te mais tarde — despediu-se Fred. — Não te deixes ir abaixo, Harry. Continuas a ser o melhor *seeker* que alguma vez tivemos.

A equipa saiu em grupo, espalhando lama à sua passagem. Madame Pomfrey fechou a porta com um olhar reprovador. Ron e Hermione aproximaram-se da cama de Harry.

— O Dumbledore estava mesmo zangado — contou-lhe ela numa voz abalada. — Eu nunca o tinha visto assim. Correu para o campo na altura em que tu ias a cair e fez um gesto com a varinha que abrandou a velocidade da tua queda. Em seguida, apontou a varinha aos Dementors. Lançou-lhes um fumo prateado e eles desapareceram imediatamente do estádio. Estava furioso por terem entrado nos campos, nós ouvimo-lo...

— Depois fez uma magia e colocou-te numa maca — continuou Ron. — E fê-la flutuar até à escola. Todos pensaram que tu estavas...

A voz fraquejou-lhe, mas Harry mal deu por isso. Pensava no que os Dementors lhe tinham feito, na voz que gritava. Reparou que Ron e Hermione olhavam para ele com uma tal ansiedade que procurou rapidamente uma pergunta banal para lhes fazer.

— Alguém guardou a minha *Nimbus*?

Ron e Hermione olharam rapidamente um para o outro.

— Hã...

— O que foi? — inquiriu Harry, olhando para ambos.

— Bem... quando tu caíste, ela foi levada pelo vento — explicou Hermione com alguma hesitação.

— E...?

— E foi bater... Oh! Harry... foi bater no Salgueiro Zurzidor.

O estômago de Harry contraiu-se. O Salgueiro Zurzidor era uma árvore muito violenta que estava isolada no meio dos campos.

— E...? — insistiu ele, receando a resposta.

— Bem, tu conheces o Salgueiro Zurzidor! — disse Ron. — Não gosta que lhe batam.

— O professor Flitwick foi buscá-la pouco antes de tu acordares — murmurou Hermione numa voz fraca.

Lentamente pegou num saco que tinha aos pés, voltou-o ao contrário e despejou sobre a cama uma dúzia de pedaços de madeira e ramos estilhaçados, os únicos destroços da fiel vassoura de Harry, finalmente vencida.

X

O MAPA DO SALTEADOR

Madame Pomfrey insistiu em reter Harry na enfermaria durante o resto do fim-de-semana. Ele não tentou resistir nem protestar, mas impediu-a de deitar fora os restos da *Nimbus Dois Mil*. Sabia que estava a ser estúpido e que a *Nimbus* não tinha reparação possível, mas não podia evitar senti-la como uma amiga muito querida que acabava de perder.

Houve uma torrente de visitantes, todos eles procurando animá-lo. Hagrid mandou-lhe um molho de flores que pareciam couves amarelas e Ginny Weasley, corando até à raiz dos cabelos, apareceu com um cartão de melhoras, feito por ela, que cantava estridentemente sem parar a não ser que Harry o enfiasse debaixo do jarro do sumo.

A equipa dos Gryffindor voltou a visitá-lo no domingo de manhã. Desta vez iam acompanhados de Wood, que disse a Harry, num tom de voz sumido e cavernoso, que não o culpava de nada. Ron e Hermione só saíram de junto dele à noite, mas nada do que lhe disseram ou fizeram o levou a sentir-se melhor, porque eles só sabiam metade do que estava a acontecer-lhe.

Não falou a ninguém do Cruel, nem mesmo a Ron e a Hermione, porque sabia que ele ia entrar em pânico e ela não deixaria de escarnecer. A verdade, porém, é que ele já lhe aparecera duas vezes e ambas tinham sido seguidas de acidentes quase fatais. Da primeira vez, quase fora atropelado pelo Autocarro Cavaleiro, da segunda caíra da vassoura de uma altura de quase quinze metros. Iria o Cruel continuar a persegui-lo até o conseguir matar? Teria de passar o resto dos seus dias a espreitar por cima do ombro em busca do monstro?

E havia ainda os Dementors. Harry sentia-se mal e vexado só de pensar neles. Todos os achavam horríveis, mas ninguém desmaiava sempre que um deles se aproximava... ninguém mais ouvia dentro da cabeça o eco dos

seus pais moribundos.

Sim, porque Harry sabia agora a quem pertencia aquela voz que gritava. Ouvira repetidamente as suas palavras durante horas na enfermaria, enquanto jazia sem conseguir dormir, vendo retalhos de luar no tecto. Quando os Dementors se tinham aproximado dele, ouvira os últimos momentos da vida da sua mãe, a tentativa de o proteger de Lord Voldemort e o riso de Voldemort antes de a ter assassinado... Depois dormitava, com um sono leve, mergulhando em sonhos cheios de mãos pegajosas e pútridas e súplicas de terror, acordando sobressaltado para voltar a debater-se ao som da voz da sua mãe.

Foi um alívio voltar na segunda-feira à confusão e turbulência da escola, onde era obrigado a pensar noutras coisas, apesar de ter de suportar as provocações de Draco Malfoy, que andava exultante com a derrota dos Gryffindor no jogo. Tirara finalmente as ligaduras e celebrara o pleno uso dos dois braços fazendo diversas imitações de Harry a cair da vassoura. Passou também grande parte da aula de Poções a imitar os Dementors por toda a masmorra. Ron, finalmente, estoirou, atirou-lhe com um enorme coração de crocodilo escorregadio que lhe bateu na cara, o que levou Snape a tirar mais cinquenta pontos aos Gryffindor.

— Se o Snape vai ficar a dar Defesa Contra A Magia Negra, eu acho que vou adoecer — declarou Ron, enquanto se dirigiam, a seguir ao almoço, à aula do professor Lupin. — Vê quem está lá dentro, Hermione.

Hermione espreitou para dentro da sala de aula.

— Tudo bem.

O professor Lupin estava de volta. Tinha, de facto, todo o ar de quem estivera doente. As velhas roupas estavam-lhe mais largas e apresentava olheiras fundas. Ainda assim, sorriu aos alunos que se sentaram nos seus lugares e desataram a expor uma explosão de queixas sobre o comportamento de Snape enquanto Lupin estivera doente.

— Não é justo, ele estava só a fazer uma substituição, para quê passar-nos trabalho para casa?

— Nós não sabemos nada sobre lobisomens...

— Duas folhas de pergaminho!

— Explicaram ao professor Snape que ainda não tínhamos dado essa matéria? — perguntou Lupin, franzindo levemente as sobrancelhas.

A algazarra recomeçou.

— Sim, mas ele disse que nós estávamos muito atrasados...

— Ele não quis ouvir...

— Duas folhas de pergaminho!

O professor Lupin sorriu com as expressões de indignação no rosto dos seus alunos. — Não se preocupem, eu falo com o professor Snape. Não precisam de fazer esse trabalho.

— Oh! Não! — exclamou Hermione, com um ar profundamente desapontado. — Eu já o terminei!

A aula foi extremamente agradável. O professor Lupin trouxera com ele uma caixa de vidro que tinha dentro um Hinkypunk, uma criatura pequenina com uma única perna, de aspecto frágil e inofensivo, que parecia feito de novelos de fumo.

— Atraem os viajantes para os atoleiros — explicou o professor Lupin, enquanto eles tomavam notas. — Repararam na lanterna baloiçando na mão dele? As pessoas seguem a luz e...

O Hinkypunk fez um barulho horroroso contra os vidros.

Quando a campainha tocou, pegaram todos nas suas coisas e saíram porta fora. Harry ia também sair, mas Lupin deteve-o.

— Espera um momento, Harry. Gostaria de falar um pouco contigo.

Harry deu meia volta e viu o professor Lupin cobrir a caixa do Hinkypunk com um pano.

— Ouvi falar do jogo — disse Lupin, voltando-se para a secretária e começando a guardar os livros dentro da pasta. — E lamento o que sucedeu à tua vassoura. Haverá alguma possibilidade de a consertar?

— Não — respondeu Harry. — A árvore fê-la em bocadinhos.

Lupin suspirou.

— O Salgueiro Zurzidor foi plantado no ano em que eu cheguei a Hogwarts. As pessoas costumavam fazer um jogo que consistia em chegar o mais perto possível e tocar no tronco. Um dia, um rapaz chamado Davey Gudgeon quase ficou sem um olho e fomos proibidos de nos aproximarmos da árvore. Nenhuma vassoura teria qualquer hipótese.

— Ouviu também falar dos Dementors? — perguntou Harry com alguma dificuldade.

— Ouvi, sim. Acho que nenhum de nós tinha jamais visto o professor Dumbledore tão zangado. Eles andavam agitados de há algum tempo para cá, por não os deixarem entrar nos campos. Suponho que tenha sido por causa deles que tu caíste?

— Sim — confirmou Harry. Hesitou e depois a pergunta que tinha para fazer irrompeu de dentro dele sem que tivesse o poder de controlar-se: — Porquê? Por que me afectam desta maneira? Serei eu...?

— Não tem nada a ver com fraqueza — assegurou-lhe o professor Lupin prontamente como se lhe tivesse lido os pensamentos. — Os Dementors afectam-te dessa maneira, porque há coisas horríveis no teu passado que

não existem no passado dos outros.

Um raio de sol de Inverno penetrou na sala de aula, iluminando os cabelos grisalhos de Lupin e as rugas do seu rosto ainda jovem.

— Os Dementors são das criaturas mais imundas que pisaram a Terra. Infestam os lugares mais negros e imundos, rejubilam perante a decadência e o desespero, sugam a paz, a esperança e a felicidade do ar que os rodeia. Até os Muggles sentem a sua presença, embora não consigam vê-los. Se te aproximares demasiado de um Dementor, os teus bons sentimentos, as tuas recordações felizes ser-te-ão arrancados. Se puder, o Dementor alimentar-se-á de ti e reduzir-te-á a algo parecido com ele, desumano e maldoso. Ficarás reduzido às piores experiências da tua vida e o pior que te aconteceu a ti, Harry, é suficiente para te fazer cair de uma vassoura. Não tens nada de que te envergonhar.

— Quando eles se aproximam de mim... — Harry olhou para a secretária de Lupin com a garganta apertada — eu oiço o Voldemort a matar a minha mãe.

Lupin fez um gesto com o braço, como se fosse pousá-lo sobre o ombro de Harry e se tivesse arrependido. Houve um momento de silêncio. Depois...

— Por que tiveram eles de vir ao jogo? — perguntou Harry com amargura.

— Estão a ficar famintos — explicou Lupin calmamente, fechando a pasta com um estalido. — O Dumbledore não os deixa entrar na escola e a sua reserva de vítimas humana esgotou-se... Acho que não conseguiram resistir a toda aquela multidão em volta do campo de Quidditch, a toda aquela excitação e emoção. Aquilo, para eles, era um autêntico festim.

— Azkaban deve ser horrível — murmurou Harry. Lupin concordou gravemente com um aceno de cabeça.

— A fortaleza fica instalada numa ilha no meio do mar, mas eles não precisam dos muros nem da água para manter ali os prisioneiros visto já os terem enclausurado dentro das suas próprias cabeças, incapazes de um único pensamento alegre. A maior parte enlouquece em poucas semanas.

— Mas o Sirius Black fugiu — disse Harry lentamente. — Escapou-lhes...

A pasta de Lupin escorregou da secretária e ele teve de se baixar rapidamente para conseguir agarrá-la.

— Sim — assentiu, endireitando-se. — O Black deve ter encontrado um meio de se lhes opor. Eu não acreditaria que fosse possível... Os Dementors são supostamente capazes de retirar a um feiticeiro todos os seus poderes, se ele ficar junto deles demasiado tempo.

— O senhor fez aquele Dementor do comboio recuar — lembrou bruscamente Harry.

— Há certas defesas que podem ser utilizadas — respondeu Lupin. — Mas no comboio era só um. Quantos mais são, mais difícil se torna resistir.

— Que defesas? — perguntou Harry sem perder tempo. — Pode ensinar-me?

— Eu não sou um perito na luta contra os Dementors, Harry, muito pelo contrário...

— Mas se eles aparecerem outra vez num jogo de Quidditch, eu tenho de ser capaz de me defender...

Lupin olhou para a expressão determinada no rosto de Harry. Hesitou e depois acedeu: — Bem, está bem, vou tentar ajudar-te, mas tens de esperar pelo próximo período. Tenho muito trabalho antes das férias. Esta foi uma altura muito inconveniente para eu adoecer.

Com a promessa de umas lições para defesa contra os Dementors dadas por Lupin, a ideia de não ter de voltar a ouvir a voz da mãe na hora da morte, e o facto de os Ravenclaw terem arrasado os Hufflepuff no jogo de Quidditch no final de Novembro, o humor de Harry mudou definitivamente. Afinal, os Gryffindor não estavam fora da corrida, embora não pudessem dar-se ao luxo de perder outro jogo. Wood reencontrou a sua superenergia e treinou a equipa com mais entusiasmo que nunca durante as chuvas gélidas que se mantiveram persistentemente até Dezembro. Harry não viu sinal de nenhum Dementor dentro dos campos. A raiva de Dumbledore parecia tê-los mantido nos seus postos, junto das entradas.

Duas semanas antes do fim do período, o céu aclarou subitamente para um deslumbrante branco opalino e os campos lamacentos surgiram, uma bela manhã, cobertos de uma geada resplandecente. Dentro do castelo, o espírito de Natal enchia o ar. O professor Flitwick, que dava Encantamentos, já decorara a sua sala de aula com luzes cintilantes que, afinal, eram fadas verdadeiras e esvoaçantes. Todos os alunos conversavam, animados, sobre os planos para as férias. Ron e Hermione tinham decidido ficar em Hogwarts e apesar de Ron insistir em que o fazia porque não suportava duas semanas seguidas com Percy e de Hermione alegar que precisava de utilizar a biblioteca, Harry não se deixava enganar. Sabia que ficavam para lhe fazer companhia e sentia-se muito grato por isso.

Para grande satisfação de todos, à excepção de Harry, ia haver outro passeio a Hogsmeade no último fim-de-semana do período.

— Podemos fazer lá todas as compras de Natal — sugeriu Hermione. —

Os meus pais vão adorar aqueles fios dentais de hortelã-pimenta do Doces dos Duques.

Resignado com o facto de ser o único aluno do terceiro ano a ficar na escola, Harry pediu emprestado a Wood um exemplar da revista *Que Vassoura?* e decidiu passar o dia a ler. Tinha utilizado nos treinos uma velha vassoura da escola, uma *Estrela Cadente* que era muito lenta e dava saltos. Precisava mesmo de comprar uma vassoura nova.

Na manhã do sábado da visita a Hogsmeade, Harry despediu-se de Ron e Hermione, que iam agasalhados com mantos e cachecóis de lã, voltou a subir a escadaria de mármore sozinho e dirigiu-se à Torre dos Gryffindor. Pelas janelas via-se a neve que começara a cair lá fora. O castelo estava calmo e silencioso.

— Pssst! Harry!

Voltou-se a meio do corredor do terceiro andar e viu Fred e George a espreitarem por detrás da estátua de uma bruxa corcunda que só tinha um olho.

— O que estão vocês aqui a fazer? — perguntou Harry cheio de curiosidade. — Por que não estão em Hogsmeade?

— Viemos animar-te um pouco antes de irmos embora — disse Fred com um ar misterioso. — Chega aqui...

Fizeram-lhe sinal para que entrasse numa sala de aula vazia que ficava à esquerda da estátua só com um olho. Harry seguiu-os. George fechou a porta devagarinho e voltou-se para ele, sorridente.

— Um presente de Natal antecipado para ti — anunciou.

Com um gesto cheio de floreados, Fred tirou qualquer coisa de dentro da capa e colocou-a sobre a secretária. Era uma folha de pergaminho quadrada e muito gasta que não tinha absolutamente nada escrito. Suspeitando de mais uma das partidas dos amigos, Harry ficou a olhar.

— O que é isso?

— Isto, Harry, é o segredo do nosso sucesso — afirmou George, dando palmadinhas à folha de pergaminho.

— Não nos é fácil desfazermo-nos disto, mas decidimos ontem à noite que tu precisas mais dele do que nós.

— Aliás, já o conhecemos de cor — acrescentou George. — Legamos-to, não vamos precisar mais dele.

— E o que faço eu com uma folha velha de pergaminho? — perguntou Harry.

— Uma folha velha! — indignou-se Fred, fechando os olhos numa careta como se o amigo o tivesse ofendido mortalmente. — Explica-lhe, George.

— Bem... quando estávamos no nosso primeiro ano e éramos jovens, despreocupados e inocentes...

Harry bufou. Duvidava de que Fred e George tivessem alguma vez sido inocentes.

— Bem... mais inocentes do que somos hoje, tivemos um pequeno desentendimento com o Filch.

— Lançámos uma Bomba de Estrume no corredor e aquilo aborreceu-o bastante.

— Então, levou-nos ao seu gabinete e começou a ameaçar-nos com o habitual...

— ... castigo.

— Ameaçou estripar-nos...

— ... e não conseguimos deixar de reparar numa gaveta de um dos seus arquivadores que tinha escrito *Confiscados e Altamente Perigosos*.

— Não me digas... — proferiu Harry, abrindo um sorriso.

— Bem, o que é que tu farias? — perguntou Fred. — O George provocou uma diversão, lançando uma segunda Bomba de Estrume e eu abri a gaveta e agarrei... *isto*.

— Não foi tão grave como parece, sabes? — observou George. — Temos a impressão de que o Filch nunca descobriu como funcionar com ele. Deve ter suspeitado do que se tratava, ou não o teria confiscado, mas...

— E vocês sabem como funciona?

— É claro — respondeu Fred com um sorriso traquinas. — Esta beleza ensinou-nos mais do que todos os professores da escola.

— Vocês estão a baralhar-me — confessou Harry, olhando para o bocado de pergaminho velho e imperfeito.

— Ah sim? — tornou George.

Pegou na varinha, tocou ao de leve no pergaminho e disse: — *Juro solenemente que vou fazer asneira*.

E, num momento, finas linhas de tinta começaram a espalhar-se como se fossem uma teia de aranha, a partir do ponto em que a varinha de George tocara. Juntaram-se, cruzaram-se, encheram completamente a folha de pergaminho. Por fim, algumas palavras começaram a surgir, grandes, retorcidas, verdes, proclamando:

Os Srs. Moony, Wormtail, Padfoot e Prongs

Provedores de Material de Apoio a Feiticeiros Malandros,

Têm o prazer de apresentar

O MAPA DO SALTEADOR

Era um mapa que representava detalhadamente o castelo e os campos de Hogwarts. O mais incrível, porém, eram os minúsculos pontinhos de tinta que se moviam, cada um identificado com um pequenino nome. Abismado, Harry inclinou-se. Um ponto identificado no canto superior esquerdo mostrava o professor Dumbledore no seu gabinete a andar de um lado para o outro. *Mrs. Norris*, a gata do encarregado, deambulava pelo segundo andar e Peeves, o *poltergeist*, andava como sempre a fazer barulho de um lado para o outro, na sala dos troféus. E à medida que os olhos de Harry passeavam para cima e para baixo, acompanhando os corredores que ele conhecia tão bem, reparou noutra coisa.

O mapa mostrava uma série de passagens por onde ele nunca entrara e muitas delas pareciam conduzir...

— Directamente a Hogsmeade — anunciou Fred, apontando uma delas com o dedo. — São sete no total. Estas quatro, o Filch conhece-as. — Apontou-as no mapa. — Mas temos a certeza de que estas aqui, só nós conhecemos. Não ligue à que fica atrás do espelho do quarto andar. Usámo-la até ao último Inverno, mas agora está completamente bloqueada e achamos que esta nunca deve ter sido utilizada porque o Salgueiro Zurzidor foi plantado mesmo à entrada. Mas esta, esta leva directamente à cave do Doces dos Duques. Usámo-la montes de vezes, como debes ter reparado, a entrada é mesmo à saída desta sala, pela corcunda daquela feiticeira com um olho só.

— Moony, Wormtail, Padfoot e Prongs — suspirou George, dando mais uma palmadinha no mapa. — Devemos-vos muito.

— Homens nobres que trabalharam incansavelmente para ajudar a nova geração de transgressores — declarou solenemente Fred.

— Certo — reforçou vivamente George. — Não te esqueças de o limpar depois de o teres usado...

— Ou qualquer pessoa o poderá ler — avisou Fred.

— Basta que lhe toques e digas *Asneira Terminada* e ele ficará novamente em branco.

— Portanto, jovem Harry — disse Fred, imitando Percy —, vê se te portas bem.

— Vemo-nos no Doces dos Duques — despediu-se George, piscando-lhe o olho.

Saíram ambos da sala, satisfeitos.

Harry ficou ali a olhar espantado para o mapa milagroso. Viu a tinta fininha, que formava as palavras *Mrs. Norris*, virar à esquerda e parar para cheirar qualquer coisa no chão. Se Filch, de facto, não sabia... ele não teria de passar pelos Dementors.

Mas enquanto ali estava, vibrando de excitação, veio-lhe à memória uma frase que ouvira um dia a Mr. Weasley.

Nunca confies em nada que pense por si próprio se não conseguires ver onde tem o cérebro.

Aquele mapa era um desses objectos perigosos contra os quais Mr. Weasley o prevenira... Provedores de Material de Apoio a Feiticeiros Malandros... Mas, pensou para consigo, só o queria usar para ir a Hogsmende, não ia roubar nada nem atacar ninguém e Fred e George usavam-no havia anos e nunca lhes sucedera nada de horrível...

Traçou com o dedo a passagem secreta para o Doces dos Duques. Depois, subitamente, como se executasse uma ordem, enrolou o mapa, escondeu-o sob o manto e apressou-se a chegar à porta da sala. Abriu-a alguns centímetros. Não havia ninguém lá fora. Com todo o cuidado, saiu e escapou-se por detrás da estátua da feiticeira com um olho só.

O que tinha de fazer? Pegou de novo no mapa e viu com grande espanto que uma nova figura em tinta aparecera com o nome de «Harry Potter». Essa figura estava precisamente no lugar onde ele se encontrava, a meio do corredor do terceiro andar.

Harry observou com todo o cuidado. A sua figurazinha de tinta tocava na bruxa com a varinha microscópica. Harry, rapidamente, tirou a sua varinha e tocou na estátua. Nada aconteceu. Olhou de novo para o mapa. Um balão pequenino surgira junto da figura. A palavra escrita lá dentro era *Dissendium!*

— *Dissendium* — murmurou Harry, tocando mais uma vez na bruxa de pedra. E de imediato a corcunda da estátua abriu-se o suficiente para deixar entrar uma pessoa magra. Harry olhou para os dois lados do corredor, voltou a guardar o mapa, enfiou-se dentro do buraco de cabeça para baixo e fez força para a frente.

Deslizou um bom bocado por uma superfície que lhe pareceu ser de pedra e aterrou na terra fria e húmida. Levantou-se, olhando em volta. Estava escuro como breu. Erguendo a varinha, murmurou: — *Lumus!* — E viu que estava numa passagem de terra muito estreita. Consultou o mapa e disse: — *Asneira Terminada!*

O mapa voltou a ficar em branco. Harry dobrou-o com todo o cuidado, meteu-o dentro do manto, e, com o coração a bater muito depressa, excitado e apreensivo avançou.

A passagem dava voltas e voltas, parecendo a toca de um coelho gigante. Harry tropeçava aqui e ali no chão irregular, segurando a varinha na sua frente.

Demorou um tempo infinito, mas agarrava-se à ideia do Doces dos

Duques para se confortar. Depois de um tempo que lhe pareceu quase uma hora, a passagem começou a subir. Ofegante, Harry, não perdeu tempo, tinha a cara quente e os pés gelados.

Dez minutos mais tarde chegou à base de uns degraus de pedra que se elevavam acima do seu ângulo de visão. Com muito cuidado para não fazer barulho, começou a subir cem degraus, duzentos... perdeu-lhes a conta enquanto ia subindo, atento aos pés... e de repente a cabeça bateu em qualquer coisa dura.

Parecia ser um alçapão. Harry ficou ali, esfregando o alto da cabeça, a ouvir. Não distinguia qualquer som lá em cima. Lentamente, abriu o alçapão e espreitou.

Estava numa cave cheia de caixas e caixotes. Harry subiu e voltou a fechar a porta do alçapão. Adaptava-se tão bem ao chão cheio de pó que ninguém diria que ali estava. Dirigiu-se devagarinho à escada de madeira que levava ao andar de cima. Agora sim, ouvia vozes, para não falar do som de uma campainha que tocava sempre que a porta da rua se abria ou fechava.

Sem saber lá muito bem o que deveria fazer, ouviu uma porta abrir-se muito perto do lugar onde se encontrava. Alguém estava prestes a descer as escadas.

— E traz outra caixa de Lesmas de Geleia, querido, eles comeram-nas quase todas — ouvia-se uma voz de mulher.

Dois pés desciam a escada. Harry escondeu-se detrás de um caixote enorme e esperou até deixar de ouvir passos. Ouviu o homem arrumar caixas contra a parede em frente. Talvez não tivesse outra oportunidade.

Rápida e silenciosamente, escapou-se do esconderijo e subiu as escadas. Olhando para trás, viu um enorme traseiro e uma cabeça calva e brilhante que pareciam enfiados num caixote. Chegou à porta no cimo das escadas, escapou-se através dela e deu por si atrás do balcão do Doces dos Duques. Baixou-se, esquivou-se de lado e, por fim, endireitou-se.

O Doces dos Duques estava tão cheio de alunos de Hogwarts que ninguém se deu ao trabalho de reparar em Harry. Passou pelo meio dos colegas, olhando em volta e conteve uma gargalhada ao imaginar a cara de porquinho de Dudley se pudesse ver onde ele estava naquele momento.

Havia prateleiras e prateleiras dos doces mais suculentos que é possível imaginar. Grandes pedaços de nogado cremoso, quadrados cor-de-rosa brilhantes de gelado de coco, grandes caramelos cor de mel, centenas de variedades de chocolate arrumadas em grandes filas. Havia um grande barril de Feijões de Todos os Sabores e outro de Abelhas Sibilantes, as bolinhas com sabor a limão que faziam levitar e de que Ron tanto falara e

uma parede toda coberta de doces de efeitos especiais: «*Droobles*, as melhores Pastilhas Elásticas» (que enchiam uma sala com bolhas coloridas e sonoras que se recusavam a rebentar durante dias e dias), o estranho fio dental com sabor a hortelã-pimenta, minúsculos Diabinhos de Pimenta Preta (Respira fogo para os teus amigos!), Ratinhos de Gelo (Ouve os teus dentes bater e ranger!), bombons de hortelã-pimenta em forma de sapo (Saltam mesmo no estômago!), delicadas penas de açúcar e bombons explosivos.

Harry espremeu-se pelo meio de uma multidão de alunos do sexto ano e viu um cartaz no canto mais afastado da loja («Sabores raros»). Ron e Hermione estavam de pé, mesmo debaixo do cartaz, observando uma bandeja de chupa-chupas com sabor a sangue. Harry esgueirou-se para trás deles.

— Baah, não, acho que o Harry não vai gostar desses. Devem ser para vampiros — dizia Hermione.

— E estes? — perguntava Ron, empurrando-lhe para debaixo do nariz uma taça de bolinhas de creme de barata.

— Nem pensar nisso! — exclamou Harry.

Ron quase deitou a taça ao chão.

— Harry! — guinchou Hermione. — Que estás tu a fazer aqui? Como é que...

— Uau! — exclamou Ron, impressionado. — Aprendeste a Materializar-te!

— É claro que não — respondeu ele. Baixou a voz para que nenhum dos alunos do sexto ano o pudesse ouvir e contou-lhes tudo sobre o Mapa do Salteador.

— Por que é que o Fred e o George nunca mo deram a mim? — exclamou Ron, ofendido. — Sou irmão deles!

— Mas o Harry não vai ficar com o mapa — afirmou Hermione como se a ideia fosse simplesmente grotesca. — Vai entregá-lo à professora McGonagall, não vais, Harry?

— Não, não vou — assegurou-lhe Harry.

— Estás doida! — exclamou Ron, arregalando os olhos a Hermione. — Entregar uma preciosidade destas?

— Se eu o entregasse, teria de dizer onde o tinha obtido. O Filch ficaria a saber que o Fred e o George lho tinham tirado!

— Mas, e o Sirius Black? — sussurrou Hermione. — Ele pode estar a usar uma das passagens do mapa para entrar no castelo! Os professores têm de saber!

— Ele não pode ter entrado por estas passagens — disse Harry

rapidamente. — Há sete túneis secretos no mapa, certo? O Fred e o George acham que o Filch conhece quatro. Dos outros três, um está bloqueado e ninguém pode passar, o outro tem o Salgueiro Zurzidor plantado à entrada, portanto ninguém pode sair e há ainda aquele por onde eu vim. Bem, é difícil descobrir a entrada lá em baixo na cave, portanto, a não ser que ele já a conhecesse...

Harry hesitou. E se Black soubesse que ali existia aquela passagem? Mas Ron pigarreou, apontando para uma notícia que estava afixada no interior da porta da loja dos doces.

POR ORDEM DO MINISTÉRIO DA MAGIA

Lembramos os clientes de que, até novas instruções, os Dementors patrulharão as ruas de Hogsmeade todas as noites depois do pôr do Sol. Esta medida foi tomada para maior segurança dos residentes de Hogsmeade e cessará logo que Sirius Black seja recapturado. É, pois, aconselhável que o comércio feche um pouco antes do pôr do Sol.

Feliz Natal!

— Vês? — disse baixinho Ron. — Gostava de ver o Black tentar entrar no Doces dos Duques com os Dementors a fazerem a ronda da vila. De qualquer modo, Hermione, os donos da loja ouviriam sempre alguém a entrar aqui, não achas? Eles vivem mesmo por cima!

— Sim, mas... mas... — Hermione parecia debater-se para chegar a um outro problema. — Olha, o Harry não devia ter vindo a Hogsmeade. Não tem a autorização assinada. Se alguém descobre, vai arranjar problemas e ainda não é de noite. E se o Sirius Black aparecesse hoje? Agora?

— Ia ter dificuldade em encontrar o Harry no meio de tudo isto — disse Ron, apontando através das janelas de pinázios para os espessos novelos de neve.

— Vá lá, Hermione, é Natal. O Harry merece uma distração.

Hermione mordeu o lábio com um ar extremamente preocupado.

— Vais entregar-me? — perguntou Harry a sorrir.

— Oh! É claro que não, mas francamente, Harry...

— Viste as Abelhas Sibilantes? — perguntou Ron, agarrando-o por um braço e conduzindo-o até ao barril. — E as Lesmas de Geleia? E as Pipocas Ácidas? O Fred deu-me uma dessas quando eu tinha sete anos, que me abriu um buraco na língua. Ainda me lembro da minha mãe a dar-lhe na cabeça com a vassoura. — Ron olhou pensativo para a caixa das Pipocas Ácidas. — Achas que o Fred comeria umas bolinhas de creme de barata se eu lhe dissesse que eram amendoins?

Depois de Ron e Hermione terem pago todos os doces, saíram os três do Doces dos Duques para a rua, onde reinava a tempestade.

Hogsmeade parecia um cartão de Natal. As pequeninas vivendas e lojas com telhados de colmo estavam todas cobertas de neve espessa, as portas enfeitadas com grinaldas de azevinho e das árvores pendiam fitas com velas encantadas.

Harry tremia. Ao contrário dos outros dois, não trouxera capa. Subiram a rua com as cabeças curvadas contra o vento, Ron e Hermione a gritarem através dos cachecóis de lã.

— Ali é o correio...

— A loja do Zonko é aqui mais acima...

— Podíamos ir à Cabana dos Gritos...

— Já sei — sugeriu Ron a bater o dente —, vamos tomar uma Cerveja de Manteiga ao Três Vassouras!

Harry achou uma ótima ideia. O vento soprava violentamente e ele tinha as mãos geladas. Assim, atravessaram a rua e em poucos minutos entravam na pequena hospedaria.

Estava apinhada de gente barulhenta, quente e com muito fumo. Ao balcão, uma mulher cheia de curvas e de rosto bonito servia um grupo de feiteiros barulhentos.

— É Madame Rosmerta — indicou Ron. — Eu vou buscar as bebidas, está bem? — disse, corando ligeiramente.

Harry e Hermione dirigiram-se para o fundo da sala onde havia uma pequena mesa vaga entre a janela e uma bonita árvore de Natal que estava junto da lareira. Ron voltou cinco minutos mais tarde, transportando três canecas de estanho cheias de Cerveja de Manteiga quente.

— Feliz Natal — disse, erguendo a sua caneca.

Harry bebeu sofregamente. Era a coisa mais deliciosa que alguma vez tomara e parecia aquecê-lo todo por dentro.

Uma brisa súbita agitou-lhe os cabelos. A porta do Três Vassouras abriu-se de novo. Harry espreitou sobre a borda da caneca e engasgou-se.

A professora McGonagall e o professor Flitwick acabavam de entrar no bar, cobertos de flocos de neve, seguidos de Hagrid, que conversava animadamente com um homem de porte majestoso com um chapéu de coco verde e um manto às riscas: Cornelius Fudge, o Ministro da Magia.

Num segundo, Ron e Hermione puseram as mãos no topo da cabeça de Harry e empurraram-no para debaixo da mesa. Escorrendo Cerveja de Manteiga e rastejando para fora de vista, Harry agarrou a sua caneca vazia e observou os pés dos professores e de Fudge que se moveram em direcção ao balcão, pararam e a seguir deram a volta, dirigindo-se ao lugar onde ele

se encontrava.

Alguém lá em cima, Hermione murmurou: — *Mobiliarbus!*

A árvore de Natal que estava junto da mesa elevou-se a alguns centímetros do chão, deslizou para o lado e aterrou suavemente mesmo em frente da mesa deles, tapando-os por completo. Espreitando pelo meio das densas ramagens, Harry viu quatro conjuntos de pernas de cadeiras serem chegadas para trás, na mesa mesmo ao lado da deles, e ouviu o resmungar e suspirar dos professores e do Ministro da Magia que se sentavam.

Logo a seguir, viu outro par de pés dentro de uns sapatos de salto alto azuis-turquesa e ouviu uma voz de mulher.

— Uma garrafa de Água de Guelracho, pequena.

— É para mim — ouviu-se a voz da professora McGonagall.

— Quatro canecas de *Mead6* aquecido.

— 'Brigado, Rosmerta — agradeceu Hagrid.

— Um xarope de cereja com soda, gelo e chapelinho...

— Mmm! — fez o professor Flitwick, lambendo os lábios.

— Aqui está o rum de groselha que é para o Senhor Ministro.

— Obrigado, querida Rosmerta — disse a voz de Fudge. — É bom verte outra vez. Toma também qualquer coisa, senta-te.

— Muito obrigada, Senhor Ministro.

Harry viu os saltos altos brilhantes afastarem-se e voltarem a aproximar-se. O seu coração martelava-lhe, aflito, na garganta. Por que não se tinha lembrado de que era o último fim-de-semana do período escolar também para os professores? Quanto tempo iriam ficar ali sentados? Precisava de se esgueirar rapidamente para a cave do Doces dos Duques se queria voltar à escola nessa noite... A perna de Hermione deu um esticão nervoso junto dele.

— Então, o que o traz por cá, Senhor Ministro? — ouviu-se a voz de Madame Rosmerta.

Harry viu o corpo pesado de Fudge torcer-se na cadeira como se procurasse ver se havia alguém à escuta. Depois disse num tom de voz baixo:

— O que havia de ser, minha amiga? O Sirius Black! Calculo que saiba o que aconteceu na escola na noite de Halloween?

— Ouvi qualquer coisa — admitiu Madame Rosmerta.

— Contaste a toda a gente no bar, Hagrid? — perguntou, exasperada, a professora McGonagall.

— Acha que o Black ainda está por perto, Senhor Ministro? — murmurou Madame Rosmerta.

— Estou convencido de que sim — respondeu Fudge, sem se alongar.

— Sabe que os Dementors já fizeram duas buscas ao meu bar? — informou Madame Rosmerta com uma ligeira irritação na voz. — Assustaram-me os clientes todos... É muito mau para o negócio, Senhor Ministro.

— Rosmerta, querida, eu não gosto mais deles do que você — admitiu Fudge pouco à vontade. — Há precauções que infelizmente são necessárias. Encontrei há pouco alguns Dementors, estão furiosos com o Dumbledore por ele não os deixar entrar nos campos do castelo.

— É claro que não — confirmou de uma forma cortante a professora McGonagall. — Como poderíamos dar aulas com aquelas criaturas horrorosas a andarem por ali?

— Apoiado, apoiado! — guinchou o pequenino professor Flitwick, cujos pés balançavam a trinta centímetros do chão.

— Seja como for — objectou Fudge —, eles estão aqui para vos proteger a todos de algo muito pior. Todos sabemos do que o Black é capaz...

— Sabe que ainda me custa a acreditar — disse Madame Rosmerta pensativamente. — De todas as pessoas que podiam ter passado para o lado negro, o Sirius Black era o último em quem eu pensaria... Lembro-me tão bem dele quando era rapazinho e andava em Hogwarts. Se alguém me dissesse naquela altura o que ele viria a ser, eu acharia que tinha bebido de mais.

— Não sabe nem metade, Rosmerta — declarou Fudge bruscamente. — A pior coisa que ele fez não é do conhecimento geral.

— A pior coisa? — repetiu Madame Rosmerta com a voz vibrante de curiosidade. — Pior do que assassinar todas aquelas pessoas?

— Pior ainda — asseverou Fudge.

— Não posso acreditar. O que poderia ele fazer de pior?

— Você diz que se lembra do Black em Hogwarts, Rosmerta — murmurou a professora McGonagall. — Lembra-se de quem era o melhor amigo dele?

— É claro que sim — asseverou Madame Rosmerta com uma pequena gargalhada. — Nunca via um sem o outro. Estiveram aqui tantas vezes... Oh! o que eu me ria com eles, o Sirius Black e o James Potter!

Harry deixou cair a caneca de estanho com um baque e Ron deu-lhe um toque com o pé.

— Precisamente — disse a professora McGonagall. — O Black e o Potter, os chefes do seu grupinho. Ambos muito inteligentes, claro, excepcionalmente inteligentes na verdade, mas os maiores malandros de sempre.

— Não sei — riu-se Hagrid entre dentes. — O Fred e o George Weasley

não lhes ficam nada atrás!

— Havia quem pensasse que eram irmãos — afirmou o professor Flitwick, entrando na conversa. — Inseparáveis!

— É claro que eram inseparáveis — disse Fudge. — O Potter confiava no Black como não confiava em mais ninguém e nada mudou quando saíram da escola. O Black foi padrinho do casamento do James com a Lily. E foi depois padrinho do Harry. Ele não suspeita de nada, claro. É fácil imaginar como isso o deixaria abalado.

— O facto de o Black se ter aliado ao Quem-Nós-Sabemos? — murmurou Madame Rosmerta.

— Pior do que isso, minha amiga... — Fudge baixou a voz e continuou numa espécie de murmúrio: — Pouca gente está a par de que os Potter sabiam que o Quem-Nós-Sabemos andava atrás deles. O Dumbledore, que trabalhava incansavelmente contra o Quem-Nós-Sabemos, tinha alguns espiões bastante úteis. Um deles informou-o e ele alertou imediatamente o James e a Lily. Aconselhou-os a esconderem-se. É claro que não era fácil alguém esconder-se do Quem-Nós-Sabemos. O Dumbledore disse-lhes então que o melhor seria recorrerem ao Encantamento Fidelius.

— Como é que funciona? — perguntou Madame Rosmerta, tão curiosa que lhe faltava o ar. O professor Flitwick pigarreou.

— Trata-se de um feitiço imensamente complexo — explicou na sua voz aguda — que envolve ocultar magicamente um segredo dentro de um ser humano. A informação é escondida dentro da pessoa que se escolheu para Guardador Secreto e fica assim inacessível, a não ser, claro, que o Guardador Secreto decida divulgá-la. Mas desde que o Guardador Secreto se recusasse a contar ao Quem-Nós-Sabemos, ele podia revistar durante anos a aldeia onde a Lily e o James se encontravam que não os encontraria, nem que encostasse o nariz à janela da sala da casa deles.

— Então, o Black era o Guardador Secreto dos Potter? — murmurou Madame Rosmerta.

— Claro — confirmou a professora McGonagall. — O James Potter disse ao Dumbledore que o Black preferiria morrer a dizer onde eles estavam, que o Black pensava também esconder-se e, mesmo assim, o Dumbledore ficou preocupado. Lembro-me de que se ofereceu para ser ele próprio o Guardador Secreto dos Potter.

— Suspeitaria ele do Black? — perguntou Madame Rosmerta.

— Ele sabia que havia alguém chegado aos Potter que mantinha o Quem-Nós-Sabemos informado dos seus movimentos — revelou a professora McGonagall com ar sombrio. — Na verdade, ele suspeitava há algum tempo de que alguém do nosso lado se tornara traidor e passava

informações ao Quem-Nós-Sabemos.

— Mas o James Potter insistiu em usar o Black?

— Insistiu — confirmou Fudge. — E, cerca de uma semana após terem executado o Encantamento Fidelius...

— O Black traiu-os? — arfou Madame Rosmerta.

— Assim foi. Cansara-se do seu papel de agente duplo, estava preparado para assumir abertamente o seu apoio ao Quem-Nós-Sabemos e parece tê-lo planeado para o momento da morte dos Potter. Mas, como é do conhecimento de todos, o Quem-Nós-Sabemos foi vencido pelo pequeno Harry Potter. Tendo perdido os poderes e ficado terrivelmente enfraquecido, fugiu, deixando o Black numa posição muito difícil. O seu chefe caíra no preciso momento em que ele tinha mostrado o seu verdadeiro rosto de traidor. Não tinha outra alternativa a não ser fugir também...

— Vira-casacas, infecto e fedorento — gritou Hagrid tão alto que metade do bar se calou.

— Chiuuu! — admoestou-o a professora McGonagall.

— Eu encontrei-o! — grunhiu Hagrid. — Devo ter sido o último a vê-lo antes d'ele ter morto aquela gente toda. Fui eu quem retirou o Harry da casa da Lily e do James depois d'eles terem sido mortos. Trouxe-o do meio das ruínas, coitadinho, com um grande golpe na testa e os pais mortos... e o Sirius Black aparece naquela moto voadora qu'ele costumava conduzir. Não me passou p'la cabeça o que ele ali 'tava a fazer. Não sabia qu'ele tinha sido o Guardador Secreto da Lily e do James. Pensei qu'ele tinha sabido do ataque do Quem-Nós-Sabemos e vinha ajudar. 'Tava tod'a tremer e pálido. E sabem o que é qu'eu fiz? CONSOLEI O TRAIADOR ASSASSINO! — rugiu Hagrid.

— Hagrid, por favor — implorou a professora McGonagall —, baixa um pouco a voz.

— Como é qu'eu ia saber qu'ele não 'tava nada preocupado com a Lily e o James, que gostava era do Quem-Nós-Sabemos? E então disse-me: «Dá-me o Harry, Hagrid. Eu sou seu padrinho. Tomo conta dele.» Ah!, mas eu tinha ordem do Dumbledore e disse ao Black qu' o Dumbledore qu'ria qu'ele fosse morar com a tia e o tio. O Black insistiu, mas acabou por se calar. Disse-me que ficasse com a moto, que não ia precisar mais dela.

«Eu devia ter calculado qu'havia alguma coisa esquisita. Ele adorava aquela moto. P'ra que 'tava a oferecer-ma? Por que não ia precisar mais dela? A verdade é que era muito fácil identificá-la. O Dumbledore sabia qu'ele fora o Guardador Secreto dos Potter. O Black sabia qu'ia ter de fugir nessa noite. Era uma questão d'horas até o Ministério o apanhar.

«E s'eu lhe tivesse entregado o Harry, hein? Aposto qu'ele o tinha atirado da moto para o meio do mar. O filho do seu melhor amigo! Mas quand'um feiticeiro passa para o lado negro, tudo e todos deixam de ter importância pra ele.

Seguiu-se um longo silêncio. Depois, Madame Rosmerta afirmou com satisfação: — Mas ele não conseguiu desaparecer, pois não? O Ministério da Magia capturou-o no dia seguinte!

— Quem dera que tivesse sido assim — lamentou-se Fudge amargamente. — Não fomos nós que o encontrámos. Foi o pequeno Peter Pettigrew, outro dos amigos dos Potter. Certamente enlouquecido pela dor e sabendo que o Black tinha sido o Guardador Secreto deles, resolveu persegui-lo ele mesmo.

— O Pettigrew... aquele rapazinho gordo que andava sempre atrás deles em Hogwarts? — perguntou Madame Rosmerta.

— Tinha uma admiração imensa pelo Black e pelo Potter — disse a professora McGonagall. — Embora não lhes chegasse aos calcanhares em termos de inteligência. Fui várias vezes ríspida com ele, o que lamento muito hoje... — A voz fazia crer que ficara subitamente constipada.

— Então, Minerva — disse Fudge amavelmente. — O Pettigrew teve uma morte de herói. As testemunhas... Muggles, claro, apagámos-lhes posteriormente a memória ... disseram-nos como o Pettigrew encurralou o Black. Dizem que soluçava: A «Lily e o James, Sirius, como foste capaz!» e a seguir quis pegar na varinha, mas o Black foi mais rápido, claro, fez o Pettigrew em mil pedaços.

A professora McGonagall assoou o nariz e disse numa voz nasalada: — Que miúdo idiota... era péssimo em esgrima... devia ter deixado aquilo para o Ministério.

— Podem ter a certeza, se tivesse chegado ao Black antes do Pettigrew, não tinha perdido tempo com varinhas, abria-o ao meio — afirmou Hagrid com determinação.

— Não sabes o que estás a dizer, Hagrid — cortou Fudge. — Ninguém, a não ser um feiticeiro treinado no Esquadrão de Reforço da Lei Mágica teria tido a menor hipótese contra o Black, estando ele cercado. Nessa altura, eu era Ministro Adjunto no Departamento de Catástrofes Mágicas e fui dos primeiros a chegar ao local depois de o Black ter matado todas aquelas pessoas. Nunca poderei esquecer a cena. Ainda sonho às vezes com ela. Uma cratera no meio da rua, tão funda que rachou o esgoto lá em baixo. Corpos por todo o lado, os Muggles aos gritos. E o Black ali parado, a rir, com os restos do Pettigrew em frente dele... um monte de roupa ensanguentada e alguns... alguns bocados...

A voz de Fudge calou-se bruscamente. Ouviram-se cinco narizes a assoar-se.

— Aí tens, Rosmerta — concluiu o Ministro um pouco rouco. — O Black foi levado por vinte membros do Esquadrão de Reforço da Lei Mágica e o Pettigrew recebeu a Ordem de Merlin, primeira classe, que julgo ter representado algum consolo para a sua pobre mãe. O Black, esse, tem estado em Azkaban desde então.

Madame Rosmerta suspirou profundamente.

— É verdade que ele enlouqueceu, Senhor Ministro?

— Gostaria de poder dizer-lhe que sim — respondeu Fudge lentamente. — Acredito que a derrota do seu mestre o perturbou durante algum tempo. O assassinio do Pettigrew e de todos aqueles Muggles foi obra de um homem cercado, desesperado, cruel e sem objectivo. Contudo, estive com o Black durante a última inspecção que fiz a Azkaban... sabe, os prisioneiros que lá se encontram, na sua maioria, falam sozinhos no escuro, dizem coisas sem sentido, mas fiquei impressionado com a normalidade que o Black aparentava. Falou-me com a maior racionalidade. Fiquei bastante nervoso. Parecia estar apenas aborrecido. Perguntou-me, com toda a calma, se eu já acabara de ler o jornal e que sentia a falta das palavras cruzadas. Sim, fiquei espantado com o fraco efeito que os Dementors pareciam ter nele, ali mesmo fora da porta de dia e de noite. Sabem que era um dos prisioneiros mais bem guardados.

— Mas por que acha que ele tentou fugir? — perguntou Madame Rosmerta. — Não me diga, Senhor Ministro, que pensa que ele quer ir juntar-se ao Quem-Nós-Sabemos?

— Eu diria que esse pode perfeitamente ser o seu plano — respondeu Fudge de forma algo evasiva. — Mas esperamos capturá-lo muito antes disso. É que o Quem-Nós-Sabemos sozinho e sem amigos é uma coisa, mas com a companhia do Black, o seu mais fiel servidor... Tremo só de pensar em como poderia reerguer-se depressa.

Ouviu-se o som do vidro a bater na madeira. Alguém pousara o copo na mesa.

— Bem, Cornelius, se vai mesmo jantar com o director, é melhor irmos indo até ao castelo — sugeriu a professora McGonagall.

Um a um, os pares de pés em frente de Harry arcaram novamente com o peso dos seus respectivos corpos. As bainhas das capas balouçaram e o brilho dos saltos altos de Madame Rosmerta desapareceu por detrás do balcão. A porta do Três Vassouras voltou a abrir-se, houve outra saraivada de neve e os professores desapareceram.

— Harry?

Os rostos de Ron e Hermione apareceram debaixo da mesa. Olhavam os dois para ele, sem palavras.

XI

A FLECHA DE FOGO

Harry não soube lá muito bem como conseguiu voltar à cave do Doces dos Duques, enfiar-se no túnel e reentrar no castelo. Só soube que a viagem de regresso pareceu não ter demorado tempo nenhum e nem reparou no que fazia, de tal modo a sua cabeça vinha cheia com a conversa que acabava de ouvir.

Por que motivo ninguém lhe dissera? Dumbledore, Hagrid, Mr. Weasley, Cornelius Fudge... por que lhe tinham ocultado o facto de os pais terem morrido porque o seu melhor amigo os traía?

Ron e Hermione observaram-no nervosamente durante o jantar, sem ousarem falar do que tinham ouvido, porque Percy estava sentado mesmo ao lado deles. Quando subiram para a sala comum, descobriram que Fred e George, num acesso de alegria pelo fim do período, tinham lançado cerca de meia dúzia de Bombas de Estrume.

Harry não queria que eles lhe perguntassem se tinha conseguido chegar a Hogsmeade, por isso esgueirou-se discretamente para o dormitório vazio e dirigiu-se à mesinha-de-cabeceira. Afastou os livros e descobriu rapidamente o que procurava: o álbum de fotografias que Hagrid lhe oferecera dois anos antes, cheio de fotos fantásticas da mãe e do pai. Sentou-se na cama e começou a virar as páginas até que...

Parou numa fotografia do dia do casamento dos pais. Lá estava o pai a acenar-lhe e a sorrir. O mesmo cabelo preto indomável que ele herdara, espetando em todas as direcções. A mãe, radiosa e feliz, dando o braço ao pai. E ali... devia ser ele, o padrinho. Harry nunca reparara antes.

Se não soubesse que era a mesma pessoa, nunca diria que se tratava de Black naquela fotografia antiga. O seu rosto não era cavado nem pálido como a cera e sim agradável e sorridente.

Será que já trabalharia para Voldemort quando aquela fotografia fora

tirada? Já estaria a planear as mortes das duas pessoas que estavam ao seu lado? Teria consciência de que o esperavam doze anos em Azkaban, doze anos que o tornariam irreconhecível?

Mas os Dementors não o afectam, pensou Harry, olhando para o rosto agradável e sorridente. — Ele não tem de ouvir a minha mãe a gritar quando eles se aproximam demasiado...

Harry fechou bruscamente o álbum e guardou-o novamente na mesinha-de-cabeceira. Tirou a roupa e os óculos e enfiou-se na cama, assegurando-se de que os reposteiros o protegiam de qualquer curioso.

A porta do dormitório abriu-se.

— Harry — ouviu-se a voz insegura de Ron.

Mas ele deixou-se ficar, fingindo estar a dormir. Ouviu Ron sair e deu meia volta na cama de olhos bem abertos.

Um ódio como nunca tinha sentido fluía através dele como um veneno. Era capaz de ver Black a rir-se para ele no escuro, como se alguém tivesse colado a fotografia do álbum sobre os seus olhos. Observou, como quem vê um filme, Sirius a fazer Peter Pettigrew (que se parecia com Neville Longbottom) ir pelos ares rebentando-o em milhares de bocadinhos. Ouvia (apesar de não fazer a mínima ideia de como era a voz de Black) um murmúrio baixo e excitado: — Já está, Senhor. Guardador Secreto dos Potter... — E depois outra voz, rindo de forma estridente, o mesmo riso que Harry ouvira dentro da sua cabeça, sempre que os Dementors se aproximavam...

— Harry, estás com um péssimo aspecto.

Só conseguira adormecer de madrugada. Quando acordou, o dormitório estava deserto. Vestiu-se e desceu a escada em espiral para a sala comum, vazia, onde só se encontravam Ron a comer um Sapo de hortelã-pimenta e a massajar o estômago e Hermione, que espalhava o trabalho de casa sobre as diversas mesas.

— Onde estão os outros? — perguntou Harry.

— Foram-se embora. É o primeiro dia de férias, esqueceste-te? — lembrou-lhe Ron, olhando melhor para ele. — São quase horas de almoço, ia agora acordar-te.

Harry deixou-se cair numa cadeira junto do lume. A neve continuava a cair lá fora. *Crookshanks* estava estiraçado em frente da lareira como um enorme tapete ruivo.

— Estás mesmo com mau aspecto, sabes? — observou Hermione, olhando preocupada para ele.

— Estou ótimo — assegurou-lhe Harry.

— Harry, ouve — disse ela, trocando um olhar com Ron —, deves estar bastante perturbado com o que ouviste ontem, mas a verdade é que não deves fazer nada de estúpido.

— Como o quê? — perguntou Harry.

— Como tentar ir atrás do Black — sugeriu Ron bruscamente.

Harry quase podia jurar que eles tinham estado a conversar sobre o assunto enquanto ele dormia, mas não disse nada.

— Não vais, pois não? — insistiu Hermione.

— O Black não merece que se morra por ele — reforçou Ron.

Harry olhou para ambos. Pareciam não compreender nada.

— Vocês sabem o que eu vejo e oiço de cada vez que um Dementor chega perto de mim?

Ron e Hermione abanaram a cabeça com uma expressão apreensiva.

— Oiço a minha mãe a gritar e a implorar misericórdia ao Voldemort. Se vocês ouvissem as vossas mães assim, à espera de serem mortas, não esqueceriam com tanta facilidade. E se soubessem que alguém que se fazia passar por amigo dela a traiu e mandou o Voldemort persegui-la...

— Tu não podes fazer nada — disse Hermione com ar aflito. — Os Dementors vão capturar o Black e ele vai voltar para Azkaban, que é o que merece.

— Tu ouviste o que disse o Fudge. O Black não é afectado por Azkaban como os outros feiticeiros. Para ele, não é um castigo igual ao dos outros.

— E o que é que tu queres dizer com isso? — perguntou Ron muito nervoso. — Queres matar o Black?

— Não sejas parvo — interferiu Hermione com o pânico na voz. — O Harry não quer matar ninguém, pois não, Harry?

Mais uma vez Harry não respondeu. Não sabia o que queria fazer. Só sabia que a ideia de não fazer absolutamente nada, enquanto Black andava em liberdade, lhe era praticamente insuportável.

— O Malfoy sabe — disse bruscamente. — Lembram-se do que ele me disse na aula de Poções? Se fosse eu... ia atrás dele, queria vingança...

— Vais seguir o conselho do Malfoy em vez do nosso? — perguntou Ron, furioso. — Ouve, sabes com que ficou a mãe do Pettigrew depois de o Black ter acabado com ele? O meu pai contou-me. A Ordem de Merlim, primeira classe, e um dedo do Pettigrew dentro de uma caixa. Foi o bocado maior que restou dele. O Black é louco, Harry, e é perigoso.

— O pai do Malfoy deve ter-lhe contado — continuou Harry, ignorando Ron. — Ele fazia parte do círculo do Voldemort.

— Diz antes o Quem-Nós-Sabemos — interrompeu Ron, irritado.

— É tão óbvio que os Malfoy sabiam que o Black trabalhava para o

Voldemort...

— E o Malfoy adoraria ver-te feito em mil bocadinhos como o Pettigrew, vê se percebes. Põe-te esperto, ele está a tentar ver se te matam antes de ter de te enfrentar no jogo de Quidditch.

— Harry, *por favor* — disse Hermione com os olhos agora a brilharem devido às lágrimas. — Sê sensato. O Black fez uma coisa terrível, mas não te ponhas em perigo. Isso é o que ele quer. Oh! Harry, vais meter-te na boca do lobo se fores à procura dele. A tua mãe e o teu pai não quereriam que te acontecesse nenhum mal, nunca desejariam que fosses à procura do Black.

— Eu nunca poderei saber o que eles queriam, porque, graças ao Black, nunca falei com eles — afirmou Harry laconicamente.

Houve um silêncio durante o qual *Crookshanks* se esticou voluptuosamente, flectindo as garras. O bolso de Ron estremeceu.

— Olhem — disse Ron numa tentativa bastante óbvia de mudar de assunto. — Estamos em férias. É quase Natal. Vamos descer e visitar o Hagrid, não vamos lá há séculos!

— Não! — ripostou rapidamente Hermione. — O Harry não deve sair do castelo, Ron.

— Está bem, vamos — contrapôs Harry, levantando-se. — E eu aproveito para lhe perguntar por que motivo nunca me falou do Black quando me contou tudo sobre os meus pais!

Continuar a falar de Sirius Black não era o que Ron tinha em mente.

— Ou podemos jogar uma partida de xadrez — sugeriu prontamente —, ou Berlindes Esguichadores, o Percy deixou um...

— Não, vamos visitar o Hagrid — insistiu Harry num tom definitivo.

Foram, assim, buscar as capas aos dormitórios e saíram pelo buraco do retrato («Levantem-se e lutem, seus poltrões»), atravessando o castelo vazio até às portas de carvalho da entrada.

Desceram lentamente o relvado, deixando um suave rasto na neve espessa e brilhante, com as peúgas e as bainhas das capas ensopadas e enregeladas. A Floresta Proibida parecia ter sido encantada. Cada árvore salpicada de prata e a cabana de Hagrid lembrava um bolo gelado.

Ron bateu, mas não obteve resposta.

— Terá saído? — perguntou Hermione que tremia toda debaixo da capa. Ron encostou o ouvido à porta.

— Há um ruído estranho — observou ele.

— Ouçam. Será o *Fang*?

Harry e Hermione encostaram também os ouvidos à porta. De dentro da cabana vinham sons abafados.

— Talvez seja melhor irmos chamar alguém — sugeriu Ron, muito nervoso.

— Hagrid — gritou Harry, batendo com força na porta. — Hagrid, estás aí dentro?

Ouviram-se passos pesados e, em seguida, a porta abriu-se. Hagrid estava de pé com os olhos vermelhos e inchados. As lágrimas escorriam-lhe pelo colete de couro.

— Já soubeste? — bramiu e lançou-se ao pescoço de Harry.

Tendo pelo menos o dobro do tamanho de um homem normal, um tal gesto não era para graças. Harry quase caiu com o peso dele. Foi salvo por Ron e Hermione, que agarraram Hagrid por debaixo dos braços, libertando o amigo. Hagrid deixou-se transportar para uma cadeira e caiu para a frente sobre a mesa, soluçando descontroladamente, o rosto coberto de lágrimas que lhe encharcavam a barba hirsuta.

— Hagrid, o que se passa? — perguntou Hermione assustada.

Harry reparou numa carta de aspecto oficial, que se encontrava aberta sobre a mesa.

— O que é, Hagrid?

Os soluços de Hagrid redobraram, mas empurrou a carta para Harry, que pegou nela e leu alto.

Caro Mr. Hagrid,

na sequência da nossa investigação sobre o ataque de um hipogrifo a um aluno na sua aula, aceitámos a garantia do professor Dumbledore de que o senhor não teve qualquer responsabilidade no lamentável incidente.

— Então, está tudo bem, Hagrid — disse Ron, dando-lhe uma palmada no ombro. Mas ele continuava a soluçar e com um gesto de uma das suas mãos gigantescas, convidava Harry a ler a carta até ao fim.

Contudo, devemos salientar a nossa preocupação com o hipogrifo em questão. Decidimos apoiar a queixa oficial de Mr. Lucius Malfoy e esta questão será, portanto, levada à Comissão Para A Destruição Das Criaturas Perigosas. A sessão terá lugar a 20 de Abril e pedimos-lhe que esteja presente nessa data, com o seu hipogrifo, na sede da Comissão em Londres. Até lá, o hipogrifo deverá ser acorrentado e mantido em isolamento.

Cordialmente...

Seguia-se uma lista de nomes de membros do Conselho Directivo da escola.

— Oh, não! — exclamou Ron. — Mas tu disseste que o *Buckbeak* não era mau, Hagrid. Aposto que ele se safou...

— Tu não conheces aquelas gárgulas da Comissão Para A Destruição Das Criaturas Perigosas — balbuciou Hagrid, limpando os olhos à manga da camisa. — Eles detestam criaturas interessantes!

Um súbito som vindo de um canto da cabana fez com que Harry, Ron e Hermione se voltassem. *Buckbeak*, o hipogrifo, estava ali no canto, mastigando ruidosamente qualquer coisa que escorria sangue pelo chão.

— Não podia amarrá-lo lá fora, à neve — soluçou Hagrid. — Sozinho, no Natal!

Harry, Ron e Hermione nunca tinham partilhado com Hagrid o mesmo ponto de vista sobre as criaturas que ele considerava interessantes e a quem as outras pessoas chamavam monstros horrorosos. Mas *Buckbeak* não parecia ser mau. Na verdade, pelos padrões habituais de Hagrid, era até bonito.

— Vais ter de arranjar uma boa defesa — declarou Hermione, sentando-se e pousando a mão no enorme antebraço de Hagrid. — Tenho a certeza de que vais conseguir provar que o *Buckbeak* não é perigoso.

— Isso pra eles não conta — soluçou Hagrid. — Aqueles diabos 'tão todos no bolso do Malfoy. Têm medo dele e s'eu perder o caso, o *Buckbeak*...

Hagrid passou o dedo velozmente pela garganta. Em seguida soltou um gemido lancinante e deixou-se cair para a frente com a cara entre os braços.

— E o Dumbledore, Hagrid? — perguntou Harry.

— Ele já fez mais qu'ô suficiente por mim — lamentou-se Hagrid. — Tem bastante com que s'ocupar a manter os Dementors fora do castelo e c'o Sirius Black a rondar a escola...

Ron e Hermione olharam rapidamente para Harry, esperando que ele comesse a recriminar Hagrid por não lhe ter contado toda a verdade sobre Black, mas ele, vendo-o tão infeliz e assustado, foi incapaz de tocar no assunto.

— Ouve, Hagrid — disse —, tu não podes desistir. A Hermione tem razão. Precisas de uma boa defesa e podes chamar-nos como testemunhas.

— Acho que li qualquer coisa sobre o caso de um hipogrifo — afirmou Hermione pensativa. — Em que ele se safou. Vou ver se consigo encontrá-lo, Hagrid, e se descubro exactamente como se passaram as coisas.

Hagrid gemeu ainda mais alto. Harry e Hermione olharam para Ron, pedindo-lhe ajuda.

— Hã... querem que faça chá? — perguntou Ron.

Harry olhou-o fixamente.

— É o que a minha mãe faz sempre que alguém está nervoso — murmurou ele, encolhendo os ombros.

Por fim, depois de muitas garantias de ajuda e com uma enorme chávena de chá na frente, Hagrid assoou-se a um lenço do tamanho de uma toalha de mesa e disse: — Vocês têm razão, não posso deixar-me ir abaixo, tenho de me recompor.

Fang, o cão caçador de javalis, saiu timidamente de debaixo da mesa e apoiou a cabeça no joelho de Hagrid.

— Tenho 'tado fora de mim ultimamente — reconheceu ele, acariciando *Fang* com uma mão e limpando a cara com a outra. — 'Tou preocupado com o *Buckbeak* e por ninguém gostar das minhas aulas...

— Nós gostamos — mentiu Hermione sem perder tempo.

— Sim, sim, são ótimas — reforçou Ron, fazendo figas debaixo da mesa. — Hã... como estão os vermes?

— Morreram — disse Hagrid tristemente. — Demasiada alface.

— Oh, não! — exclamou Ron com o lábio a tremer.

— E os Dementors fazem-me sentir pessimamente — desabafou Hagrid. — Ter de passar por eles a tod'a hora, sempre que quero ir tomar uma bebida ao Três Vassouras... 'té parece que 'tou outra vez em Azkaban...

Calou-se enquanto bebia o chá. Harry, Ron e Hermione observaram-no, atentos. Nunca tinham ouvido Hagrid referir-se à sua curta estada em Azkaban. Após uma pequena pausa, Hermione perguntou a medo: — É muito mau aquilo lá, Hagrid?

— Vocês não podem imaginar — afirmou ele calmamente. — Nunca 'tive num lugar assim. Pensei qu'ia ficar maluco. Não parava de pensar em coisas horríveis.... no dia em que fui expulso de Hogwarts... no dia em qu'o meu pai morreu... no dia em que tive de deixar partir o *Norbert*...

Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

Norbert era o dragão-bebé que Hagrid ganhara num jogo de cartas.

— Ao fim d'algum tempo, já não nos lembramos de quem somos e não nos apetece viver. Eu costumava desejar morrer enquanto dormia. Quando me libertaram, foi como se nascesse de novo. As coisas boas voltaram, foi a melhor sensação do mundo, embora os Dementors não gostassem nada de me deixar sair.

— Mas tu estavas inocente — lembrou Hermione.

Hagrid bufou de raiva.

— Achas qu'eles s'importam com isso? Desde que tenham ali umas centenas de seres humanos para lhes sugarem a felicidade, querem lá saber quem é culpado ou inocente.

Hagrid calou-se durante alguns momentos, olhando para o chá. Depois

continuou: — Pensei soltar o *Buckbeak*, tentar qu'ele fugisse, mas com'ê que se explica a um hipogrifo que tem de se esconder? E tenho medo d' ir contra a lei. — Olhou para eles com as lágrimas a banharem-lhe de novo o rosto. — Não quero ir outra vez pra Azkaban.

A visita a Hagrid, embora longe de ter sido divertida, conseguira pelo menos o efeito que Ron e Hermione pretendiam. Apesar de Harry não se ter esquecido de forma alguma de Black, não podia preocupar-se constantemente com a vingança se queria apoiar Hagrid no caso contra a Comissão Para A Destruição Das Criaturas Perigosas.

Ele, Ron e Hermione foram no dia seguinte à biblioteca e entraram na sala comum, agora vazia, carregados de livros para prepararem a defesa de *Buckbeak*. Sentaram-se os três em frente da lareira, virando devagarinho as páginas dos volumes poeirentos que tratavam de casos famosos de monstros violentos e iam falando, de vez em quando, entre si, de cada vez que encontravam alguma coisa com interesse.

— Olha aqui... houve um caso em 1722... mas o hipogrifo foi condenado. Brrr! Olha o que lhe fizeram, que nojo...

— Isto talvez ajude. Olha, um Manticore que maltratou alguém em 1296 e deixaram-no ir-se embora... Oh! não, foi só porque tiveram medo de se aproximar...

Entretanto, no resto do castelo, apesar de muito poucos alunos terem ficado na escola para poderem usufruir delas, tinham sido colocadas as habituais decorações de Natal. Longas grinaldas de azevinho e visco estavam penduradas ao longo dos corredores. Luzes misteriosas brilhavam dentro de cada armadura e no Salão de Festas viam-se as tradicionais doze árvores de Natal, brilhando cheias de estrelas douradas. Um cheirinho delicioso a boa comida enchia os corredores e, na véspera de Natal, tornara-se tão forte que até *Scabbers* pôs o nariz fora do bolso de Ron para cheirar à vontade.

Na manhã do dia de Natal, Harry foi acordado por uma almofada que Ron atirou para cima dele.

— Presentes!

Harry procurou os óculos, pô-los, tateando na semiobscuridade até aos pés da cama, onde se erguia um pequeno monte de embrulhos. Ron estava já a rasgar o papel das suas prendas.

— Outra camisola da mãe, outra vez castanho-avermelhado, vê se tens alguma.

Também tinha uma, claro. Mrs. Weasley mandara-lhe uma camisola escarlata com o leão dos Gryffindor à frente e ainda uma dúzia de pastéis

recheados feitos em casa, um bolo de Natal e uma caixa de doces de noz. Quando chegou para o lado todas estas coisas, viu um embrulho fino e muito comprido que estava por baixo.

— O que é aquilo? — perguntou Ron, espreitando por cima de um par de peúgas castanho-avermelhadas que acabara de desembulhar.

— Não sei.

Harry rasgou o papel e lançou uma exclamação abafada ao ver uma vassoura magnífica e cintilante que rolou sobre a colcha. Ron deixou cair as peúgas e saltou da cama para a ver melhor.

— Não acredito! — exclamou com voz rouca.

Era uma *Flecha de Fogo*, idêntica à maravilhosa vassoura que Harry fora espreitar todos os dias à Diagon-Al. O cabo cintilou quando ele lhe pegou. Sentiu-a vibrar e largou-a. A vassoura ergueuse no ar, sem suporte, à altura ideal para ele subir. Os olhos de Harry saltavam do número de registo dourado no topo do cabo para os galhos macios e aerodinâmicos que compunham a cauda.

— Quem ta mandou? — perguntou Ron, numa voz abafada.

— Vê se encontras algum cartão — pediu Harry.

Ron rasgou o papel de embrulho.

— Nada. Com os diabos, quem gastaria um dinheirão destes contigo?

— Bem — retorquiu Harry, sentindo-se atordoado. — Aposto que não foram os Dursley.

— Aposto que foi o Dumbledore — arriscou Ron que andava à volta da *Flecha de Fogo*, observando cada maravilhoso centímetro. — Ele mandou-te o Manto da Invisibilidade anonimamente.

— Mas esse era do meu pai — lembrou Harry. — O Dumbledore apenas fez a entrega, não foi gastar centenas de galeões comigo. Ele não pode oferecer aos alunos coisas deste valor...

— Por isso não diz que foi ele! — afirmou Ron. — Para que um safado qualquer como o Malfoy não possa dizer que existem favoritismos. Eh, Harry! — Ron deu uma gargalhada. — Espera até o Malfoy te ver em cima disto. Vai ficar verde de inveja. Esta vassoura é de nível internacional!

— Eu não posso acreditar — murmurou Harry, passando a mão ao longo da *Flecha de Fogo*, enquanto Ron se deixara cair na cama dele, morto de riso, imaginando a cara de Malfoy. — Quem...?

— Já sei! — exclamou Ron, controlando-se. — Já sei quem pode ter sido. — O Lupin!

— O quê? — exclamou Harry começando agora também ele a rir. — O Lupin? Achas que se ele tivesse dinheiro para isto, não comprava roupa nova?

— Sim, mas ele gosta de ti — respondeu Ron. — E estava fora quando a tua *Nimbus* foi destruída. Pode ter ouvido contar e decidido ir até à Diagon-Al comprar esta para ti.

— O que queres dizer com isso de ele estar fora? — perguntou Harry. — Ele estava doente quando eu entrei naquele jogo.

— Bem, não estava na enfermaria — revelou Ron. — Eu estive lá a limpar as arrastadeiras, aquele castigo do Snape, lembrás-te?

Harry franziu as sobrancelhas.

— Não estou a ver o Lupin a poder gastar tanto dinheiro.

— De que estão vocês a rir-se tanto?

Hermione acabava de entrar, de roupão. Trazia consigo *Crookshanks*, que vinha muito maldisposto com uma fita brilhante amarrada ao pescoço.

— Não o tragas para aqui! — pediu-lhe Ron, apanhando, preocupado, *Scabbers* e metendo-o no bolso do pijama. Mas Hermione nem o ouviu. Soltou *Crookshanks* na cama vazia de Seamus e olhou, de boca aberta, para a *Flecha de Fogo*.

— Oh! Harry, quem te mandou isto?

— Não faço ideia — respondeu ele —, não trazia nenhum cartão.

Para sua grande surpresa, Hermione não pareceu espantada nem intrigada. Pelo contrário, ficou carrancuda, mordendo o lábio.

— O que é que tu tens? — perguntou-lhe Ron.

— Não sei — disse ela lentamente. — Mas é um pouco estranho, não é? Afinal, é uma vassoura muito boa...

Ron suspirou exasperado.

— É a melhor vassoura que existe, Hermione.

— Portanto, deve ter sido caríssima...

— Provavelmente custou mais do que todas as vassouras dos Slytherin juntas — afirmou Ron com um ar feliz.

— Bem... e quem mandaria ao Harry uma coisa tão cara sem lhe dizer que a tinha mandado? — perguntou Hermione.

— Quero lá saber! — ripostou Ron impaciente. — Olha, Harry, posso dar uma volta?

— Acho que ninguém deveria montar a vassoura por enquanto! — declarou Hermione com a sua voz esganiçada.

Harry e Ron olharam para ela.

— Para que é que tu achas que o Harry a quer, para varrer o chão?

Mas antes que Hermione pudesse responder, *Crookshanks* esgueirou-se da cama de Seamus e atirou-se ao peito de Ron.

— TIRA-ODAQUI! — berrava Ron, enquanto as garras de *Crookshanks* lhe rasgavam o pijama e *Scabbers* tentava uma fuga rápida pelo seu ombro.

Ron agarrou em *Scabbers* pela cauda e deu um pontapé mal dirigido a *Crookshanks*, batendo por engano no malão que estava encostada à cama de Harry e virando-o, o que o fez dar um salto, gemendo de dor.

O pêlo de *Crookshanks* ficou subitamente eriçado. Um apito fino e persistente enchia a sala. O Avisoscópio de bolso saltara da peúga velha do tio Vernon e apitava, rodopiando no chão.

— Tinha-me esquecido dele — disse Harry, baixando-se e apanhando o Avisoscópio. — Nunca uso essas peúgas a não ser em último caso...

O Avisoscópio rodopiava sem parar e apitava na palma da sua mão. *Crookshanks* assanhava-se contra ele.

— É melhor levores esse gato daqui, Hermione — avisou Ron furioso. Estava sentado na cama de Harry a massajar o dedo do pé.

— Não podes parar esse barulho? — acrescentou, dirigindo-se a Harry, enquanto Hermione saía do quarto levando *Crookshanks*, que mantinha os olhos amarelos maliciosamente fixos em Ron.

Harry voltou a meter o Avisoscópio dentro da peúga e guardou-o no malão. Tudo o que agora se podia ouvir eram os gemidos abafados de Ron, de dor e de raiva. *Scabbers* estava enroscado na sua mão. Havia já um bocado que Harry o vira sair do bolso de Ron e constatou com espanto que *Scabbers*, dantes tão gordo, estava agora magrinho, parecendo até que tinha peladas.

— Ele não está nada com bom aspecto, pois não? — comentou.

— É do *stress* — respondeu Ron. — Estaria óptimo se aquela estúpida bola de pêlo o deixasse em paz!

Mas Harry, lembrando-se do que a mulher da loja dos animais mágicos dissera sobre os ratos não viverem mais do que três anos, não pôde deixar de sentir que, a não ser que *Scabbers* possuísse poderes mágicos que nunca revelara, estava a chegar ao fim dos seus dias. E sabia que, apesar de Ron se queixar muitas vezes de que ele era um chato e um inútil, ficaria infelicíssimo com a sua morte.

O espírito de Natal estava definitivamente por baixo essa manhã na sala comum dos Gryffindor. Hermione fechara *Crookshanks* no dormitório, mas estava furiosa com Ron por ele ter tentado dar-lhe um pontapé. Ron ainda deitava fumo com a recente tentativa de *Crookshanks* de comer *Scabbers*. Harry desistiu de tentar fazê-los falar um com o outro e entreteve-se a examinar a *Flecha de Fogo* que trouxera consigo para baixo, para a sala comum. Por um motivo não muito compreensível, isso parecia irritar igualmente Hermione, que não disse nada, mas não parou de olhar para a vassoura como se também ela estivesse contra o seu gato.

À hora do almoço, desceram até ao Salão e verificaram que as mesas

tinham sido encostadas de novo à parede e que no meio da sala havia uma única mesa posta para doze pessoas. Os professores Dumbledore, McGonagall, Snape, Sprout e Flitwick já lá se encontravam, assim como Filch, o encarregado, que tirara o seu habitual casaco castanho e usava uma sobrecasaca muito velha e bafienta. Havia só mais três alunos: dois deles, extremamente nervosos, do primeiro ano, e um Slytherin de aspecto carrancudo, do quinto ano.

— Feliz Natal! — desejou-lhes Dumbledore, quando Harry, Ron e Hermione se aproximaram da mesa. — Como somos tão poucos, pareceu-me disparatado usar as mesas das equipas. Sentem-se! Sentem-se!

Harry, Ron e Hermione sentaram-se uns ao lado dos outros ao fundo da mesa.

— *Crackers*?! — anunciou Dumbledore cheio de entusiasmo, oferecendo a ponta de um *cracker* prateado a Snape que lhe tocou com relutância e puxou. Com um estoiro que parecia um tiro, o *cracker* explosivo separou-se, revelando um chapéu de feiticeira, alto e pontiagudo, que tinha em cima um abutre empalhado.

Harry, lembrando-se do Sem Forma, trocou um olhar com Ron e sorriram entre si. Snape comprimiu os lábios e empurrou o chapéu para Dumbledore que o trocou rapidamente pelo seu chapéu de feiticeiro.

— Toca a enfardar! — disse, sorrindo.

Enquanto Harry se servia de batatas assadas, as portas do Salão abriram-se de novo. Era a professora Trelawney que deslizava em direcção a eles como se viesse sobre rodas. Usava um vestido verde de lantejoulas que escolhera de propósito para a ocasião e que a fazia parecer mais do que nunca uma libelinha brilhante de proporções gigantescas.

— Sybill, que agradável surpresa! — exclamou Dumbledore, levantando-se.

— Tenho estado a consultar a bola de cristal, Director — afirmou a professora Trelawney na sua voz difusa e distante. — E para meu grande espanto, vi-me a mim própria, abandonando a refeição solitária que ia tomar e vindo ao vosso encontro. Quem sou eu para recusar os desígnios do destino? Sai rapidamente da minha torre e só peço que me perdoem o atraso.

— Certamente, certamente — disse Dumbledore com os olhos a brilhar. — Deixe-me arranjar-lhe uma cadeira.

E assim fez. Com a varinha, deslocou pelo ar uma cadeira que rodopiou alguns segundos antes de tocar no chão com um leve ruído, entre os professores Snape e McGonagall. Mas a professora Trelawney não se sentou. Os seus olhos enormes tinham girado em volta da mesa e

subitamente soltou um pequeno grito.

— Não arrisco a sentar-me, Director. Se o fizer, seremos treze à mesa e não há nada que dê mais azar. Não se esqueça de que quando treze pessoas comem juntas, a primeira a levantar-se é a primeira a morrer!

— Nós arriscamos, Sybill — retorquiu a professora McGonagall, impaciente. — Sente-se, o peru está a ficar gelado.

A professora Trelawney hesitou, mas acabou por se sentar na cadeira vazia, os olhos fechados e os lábios comprimidos como se esperasse um cataclismo. A professora McGonagall enfiou uma grande colher na terrina que estava mais próxima.

— Dobrada, Sybill?

A professora Trelawney ignorou-a. Abriu de novo os olhos, voltou a olhar em volta e perguntou: — Mas onde está o nosso querido professor Lupin?

— Acho que o pobre homem está outra vez doente — disse Dumbledore, fazendo sinal para que todos comessem a servir-se. — É uma pena, logo no dia de Natal.

— Mas certamente já sabia, Sybill — observou a professora McGonagall, erguendo as sobrancelhas.

A professora Trelawney lançou-lhe um olhar frio.

— É claro que sabia, Minerva — confirmou calmamente. — Mas não gosto de exibir o facto de saber as coisas. Muitas vezes comporto-me como se não possuísse a Visão Interior para pôr os outros mais à vontade.

— Isso explica quase tudo — afirmou causticamente a professora McGonagall.

A voz da professora Trelawney tornou-se subitamente velada.

— Se quer saber, Minerva, Vi que o pobre professor Lupin não ficará connosco muito mais tempo. Ele próprio parece saber que tem as horas contadas, saiu disparado de ao pé de mim quando me ofereci para lhe ver o futuro na bola de cristal...

— Quem diria! — comentou a professora McGonagall secamente.

— Duvido — disse Dumbledore num tom de voz alegre, mas um pouco mais alto que o habitual, que pôs fim à conversa entre as professoras McGonagall e Trelawney — de que o professor Lupin esteja em perigo iminente. Severus, fizeste-lhe novamente a poção?

— Sim, Director — respondeu Snape.

— Ótimo! — exclamou Dumbledore. — Nesse caso, ele deve melhorar não tarda nada. Derek, já provaste uma destas *chipolatas*? São excelentes.

O rapazinho do primeiro ano ficou vermelhíssimo por o director lhe ter dirigido a palavra e pegou na travessa das salsichas com as mãos a tremer.

A professora Trelawney comportou-se quase normalmente até mesmo ao final do jantar de Natal, que durou duas horas. De barriga cheia e usando ainda os chapéus dos *crackers*, Harry e Ron foram os primeiros a levantar-se da mesa e ela gritou altíssimo:

— Meus filhos, qual de vocês deixou a mesa primeiro? Qual?

— Não sei — confessou Ron, olhando pouco à vontade para Harry.

— Duvido de que isso tenha alguma importância — comentou a professora McGonagall friamente. — A não ser que o maluquinho do machado esteja ali à porta à espera, para trucidar o primeiro que chegar ao *Hall* de Entrada.

Até Ron se riu. A professora Trelawney ficou com um ar indignado.

— Vens? — perguntou Harry a Hermione.

— Não — murmurou ela. — Quero dizer uma coisa à professora McGonagall.

— Deve estar a ver se pode ter mais aulas — bocejou Ron, enquanto se dirigiam para o *Hall* de Entrada, onde não se avistavam quaisquer loucos.

Quando chegaram ao buraco do retrato, viram Sir Cadogan partilhando o seu Natal com uma série de monges, vários antigos directores de Hogwarts e o seu *pony* gordo. Ergueu a viseira e saudou-os com uma caneca de *Mead*.

— Feliz-hic-Natal! A senha?

— Cachorro Miserável — respondeu Ron.

— O mesmo para o senhor — retorquiu com desagrado Sir Cadogan, enquanto o quadro se afastava para lhes dar entrada.

Harry foi directamente para o dormitório. Pegou na *Flecha de Fogo* e no *kit* de tratamento de vassouras que Hermione lhe oferecera pelos anos, trouxe-os para baixo e tentou descobrir qualquer coisa para fazer com a vassoura, mas não havia galhos dobrados para endireitar e o cabo estava tão brilhante que não fazia sentido limpá-lo de novo. Ele e Ron sentaram-se a admirá-la a partir de vários ângulos até que o buraco do retrato se abriu e Hermione entrou, acompanhada da professora McGonagall.

Apesar de ser chefe da equipa dos Gryffindor, Harry só vira a professora McGonagall na sala comum uma vez e fora para fazer um comunicado de bastante gravidade. Ele e Ron olharam para ela, segurando os dois a *Flecha de Fogo*. Hermione circundou-os, sentou-se, pegou no primeiro livro que tinha à mão e escondeu a cara por trás dele.

— Então é esta? — perguntou a professora McGonagall, aproximando-se do lume e olhando para a *Flecha de Fogo*. — Miss Granger acaba de informar-me de que te mandaram uma vassoura, Potter.

Harry e Ron olharam para Hermione. Podiam ver-lhe a testa corada por

cima do livro, que estava de pernas para o ar.

— Posso? — perguntou a professora McGonagall que, sem esperar pela resposta, lhes retirou a *Flecha de Fogo* das mãos. Examinou-a com todo o cuidado, desde o cabo até à ponta dos galhos. — Hum. E não havia nenhum cartão, Potter, nenhum tipo de mensagem?

— Não — confirmou ele, pálido.

— Estou a ver... — comentou a professora McGonagall. — Bem, lamento mas tenho de confiscá-la, Potter.

— O q-quê? — gaguejou Harry, dando um salto. — Porquê?

— Tem de ser feita uma busca de feitiços malignos — explicou a professora McGonagall. — É claro que eu não sou perita, mas, por exemplo, a Madame Hooch e o professor Flitwick poderão desmontá-la...

— Desmontá-la? — repetiu Ron como se a professora McGonagall tivesse enlouquecido.

— Não deve demorar mais do que algumas semanas — afirmou a professora. — Tê-la-ás de volta se não tiver feitiço nenhum.

— Ela não tem nada de mal — assegurou-lhe Harry com a voz ligeiramente trémula. — Francamente, Professora...

— Não podes ter a certeza, Potter — insistiu a professora McGonagall com toda a amabilidade. — Antes de voares nela, não podes saber, e isso está fora de questão sem termos a certeza de que não foi enfeitiçada. Eu vou-te mantendo informado.

A professora McGonagall deu meia volta e passou com a *Flecha de Fogo* pelo buraco do retrato que se fechou atrás dela. Harry ficou a olhar, com a latinha para limpeza de vassouras fechada na mão. Ron, esse, voltou-se para Hermione.

— Para que foste contar à McGonagall?

Hermione pôs o livro de parte. Estava ainda corada, mas levantou-se, desafiando-o.

— Porque pensei, e a professora McGonagall concorda comigo, que muito provavelmente, aquela vassoura, foi mandada ao Harry pelo Sirius Black.

XII

O PATRONUS

Harry sabia que a intenção de Hermione fora boa, mas isso não o impediu de ficar zangado com ela. Possuía a melhor vassoura do mundo durante algumas horas e agora, por causa da sua interferência, não sabia se voltaria a vê-la de novo. Tinha a certeza de que não havia nada de mal na *Flecha de Fogo* mas, em que estado regressaria ela, depois de ter sido sujeita a todo o tipo de testes antifeitiço?

Ron estava também furioso com Hermione. Na opinião dele, desmontar uma *Flecha de Fogo* novinha era um verdadeiro crime. Hermione, que continuava convencida de que agira da melhor forma, começou a evitar a sala comum. Harry e Ron calcularam que ela se tinha refugiado na biblioteca e não tentaram persuadi-la a voltar. Por fim, ficaram satisfeitos quando os outros colegas regressaram, pouco depois do Ano Novo e a Torre dos Gryffindor ficou novamente cheia e barulhenta.

Wood procurou Harry na noite antes de as aulas começarem.

— Tiveste um bom Natal? — perguntou. E, sem esperar pela resposta, sentou-se, baixou a voz e disse: — Estive a pensar durante o Natal, Harry. Depois do último jogo em que tu... se os Dementors vierem ao próximo jogo, não podemos correr o risco de tu...

Wood calou-se, olhando em volta.

— Estou a tratar disso — respondeu Harry rapidamente. — O professor Lupin disse que ia ensinar-me a afastar os Dementors. Devemos começar esta semana, ele disse que só tinha tempo depois do Natal.

— Ah! — exclamou Wood com a expressão mais aliviada. — Bem, nesse caso, eu não queria perder-te como *seeker*, Harry. E já arranjaste uma vassoura nova?

— Não — disse Harry.

— Bem, é melhor tratares disso rapidamente, não podes montar aquela

Estrela Cadente contra os Ravenclaw!

— Ele recebeu uma *Flecha de Fogo* no Natal — informou-o Ron.

— Uma *Flecha de Fogo*? Não! A sério? Uma verdadeira *Flecha de Fogo*?

— Não te entusiasmes, Oliver — disse Harry tristemente. — Já não a tenho, foi-me confiscada. — E explicou-lhe tudo sobre o modo como a *Flecha de Fogo* estava a ser revistada em busca de feitiços.

— Enfeitiçada? Como seria isso possível?

— O Sirius Black — explicou Harry prontamente. — Como sabes, ele anda atrás de mim. Por isso, a McGonagall pensa que pode ter sido ele a mandá-la.

Pondo de parte a ideia de que um famoso assassino pudesse andar a perseguir o seu *seeker*, Wood disse: — Mas o Black nunca poderia ter comprado a *Flecha de Fogo*. Ele anda fugido. O país inteiro está à procura dele, como diabo ia entrar nos Equipamentos de Qualidade para Quidditch e comprar uma vassoura?

— Eu sei — disse Harry —, mas a McGonagall mesmo assim quer desmontá-la.

Wood ficou pálido.

— Eu vou falar com ela, Harry — prometeu. — Vou chamá-la à razão. Uma *Flecha de Fogo*, uma verdadeira *Flecha de Fogo* na nossa equipa... ela quer tanto como eu que os Gryffindor vençam, vou fazê-la raciocinar com sensatez... uma *Flecha de Fogo*...

As aulas recomeçaram no dia seguinte. A última coisa que alguém tinha vontade de fazer era passar duas horas nos campos numa manhã húmida de Janeiro, mas Hagrid preparara uma fogueira cheia de salamandras para divertimento de todos e passaram uma aula invulgarmente agradável a apanhar bocados de madeira e folhas secas para alimentar o fogo, enquanto os lagartos que adoravam chamas corriam para cima e para baixo nos troncos incandescentes que se desfaziam. A primeira aula de Artes Divinatórias do novo período foi muito menos divertida. A professora Trelawney estava agora a ensinar-lhes Quiromancia e não perdeu tempo até dizer a Harry que ele tinha a mais curta linha da vida que ela alguma vez observara.

O que Harry ansiava por ter era a aula de Defesa Contra A Magia Negra. Depois da conversa com Wood, queria começar o mais brevemente possível a sua aprendizagem de defesa contra os Dementors.

— Ah, sim! — disse Lupin quando Harry lhe lembrou a sua promessa no final da aula. — Deixa-me ver... que tal às oito horas da noite na quinta-

feira? A sala de História da Magia deve ser suficientemente grande. Tenho de pensar muito bem no modo como vamos fazer isto. Não podemos trazer um verdadeiro Dementor para dentro do castelo para praticar...

— Ainda tem um ar doente, não achas? — observou Ron, enquanto desciam o corredor para irem jantar. — O que será que ele tem?

Ouviu-se um «uf» atrás deles. Era Hermione que tinha estado sentada aos pés de uma armadura a encher o saco, que estava tão atafalhado de livros que não fechava.

— E «uf» porquê? — perguntou Ron, irritado.

— Por nada — disse ela em voz baixa, pondo o saco ao ombro.

— Não, não é por nada, eu perguntei o que será que o Lupin tem e tu...

— Bem, não achas que é óbvio? — perguntou Hermione com um olhar de insuportável superioridade.

— Se não queres dizer, não digas — respondeu Ron.

— Ótimo — disse ela, afastando-se com ar arrogante.

— Não sabe nada — afirmou Ron, olhando para ela, aborrecido. — Está só a tentar ver se voltamos a falar-lhe.

Às oito da noite de quinta-feira, Harry deixou a torre dos Gryffindor e dirigiu-se à aula de História da Magia. A sala estava escura e vazia quando ele entrou, mas Harry acendeu as velas com a varinha e ao fim de cinco minutos apareceu o professor Lupin, trazendo consigo um grande caixote que colocou sobre a secretária do professor Binns.

— O que é isso? — perguntou Harry.

— Outro Sem Forma — disse Lupin, despindo a capa. — Tenho andado a revistar o castelo desde terça-feira e com muita sorte encontrei este escondido dentro de um armário de Mr. Filch. É o que podemos ter de mais parecido com um Dementor. O Sem Forma transformar-se-á num Dementor quando te vir e a partir daí poderemos praticar com ele. Eu posso guardá-lo no meu escritório quando não estivermos a utilizá-lo. Há um armário debaixo da minha secretária de que ele vai gostar.

— Tudo bem — tornou Harry, tentando não se mostrar apreensivo e demonstrar apenas satisfação por Lupin ter descoberto um substituto tão bom para um Dementor.

— Muito bem — o professor Lupin pegara na varinha e acenou a Harry para que fizesse o mesmo —, o feitiço que vou ensinar-te é de alta magia, Harry, bem mais avançada do que o Nível Puxado de Feitiçaria. Chama-se o encantamento do Patronus.

— Como é? — perguntou Harry, ansioso.

— Bem, quando é correctamente feito, faz surgir um Patronus, —

explicou Lupin — que é uma espécie de oposto dos Dementors, um protector que funciona como um escudo entre ti e o Dementor.

Harry teve um vislumbre de si próprio a esconder-se por trás de uma figura do tamanho de Hagrid que segurava uma enorme moca. O professor Lupin continuou: — O Patronus é uma espécie de força positiva, uma projecção das coisas de que os Dementors se alimentam: esperança, felicidade, instinto de sobrevivência; porém, não pode sentir o desespero como os seres humanos, por isso os Dementors não têm o poder de lhe fazer mal. Porém, devo avisar-te, Harry, de que o encantamento pode ser demasiado avançado para ti. Muitos feiticeiros habilitados têm dificuldade em praticá-lo.

— Qual é o aspecto de um Patronus? — perguntou Harry, curioso.

— Cada um é único para o feiticeiro que o evoca.

— E como é que o evoco?

— Com um encantamento que só funcionará se te concentrares com todo o poder da tua mente numa recordação feliz.

Harry tentou lembrar-se de uma recordação feliz. Certamente nada do que acontecera em casa dos Dursley poderia servir. Por fim, deteve-se no momento em que voara pela primeira vez numa vassoura.

— Certo — disse, tentando recordar-se com a maior precisão possível da maravilhosa sensação que sentira no estômago.

— O encantamento é o seguinte. — Lupin pigarreou: — *Expecto Patronum!*

— *Expecto Patronum* — repetiu Harry. — *Expecto Patronum.*

— Estás concentrado na recordação feliz?

— Sim, sim — disse ele rapidamente, concentrando-se de novo no seu primeiro voo de vassoura. — *Expecto Patrono. Não, Patronum. Desculpe. Expecto Patronum, Expecto Patronum.*

Algo saltou subitamente da extremidade da sua varinha. Parecia uma faixa de gás prateado.

— Viu aquilo? — perguntou Harry, entusiasmado. — Aconteceu qualquer coisa!

— Muito bem — encorajou Lupin, a sorrir. — Então, estás pronto para tentar com um Dementor?

— Sim — confirmou Harry, agarrando com força a varinha e colocando-se no meio da sala de aula vazia. Tentou concentrar-se no acto de voar, mas havia outra coisa que não parava de se intrometer. A qualquer momento ia ouvir a voz da mãe. Mas não devia pensar nisso senão acabava por ouvi-la mesmo, e isso ele não queria. Ou será que queria?

Lupin segurou a tampa do caixote e puxou.

Um Dementor ergueu-se lentamente da caixa. O seu rosto encapuzado voltou-se para Harry, uma mão brilhante e pustulenta a agarrar o manto. As luzes da sala de aula estremeceram e foram-se abaixo. O Dementor saiu da caixa e começou a deslizar silenciosamente em direcção a Harry, respirando profunda e ruidosamente. Uma onda de frio penetrante envolveu-o.

— *Expecto Patronum!* — gritou Harry. — *Expecto Patronum.*
Expecto...

Mas a sala de aula e o Dementor estavam a dissolver-se. Ele caía de novo através de uma névoa branca e espessa e ouvia a voz da sua mãe mais alto do que nunca dentro da cabeça: — *O Harry, não. O Harry não, por favor...*

— *Afasta-te, afasta-te, rapariga...*

— Harry!

Harry retomou a consciência. Estava caído de costas no chão. As luzes da sala de aula tinham voltado a acender-se. Não foi preciso perguntar o que sucedera.

— Desculpe — murmurou, sentando-se e sentindo um suor frio que escorria por detrás dos óculos.

— Sentes-te bem? — perguntou Lupin.

— Sim. — Harry levantou-se, apoiando-se numa das secretárias.

— Toma. — Lupin deu-lhe um Sapo de Chocolate. — Come-o antes de voltares a tentar. Eu não esperava que conseguisses logo à primeira vez. Na verdade, teria ficado abismado.

— Está a piorar — balbuciou Harry enquanto comia a cabeça do Sapo.

— Desta vez, ouvi-a muito mais alto. E ele, o Voldemort...

Lupin estava mais pálido que habitualmente.

— Harry, se não queres continuar, eu compreendo perfeitamente...

— Quero! — bradou Harry corajosamente, metendo na boca o resto do Sapo de Chocolate. — Tem de ser. E se os Dementors aparecerem no nosso jogo contra os Ravenclaw? Eu não posso cair outra vez. Se perdermos este jogo, lá se vai a Taça de Quidditch!

— Muito bem, nesse caso — disse Lupin —, talvez queiras escolher outra recordação feliz para te concentrares. Parece que aquela não era suficientemente forte...

Harry pensou e decidiu que quando os Gryffindor tinham ganhado o campeonato no ano anterior, esse fora um momento muito feliz. Agarrou a varinha com força e posicionou-se no meio da sala.

— Pronto? — perguntou Lupin, agarrando a tampa da caixa.

— Sim — respondeu Harry, tentando com toda a força encher a cabeça

de bons pensamentos sobre a vitória dos Gryffindor e evitar os maus pensamentos sobre o que iria acontecer quando a caixa se abrisse.

— Vai — disse Lupin, puxando a tampa. A sala ficou mais uma vez escura e gelada. O Dementor aproximou-se com a sua respiração cavernosa, a mão cheia de crostas a estender-se para Harry...

— *Expecto Patronum* — gritou Harry. — *Expecto Patronum! Expecto Pa...*

A névoa branca obscureceu-lhe os sentidos. Formas enormes, desfocadas, moviam-se à sua volta até que ouviu uma voz de homem a gritar, em pânico.

— *Lily, pega no Harry e foge. É ele. Foge. Eu empato-o.*

O ruído de alguém a sair aos tropeções de uma sala, uma porta a abrir-se, um riso estridente...

— Harry, Harry, acorda.

Lupin dava-lhe palmadas na cara. Desta vez Harry demorou um minuto a compreender por que motivo estava deitado no chão de uma sala de aula cheia de pó.

— Ouvi o meu pai — disse, entre dentes. — É a primeira vez que isso acontece. Ele tentou enfrentar o Voldemort sozinho para dar tempo à minha mãe de fugir...

Harry apercebera-se subitamente de que tinha o rosto cheio de lágrimas misturadas com suor. Baixou-se, limpando-se à capa e fingindo apertar os atacadores para que Lupin não percebesse.

— Ouviste o James? — perguntou Lupin com uma voz estranha.

— Sim. — Com a cara seca, Harry olhou para cima. — Porquê? O senhor não conheceu o meu pai, pois não?

— Conheci, sim — revelou-lhe Lupin. — Fomos amigos em Hogwarts. Ouve, Harry, talvez devêssemos ficar por aqui hoje. Este encantamento é absurdamente avançado para ti. Eu não devia ter sugerido fazer-te passar por isto.

— Não — insistiu Harry, levantando-se. — Eu quero tentar mais uma vez. Não estou a pensar em coisas suficientemente felizes, é o que é. Espere um pouco...

Procurou, procurou... uma recordação muito, muito feliz... uma recordação que ele pudesse transformar num Patronus bem forte.

O momento em que descobriu pela primeira vez que era feiticeiro e que ia deixar os Dursley e ingressar em Hogwarts. Se essa não era uma recordação feliz, então não sabia que outra poderia sê-lo. Concentrando-se com muita força em como se sentira quando percebeu que ia deixar Privet Drive, Harry pôs-se de pé e enfrentou mais uma vez o caixote.

— Pronto? — perguntou Lupin que parecia estar a fazer aquilo contra vontade. — Estás bem concentrado? Então, vamos!

Abriu a tampa pela terceira vez e o Dementor ergueu-se e saiu. A sala ficou fria e escura.

— *EXPECTO PATRONUM* — bramiu Harry. — *EXPECTO PATRONUM!*
EXPECTO PATRONUM!

A gritaria dentro da cabeça do Harry começara de novo, mas desta vez parecia vir de um rádio mal sintonizado. Mais baixo e mais alto e mais baixo outra vez... e ele podia ainda ver o Dementor. Tinha parado, hesitante e, em seguida, uma sombra enorme e prateada saiu da extremidade da varinha de Harry, colocando-se entre ele e o Dementor e, apesar de Harry sentir as pernas como se fossem geleia, continuava de pé, embora não soubesse por quanto tempo, pensou.

— *Riddikulus!* — bramiu Lupin, dando um salto em frente.

Ouviu-se um grande estalido e o Patronus nebuloso de Harry desapareceu juntamente com o Dementor. Afundou-se numa cadeira com as pernas a tremer, sentindo-se tão cansado como se tivesse corrido quilómetros e quilómetros. Pelo canto do olho, viu o professor Lupin a obrigar com a varinha o Sem Forma a reentrar na caixa. Transformara-se de novo num globo prateado.

— Excelente! — gabou Lupin, dando uma grande passada até ao lugar onde Harry estava sentado. — Excelente, Harry, foi sem dúvida um bom começo.

— Podemos fazer mais uma tentativa? Só mais uma?

— Não, agora não — recusou Lupin com firmeza. — Já tiveste agitação suficiente para uma noite. Toma.

Entregou-lhe uma barra do melhor chocolate do Doces dos Duques.

— Come-o todo ou a Madame Pomfrey mata-me. Para a semana, à mesma hora?

— Está bem — disse Harry. Tirou um pouco de chocolate e viu Lupin apagar as luzes que se tinham reacendido com o desaparecimento do Dementor. Teve um pensamento súbito.

— Professor Lupin — disse. — Se conheceu o meu pai, deve ter conhecido também o Sirius Black.

Lupin voltou-se muito depressa.

— O que te leva a pensar isso? — perguntou bruscamente.

— Nada, quer dizer, eu sei que eles também foram amigos em Hogwarts...

O rosto de Lupin descontraiu-se.

— Sim, conheci-o — confirmou sem se alongar. — Ou julguei conhecê-

lo. É melhor ires, Harry, está a fazer-se tarde.

Harry saiu da sala de aula, atravessou o corredor, virou uma esquina, fez um desvio por detrás de uma armadura e sentou-se na base da coluna que a sustentava para acabar o chocolate, lamentando ter falado de Black, visto que Lupin obviamente não gostara que ele tivesse puxado o assunto. A seguir, os seus pensamentos voltaram à mãe e ao pai...

Sentia-se exausto e estranhamente vazio apesar de estar cheio de chocolate. Embora fosse terrível ouvir constantemente os últimos momentos da vida dos pais, não tivera outras oportunidades de escutar as suas vozes desde bebé. Porém, nunca teria conseguido produzir um Patronus se a sua intenção fosse ouvir os pais.

— Eles morreram! — lembrou a si próprio com dureza. — Morreram e ouvir o eco das suas vozes não os trará de novo à vida. É melhor controlares-te se queres a Taça de Quidditch.

Levantou-se, meteu na boca o último pedaço de chocolate e dirigiu-se à torre dos Gryffindor.

Os Ravenclaw tinham jogado com os Slytherin uma semana após o início das aulas. Venceram os Slytherin, embora por pouco. Segundo Wood, fora bom para os Gryffindor, que ficariam em segundo, se vencessem igualmente os Ravenclaw. Aumentou, portanto, o número dos treinos para cinco vezes por semana. Isto fez com que, com as aulas de defesa anti-Dementors de Lupin, que eram mais cansativas do que seis treinos de Quidditch, Harry ficasse só com uma noite para fazer os trabalhos de casa. Mesmo assim não mostrava tanta tensão quanto Hermione, cuja imensa carga de trabalho estava finalmente a assoberbá-la. Todas as noites, sem falhar uma, lá estava ela a um canto da sala comum com várias mesas cheias de livros, gráficos de Aritmancia, dicionários de Runas, diagramas de Muggles erguendo objectos pesados e cadernos e cadernos cheios de apontamentos. Mal falava com quem quer que fosse e respondia agastada quando a interrompiam.

— Como será que ela consegue? — murmurou Ron uma noite, quando Harry estava a acabar um trabalho horrível sobre venenos indetectáveis para Snape. Harry ergueu o olhar. Hermione mal se via por detrás de uma pilha vacilante de livros.

— Consegue o quê?

— Ir a tantas aulas! — exclamou Ron. — Ouvi-a falar hoje de manhã com a professora Vector, aquela feiticeira que dá Aritmancia. Estavam a discutir a aula de ontem, mas a Hermione não pode ter lá estado, porque esteve sempre connosco em Cuidados Com As Criaturas Mágicas. E o

Ernie McMillan disse-me que ela nunca faltou a nenhuma aula de Estudos de Muggles, mas metade dessas aulas coincidem com as de Artes Divinatórias, a que ela também nunca faltou!

Harry não tinha tempo, naquele momento, para aprofundar o mistério do horário impossível de Hermione. Tinha de acabar o trabalho para Snape. Contudo, dois segundos mais tarde, voltou a ser interrompido, desta vez por Wood.

— Más notícias, Harry. Estive agora a falar com a professora McGonagall sobre a *Flecha de Fogo*. Ela... hã... ficou um bocado irritada comigo. Disse que eu tinha as prioridades todas trocadas, que parecia que me preocupava mais em vencer a taça do que com a tua vida. Só porque eu lhe disse que não me importava que caíesses da vassoura desde que antes tivesses apanhado a *snitch*. — Wood abanou a cabeça sem compreender. — Francamente, se visses a maneira como ela gritava comigo, até parecia que eu tinha dito algo de terrível. Depois perguntei-lhe quanto tempo mais ia reter a vassoura... — Fez uma careta e imitou a voz ríspida da professora McGonagall: «O tempo necessário, Wood.» Acho que é altura de comprares uma vassoura nova, Harry. Há um cupão destacável na contracapa da revista *Que Vassoura?* Podias mandar vir uma *Nimbus Dois Mil e Um*, como aquela que o Malfoy tem.

— Não vou comprar nada que o Malfoy tenha — garantiu-lhe Harry secamente.

Janeiro cedeu imperceptivelmente a vez a Fevereiro, sem que o tempo frio mudasse. O jogo contra os Ravenclaw aproximava-se cada vez mais, mas Harry ainda não encomendara nenhuma vassoura nova. Ia agora perguntar à professora McGonagall se tinha notícias da *Flecha de Fogo*, no final da aula de Transfiguração, com Ron esperançosamente encostado ao seu ombro e Hermione a passar apressadamente sem olhar.

— Não, Potter, ainda não podes tê-la — disse-lhe a professora McGonagall pela décima segunda vez, antes de ele ter aberto a boca. — Já procurámos os feitiços mais vulgares, mas o professor Flitwick acha que ela pode conter um Feitiço de Arremesso. Eu aviso-te quando tudo estiver terminado. Agora, por favor, pára de me importunar.

Para piorar ainda mais as coisas, as aulas de defesa contra os Dementors não estavam a correr, de perto nem de longe, como ele imaginara. Depois de várias sessões, tudo o que conseguia era produzir uma sombra prateada indistinta de cada vez que o Sem Forma-Dementor se aproximava, mas o seu Patronus era demasiado fraco para o afastar. Limitava-se a pairar como uma nuvem semitransparente, deixando Harry sem energia enquanto lutava

para o manter ali. Sentia-se mal consigo próprio, culpado pelo desejo secreto que acalentava de ouvir as vozes dos pais.

— Tu exiges demasiado de ti próprio — disse o professor Lupin asperamente na quarta semana de treinos. — Para um feiticeiro com treze anos de idade até um Patronus indistinto é uma grande conquista. Já não desmaias, pois não?

— Eu pensei que um Patronus derrubaria os Dementors ou qualquer coisa assim — Harry confessou desalentado. — Que os faria desaparecer...

— Os verdadeiros Patronus fazem isso — confirmou Lupin. — Mas tu já conseguiste muito num curto espaço de tempo. Se os Dementors te aparecerem no próximo jogo de Quidditch, vais conseguir mantê-los à distância o tempo suficiente para aterrares.

— O senhor disse que é mais difícil quando são muitos — lembrou Harry.

— Tenho absoluta confiança em ti — afirmou Lupin a sorrir. — Vá lá, mereces uma bebida, uma coisa do Três Vassouras que nunca provaste...

Tirou duas garrafas de dentro da pasta.

— Cerveja de Manteiga! — exclamou Harry sem pensar. — Sim, gosto imenso.

Lupin ergueu uma sobrancelha.

— Oh! O Ron e a Hermione trouxeram-me de Hogsmeade — mentiu rapidamente.

— Estou a ver — disse Lupin, embora continuasse a ter um ar desconfiado. — Bem, vamos beber à vitória dos Gryffindor contra os Ravenclaw! Se bem que eu não devesse tomar partido, como professor que sou — acrescentou apressadamente.

Beberam a Cerveja de Manteiga em silêncio até que Harry verbalizou uma pergunta que andava a preocupá-lo havia algum tempo.

— O que existe debaixo do capuz de um Dementor?

O professor Lupin baixou a garrafa, pensativo.

— Huuum! Bem, as únicas pessoas que verdadeiramente sabem não estão em condições de nos dizer. A verdade é que o Dementor só baixa o capuz para usar a sua pior e derradeira arma.

— Qual é?

— Chamam-lhe o Beijo do Dementor — explicou Lupin com um sorriso ligeiramente retorcido. — É o que os Dementors fazem àqueles que querem destruir por completo. Calculo que deva haver uma boca debaixo do capuz, porque eles fixam as mandíbulas sobre a boca da vítima e sugam-lhe a alma.

Harry cuspiu um pouco de Cerveja de Manteiga.

— Mas... matam a pessoa?

— Oh, não! — disse Lupin. — Muito pior do que isso. É possível existir-se sem alma, sabes? Desde que o cérebro e o coração continuem a funcionar. Mas deixa de se ter memória e sentido de identidade. Não há possibilidade de recuperação. Existe-se apenas, como uma concha vazia. E a alma foi-se para sempre, perdeu-se.

Lupin bebeu um pouco mais de Cerveja de Manteiga e acrescentou: — É o destino que aguarda o Sirius Black. Vinha esta manhã n' *O Profeta Diário*. O Ministro deu aos Dementors autorização para levarem a cabo esse último recurso quando o encontrarem.

Harry sentou-se atordoado perante a ideia de alguém ter a sua alma sugada pela boca, mas depois pensou em Black.

— Ele merece — afirmou repentinamente.

— Achas mesmo? — perguntou Lupin suavemente. — Achas que alguém merece uma coisa assim?

— Sim — insistiu Harry com ar de desafio. — Por... certas coisas.

Teria gostado de poder contar a Lupin a conversa que ouvira no Três Vassouras sobre como Black traía a sua mãe e o seu pai, mas isso obrigá-lo-a a revelar que tinha ido a Hogsmeade sem autorização e ele sabia que Lupin não ficaria bem impressionado. Por isso, acabou a sua Cerveja de Manteiga, agradeceu ao professor e saiu da sala de História da Magia.

De certo modo, lamentava ter perguntado o que havia debaixo do capuz de um Dementor. A resposta fora tão horrível e ficara tão perdido em pensamentos desagradáveis sobre o que sentiria se lhe sugassem a alma que chocou de frente com a professora McGonagall a meio das escadas.

— Vê por onde andas, Potter!

— Desculpe, Professora.

— Estive mesmo agora à tua procura na sala dos Gryffindor. Bem, lá vai, fizemos tudo o que era possível e parece não haver nada de errado com a tua vassoura. Tens um excelente amigo algures, Potter...

Harry ficou boquiaberto. Ela tinha nas mãos a *Flecha de Fogo*, que parecia tão magnífica como antes.

— Posso ficar com ela? — perguntou Harry. — A sério?

— A sério — disse a professora McGonagall que sorria. — E digo-te mais, acho que seria bom que a experimentasses antes do jogo de sábado para te habituares a ela. E, Potter, tenta mesmo ganhar esse campeonato, ou ficaremos fora da jogada pelo oitavo ano consecutivo, como o professor Snape teve a gentileza de me lembrar ontem à noite.

Sem palavras, Harry levou a *Flecha de Fogo* para cima, para a torre dos Gryffindor. Ao virar a esquina, viu Ron que vinha ao seu encontro com um

sorriso de orelha a orelha.

— Ela deu-ta? Excelente. Ouve, posso dar uma voltinha amanhã?

— Sim, claro — disse Harry com o coração mais leve do que estivera durante todo o mês. — Sabes uma coisa, devíamos fazer as pazes com a Hermione. Ela só quis ajudar...

— Sim, está bem — condescendeu Ron. — Ela está na sala comum agora, a trabalhar, para não variar.

Tomaram o corredor para a torre dos Gryffindor e avistaram Neville Longbottom a falar com Sir Cadogan, que parecia recusar-se a deixá-lo entrar.

— Eu aponteí-as — dizia Neville em lágrimas —, mas devo tê-las deixado cair em qualquer sítio.

— Uma boa história — resmungou Sir Cadogan. — Em seguida, vendo Harry e Ron: — Até que enfim, meus alabardeiros, venham colocar este vadio a ferros. Está a tentar forçar a entrada nos aposentos privados.

— Oh! Cala-te — disse Ron enquanto, juntamente com Harry, se aproximavam de Neville.

— Perdi as senhas! — contou-lhes ele, infelicíssimo. — Pedi-lhe que me dissesse todas as senhas que ia usar esta semana, porque ele está sempre a mudá-las e agora não sei o que fiz ao papel.

— Oddsbodikins! — disse Harry a Sir Cadogan que, com um ar desiludido e relutante se chegou para a frente para os deixar entrar na sala comum. Ouviu-se um sussurro de excitação e todas as cabeças se viraram. No momento seguinte, Harry foi rodeado por uma série de gente que admirava a *Flecha de Fogo*.

— Onde a arranjaste, Harry?

— Deixas-me dar uma volta?

— Já andaste nela, Harry?

— Os Ravenclaw não vão ter hipóteses. Todos eles têm *Demolidoras* n.º 7.

— Posso só pegar-lhe, Harry?

Depois de dez minutos, durante os quais a *Flecha de Fogo* passou por todos e foi admirada de todos os ângulos possíveis, a multidão dispersou e Harry e Ron puderam ver nitidamente Hermione, a única pessoa que não fora ter com eles e que continuava inclinada sobre o trabalho, evitando a todo o custo olhá-los nos olhos. Harry e Ron aproximaram-se da mesa dela e por fim Hermione ergueu o olhar.

— Já a tenho — anunciou-lhe Harry sorrindo-lhe e mostrando a *Flecha de Fogo*.

— Vês, Hermione? Não havia mal nenhum na vassoura — disse Ron.

— Está bem, mas podia ter havido — respondeu ela. — Pelo menos, agora sabes que está tudo bem.

— Sim, acho que sim — balbuciou Harry. — Vou guardá-la lá em cima...

— Eu levo-a — ofereceu-se Ron rapidamente. — Tenho de dar ao *Scabbers* o tónico para ratos.

Levou a *Flecha de Fogo* e, pegando-lhe como se ela fosse de vidro, transportou-a pela escada acima.

— Posso sentar-me? — perguntou Harry a Hermione.

— Acho que sim — disse ela, retirando um grande rolo de pergaminho de cima de uma cadeira.

Harry olhou para a mesa atafalhada de livros onde se via um longo trabalho de Aritmancia em que a tinta ainda brilhava. Depois olhou para o trabalho ainda mais longo de Estudos de Muggles (Explique por que motivo os Muggles precisam de electricidade) e para a tradução das runas em que Hermione estava a pegar naquele momento.

— Como consegues entender-te no meio disto tudo? — perguntou-lhe Harry.

— Oh! Bem, tu sabes, com muito trabalho — confessou Hermione.

Olhando-a bem de perto, Harry apercebeu-se de que ela parecia quase tão cansada como o professor Lupin.

— Por que não desistes de algumas disciplinas? — perguntou-lhe, observando-a a levantar vários livros, enquanto procurava o dicionário de runas.

— Nem pensar numa coisa dessas — ripostou ela com um ar escandalizado.

— A Aritmancia deve ser horrível — comentou Harry, pegando num gráfico.

— Oh, não, é lindo! — contrapôs Hermione muito séria. — É a minha disciplina preferida, é...

Mas Harry nunca chegou a saber o que havia de tão maravilhoso na Aritmancia. Nesse preciso momento, um grito sufocado ecoou na escada dos rapazes. Toda a gente que estava na sala comum se calou e ficou a olhar apavorada para a entrada. Passos apressados aproximavam-se e por fim surgiu Ron, arrastando consigo um lençol.

— OLHA — gritou, dirigindo-se à mesa de Hermione. — OLHA! — e pôs-lhe os lençóis junto da cara.

— Ron, o que...?

— O *SCABBERS*! OLHA, O *SCABBERS*!

Hermione afastava-se de Ron com um ar perturbado. Harry olhou para o

lençol que ele tinha na mão. Havia algo vermelho, algo que se parecia horrivelmente com...

— SANGUE! — gritou Ron no silêncio total.

— ELE DESAPARECEU E SABES O QUE ESTAVA NO CHÃO?

— Não — admitiu Hermione com a voz a tremer.

Ron atirou-lhe qualquer coisa para cima da tradução das runas. Hermione e Harry chegaram-se à frente. Sobre os estranhos caracteres viam-se vários pêlos de um gato ruivo.

XIII

GRYFFINDOR CONTRA RAVENCLAW

Parecia ser o fim da amizade entre Ron e Hermione. Cada um deles estava tão zangado que Harry não via como conseguiriam alguma vez ultrapassar a situação.

Ron sentia-se furioso por Hermione nunca ter levado a sério as tentativas de *Crookshanks* de comer *Scabbers*, por não ter tido o cuidado de o vigiar e ainda por afirmar que o gato estava inocente, sugerindo que Ron deveria ir procurar o rato debaixo das camas dos colegas.

Hermione, por sua vez, alegava que Ron não tinha provas de que *Crookshanks* tivesse comido *Scabbers*, que os pêlos ruivos podiam estar lá desde o Natal e que Ron tivera sempre má vontade contra o seu gato desde o momento em que *Crookshanks* aterrara em cima da cabeça dele, ainda na loja dos animais mágicos.

Pessoalmente, Harry tinha a certeza de que *Crookshanks* tinha comido *Scabbers* e, quando tentou mostrar a Hermione que todas as provas apontavam nesse sentido, ela perdeu a cabeça também com ele.

— Pronto, fica do lado do Ron — guinchou. — Primeiro a *Flecha de Fogo*, agora o *Scabbers*. É tudo culpa minha, não é? Deixa-me em paz, Harry, tenho muito que fazer!

Ron levava muito a peito a perda do seu rato.

— Vá lá, Ron, tu estavas sempre a dizer que o *Scabbers* era um chato — lembrou-lhe Fred, tentando animá-lo. — E ele andava sem cor há séculos, estava quase a ir-se embora. Se calhar, foi melhor para ele e mais rápido, provavelmente não sentiu nada.

— Fred! — exclamou Ginny indignada.

— Ele só comia e dormia, Ron, tu mesmo o dizias — lembrou George.

— Mordeu o Goyle uma vez para nos ajudar — afirmou Ron, tristíssimo.
— Lembras-te, Harry?

— É verdade — confirmou ele.

— Foi a sua coroa de glória — bradou Fred, incapaz de se manter sério. — Deixemos que a cicatriz no dedo do Goyle se mantenha como o último tributo à sua memória. Vá lá, Ron, vai até Hogsmeade e compra outro rato. Para quê estares a lamentar-te?

Numa última tentativa de o animar, Harry convenceu-o a ir assistir ao último treino dos Gryffindor antes do jogo com os Ravenclaw para que ele no fim desse uma volta na *Flecha de Fogo*. A ideia pareceu afastar *Scabbers* da cabeça de Ron durante alguns momentos (ótimo, posso tentar meter alguns golos?) e lá foram juntos para o campo de Quidditch.

Madame Hooch, que continuava a vigiar os treinos dos Gryffindor para manter Harry debaixo de olho, ficou tão impressionada com a *Flecha de Fogo* como todos os outros. Pegou na vassoura antes de ela levantar voo e deu-lhe o crédito da sua opinião profissional.

— Olhem para o equilíbrio dela! Se a série das *Nimbus* tem alguma falha, é uma ligeira inclinação para a extremidade da cauda. Muitas vezes notamos que, ao fim de alguns anos, começam a desenvolver uma certa resistência. Modernizaram também o cabo, está um pouco mais fino que o das *Demolidoras*, lembra-me as antigas *Flechas de Prata*. É uma pena terem deixado de as fabricar. Aprendi a voar numa delas e era também uma excelente vassoura.

Continuou a falar durante algum tempo até que Wood a interrompeu: — Hã... Madame Hooch, importa-se de dar a *Flecha de Fogo* ao Harry? É que nós temos de treinar...

— Muito bem, aqui a tens, Potter — disse Madame Hooch. — Eu vou sentar-me com o Weasley...

Ela e Ron abandonaram o campo e foram sentar-se nas bancadas enquanto a equipa dos Gryffindor se juntava em volta de Wood a fim de ouvir as últimas instruções sobre o jogo do dia seguinte.

— Harry, acabo de ter a confirmação de quem vai ser a *seeker* dos Ravenclaw. É a Cho Chang, uma rapariga do quarto ano que é muito boa jogadora... eu esperava que ela não estivesse em forma, tem tido alguns problemas com lesões... — Wood mostrou o seu desprazer por Cho Chang ter feito uma ótima recuperação e acrescentou: — Por outro lado, ela monta uma *Cometa 260* que vai parecer uma anedota ao lado da *Flecha de Fogo*. — Deu uma vista de olhos de fervorosa admiração à vassoura de Harry e concluiu: — Bem, vamos a isto.

E, finalmente, Harry montou a sua *Flecha de Fogo* e deu um pontapé no chão.

Era melhor do que ele imaginara. A *Flecha de Fogo* virava ao mais leve

toque, parecia obedecer aos seus pensamentos antes dos seus gestos. Voava ao longo do campo a uma tal velocidade que o estádio se transformou numa mancha verde e cinzenta. Harry virou tão rapidamente que Alicia Spinnet gritou. Em seguida, mergulhou com controlo total, roçando o campo relvado com a biqueira do pé antes de subir de novo a dez, doze, vinte metros do chão.

— Harry, vou soltar a *snitch* — gritou Wood.

Harry deu uma volta e competiu com uma *bludger* em direcção às balizas. Ultrapassou-a com facilidade, viu a *snitch* disparar atrás de Wood e em dez segundos tinha-a na mão.

A equipa aplaudiu entusiasticamente.

Harry largou de novo a *snitch*, deu-lhe um minuto de avanço e partiu atrás dela, serpenteando pelo meio dos outros. Viu-a oculta por um dos joelhos de Katie Bell, mergulhou com toda a facilidade e agarrou-a de novo.

Foi o melhor treino de sempre. A equipa, inspirada pela presença da *Flecha de Fogo*, executou as suas melhores jogadas, não cometeu falhas e, quando chegaram ao chão, Wood não teve um único reparo a fazer, o que, como George Weasley notou, era a primeira vez que acontecia.

— Não vejo o que nos poderá deter amanhã — disse ele. — A não ser que... Harry, tu resolveste o teu problema com os Dementors, não resolveste?

— Sim — respondeu ele, pensando no seu fraco Patronus e desejando que ele fosse um pouco mais forte.

— Os Dementors não vão voltar a aparecer, Oliver. O Dumbledore tratava-lhes da saúde — afirmou Fred, cheio de confiança.

— Bem, esperemos que não — respondeu Wood. — De qualquer modo, bom trabalho para todos, vamos voltar à torre. Deitem-se cedo...

— Eu vou ficar mais um bocadinho. O Ron quer dar uma volta na *Flecha de Fogo* — disse Harry a Wood e, enquanto o resto da equipa avançava para os vestiários, Harry foi ter com Ron, que saltou a barreira das bancadas e veio ao seu encontro. Madame Hooch adormecera no lugar.

— Toma lá — disse Harry, entregando a Ron a *Flecha de Fogo*.

Ron, com uma expressão de êxtase no rosto, montou a vassoura e afastou-se na escuridão que começava a instalar-se, enquanto Harry andava à volta do campo a observá-lo.

A noite caíra antes de Madame Hooch dar um salto, repreender Harry e Ron por não a terem acordado e insistir para que voltassem ao castelo.

Harry pôs a *Flecha de Fogo* ao ombro e, acompanhado por Ron, saiu do estádio sombrio, discutindo a soberba suavidade da vassoura no ar, a sua

fantástica capacidade de aceleração e a exactidão do seu raio de viragem.

Estavam a meio caminho do castelo quando Harry, olhando para a esquerda, viu algo que fez o seu coração dar um salto: dois olhos brilhavam no escuro.

Parou assustado, sentindo o coração a bater-lhe contra as costelas.

— O que foi? — perguntou Ron.

Harry apontou. Ron pegou na varinha e murmurou: — *Lumus!*

Uma réstia de luz incidiu sobre a relva e sobre o tronco de uma árvore e iluminou as ramadas. Ali mesmo, agachado entre as folhas, estava *Crookshanks*.

— Sai daí — bradou Ron e, baixando-se, agarrou numa pedra que estava na relva, mas antes de ter tempo de fazer qualquer coisa já *Crookshanks* desaparecera com um movimento brusco da sua cauda ruiva.

— Estás a ver!? — exclamou Ron, furioso, atirando outra vez a pedra para o chão. — Ela continua a deixá-lo andar à vontade, provavelmente a completar a refeição do *Scabbers* com alguns passarinhos.

Harry não disse nada. Respirou fundo, aliviado. Tivera a certeza, durante alguns segundos, de que aqueles olhos pertenciam ao Cruel.

Encaminharam-se novamente para o castelo. Ligeiramente envergonhado por aquele breve momento de pânico, Harry não disse nada a Ron nem voltou a olhar para a esquerda nem para a direita até chegarem ao *Hall* de Entrada.

Na manhã seguinte, Harry desceu para tomar o pequeno-almoço com os colegas do seu dormitório, os quais achavam todos que a *Flecha de Fogo* merecia uma espécie de guarda de honra. Quando entrou no Salão, todas as cabeças se viraram em direcção à *Flecha de Fogo* e ouviram-se murmúrios de grande excitação. Harry viu com grande prazer que a equipa dos Slytherin estava toda com ar estupefacto.

— Viste a cara dele? — perguntou Ron satisfeito, olhando para Malfoy.

— Ele mal pode acreditar, é fantástico!

Wood também saboreava a glória da *Flecha de Fogo*.

— Põe-na aqui, Harry — disse, colocando a vassoura no meio da mesa e virando-a cautelosamente, de modo a que o nome ficasse voltado para cima. Os colegas das mesas dos Ravenclaw e dos Hufflepuff vieram espreitar pouco depois. Cedric Diggory deu os parabéns a Harry pela aquisição de uma tal substituta da *Nimbus Dois Mil* e a namorada de Percy, dos Ravenclaw, Penelope Clearwater, perguntou se podia tocar-lhe.

— Ah! Ah! Penny, nada de sabotagem! — brincou Percy enquanto ela examinava a vassoura de perto. — Eu e a Penelope fizemos uma aposta —

comunicou ele à equipa. — Dez galeões pelo resultado do jogo.

Penelope pousou a *Flecha de Fogo*, agradeceu a Harry e voltou para a sua mesa.

— Harry, vê se ganhas mesmo — incitou — o Percy num murmúrio urgente. — Eu não tenho dez galeões. Sim, já vou, Penny. — E correu a juntar-se-lhe para partilharem uma torrada.

— Tens a certeza de que sabes manobrar essa vassoura, Potter? — perguntou uma voz fria e arrastada.

Draco Malfoy chegara para ver mais de perto, com Crabbe e Goyle mesmo atrás dele.

— Sim, acho que sim — respondeu Harry, sem dar grande importância à pergunta.

— Tem imensos acessórios, não é? — comentou Malfoy com os olhos a brilharem de malícia. — Pena que não traga um pára-quedas para o caso de aparecer algum Dementor!

Crabbe e Goyle riram-se às gargalhadas.

— É pena que não possas amarrar um terceiro braço aos dois que já tens, Malfoy — disse Harry. — Talvez ele conseguisse agarrar a *snitch*.

A equipa dos Gryffindor fartou-se de rir. Os olhos baços de Malfoy contraíram-se e ele afastou-se. Viram-no aproximar-se dos outros elementos da equipa dos Slytherin e juntarem as cabeças, sem dúvida a perguntarem-lhe se a vassoura de Harry era mesmo uma *Flecha de Fogo*.

Quando faltava um quarto para as onze, a equipa dos Gryffindor começou a encaminhar-se para os vestiários. O tempo não podia ser mais diferente do que aquele que tinham tido no jogo contra os Hufflepuff. Estava um dia fresco e claro e corria uma ligeira brisa. Desta vez não havia problemas de visibilidade e Harry, apesar de nervoso, começava a sentir a excitação que só um jogo de Quidditch podia provocar.

Ouviam o resto da escola a dirigir-se para o estádio. Harry despiu o manto preto das aulas, retirou a varinha do bolso e guardou-a numa *T-shirt* que ia usar por baixo do equipamento de Quidditch. Só esperava não vir a precisar dela. Perguntou a si próprio, subitamente, se o professor Lupin estaria entre a multidão a assistir.

— Vocês sabem o que têm de fazer — avisou Wood quando se preparavam para sair dos vestiários. — Se perdermos este jogo, estaremos fora da corrida. Voem como fizeram nos treinos de ontem e tudo correrá bem!

Entraram no estádio sob vibrantes aplausos. A equipa dos Ravenclaw, vestida de azul, estava já lá no meio. A *seeker* Cho Chang era a única rapariga. Era mais baixa que Harry quase quinze centímetros e ele não pôde

deixar de reparar, apesar de estar nervoso, que ela era extremamente bonita. Sorriu a Harry quando as equipas se voltaram uma para a outra atrás dos seus treinadores e ele sentiu o estômago dar um pequeno salto que não tinha nada a ver com o sistema nervoso.

— Wood, Davies, apertem as mãos — disse Madame Hooch vivamente e Wood apertou a mão ao treinador dos Ravenclaw.

— Montem as vassouras quando ouvirem o apito... três, dois, um...

Harry subiu e a *Flecha de Fogo* elevou-se mais alto que qualquer das outras vassouras. Planou em volta do estádio e começou a tentar ver a *snitch*, ouvindo ao mesmo tempo o comentário que era feito pelo amigo dos gémeos Weasley, Lee Jordan.

— Já arrancaram! O grande motivo de excitação neste jogo é a *Flecha de Fogo* que Harry Potter monta para os Gryffindor. De acordo com a revista *Que Vassoura?*, a *Flecha de Fogo* vai ser a eleita para os campeonatos nacionais na grande final deste ano...

— Jordan, importas-te de nos relatar o jogo? — interrompeu a voz da professora McGonagall.

— Tem toda a razão, Professora, estava só a dar algumas informações. A *Flecha de Fogo* tem um sistema de travagem automática e...

— Jordan!

— Pronto, pronto. Os Gryffindor a comandar, Katie Bell dos Gryffindor pronta para marcar...

Harry passou por Katie na direcção oposta, procurando o brilho dourado e reparando que Cho Chang o seguia de perto. Era, sem dúvida alguma, uma boa voadora, não parava de o interceptar, obrigando-o a mudar de direcção.

— Mostra-lhe a aceleração, Harry — gritou Fred que passou por eles, atrás de uma *bludger* que perseguia Alicia.

Harry impulsionou a *Flecha de Fogo* quando se aproximava das balizas dos Ravenclaw e Cho ficou para trás. No momento em que Katie conseguia marcar o primeiro golo do jogo e as bancadas dos Gryffindor exultavam, Harry viu-a, a *snitch*, perto do relvado, passando rapidamente junto de uma das barreiras.

Mergulhou. Cho viu o que ele estava a fazer e seguiu-o. Harry vinha a toda a velocidade, vibrando de excitação, as aterragens eram a sua especialidade. Estava a três metros de distância...

Foi então que uma *bludger*, lançada por um dos *beaters* dos Ravenclaw apareceu vinda não se sabe de onde. Harry desviou o seu rumo, evitando-a por centímetros e nesses segundos cruciais a *snitch* desapareceu.

Ouviu-se um Ooooooooo! de desapontamento vindo dos apoiantes dos

Gryffindor e muitos aplausos dos Ravenclaw para o seu *beater*. George Weasley descarregava a sua cólera, batendo na segunda *bludger* e enviando-a contra o *beater* ofensivo que foi forçado a rolar no ar para lhe fugir.

— Gryffindor lidera com oitenta pontos a zero e olhem bem para a pedalada da *Flecha de Fogo*. O Potter está mesmo a puxar por ela agora. Vejam como dá a volta, a *Cometa* da Chang não consegue competir com ela. A precisão e o equilíbrio da *Flecha de Fogo* são verdadeiramente notáveis neste longo...

— JORDAN, ALGUÉM TE PAGOU PARA FAZERES A PUBLICIDADE DA *FLECHA DE FOGO*? FAZ O COMENTÁRIO DO JOGO!

Os Ravenclaw estavam a recuperar. Tinham marcado três golos, o que dava aos Gryffindor apenas cinquenta pontos de avanço. Se Cho agarrasse a *snitch* antes dele, os Ravenclaw ganhavam. Harry desceu, evitando por pouco o *chaser* dos Ravenclaw e examinou o campo cheio de nervosismo. Um brilho de ouro, um voar de asas pequeninas, a *snitch* andava à volta da baliza dos Gryffindor...

Acelerou com os olhos fixos na mancha de ouro que tinha na frente, mas um segundo depois Cho surgira, bloqueando-o.

— HARRY, NÃO É ALTURA DE ARMARES EM CAVALHEIRO! — bradou Wood, enquanto ele mudava de direcção para evitar o choque. — ATIRA-A DA VASSOURA ABAIXO SE FOR PRECISO!

Harry voltou-se e viu que Cho estava a sorrir. A *snitch* desaparecera de novo. Harry voltou a *Flecha de Fogo* para cima e elevou-se seis metros acima do jogo. Pelo canto do olho viu que Cho vinha atrás dele. Decidira persegui-lo em vez de procurar a *snitch* por si própria... Muito bem, se era isso que pretendia, teria de arcar com as consequências.

Mergulhou de novo e Cho, pensando que ele vira a *snitch*, tentou segui-lo. Harry subiu muito bruscamente e ela precipitou-se para o solo. Harry elevou-se com a velocidade de uma bala e viu-a então pela terceira vez; a *snitch* brilhava sobre o campo no lado dos Ravenclaw.

Acelerou de novo e Cho também, muitos metros abaixo. Ele estava a ganhar terreno sobre a *snitch* a cada segundo... e então...

— Oh!... — gritou Cho, apontando.

Distraído, Harry olhou para baixo.

Três Dementors, três enormes Dementors, escuros, encapuzados olhavam para cima, para ele.

Harry não parou para pensar. Enfiando a mão dentro do equipamento tirou a varinha e murmurou: — *Expecto Patronum!*

Algo prateado e enorme saiu do extremo da sua varinha. Ele sabia que

fora direito aos Dementors, mas não ficou a olhar. Com a mente milagrosamente lúcida, olhou em frente. Estava quase. Estendeu a mão, que ainda segurava a varinha, e conseguiu fechar os dedos sobre a pequenina e lutadora *snitch*.

Ouviu-se o apito de Madame Hooch, Harry voltou-se no ar e viu seis vultos escarlates que se aproximavam rapidamente. Logo a seguir, era abraçado por toda a equipa com tanta força que quase o atiravam da vassoura abaixo. No estádio ouviam-se os aplausos dos Gryffindor no meio da multidão.

— Ele é sensacional — gritava Wood. Alicia, Angelina e Katie beijavam Harry e Fred dava-lhe um abraço tão forte que ele sentia a cabeça quase a saltar. No meio da confusão total, a equipa conseguiu voltar ao campo. Harry saltou da vassoura e olhou para cima, vendo um bando de apoiantes dos Gryffindor a correrem para o campo com Ron à frente. Antes de ter tido tempo de se recompor, já tinha sido submerso por uma multidão de entusiastas.

— Viva! — gritou Ron, puxando o braço de Harry para o ar. — Viva! Viva!

— Bem jogado, Harry — elogiou Percy com ar satisfeito. — Acabo de ganhar dez galeões, tenho de procurar a Penelope, desculpem-me...

— Foste o máximo, Harry — aplaudiu Seamus Finnigan.

— Magnífico — bradou Hagrid sobre as cabeças dos agitados Gryffindor.

— Aquele foi um grande Patronus — disse-lhe uma voz ao ouvido.

Harry voltou-se e viu o professor Lupin, que estava simultaneamente abalado e satisfeito.

— Os Dementors não me afectaram nada! — congratulou-se Harry entusiasmado. — Não senti nada!

— Isso deve ter sido porque... não eram Dementors — explicou o professor Lupin. — Anda ver...

Conduziu Harry para longe da multidão até um lugar de onde se via o fim do estádio.

— Ferraste um valente susto a Mr. Malfoy — disse Lupin.

Harry olhou, espantado. Embrulhados no meio do chão estavam Malfoy, Crabbe, Goyle e Marcus Flint, o treinador da equipa dos Slytherin, a lutarem por se libertar dos mantos pretos encapuzados. Ao que parecia, Malfoy estivera encarrapitado nos ombros de Goyle. Em frente deles, com uma expressão de grande fúria no rosto, via-se a professora McGonagall.

— Uma brincadeira traiçoeira — gritava. — Uma tentativa reles e covarde de sabotar o *seeker* dos Gryffindor. Vão ser todos castigados e

cinquenta pontos a menos para os Slytherin. Falarei com o professor Dumbledore acerca disto, podem estar certos. Ah! Lá vem o Harry.

Se havia algo que pudesse coroar a vitória dos Gryffindor era sem dúvida aquilo. Ron, que abrira caminho até Harry, agarrou-se à barriga a rir, enquanto assistiam à luta de Malfoy para tentar sair de dentro do manto, com a cabeça de Goyle ainda lá presa.

— Vamos, Harry — gritou George, conseguindo chegar perto. — Há festa na sala dos Gryffindor, agora!

— Certo — disse, sentindo-se feliz como não estava havia séculos. Ele e os outros elementos da equipa saíram do estádio, ainda com os equipamentos escarlates, em direcção ao castelo.

Era como se já tivessem ganho a Taça de Quidditch. A festa durou todo o dia e prolongou-se pela noite dentro. Fred e George Weasley desapareceram durante algumas horas e voltaram com braçadas de garrafas de Cerveja de Manteiga, sumo de abóbora gasoso e vários sacos cheios de iguarias do Doces dos Duques.

— Como é que conseguiste? — guinchou Angelina Johnson, enquanto George lançava Sapos de hortelã-pimenta à multidão.

— Com uma ajudazinha do Moony, do Wormtail, do Padfoot e do Prongs — murmurou Fred ao ouvido de Harry.

Só uma pessoa não estava a participar na festa. Hermione encontrava-se inesperadamente sentada a um canto, tentando ler um livro enorme chamado *A Vida em Casa e os Hábitos Sociais dos Muggles Britânicos*. Harry levantou-se da mesa onde Fred e George tinham começado a fazer malabarismos com as garrafas de Cerveja de Manteiga e foi ter com ela.

— Ao menos foste assistir ao jogo? — perguntou-lhe.

— É claro que fui — disse Hermione numa voz estranhamente esganiçada, sem olhar para cima. — E estou muito contente por termos ganhado e acho que jogaste muito bem, mas preciso de ler isto até segunda-feira.

— Anda daí, Hermione, vem tomar qualquer coisa — convidou Harry, olhando para Ron e perguntando a si próprio se ele estaria suficientemente bem-disposto para pôr fim às hostilidades.

— Não posso, Harry, ainda me falta ler quatrocentas e vinte e duas páginas — disse Hermione que parecia agora ligeiramente histérica. — Além disso — olhou para Ron —, ele não quer que eu vá.

Não havia como rebater aquela afir mação, visto Ron ter escolhido aquele preciso momento para dizer bem alto: — Se o *Scabbers* não tivesse sido comido, podia deliciar-se com um pouco destas moscas de açúcar que

ele adorava.

Hermione desatou a chorar. Antes que Harry tivesse tido tempo de fazer fosse o que fosse, já ela tinha enfiado o enorme livro debaixo do braço e, ainda a soluçar, corrido para a escada que a levou ao dormitório das raparigas, desaparecendo da vista de todos eles.

— Não podes deixá-la em paz? — perguntou Harry.

— Não — retorquiu Ron sem se alongar. — Se, pelo menos, ela mostrasse alguma pena, mas a Hermione não admite que teve culpas, continua a comportar-se como se o *Scabbers* tivesse ido fazer uma viagem de férias ou qualquer coisa assim.

A festa dos Gryffindor só terminou quando a professora McGonagall apareceu no seu roupão axadrezado, de rede no cabelo, à uma da madrugada para os mandar a todos para a cama. Harry e Ron subiram as escadas para o dormitório ainda a falarem sobre o jogo. Por fim, exausto, Harry meteu-se na cama, fechando bem os cortinados da sua cama para tapar um raio de luar e caiu imediatamente num sono profundo...

Teve um sonho muito estranho. Passeava por uma floresta com a *Flecha de Fogo* ao ombro, atrás de algo de um branco prateado que serpenteava pelo meio das árvores. Conseguia apenas ter alguns vislumbres da coisa pelo meio das folhas. Ansioso, começou a andar mais depressa para ver o que era aquilo, mas à medida que aumentava a velocidade, a coisa fazia o mesmo. Harry começou a correr e à sua frente ouvia cascos de cavalo cada vez mais rápidos. Corria agora a direito e ouvia galopar à sua frente. Depois, virou para uma clareira e...

AAAAAAAAAAAAIIIIIIIIIIIIIIIIIIII! NÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃ!

Harry acordou de repente como se lhe tivessem batido na cara. Desorientado, no meio do escuro, debateu-se para abrir os cortinados. Ouvia movimentos à sua volta e a voz de Seamus Finnigan a perguntar:

— O que é que se passa?

Pareceu a Harry ouvir a porta do dormitório fechar-se. Por fim, encontrando a abertura entre as cortinas, puxou-as para trás e, nesse mesmo momento, Dean Thomas acendeu a lanterna.

Ron estava sentado na cama com as cortinas rasgadas de um dos lados e uma expressão de pavor no rosto.

— Black, o Sirius Black com uma faca.

— O quê?

— Aqui. Agora mesmo. Rasgou as cortinas e acordou-me!

— Tens a certeza de que não estavas a sonhar, Ron? — perguntou Dean.

— Olha para as cortinas. Estou a dizer-vos, ele esteve aqui!

Saltaram todos das camas. Harry chegou primeiro à porta do dormitório

e desceram a correr a escada. As portas abriram-se atrás deles e ouviram-se vozes ensonadas

— Quem gritou?

— Que estão vocês a fazer?

A sala comum, iluminada por um resto de lume mortiço, ainda cheia de sobras da festa, estava deserta.

— Tens a certeza de que não estavas a sonhar, Ron?

— Estou a dizer-te, eu vi-o!

— Que barulho é este?

— A professora McGonagall mandou-nos deitar.

Algumas raparigas tinham descido a escada, vestindo os roupões e bocejando. Apareceram também alguns rapazes.

— Ótimo, vamos continuar? — perguntou Fred Weasley com um ar feliz.

— Todos para cima — bradou Percy, entrando apressado na sala comum e colocando o distintivo de Delegado dos Alunos no pijama enquanto falava.

— Perce, o Sirius Black — explicou Ron com voz débil — estive no nosso dormitório com uma faca, acordou-me.

Na sala ficaram todos muito quietos.

— Tolice — declarou o Percy com ar surpreendido. — Comeste de mais e tiveste um pesadelo.

— Estou a dizer-te.

— Francamente, já chega!

A professora McGonagall estava de volta. Bateu com o retrato quando entrou e olhou, furiosa, à sua volta.

— Adorei que os Gryffindor ganhassem o jogo mas isto é ridículo. Percy, esperava um pouco mais de ti!

— Eu não autorizei nada disto, Professora — afirmou Percy endireitando-se, indignado. — Estava neste momento a mandá-los para a cama, o meu irmão Ron teve um pesadelo...

— NÃO FOI UM PESADELO! — gritou Ron. — PROFESSORA, EU ACORDEI E O SIRIUS BLACK ESTAVA DE PÉ, DEBRUÇADO SOBRE MIM COM UMA FACA NA MÃO!

A professora McGonagall olhou para ele, espantada.

— Não sejas ridículo, Weasley, como podia ele ter passado pelo buraco do retrato?

— Pergunte-lhe — sugeriu Ron, apontando com o dedo trémulo para a parte de trás do quadro de Sir Cadogan. — Pergunte-lhe se ele viu...

Olhando desconfiada para Ron, a professora McGonagall empurrou o

retrato e foi lá fora. Todos na sala escutaram com a respiração suspensa.

— Sir Cadogan, deixou entrar algum homem na Torre dos Gryffindor?

— Certamente, boa senhora — afirmou Sir Cadogan.

Houve um estranho silêncio, tanto fora como dentro da sala.

— O... o senhor deixou? — indagou a professora McGonagall. — Mas... e a senha?

— Ele tinha-as — assegurou Sir Cadogan, satisfeito consigo próprio. — Tinha todas as senhas da semana, minha senhora. Leu-as numa folha de papel.

A professora McGonagall voltou a entrar pelo buraco do retrato e enfrentou a multidão estupefacta. Estava branca como a cal da parede.

— Quem foi? — perguntou com a voz a tremer. — Quem foi o incomensurável cretino que escreveu num papel as senhas da semana e o deixou ficar por aí?

Houve um grande silêncio, quebrado apenas por um leve guincho aterrorizado. Neville Longbottom, a tremer da raiz dos cabelos à ponta dos pés, levantou lentamente a mão.

XIV

O RANCOR DE SNAPE

Ninguém dormiu nessa noite na torre dos Gryffindor. Sabiam que o castelo estava a ser revistado de novo e todos os alunos ficaram acordados na sala comum, à espera de saber se Black tinha sido apanhado. A professora McGonagall voltou de madrugada para lhes dizer que ele escapara de novo.

No dia seguinte, havia sinais de segurança reforçada por todo o lado. Podia ver-se o professor Flitwick a ensinar as portas de entrada a reconhecerem uma fotografia de Sirius Black. Filch andava como louco pelos corredores a tapar tudo com tábuas, desde as pequenas frestas às tocas dos ratos. Sir Cadogan fora posto fora. O seu retrato fora levado para o patamar solitário do sétimo andar e a Dama Gorda estava de volta. Fora meticulosamente restaurada, mas continuava extremamente nervosa e só concordara em voltar ao seu lugar sob condição de lhe darem protecção extra. Tinham, portanto, contratado um grupo de trolls carrancudos como seguranças. Andavam pelo corredor, em grupo, resmungando e comparando o tamanho das suas respectivas mocas.

Harry não pôde deixar de notar que a estátua da feiticeira só com um olho continuava livre e sem guarda. Parecia que Fred e George Weasley tinham razão ao pensar que eles, e agora também Harry, Ron e Hermione, eram os únicos a conhecer a passagem secreta que havia dentro da estátua.

— Achas que devíamos contar a alguém? — perguntou Harry a Ron.

— Nós sabemos que ele não veio do Doces dos Duques — disse Ron, rejeitando a ideia. — Já estaríamos a par, se a loja tivesse sido assaltada.

Harry ficou satisfeito por Ron tomar aquela posição. Se a feiticeira de um só olho fosse também tapada com tábuas, ele nunca mais poderia voltar a Hogsmeade.

Ron tornara-se, de repente, uma celebridade. Pela primeira vez na vida, as pessoas davam-lhe mais atenção que a Harry e era óbvio que ele estava a

adorar a experiência. Apesar de se encontrar ainda bastante abalado com os acontecimentos daquela noite, tinha todo o prazer em contar, com todos os pormenores, o que sucedera a qualquer pessoa que lhe perguntasse.

— ... Eu estava a dormir e ouvi um barulho de pano a rasgar-se e pensei que estava a sonhar, sabes como é, mas a seguir senti uma corrente de ar... acordei e um dos reposteiros laterais da minha cama tinha sido arrancado... virei-me e vi-o ali, debruçado sobre mim, como um esqueleto, com uns cabelos nojentos e uma faca enorme na mão, devia ter uns trinta centímetros... olhou para mim e eu olhei para ele e nessa altura dei um grito e ele desapareceu.

— Mas porquê? — Ron juntou-se a Harry mal o grupo de alunas do segundo ano, que tinham estado a ouvir a sua história arrepiante, dispersou. — Por que se foi ele embora?

Harry já tinha feito a si próprio a mesma pergunta. Por que motivo Black, ao ver que se tinha enganado na cama, não silenciara Ron, passando depois para Harry? Ele provara doze anos antes que não lhe custava nada matar gente inocente e desta vez tinha pela frente cinco rapazinhos desarmados, quatro dos quais estavam a dormir.

— Ele deve ter pensado que seria difícil sair do castelo depois de tu gritares e acordares toda a gente — julgou Harry com ar pensativo. — Teria de matar todos os Gryffindor para voltar a sair pelo buraco do retrato... E depois encontrava os professores...

Neville caíra em desgraça. A professora McGonagall ficara tão furiosa com ele que lhe cortara todas as futuras visitas a Hogsmeade, dera-lhe um castigo e proibira-os a todos de lhe dizerem a senha de entrada na torre. O pobre Neville era obrigado a ficar à espera, todas as noites, fora da sala comum, até que algum dos colegas entrasse, enquanto os trolls da segurança o olhavam de esguelha com antipatia. Mas nenhum destes castigos foi tão grave como o que a avó tinha reservado para ele. Dois dias depois de Black ter entrado no dormitório, mandou a Neville a pior coisa que um aluno de Hogwarts podia receber ao pequeno-almoço: um Gritador.

As corujas da escola entraram no Salão, trazendo, como de costume, o correio e Neville engasgou-se quando uma coruja enorme aterrou na sua frente, transportando no bico um sobrescrito escarlate. Harry e Ron, que estavam sentados do outro lado da mesa, reconheceram imediatamente a carta como sendo um Gritador. Ron recebera um da mãe um ano antes.

— Foge, Neville — aconselhou Ron.

Neville não esperou que lho dissessem duas vezes. Pegou no sobrescrito e, mantendo-o à distância como se segurasse uma granada, saiu a correr do Salão, enquanto a mesa dos Slytherin explodia de risota. Ouviram o

Gritador ecoar no *Hall* de Entrada, ampliando magicamente o volume habitual da voz da avó de Neville em cerca de cem vezes, gritando-lhe que ele era a vergonha da família.

Harry estava com tanta pena dele que nem reparou que tinha também uma carta. *Hedwig* teve de lhe bicar o pulso para conseguir chamar-lhe a atenção.

— Ai... oh... obrigado, *Hedwig*.

Harry abriu o sobrescrito, enquanto *Hedwig* se servia dos *corn-flakes* de Neville. O bilhete dizia:

Caros Harry e Ron,
que tal tomarem chá comigo esta tarde, por volta das seis? Eu vou
buscar-vos ao castelo. ESPEREM POR MIM NA ENTRADA. VOCÊS NÃO TÊM
AUTORIZAÇÃO PARA SAIR SOZINHOS.

Até logo,

Hagrid

— Ele deve querer saber tudo sobre o Black — calculou Ron.

Portanto, às seis horas da tarde, Harry e Ron deixaram a torre dos Gryffindor, passaram a correr pelos trolls da segurança e dirigiram-se à entrada.

Hagrid já lá estava à espera deles.

— Tudo bem, Hagrid — cumprimentou Ron. — Calculo que queiras saber coisas sobre sábado à noite...

— Já me contaram tudo — respondeu ele, abrindo as portas e conduzindo-os até lá fora.

— Oh! — exclamou Ron um pouco desiludido.

A primeira coisa que viram ao entrar na cabana de Hagrid foi *Buckbeak*, que estava estendido sobre a colcha de retalhos com as asas enormes dobradas junto do corpo, saboreando uma pratada de furões mortos. Desviando os olhos daquela cena desagradável, Harry viu um gigantesco fato castanho peludo e uma horrorosa gravata amarela e cor de laranja pendurados na porta do guarda-fatos de Hagrid.

— Para que é aquilo? — perguntou Harry.

— É pra vestir no dia do julgamento do *Buckbeak* contra a Comissão Para A Destruição Das Criaturas Perigosas — respondeu Hagrid. — Na próxima sexta-feira, eu e ele vamos a Londres. Reservei duas camas no Autocarro Cavaleiro.

Harry sentiu uma desagradável sensação de culpa. Esquecera-se por completo de que o julgamento do *Buckbeak* estava tão próximo e, a avaliar

pela expressão pouco à vontade de Ron, certamente lhe acontecera o mesmo. Tinham-se esquecido, inclusivamente, da promessa de ajudar a preparar a defesa de *Buckbeak*. A chegada da *Flecha de Fogo* fizera esquecer tudo o resto.

Hagrid serviu o chá e ofereceu-lhes um prato com crepes, mas eles acharam por bem não aceitar, já que tinham alguma experiência com os cozinheiros de Hagrid.

— Tenh'uma coisa pra discutir com vocês — disse Hagrid, sentando-se entre os dois com um ar invulgarmente grave.

— O quê? — perguntou Harry.

— Hermione — foi a resposta.

— O que há com ela? — quis saber Ron.

— 'Tá num péssimo estado, é o que é. Tem vindo ver-me muitas vezes desd'o Natal. Sente-se sozinha. Primeiro, vocês não falavam com ela por causa da *Flecha de Fogo*, agora é por causa do gato...

— Que comeu o *Scabbers* — interrompeu Ron, furioso.

— Que fez o que fazem todos os gatos — corrigiu Hagrid teimosamente. — Ela fartou-se de chorar, não sei se vocês sabem. 'Tá a passar por um momento difícil. Teve mais olhos que barriga com tod'aquele trabalho que 'tá a tentar fazer e ainda assim arranjou tempo pra me ajudar com o caso do *Buckbeak*. Ela encontrou muito material pra mim... Acho que agora o *Buckbeak* tem algumas possibilidades...

— Hagrid, nós também devíamos ter ajudado, desculpa — começou Harry, atrapalhado.

— Eu não 'tou a acusar-vos — disse ele, afastando com um gesto as desculpas de Harry. — Tu tens tido muito com que t'entreter. Vi-te nos treinos de Quidditch a toda a hora, de dia e de noite, mas tenho de te dizer, pensei que davam mais valor à vossa amiga do qu'às vassouras e aos ratos. Só isso.

Harry e Ron trocaram entre si um olhar incomodado.

— 'Tava memo aflita, ela, quand'o Black quase t'apunhalou, Ron. A Hermione tem um ganda coração e vocês nem lhe falam...

— Se ela se visse livre daquele gato, eu até voltava a falar-lhe — admitiu Ron, zangado. — Mas ela anda sempre agarrada a ele. O animal é um maníaco, e ninguém pode dizer nada dele!

— Ah! As pessoas às vezes são um bocado estúpidas por causa dos seus animais d'estimação — afirmou muito sabiamente o guarda dos campos. Por trás dele, *Buckbeak* cuspiu alguns ossos de furão para a almofada de Hagrid.

Passaram o resto do tempo da visita a discutirem as hipóteses, agora

bastante maiores, de ganharem a Taça de Quidditch. Às nove horas, Hagrid levou-os ao castelo.

Quando entraram na sala comum, viram um grande grupo em volta do quadro de avisos.

— Hogsmeade no próximo fim-de-semana — verificou Ron depois de estender o pescoço sobre as várias cabeças para conseguir ler a notícia. — Que te parece? — perguntou calmamente a Harry quando se foram sentar.

— Bem, o Filch ainda não fez nada em relação à passagem secreta para o Doces dos Duques... — respondeu Harry ainda com mais calma.

— Harry! — murmurou uma voz junto do seu ouvido direito. Harry estremeceu e olhou em volta para Hermione que estava sentada na mesa mesmo atrás deles, abrindo um espaço na muralha de livros que a ocultavam.

— Harry, se fores a Hogsmeade outra vez, eu conto à professora McGonagall tudo sobre o mapa — avisou.

— Ouves alguém falar, Harry? — perguntou ostensivamente Ron sem olhar para ela.

— Ron, como é que podes deixá-lo ir contigo depois do que o Sirius Black te fez? Eu vou dizer...

— Então agora estás a ver se expulsam o Harry! — exclamou, furioso. — Não achas que já fizeste mal suficiente este ano?

Hermione abriu a boca para lhe responder, mas, com um suave miado, *Crookshanks* saltou-lhe para o colo. Hermione lançou um olhar amedrontado à expressão no rosto de Ron, pegou em *Crookshanks* e dirigiu-se apressadamente ao dormitório das raparigas.

— Então? — perguntou Ron, como se não tivesse havido qualquer interrupção. — Vá lá, da última vez não viste quase nada, nem chegaste a entrar na loja do Zonko!

Harry olhou em volta para confirmar que Hermione não os ouvia.

— Está bem — assentiu. — Mas desta vez levo o Manto da Invisibilidade.

No sábado de manhã, Harry guardou o Manto da Invisibilidade no saco, meteu o Mapa do Salteador no bolso e desceu para o pequeno-almoço juntamente com todos os outros. Hermione não parava de lhes lançar olhares curiosos, mas ele evitou olhá-la nos olhos e teve o cuidado de a deixar vê-lo regressar às escadarias de mármore do *Hall* de Entrada, enquanto os outros todos se dirigiam para as portas da frente.

— Até logo! — gritou a Ron. — Vemo-nos quando voltares.

Ron sorriu e piscou-lhe o olho.

Harry subiu a correr até ao terceiro andar, tirando do bolso o Mapa do Salteador. Agachado atrás da feiteiceira de um só olho, abriu o mapa. Uma mancha pequenina encaminhava-se na sua direcção. Harry observou melhor. As palavras minúsculas ao lado da mancha diziam Neville Longbottom.

Pegou rapidamente na varinha e murmurou: — *Dissendium!* — Meteu o saco dentro da estátua, mas antes de ter tido tempo de entrar também, Neville virou a esquina.

— Harry! Tinha-me esquecido de que tu também não ias a Hogsmeade.

— Olá, Neville — cumprimentou Harry, afastando-se rapidamente da estátua e guardando novamente o mapa no bolso. — O que andas a fazer?

— Nada — disse Neville. — Queres jogar uma partida de Explosões?

— Hã... agora não, eu ia até à biblioteca fazer o trabalho sobre vampiros para o Lupin.

— Eu vou contigo — resolveu Neville, satisfeito. — Também ainda não o fiz.

— Hã... espera aí, esqueci-me, acho que o acabei ontem à noite.

— Ótimo, então podes ajudar-me — insistiu Neville com a sua cara redonda cheia de ansiedade. — Não compreendo aquela coisa do alho, é preciso comê-lo ou basta...

Neville calou-se, olhando num ligeiro sobressalto por cima do ombro de Harry.

Era Snape. Recuou, colocando-se atrás do amigo.

— E o que fazem vocês os dois por aqui? — perguntou Snape, parando e olhando para um e para o outro. — Estranho lugar para um encontro...

Para grande inquietação de Harry, os olhos pretos de Snape passaram como uma flecha pelas portas de ambos os lados e em seguida pela feiteiceira de um só olho.

— Não estamos a ter um encontro — explicou Harry. — Encontrámo-nos aqui por acaso.

— A sério? — inquiriu Snape. — Tu tens o hábito de aparecer em sítios inesperados, Potter, e raramente lá estás por acaso... sugiro que voltem para a torre dos Gryffindor, que é lá o vosso lugar.

Harry e Neville afastaram-se sem uma palavra. Ao virarem para outro corredor, Harry olhou para trás. Snape passava uma das mãos pela cabeça da feiteiceira de um só olho, examinando-a atentamente.

Harry conseguiu ver-se livre de Neville junto da Dama Gorda, dizendo-lhe a senha e fingindo que tinha deixado o trabalho sobre os vampiros na biblioteca e que ia buscá-lo. Logo que se viu longe dos trolls da segurança, tirou de novo o mapa e observou-o minuciosamente. O corredor do terceiro

andar parecia deserto. Após uma cuidada inspecção, viu, com alívio, que a pequena mancha identificada como Severus Snape tinha regressado ao seu gabinete.

Voltou a correr até à feiticeira de um só olho, abriu-lhe a corcunda, enfiou-se lá dentro e deslizou, indo encontrar o seu saco na base do declive de pedra. Desactivou o Mapa do Salteador e em seguida começou a correr.

Totalmente oculto pelo Manto da Invisibilidade, emergiu à luz do dia, em frente do Doces dos Duques e deu uma palmada nas costas de Ron.

— Sou eu — sussurrou.

— Por que demoraste tanto tempo? — perguntou Ron num murmúrio.

— O Snape andava por ali...

Subiram a rua principal.

— Onde estás? — perguntava baixinho Ron, pelo canto da boca. — Ainda estás aqui? Isto é esquisito...

Foram até aos correios. Ron fingiu estar a ver quanto custava enviar uma coruja a Bill, no Egipto, para dar tempo a Harry de observar tudo à vontade. As corujas que estavam pousadas, piando levemente, eram pelo menos trezentas, desde as cinzentas e enormes até umas muito pequeninas (para entregas locais, exclusivamente), tão minúsculas que lhe cabiam na palma da mão.

Em seguida, visitaram a loja do Zonko que estava totalmente cheia de estudantes e Harry teve de fazer uma ginástica enorme para não pisar ninguém, o que provocaria certamente o pânico. Havia lá dentro jogos e brincadeiras capazes de encher as medidas até a Fred e a George Weasley. Baixinho, Harry deu instruções a Ron e passou-lhe algum ouro por debaixo do Manto. Saíram da loja do Zonko com os porta-moedas bem mais leves, mas com os bolsos cheios de bombas de estrume, doces de fazer soluções, sabonete de ovas de rã e chávenas de chá que mordiam o nariz.

O dia estava bonito e alegre e nenhum deles tinha vontade de ficar em recintos fechados. Passaram pelo Três Vassouras e subiram uma encosta para irem visitar a Cabana dos Gritos: a casa mais assombrada da Grã-Bretanha. Ficava um pouco acima do resto da vila e mesmo durante o dia era um pouco assustadora, com as suas janelas tapadas com tábuas e o jardim abandonado.

— Até os fantasmas de Hogwarts a evitam — disse Ron, encostando-se à vedação e olhando para ela. — Perguntei ao Nick Quase-Sem-Cabeça... ele diz que ouviu dizer que vivem aqui uns tipos muito beras. Ninguém consegue entrar. O Fred e o George tentaram, claro, mas todas as entradas estão seladas.

Harry, cheio de calor da subida, estava a considerar a hipótese de tirar o Manto por alguns minutos, quando ouviu vozes ali perto. Alguém vinha a subir em direcção à cabana, pelo outro lado da encosta. Minutos depois, aparecia Malfoy, seguido de Crabbe e Goyle. Malfoy vinha a falar.

— ... O pai deve estar a mandar-me uma coruja a qualquer momento. Ele teve de estar presente para lhes falar do meu braço, e informá-los de que não pude servir-me dele durante três meses...

Crabbe e Goyle riram à socapa.

— Tenho imensa pena de não poder ouvir aquele anormal peludo a defender-se... *Ele não faz mal nenhum, a sério, este hipogrifo é muito bonzinho...*

Malfoy deu subitamente pela presença de Ron, e o seu rosto descorado iluminou-se num sorriso maldoso.

— Que fazes aqui, Weasley?

Malfoy olhava para a casa em ruínas atrás de Ron.

— Imagino que adorarias viver aqui, não, Weasley? A sonhar em ter um quarto só para ti? Ouvi dizer que a tua família dorme toda na mesma divisão, é verdade?

Harry agarrou Ron pela roupa para o impedir de saltar sobre Malfoy.

— Deixa-o por minha conta — sussurrou ao ouvido do amigo.

A oportunidade era demasiado boa para ser desperdiçada. Harry deslocou-se silenciosamente, rodeando Malfoy, Crabbe e Goyle. Baixou-se e apanhou uma mão-cheia de lama.

— Estava justamente a falar do teu amigo Hagrid — disse Malfoy para Ron. — Tentando imaginar o que ele vai dizer na Comissão Para A Destruição Das Criaturas Perigosas. Achas que ele vai chorar quando executarem o hipogrifo?

SPLASH!

A cabeça de Malfoy foi projectada para a frente pelo impacte da lama. O seu cabelo louro-claro parecia agora muco que escorria.

— Que diabo...!?

Ron teve de se agarrar à vedação para se manter de pé de tanto que se ria. Crabbe e Goyle andavam estupidamente à volta sem sair do mesmo sítio, olhando para todos os lados, enquanto Malfoy tentava limpar o cabelo.

— O que foi isto? Quem fez isto?

— Muito assombrado, isto cá por cima, não é? — observou Ron como se estivesse a comentar o tempo.

Crabbe e Goyle tinham um ar assustado. Os seus grandes músculos não ofereciam grande vantagem na luta contra fantasmas. Malfoy olhava em

volta, para a paisagem deserta, como um louco.

Harry desviou-se um pouco do caminho até uma poça lamacenta cheia de um lodo viscoso com um cheiro nauseabundo.

SPLASH!

Desta vez, Crabbe e Goyle apanharam com alguma lama. Goyle pulava, furioso, tentando limpar os olhinhos estúpidos.

— Veio dali! — indicou Malfoy, limpando a cara e olhando para um lugar a cerca de dois metros de Harry.

Crabbe avançou com os braços enormes a baloiçarem como um morto-vivo. Harry andou em volta dele, pegou num pau e atirou-lho às costas. Partiu-se a rir, em silêncio, enquanto Crabbe fazia uma espécie de pirueta no ar, tentando ver quem lhe lançara o pau. Como Ron era a única pessoa que ele ver, foi contra Ron que se voltou. Harry estendeu a perna, Crabbe tropeçou e o seu enorme pé chato pisou a bainha do Manto de Harry, que sentiu um grande puxão, enquanto o Manto lhe deslizava pela cabeça abaixo.

Durante uma fracção de segundo, Malfoy viu-lhe a cara.

— AAAAAAAAi! — gritou, apontando para a cabeça de Harry. A seguir, fugiu a toda a velocidade pela encosta abaixo, seguido de Crabbe e de Goyle.

Harry puxou novamente o Manto para cima, mas o mal estava feito.

— Harry! — exclamou Ron, dando um passo em frente e olhando, desesperado, para o ponto onde ele acabava de desaparecer. — É melhor pores-te a milhas. Se o Malfoy conta a alguém... É melhor voltares já para o castelo...

— Até logo — despediu-se Harry e, sem mais, correu pela encosta até Hogsmeade.

Acreditaria Malfoy naquilo que tinha visto? E alguém acreditaria nele? Ninguém sabia da existência do Manto da Invisibilidade, ninguém, a não ser Dumbledore. O seu estômago deu um salto, Dumbledore compreenderia imediatamente o que tinha sucedido, se Malfoy dissesse alguma coisa...

Harry chegou ao Doces dos Duques, desceu os degraus da cave, atravessou o chão de pedra, passou pelo alçapão, tirou o Manto e meteu-o debaixo do braço, correndo o mais depressa possível pela passagem.

Malfoy ia chegar primeiro. Quanto tempo demoraria até encontrar um professor? Ofegando e sentindo uma dor aguda, Harry só abrandou ao chegar ao declive de pedra. Tinha de deixar ali o Manto. Acabaria por denunciá-lo, se Malfoy já tivesse feito queixa dele a algum professor. Escondeu-o num cantinho sombrio e, em seguida, começou a subir, com as mãos suadas a deslizarem sobre a pedra escorregadia. Chegou à corcunda

da bruxa, tocou-lhe com a varinha, enfiou a cabeça e içou-se para fora. A corcunda fechou-se, e no momento em que ele saía detrás da estátua, ouviu umas passadas rápidas que se aproximavam.

Era Snape. Chegou junto de Harry com o seu manto negro a roçagar e parou na frente dele.

— Então... — disse.

Havia nos seus olhos um brilho de triunfo. Harry tentou mostrar-se inocente, embora se apercesse do estado em que se encontrava, com o rosto suado e as mãos cheias de lama que enfiou à pressa dentro dos bolsos.

— Vem comigo, Potter — disse Snape.

Harry seguiu-o até lá abaixo, tentando limpar as mãos no interior da túnica sem que Snape desse por isso. Desceram às masmorras e depois até ao gabinete de Snape.

Harry só ali tinha entrado uma vez e, também nessa altura, se encontrava em sérios apuros. Snape adquirira desde então mais algumas coisas nojentas e viscosas que tinha dentro de frascos de vidro, nas prateleiras atrás da secretária. Brilhando à luz do lume, tornavam a atmosfera ainda mais tenebrosa.

— Senta-te — ordenou Snape.

Harry sentou-se, mas Snape preferiu ficar de pé.

— Mr. Malfoy veio mesmo agora ter comigo com uma estranha história, Potter.

Harry não respondeu.

— Diz ele que estava lá em cima junto da Cabana dos Gritos quando encontrou o Weasley... aparentemente sozinho.

Harry continuou calado.

— Mr. Malfoy afirma que falava com o Weasley quando foi agredido na nuca por uma grande quantidade de lama. Como achas que poderá uma coisa dessas ter acontecido?

Harry tentou mostrar-se surpreso.

— Não sei, Professor.

Os olhos de Snape pareciam querer perfurar os de Harry. Era como encarar um hipogrifo. Harry tentou não pestanejar.

— Mr. Malfoy viu depois disso uma aparição fantástica. Tens alguma ideia do que terá sido, Potter?

— Não — respondeu Harry, tentando agora parecer inocentemente curioso.

— A tua cabeça, Potter. A flutuar no ar.

Houve um longo silêncio.

— Talvez seja melhor ele ir ter com a Madame Pomfrey — sugeriu

Harry. — Se está a ver coisas como...

— O que estaria a tua cabeça a fazer em Hogsmeade, Potter? — perguntou baixinho Snape. — A tua cabeça não tem autorização para lá ir. Nenhuma parte do teu corpo está autorizada a ir a Hogsmeade.

— Eu sei — disse Harry, esforçando-se ao máximo por não demonstrar culpa nem medo. — Parece que o Malfoy está a ter alucina...

— O Malfoy não está a ter alucinações — vociferou Snape e inclinou-se, colocando cada uma das mãos sobre um dos braços da cadeira de Harry de modo a que as caras de ambos ficassem à distância de poucos centímetros. — Se a tua cabeça estava em Hogsmeade, o teu corpo também lá estava.

— Eu fiquei na torre dos Gryffindor — respondeu Harry. — Como o senhor me disse.

— Será que alguém pode confirmar essa tua afirmação?

Harry não respondeu. A boca fina de Snape torcera-se num sorriso horrroso.

— Portanto — concluiu, endireitando-se de novo —, anda toda a gente, incluindo o Ministério da Magia, a tentar proteger o famoso Harry Potter do Sirius Black e o famoso Harry Potter acha que ele próprio é a lei. Os seres inferiores que se preocupem com a sua segurança, ele vai aonde muito bem lhe apetece sem se preocupar minimamente com as consequências.

Harry continuou calado. Snape estava a tentar provocá-lo com a verdade. Não ia deixar-se levar. Ele ainda não tinha provas.

— É fantástico como te pareces com o teu pai, Potter — observou Snape subitamente com os olhos a brilhar. — Ele também era de uma arrogância inexcedível. O facto de ter alguma habilidade no Quidditch fê-lo pensar que era superior a todos os outros. Pavoneava-se por aí com os amigos e admiradores... a semelhança entre vocês é fantástica.

— O meu pai não se *pavoneava* — replicou Harry, antes de poder controlar-se. — E eu também não.

— O teu pai também não respeitava regras — prosseguiu Snape com a sua cara magra cheia de maldade. — As regras eram para os simples mortais, não para os vencedores da Taça de Quidditch. Era tão pretensioso...

— CALE-SE!

Harry tinha-se posto de pé. Uma raiva como não sentia desde a última noite em Privet Drive fluía através dele. Não se preocupou com a cara de Snape, que ficara rígida, nem com o olho que faiscava perigosamente.

— *O que é que tu disseste, Potter?*

— Disse-lhe que se calasse e não falasse do meu pai! — gritou Harry. —

Eu sei a verdade. Ele salvou-lhe a vida, o Dumbledore contou-me. O senhor nem estaria aqui se não fosse o meu pai.

A pele de Snape ficara cor de leite azedo.

— E o director contou-te em que condições o teu pai me salvou a vida? — sussurrou. — Ou considerou que os pormenores eram demasiado desagradáveis para os delicados ouvidos do Potter?

Harry mordeu o lábio. Não sabia o que sucedera e não queria ser forçado a admiti-lo, mas Snape parecia ter adivinhado.

— Não gostava que saíesses daqui com uma ideia errada acerca do teu pai, Potter — disse com um sorriso diabólico no rosto. — Tens andado a imaginar algum glorioso acto de heroísmo? Então deixa-me corrigir-te. O teu santo pai e os seus amigos pregaram-me uma partida extremamente engraçada, que poderia ter resultado na minha morte se o teu pai não tivesse tido presença de espírito no último momento. Não houve nada de heróico no que ele fez. Estava a salvar a sua própria pele quando me salvou a vida. Se a partida se concretizasse, ele seria expulso de Hogwarts.

Os dentes amarelos e assimétricos de Snape estavam arreganhados.

— Despeja os bolsos, Potter — ordenou como quem cospe.

Harry não se mexeu. Sentia um zumbido nos ouvidos.

— Vira os bolsos ou vamos imediatamente ao director. Despeja-os, Potter.

Apavorado, Harry tirou lentamente o saco das brincadeiras do Zonko e o Mapa do Salteador.

Snape pegou no saco do Zonko.

— Foi o Ron quem mo deu — explicou Harry, esperando ter a possibilidade de dar um toque a Ron antes de Snape falar com ele. — Trouxe-os da última vez que estive em Hogsmeade...

— A sério? E tu tens andado com eles no bolso desde então? Que comovedor! E o que é isto?

Snape pegara no mapa. Harry tentou com todas as suas forças mostrar-se imperturbável.

— Um bocado de pergaminho que me sobrou — respondeu, encolhendo os ombros.

Snape voltou-o sem desviar os olhos de Harry.

— Certamente não te faz falta uma folha de pergaminho tão *velha* — afirmou. — Por que não a deitamos fora?

A sua mão fez um gesto em direcção ao lume.

— Não! — gritou Harry rapidamente.

— Ah! — exclamou Snape, com as enormes narinas a palpar. — Isto é também alguma oferta preciosa de Mr. Weasley? Ou... será outra coisa?

Uma carta, talvez, escrita com tinta invisível? Ou instruções de como chegar a Hogsmeade sem passar pelos Dementors?

Harry pestanejou. Os olhos de Snape cintilaram.

— Ora vejamos... ora vejamos — murmurou pegando na varinha, abrindo e alisando o mapa sobre a secretária. — Revela o teu segredo! — exclamou, tocando com a varinha no pergaminho.

Nada aconteceu. Harry cerrou as mãos para as impedir de tremer.

— Mostra-te! — bradou Snape com voz de comando, batendo no mapa ríspidamente.

O pergaminho continuou em branco. Harry respirava fundo, lentamente.

— O professor Severus Snape, mestre nesta escola, ordena-te que reveles a informação que ocultas! — insistiu, batendo no mapa com a varinha.

E como se uma mão invisível estivesse a escrever, algumas palavras surgiram na superfície do mapa.

— *Mr. Moony apresenta os seus cumprimentos ao professor Snape e roga-lhe que não meta o seu nariz descomunal onde não é chamado.*

Snape ficou imóvel. Harry olhou, atônito, para a mensagem, mas o mapa não ficou por ali. Continuavam a aparecer novas palavras.

— *Mr. Prongs está de acordo com Mr. Moony e desejaria acrescentar que o professor Snape é um tipo asqueroso.*

Tudo aquilo poderia ser muito engraçado se a situação não fosse tão grave. E continuou...

— *Mr. Padfoot gostaria de manifestar o seu espanto por um tamanho idiota ter chegado a professor.*

Harry fechou os olhos horrorizado. Quando os abriu, o mapa terminava a mensagem.

— *Mr. Wormtail deseja ao professor Snape um bom dia e sugere-lhe que lave o seu cabelo viscoso.*

Harry esperava que a bomba rebentasse.

— Muito bem — disse Snape em voz baixa. — Vamos então tratar disto...

Aproximou-se da lareira, retirou de um jarro um pó brilhante e lançou-o nas chamas.

— Lupin! — gritou para o fogo. — Quero dar-te uma palavrinha.

Totalmente desorientado, Harry olhou para as chamas onde uma forma enorme aparecera, rodopiando a grande velocidade. Segundos depois, o professor Lupin saía da lareira, sacudindo as cinzas da sua roupa gasta.

— Chamaste, Severus? — perguntou.

— Chamei, sim — respondeu Snape com o rosto desfigurado pela raiva, enquanto se aproximava de novo da secretária. — Acabei de pedir ao Potter

que esvaziasse os bolsos e vê o que ele lá tinha.

Snape apontou para o pergaminho onde as palavras dos senhores Moony, Wormtail, Padfoot e Prongs ainda brilhavam. Uma expressão estranha e impenetrável surgiu no rosto do professor Lupin.

— Então? — perguntou Snape.

Lupin continuava a olhar para o mapa. Harry teve a impressão de que ele estava a pensar rapidamente no que havia de dizer.

— *Então?* — insistiu Snape. — Este pergaminho está cheio de Magia Negra, que é supostamente a tua área de especialidade, Lupin. Onde achas que o Potter terá ido arranjar uma coisa destas?

Lupin, olhando para cima, deitou um olhar rápido a Harry, como que prevenindo-o para não interferir.

— Cheio de Magia Negra? — repetiu, conciliador. — Achas mesmo, Severus? A mim parece-me ser apenas um pergaminho que insulta quem o tenta ler. Infantil, mas certamente nada perigoso. Calculo que o Harry o tenha adquirido numa loja de brincadeiras.

— Ah, sim? — retorquiu Snape, cujos maxilares tinham ficado hirtos da raiva. — Achas que uma loja de jogos e brincadeiras poderia fornecer uma coisa dessas? Não te parece mais lógico que ele o tenha obtido *directamente dos seus fabricantes?*

Harry não compreendeu o que Snape estava a tentar dizer e pareceu-lhe que Lupin também não.

— Referes-te a Mr. Wormtail ou a um desses indivíduos? — perguntou. — Harry, conheces algum deles?

— Não — respondeu Harry rapidamente.

— Vês, Severus? — disse Lupin, voltando-se de novo para Snape. — Tudo leva a crer que seja um produto do Zonko.

Nesse preciso momento, Ron irrompeu pelo gabinete dentro. Estava quase sem fôlego e parou a centímetros da secretária de Snape, agarrado ao peito, tentando falar.

— Eu dei... aquilo... ao Harry — balbuciou. — Trouxe-o... do Zonko... há séculos...

— Bem — disse Lupin, unindo as mãos e olhando à sua volta, satisfeito. — Isso parece esclarecer tudo. Eu vou levar isto, Severus. — Dobrou o mapa e guardou-o dentro do manto. — Harry, Ron, venham comigo, preciso de falar com ambos sobre o trabalho dos vampiros, desculpa-nos, Severus.

Harry não ousou olhar para Snape quando saíram do gabinete. Ele, Ron e Lupin fizeram todo o trajecto de volta até ao *Hall* de Entrada sem trocarem uma palavra. Por fim, Harry voltou-se para Lupin.

— Professor, eu...

— Não quero ouvir explicações — interrompeu Lupin de forma cortante. Olhou em volta para o *Hall* vazio e baixou a voz: — Acontece que eu sei que este mapa foi confiscado pelo Filch há muitos anos. Sim, sei muito bem que é um mapa — acrescentou, vendo que Harry e Ron o olhavam estupefactos. — Não quero saber como vos chegou às mãos, mas confesso que estou espantado que vocês não o tenham entregado imediatamente. Principalmente depois do que aconteceu da última vez que um aluno deixou por aí informações internas do castelo. E não posso voltar a dar-to, Harry.

Harry já esperava isso e a sua curiosidade era demasiada para pensar em protestar.

— Por que pensou o Snape que eu o tinha obtido dos seus fabricantes?

— Porque... — Lupin hesitou. — Porque os seus criadores teriam adorado atrair-te para fora da escola. Isso tê-los-ia divertido imenso.

— O senhor *conhece-os*? — perguntou Harry impressionado.

— Conheci-os — disse, sem se alongar. Olhava para Harry com um ar mais sério do que nunca.

— Não esperes que eu te proteja de novo, Harry. Já vi que não consigo fazer-te tomar o Sirius Black a sério, mas pensei que aquilo que ouviste quando os Dementors se aproximaram tivesse tido um efeito maior em ti. Os teus pais deram a vida para que pudesses viver, Harry. É uma maneira muito triste de lhes retribuíres, trocares o seu sacrifício por um saco de brincadeiras mágicas.

Afastou-se, deixando Harry a sentir-se bastante pior do que se sentira no escritório de Snape. Lentamente, ele e Ron subiram a escadaria de mármore. Ao passar pela feitriceira de um só olho, Harry lembrou-se do Manto da Invisibilidade que ainda estava lá dentro mas não se arriscou a ir buscá-lo.

— A culpa foi minha — admitiu bruscamente Ron. — Fui eu quem te convenceu a ir. O Lupin tem razão, foi uma estupidez, não devíamos ter feito aquilo.

Calou-se. Tinham chegado ao corredor que era patrulhado pelos trolls da segurança e Hermione vinha em direcção contrária. Bastou olhar para a cara dela para Harry se aperceber de que ela já sabia do sucedido. Sentiu o coração cair-lhe aos pés. Teria Hermione dito à professora McGonagall?

— Vieste gozar o pratinho — perguntou Ron agressivamente, enquanto Hermione parava na frente deles —, ou acabaste de nos denunciar?

— Não — disse Hermione que trazia na mão uma carta e cujo lábio tremia. — Achei que vocês deviam saber... o Hagrid perdeu. O *Buckbeak*

vai ser executado.

XV

A FINAL DE QUIDDITCH

—Ele... ele mandou-me isto — disse Hermione com a carta na mão.

*Querida Hermione,
perdemos. Estou autorizado a voltar com ele para Hogwarts. A data da
execução vai ser marcada.*

O Beaky gostou de Londres.

Não esquecerei toda a ajuda que nos deste.

Hagrid

— Eles não podem fazer isto — protestou Harry. — Não podem. O *Buckbeak* não é perigoso.

— O pai do Malfoy meteu medo à Comissão — afirmou Hermione, enxugando os olhos. — Sabes como é, são um grupo de velhinhos decrépitos e assustaram-se. Mas vai haver um recurso, há sempre. Só que não vejo grandes possibilidades... nada terá mudado.

— Terá, sim — disse Ron cheio de energia. — Não vais ter de fazer todo o trabalho sozinha, desta vez. Eu vou ajudar.

— Oh, Ron!

Hermione lançou-lhe os braços ao pescoço e foi-se completamente abaixo. Com um ar petrificado, Ron batia-lhe desajeitadamente no alto da cabeça. Por fim, ela afastou-se.

— Ron, eu lamento imenso aquilo do *Scabbers* — disse ela entre soluços.

— Oh, deixa lá, ele estava velho — respondeu Ron com um ar profundamente aliviado por ela o ter largado. — E não servia para nada. Pode ser que agora o meu pai e a minha mãe me comprem uma coruja.

As medidas de segurança impostas aos alunos desde a segunda entrada

de Black impossibilitaram Harry, Ron e Hermione de irem visitar Hagrid à noite. A única oportunidade que tinham de falar com ele era durante as aulas de Cuidados Com As Criaturas Mágicas.

O veredicto deixou Hagrid atordado.

— Foi tudo por culpa minha. Engoli a língua. Eles ‘tavam todos ali sentados c’os seus mantos pretos e eu deixava cair as notas e ‘tava sempre a esquecer-me das datas que tu m’arranjaste, Hermione. E o Lucius Malfoy levantou-se e fez o discurso dele e a Comissão fez tud’o qu’ele lhes mandou fazer.

— Mas ainda há um recurso — lembrou-lhe Ron, furioso. — Não desistas ainda, estamos a trabalhar nisso.

Vinham a caminho do castelo com o resto da turma. À frente, entre Crabbe e Goyle, seguia Malfoy, que não parava de olhar para trás e de se rir desdenhosamente.

— Não val’a pena, Ron — disse tristemente Hagrid, quando chegaram ao castelo. — Aquela Comissão está na mão do Lucius Malfoy. Eu vou é tentar qu’os últimos dias de vida do *Beaky* sejam os mais felizes de sempre. Devo-lhe isso.

Hagrid deu meia volta e dirigiu-se apressadamente à sua cabana com o rosto enfiado no lenço de assoar.

— Olhem para ele a chorar!

Malfoy, Crabbe e Goyle tinham ficado junto das portas do castelo a ouvir.

— Alguma vez viram uma coisa tão ridícula? — comentou Malfoy. — E querem que ele seja nosso professor!

Harry e Ron avançaram para ele, mas Hermione chegou primeiro... ZÁS!

Dera um bofetão na cara de Malfoy com toda a sua força, que o fez cambalear. Harry, Ron, Crabbe e Goyle ficaram atónitos ao vê-la levantar a mão de novo.

— Não te atrevas a chamar ridículo ao Hagrid, seu nojentto, seu asqueroso...

— Hermione! — proferiu Ron com a voz a fraquejar, tentando agarrar-lhe a mão que ela já levava atrás.

— Larga-me, Ron!

Hermione tirou a varinha e Malfoy recuou. Crabbe e Goyle olharam para ele profundamente desorientados, à espera de instruções.

— Vamos — ordenou Malfoy e, num segundo, os três tinham desaparecido no corredor que levava às masmorras.

— *Hermione!* — exclamou Ron de novo, simultaneamente espantado e impressionado.

— Harry, é bom que o venças na final de Quidditch — disse ela com voz estridente. — É bom que o venças, porque eu não vou aguentar se os Slytherin ganharem!

— Temos aula de Encantamentos — lembrou Ron, ainda a olhar para Hermione de olhos arregalados. — É melhor irmos indo.

Subiram apressadamente a escadaria de mármore até à aula do professor Flitwick.

— Estão atrasados, meninos — observou o professor de forma reprovadora, quando Harry abriu a porta da aula. — Vá lá, depressa, varinhas na mão, estamos a fazer experiências com Encantamentos de Alegria. Já dividimos a turma em pares...

Harry e Ron sentaram-se rapidamente numa secretária do fundo e abriram os sacos. Ron olhou para trás.

— Para onde foi a Hermione?

Harry olhou também em volta. Hermione não tinha entrado na aula, mas Harry sabia que ela estava mesmo ao lado dele quando abriram a porta.

— Que esquisito! — comentou, olhando para Ron. — Será que... será que foi à casa de banho ou qualquer coisa assim?

Mas Hermione não apareceu durante toda a aula.

— Ela bem precisava de um Encantamento de Alegria — afirmou Ron quando a turma dispersou para irem almoçar, todos eles sorridentes e bem-dispostos.

Hermione, porém, também não apareceu para o almoço. Quando terminaram a tarte de maçã, os efeitos a longo prazo dos Encantamentos de Alegria estavam a desaparecer e Harry e Ron começavam a ficar preocupados.

— Não estás a pensar que o Malfoy lhe pode ter feito alguma coisa, pois não? — perguntou Ron ansiosamente, enquanto subiam para a torre dos Gryffindor.

Passaram pelos trolls da segurança, disseram a senha à Dama Gorda (Flibbertigibbet) e entraram pelo buraco do retrato para a sala comum.

Hermione estava sentada à mesa, a dormir profundamente, com a cabeça apoiada no livro aberto de Aritmancia. Foram sentar-se um de cada lado e Harry abanou-a para a acordar.

— O q-q-quê? — disse Hermione, despertando assustada e olhando em volta. — Já são horas? Que aula temos agora?

— Artes Divinatórias, mas é só daqui a vinte minutos — respondeu Harry. — Hermione, por que não foste à aula de Encantamentos?

— O quê? Oh, não! — Hermione estremeceu. — Esqueci-me dos Encantamentos!

— Mas como podias esquecer-te? — exclamou Harry. — Estavas connosco à entrada da sala de aula!

— Não acredito — gemeu Hermione. — O professor Flitwick ficou zangado? Ah, foi o Malfoy, eu estava a pensar nele e perdi o rumo às coisas!

— Sabes o que eu acho, Hermione? — disse Ron, olhando para o gigantesco livro de Aritmancia que ela usara como almofada. — Acho que estás a estourar com excesso de trabalho.

— Não estou, não — tornou ela, afastando o cabelo dos olhos e olhando desesperadamente em volta à procura do saco. — Cometi um erro, só isso. É melhor ir ter com o professor Flitwick e pedir-lhe desculpas. Vemo-nos em Artes Divinatórias.

Hermione veio ter com eles ao fundo da escada que conduzia à sala da professora Trelawney, vinte minutos mais tarde, com um ar profundamente perturbado.

— Não posso acreditar que tenha perdido os Encantamentos de Alegria. E aposto que vão sair no exame. O professor Flitwick insinuou que era bem possível.

Subiram juntos a escada até à sala de aula na torre obscura e abafada.

Em cima de cada mesinha brilhava uma bola de cristal cheia de uma névoa branco-pérola. Harry, Ron e Hermione sentaram-se juntos à mesma mesa.

— Pensei que só íamos dar bolas de cristal no próximo período — murmurou Ron, lançando um olhar em volta, não fosse a professora Trelawney estar por perto.

— Não digas nada, isso significa que acabou a Quiromancia — respondeu Harry num sussurro. — Eu já estava a ficar farto de a ver estremecer de cada vez que olhava para as minhas mãos.

— Muito bom dia a todos! — cumprimentou uma voz velada e familiar, enquanto a professora Trelawney fazia a sua entrada teatral, vinda das sombras. Parvati e Lavender estremeceram de excitação, as caras iluminadas pelo brilho leitoso das suas bolas de cristal.

— Decidi introduzir as bolas de cristal um pouco mais cedo do que tinha planeado — anunciou a professora Trelawney, sentando-se de costas para a lareira e olhando à sua volta. — As sortes informaram-me de que o vosso exame de Junho será sobre a bola de cristal e estou ansiosa por vos pôr a praticar bastante.

Hermione soprou de impaciência.

— Francamente... as sortes informaram-na... quem faz o exame? Ela. Que previsão incrível — comentou sem se preocupar em baixar o tom de

VOZ.

Era difícil saber se a professora Trelawney a ouvira, pois tinha o rosto oculto nas sombras e continuou como se não a tivesse ouvido.

— Ver através da bola de cristal é uma arte particularmente refinada — afirmou com ar sonhador. — Não espero que nenhum de vocês Veja quando espreitar pela primeira vez para as infinitas profundezas da bola de cristal. Vamos começar por praticar o relaxamento da mente consciente e da visão externa — Ron começou a rir-se descontroladamente e teve de enfiar a mão na boca para abafar o ruído —, de modo a purificar a Visão Interior e o superconsciente. Talvez, se tivermos sorte, alguns de vocês consigam Ver antes do final da aula.

E começaram. Harry, pelo menos, sentiu-se extremamente tolo a olhar para a bola de cristal, tentando manter a mente vazia quando pensamentos como: «Isto é uma estupidez» não paravam de o assaltar. Não ajudava em nada o facto de Ron ter acessos de riso silenciosos e de Hermione manifestar uma profunda impaciência.

— Já viram alguma coisa? — perguntou-lhes Harry depois de um quarto de hora a olhar para a bola de cristal.

— Já. Esta mesa está queimada — respondeu Ron, apontando. — Alguém entornou aqui uma vela.

— Isto é mesmo uma perda de tempo — sussurrou Hermione. — Eu podia estar a fazer alguma coisa de útil, a pôr-me a par nos Encantamentos de Alegria, por exemplo...

A professora Trelawney passou num ruge-ruge.

— Alguém precisa da minha ajuda para interpretar os presságios sombrios da bola de cristal? — murmurou sob o tilintar das suas pulseiras.

— Eu não preciso de ajuda — murmurou Ron. — O significado disto é óbvio. Vamos ter imenso nevoeiro à noite.

Harry e Hermione riram-se às gargalhadas.

— Francamente! — exclamou a professora Trelawney, enquanto todas as cabeças se viravam na sua direcção. Parvati e Lavender tinham um ar escandalizado. — Vocês estão a perturbar as vibrações clarividentes! — Aproximou-se da mesa deles e espreitou para a bola de cristal. Harry sentiu um aperto no coração. Já sabia o que vinha a seguir...

— Há aqui qualquer coisa! — murmurou a professora Trelawney, aproximando o rosto que se reflectiu duas vezes nos seus óculos enormes. — Algo que se move... mas o que será?

Harry podia apostar tudo o que tinha, incluindo a *Flecha de Fogo*, que fosse o que fosse não era coisa boa.

— Meu filho... — disse a professora Trelawney olhando para ele. —

Está aqui, mais claro do que nunca... oh, meu filho, a perseguir-te, a aproximar-se... o Cr...

— Oh, com os diabos, outra vez essa história ridícula do Cruel?

A professora Trelawney ergueu os seus enormes olhos para o rosto de Hermione. Parvati murmurou qualquer coisa a Lavender e as duas olharam furiosas para a colega. A professora Trelawney pôs-se de pé, fixando Hermione com uma raiva inconfundível.

— Lamento dizer-te, minha querida, mas desde que chegaste a esta aula tem sido notório que não possuis as qualidades que a nobre Arte da Adivinhação requer. Digo-te mais, não me lembro de alguma vez ter tido uma aluna cuja mente fosse tão irremediavelmente banal.

Houve um momento de silêncio. Em seguida...

— Ótimo! — disse Hermione num repente, levantando-se e guardando o exemplar de *Aclarando o Futuro* dentro do saco. — Ótimo! — repetiu, balançando o saco no ombro e quase atirando Ron da cadeira abaixo. — Desisto, vou-me embora!

E, para grande espanto de todos os colegas, dirigiu-se ao alçapão, abriu-o e desceu a escada de mão, desaparecendo.

Foram precisos alguns minutos até a aula acalmar de novo. A professora Trelawney parecia ter esquecido por completo o Cruel. Afastou-se bruscamente da mesa de Harry e de Ron a respirar com dificuldade, enquanto se embrulhava mais no xaile de gaze.

— Ooooo! — exclamou Lavender subitamente, fazendo com que todos estremecessem. — Ooooo! Professora Trelawney, acabo de me lembrar de uma coisa, a Professora viu-a ir-se embora, não viu professora? Viu, não viu, Professora? *Na Páscoa um de vocês deixar-nos-á para sempre!* A senhora disse-o há séculos.

A professora Trelawney esboçou um sorriso triste.

— Sim, minha querida, eu sabia que Miss Granger nos deixaria, mas espera-se sempre estar enganado. A Visão Interna às vezes é um fardo muito pesado, sabes...

Lavender e Parvati olharam impressionadas e arranjaram espaço para a professora Trelawney poder passar para a mesa delas.

— Que dia para a Hermione, hein? — murmurou Ron para Harry com ar preocupado.

— Sem dúvida!

Harry olhou para a bola de cristal, mas não viu senão um torvelinho de névoa branca. Teria a professora Trelawney visto mesmo o Cruel? Iria ele vê-lo? A última coisa que lhe interessava era ter outro acidente quase fatal com a final de Quidditch a aproximar-se a passos largos.

As férias da Páscoa não foram propriamente relaxantes. Os alunos do terceiro ano nunca tinham tido tanto trabalho de casa para fazer. Neville Longbottom estava à beira de uma depressão nervosa e não era o único.

— Chamam a isto férias! — queixava-se Seamus Finnigan uma tarde na sala comum. — Falta imenso tempo para os exames, que brincadeira é esta?

Mas ninguém tinha tanto trabalho como Hermione. Mesmo sem Artes Divinatórias, ela tinha mais disciplinas que qualquer dos outros. Era geralmente a última a sair da sala comum à noite e a primeira a chegar à biblioteca de manhã. Tinha olheiras como Lupin e parecia estar sempre à beira de uma crise de choro.

Ron assumira toda a responsabilidade pelo recurso de *Buckbeak*. Quando não estava a fazer os trabalhos de casa, encontravam-no debruçado sobre volumes enormes com títulos como *O Livro Prático de Psicologia dos Hipogrifos* e *Uma Ave ou Um Criminoso? Estudo sobre a Brutalidade dos Hipogrifos*. Andava tão absorvido que até se esqueceu de ser mau para *Crookshanks*.

Entretanto, Harry tinha de conjugar os seus trabalhos de casa com os treinos diários de Quidditch, para não falar das infundáveis discussões com Wood sobre as tácticas a seguir. O jogo Gryffindor-Slytherin estava marcado para o primeiro sábado a seguir às férias da Páscoa. Os Slytherin lideravam o campeonato por duzentos pontos. Isto queria dizer (como Wood lembrava constantemente à sua equipa) que precisavam de vencer o jogo por um diferencial superior se queriam ganhar a taça. Significava também que a responsabilidade de vencer recaía fortemente sobre Harry, já que capturar a *snitch* valia cento e cinquenta pontos.

— Portanto, só interessa agarrá-la se tivermos mais de cinquenta pontos — dizia Wood a Harry constantemente. — Só se tivermos mais de cinquenta pontos, senão ganhamos o jogo mas perdemos a taça, percebeste, Harry? Só deves agarrar a *snitch*...

— EU SEI, OLIVER! — gritou Harry.

Toda a equipa dos Gryffindor estava obcecada com o jogo. Os Gryffindor não ganhavam a taça desde que o lendário Charlie Weasley (o segundo irmão mais velho de Ron) tinha sido *seeker*. Mas Harry duvidava de que alguém, incluindo Wood, quisesse tanto vencer como ele queria. A inimizade entre ele e Malfoy atingira o cúmulo. O outro ainda andava a queixar-se do incidente da lama em Hogsmeade, furioso por Harry ter conseguido escapar ao castigo. Harry, por sua vez, não esquecera a tentativa de sabotar o jogo contra os Ravenclaw, mas a questão do

Buckbeak era de longe o que mais o incitava a derrotar Malfoy diante de toda a escola.

Ninguém se lembrava de alguma vez um jogo ter sido precedido de uma atmosfera tão pesada. Quando as férias chegaram ao fim, a tensão entre as duas equipas estava no auge. Nos corredores, ocorreram várias rixas que culminaram com um triste incidente em que um Gryffindor do quarto ano e um Slytherin do sexto foram parar à enfermaria com alhos-porros a brotarem-lhes dos ouvidos.

Harry estava a passar um mau bocado com tudo aquilo. Não podia ir para as aulas sem os Slytherin a esticarem as pernas, tentando passar-lhe rasteiras. Crabbe e Goyle apareciam em todos os sítios aonde ele ia, mostrando-se desapontados sempre que o encontravam rodeado de gente. Wood tinha dado instruções para Harry andar sempre acompanhado, não fossem os Slytherin tentar pô-lo fora de combate. Toda a equipa dos Gryffindor aceitou entusiasticamente o desafio e Harry nem conseguia chegar à hora certa às aulas, de tal modo se via rodeado de uma multidão de admiradores. Para ele, era mais preocupante a segurança da *Flecha de Fogo* que a sua própria segurança. Quando não estava a voar, fechava-a à chave no seu malão e, durante os intervalos das aulas, dava muitas vezes um salto à torre dos Gryffindor para verificar se ela ainda lá estava.

Na véspera do jogo, à noite, na sala comum dos Gryffindor, as rotinas habituais foram postas de lado. Até Hermione pousou os livros.

— Não consigo trabalhar nem concentrar-me — admitiu, nervosa.

Havia imensa confusão. Fred e George Weasley lidavam com a tensão fazendo o dobro do barulho e agindo de forma ainda mais exuberante. Oliver Wood estava a um canto, curvado sobre a maquete de um estádio de Quidditch, fazendo os bonequinhos moverem-se com a sua varinha e falando sozinho. Angelina, Alicia e Katie riam com as piadas de Fred e de George. Harry estava sentado com Ron e Hermione, longe das atenções dos outros, tentando não pensar no dia seguinte, porque de cada vez que o fazia, tinha a horrível sensação de que algo muito grande lutava para sair do seu estômago.

— Vai correr tudo bem — dizia-lhe Hermione, apesar de estar positivamente apavorada.

— Tens uma *Flecha de Fogo* — rematou Ron.

— Sim — concordou ele com o estômago às voltas.

Foi um alívio quando Wood se levantou e disse: — Equipa! Cama!

Harry dormiu mal. Primeiro sonhou que não tinha acordado a tempo e

que Wood lhe gritava: — Onde te meteste? Tivemos de usar o Neville em vez de ti. — Depois sonhou que Malfoy e os restantes elementos da equipa dos Slytherin chegavam todos ao jogo montados em dragões. Ele vinha a voar a uma velocidade alucinante para fugir das chamas que saíam da boca do dragão de Malfoy quando se apercebeu de que se esquecera da *Flecha de Fogo*. Estava em plena queda quando acordou em sobressalto.

Harry levou alguns segundos até ter consciência de que o jogo ainda não tinha decorrido, que estava na cama, em segurança, e que a equipa dos Slytherin não teria, de certeza absoluta, autorização para voar em dragões. Estava cheio de sede. Sem fazer barulho, saltou da cama e foi encher um copo de água do jarro de prata que ficava sempre junto da janela.

Nos campos tudo se encontrava calmo. Nenhum sopro de vento perturbava as copas das árvores na Floresta Proibida. O Salgueiro Zurzidor estava inerte e parecia inofensivo. As condições climatéricas pareciam perfeitas para o jogo.

Harry pousou o copo de metal e ia voltar para a cama quando uma coisa lhe chamou a atenção. Um animal qualquer vagueava sobre a relva prateada.

Deu um salto até à mesinha-de-cabeceira, pegou nos óculos e pô-los, enquanto corria de volta à janela. Não podia ser o Cruel. Agora não, antes do jogo, não...

Espreitou para os campos outra vez e, depois de um minuto de busca nervosa, avistou-o. Estava agora a rondar a orla da Floresta Proibida. Não era de forma alguma o Cruel. Era um gato. Harry agarrou-se ao parapeito, aliviado, depois de ter reconhecido a cauda peluda. Era só o *Crookshanks*.

Mas seria só ele? Harry olhou de novo, esborrachando o nariz contra o vidro. *Crookshanks* parecia ter parado e ele tinha a certeza de que podia ver mais qualquer coisa que se movia também nas sombras das árvores.

Logo a seguir, ei-lo que aparecia: um cão preto, peludo e gigantesco, movendo-se furtivamente no meio da relva com *Crookshanks* a trotar ao seu lado. Harry olhou, pasmado. Que significaria tudo aquilo? Se *Crookshanks* conseguia ver o cão, como podia ele ser um presságio de morte para Harry?

— Ron — sussurrou. — Ron, acorda!

— Quê?

— Preciso de que me digas se vêes alguma coisa.

— Está tudo escuro, Harry — resmungou Ron com a voz empastelada do sono. — O que é?

— Anda cá.

Harry olhou rapidamente pela janela. *Crookshanks* e o cão tinham

desaparecido.

Trepou ao peitoril para olhar melhor para as sombras do castelo, mas eles não estavam em lugar nenhum. Onde se teriam metido?

Um ronco preveniu-o de que Ron adormecera de novo.

No dia seguinte, Harry e os restantes elementos da equipa de Quidditch dos Gryffindor entraram no Salão ao som de grandes aplausos. Harry não pôde deixar de fazer um enorme sorriso ao constatar que tanto a mesa dos Ravenclaw como a dos Hufflepuff aplaudiam também. A mesa dos Slytherin assobiava bem alto à sua passagem e ele reparou que Malfoy estava mais pálido que de costume.

Wood passou todo o pequeno-almoço a insistir com a equipa para que comesse, sem conseguir tocar em nada. A seguir fê-los apressarem-se para chegarem ao estádio quando todos os outros estavam ainda a meio da refeição, para poderem avaliar as condições atmosféricas. Quando saíram do Salão, os colegas aplaudiram de novo.

— Boa sorte, Harry — desejou-lhe Cho Chang e ele deu por si a corar.

— Fixe, não há vento, o sol está um pouco forte, pode perturbar-te a visão, tem cuidado. O chão está duro, o que é ótimo, permite-nos levantar voo mais depressa...

Wood andava de um lado para o outro no campo, olhando em volta com a equipa atrás. Por fim, viram abrir-se ao longe as portas do castelo e os restantes colegas espalharam-se pelos relvados.

— Vestiários — disse Wood com sobriedade.

Ninguém falou enquanto vestiam os seus equipamentos escarlates. Harry interrogava-se sobre se os outros sentiriam o mesmo que ele: o estômago a contorcer-se como se tivesse comido algo vivo ao pequeno-almoço. Pouco depois, Wood dizia: — Bem, é altura de irmos...

Entraram no campo sob uma vaga de ruído. Três quartos da assistência usava laços escarlates, agitava bandeiras escarlates com o leão dos Gryffindor ou brandia letreiros com *slogans* como: EM FRENTE GRYFFINDOR e A TAÇA PARA OS LEÕES.

Atrás das balizas dos Slytherin, contudo, duzentas pessoas vestiam de verde. A serpente de Slytherin brilhava nas suas bandeiras e podia ver-se o professor Snape, sentado na primeira fila, de verde como todos os outros e um sorriso cruel na boca.

— E aqui estão os Gryffindor! — gritou Lee Jordan que era, como de costume, o comentador. — Potter, Bell, Johnson, Spinnet, Weasley, Weasley e Wood. Reconhecidos por todos como a melhor equipa que Hogwarts tem de há alguns anos a esta parte...

Os comentários de Lee foram abafados por uma onda de vaias do lado dos Slytherin.

— E aqui vem a equipa dos Slytherin, liderada pelo treinador Flint, que fez algumas alterações nas suas fileiras e parece apostar mais no tamanho dos jogadores do que na sua perícia...

Mais vaias da assistência Slytherin. Harry, contudo, concordava plenamente com ele. Malfoy era, de longe, o mais baixo da equipa, todos os outros eram enormes.

— Capitães, apertem as mãos! — disse Madame Hooch.

Flint e Wood aproximaram-se e deram um aperto de mão com tanta força que parecia quererem partir os dedos um ao outro.

— Montem nas vossas vassouras! — ordenou Madame Hooch. — Três, dois, um...

O som do seu apito perdeu-se no meio do ruído da multidão quando catorze vassouras se elevaram no ar. Harry sentiu o cabelo esvoaçar para trás. Os nervos abandonaram-no no entusiasmo do voo. Olhou em volta. Malfoy vinha atrás dele a toda a velocidade, tentando ver a *snitch*.

— Gryffindor lidera. Alicia Spinnet com a *quaffle* dirigindo-se às balizas dos Slytherin. Bem posicionada, Alicia, ah, não!... a *quaffle* foi interceptada por Warrington. Warrington dos Slytherin precipitando-se pelo campo. Zás, bela jogada da *bludger* feita pelo George Weasley. Warrington larga a *quaffle* que é agarrada por Johnson. Gryffindor novamente a liderar, vamos Angelina, belo desvio do Montague... baixa-te, Angelina, olha a *bludger*... ANGELINA MARCA, DEZ-ZERO PARA OS GRYFFINDOR!

Angelina fez um gesto de vitória ao circundar o extremo do campo. Um mar escarlate aplaudia cá em baixo.

— Ui!

Angelina quase foi derrubada da vassoura por Marcus Flint que chocou com ela.

— Desculpem! — pediu quando a multidão o vaiou. — Desculpem, não a tinha visto.

Pouco depois, Fred Weasley deu com o seu bastão de *beater* na nuca de Flint, cujo nariz foi bater no cabo da vassoura começando a sangrar.

— Já é de mais! — gritou Madame Hooch, subindo a grande velocidade e colocando-se no meio deles. — Penálti a favor dos Gryffindor por um ataque ilícito ao seu *chaser*. Penálti a favor dos Slytherin por ataque deliberado ao seu *chaser*.

— Oh! Por favor — gritou Fred, mas Madame Hooch soprou o apito e Alicia voou em frente preparada para executar o penálti.

— Vamos, Alicia! — gritou Lee no meio do silêncio que se abatera sobre a multidão. — UAU! ELA BATEU O *KEEPER*. VINTE A ZERO PARA OS GRYFFINDOR!

Harry deu uma volta com a *Flecha de Fogo* para observar Flint que, ainda a sangrar bastante, voara decidido para o penáلت. Wood estava em frente das balizas dos Gryffindor com os dentes cerrados.

— É claro que o Wood é um *keeper* fantástico! — dizia Lee Jordan à multidão, enquanto Flint esperava pelo apito de Madame Hooch. — Soberbo, muito difícil de passar, muito difícil mesmo, DEFENDEU, É INACREDITÁVEL, DEFENDEU!

Aliviado, Harry afastou-se, olhando em volta em busca da *snitch* e tentando não perder uma palavra do relato de Lee. Era fundamental não deixar Malfoy agarrar a *snitch* antes de os Gryffindor terem mais de cinquenta pontos.

— Gryffindor a liderar... não, Slytherin a liderar... não, Gryffindor de novo na frente e é Katie Bell quem detém a *quaffle*. Katie Bell voando a toda a velocidade sobre o campo... AQUILO FOI DE PROPÓSITO!

Montague, um dos *chasers* dos Slytherin tinha dado uma guinada em frente de Katie e, em vez de agarrar a *quaffle*, agarrara-lhe a cabeça. Katie fez uma pirueta no ar, conseguiu manter-se na vassoura, mas largou a *quaffle*.

O apito de Madame Hooch fez-se ouvir de novo, elevou-se até Montague, começando a gritar com ele. Pouco depois Katie tinha feito outro penáلت que passou pelo *keeper* dos Slytherin.

— TRINTA A ZERO! TOMEM LÁ SEUS ALDRABÕES NOJENTOS!

— Jordan, se não és capaz de fazer um relato isento...

— Estou a dizer as coisas como elas são, Professora!

Harry sentiu uma excitação enorme. Tinha visto a *snitch*. Brilhava ao pé de uma das balizas dos Gryffindor, mas não devia agarrá-la ainda. E se Malfoy a vira?

Fingindo um olhar de profunda concentração, Harry deu uma volta com a *Flecha de Fogo* e voou rapidamente até ao extremo oposto do campo. Funcionou. Malfoy foi disparado atrás dele, pensando obviamente que ele vira a *snitch* ali.

FSSST.

Uma das *bludgers* passou pela orelha direita de Harry, lançada por Derrick, o gigantesco *beater* dos Slytherin.

FSSST.

A segunda *bludger* rasou o cotovelo de Harry. O outro *beater*, Bole, aproximava-se.

Harry teve um vislumbre de Bole e Derrick a cercá-lo de bastões no ar.

Voltou a *Flecha de Fogo* para cima no último momento e Bole e Derrick chocaram um com o outro com um valente estrondo.

— Ah! Ah! Ah! — gritou Lee Jordan, enquanto os *beaters* dos Slytherin se afastavam um do outro agarrados às cabeças. — Azar, rapazes, têm de se levantar mais cedo se querem vencer uma *Flecha de Fogo*. E é Gryffindor de novo a liderar com Johnson a deter a *quaffle*, Flint encostado a ela... dá-lhe um murro num olho, Angelina! Estava a brincar, Professora, estava a brincar. Oh! Não... Flint na posse da bola, voando direito às balizas dos Gryffindor. Vá lá, Wood, defende...

Mas Flint marcara. Houve uma erupção de aplausos na área dos Slytherin e Lee praguejou tanto que a professora McGonagall tentou arrancar-lhe das mãos o megafone mágico.

— Desculpe, Professora, desculpe. Não volta a acontecer. Portanto, Gryffindor na frente com trinta pontos contra dez e a *quaffle* nas mãos dos Gryffindor.

Harry nunca tinha tomado parte num jogo tão sujo! Furioso por ver os Gryffindor a liderar tão cedo, os Slytherin recorreram rapidamente a todos os meios para recuperar a *quaffle*. Bole agrediu Alicia com o bastão e tentou justificar-se, dizendo que a confundira com uma *bludger*. George Weasley deu uma cotovelada na cara de Bole como retaliação. Madame Hooch atribuiu penáltis a ambas as equipas e Wood fez outra defesa espectacular, alterando o resultado para quarenta-dez a favor dos Gryffindor.

A *snitch* tinha voltado a desaparecer. Malfoy continuava colado a Harry, enquanto ele se elevava, começando a procurar a *snitch*, agora que os Gryffindor estavam quase com cinquenta pontos de avanço.

Katie marcou. Cinquenta-dez. Fred e George Weasley andavam à volta dela, de bastões no ar, para o caso de os Slytherin quererem vingança. Bole e Derrick aproveitaram a sua ausência para lançar as duas *bludgers* contra Wood. Apanharam-no no estômago, das duas vezes, e ele rolou no ar, agarrando a vassoura, completamente dobrado.

Madame Hooch estava fora de si.

— *Não se ataca o keeper a não ser que a quaffle esteja na área de marcação* — gritou a Bole e a Derrick. — Penálti a favor dos Gryffindor!

E Angelina marcou. Sessenta-dez. Pouco depois, Fred Weasley lançou a *bludger* contra Warrington, arrancando-lhe a *quaffle* das mãos. Alicia agarrou-a e meteu-a na baliza dos Slytherin. Setenta-dez.

A multidão de Gryffindors lá em baixo gritava a plenos pulmões. Os Gryffindor tinham sessenta pontos de diferença e se Harry agarrasse a

snitch agora, a taça seria deles.

Harry quase podia sentir as centenas de olhares que o seguiam, enquanto percorria o campo, lá em cima, com Malfoy a persegui-lo a toda a velocidade.

E foi então que a viu. A *snitch* cintilava seis metros acima dele.

Harry ganhou velocidade com o vento a soprar-lhe nos ouvidos, esticou a mão, mas, estranhamente, a *Flecha de Fogo* começou a abrandar...

Horrorizado, olhou em volta. Malfoy lançara-se para a frente, agarrara a cauda da vassoura e puxava-a para trás.

— Seu...

Harry estava suficientemente furioso para espancar Malfoy se conseguisse alcançá-lo. O outro estava sem fôlego do esforço de se agarrar à *Flecha de Fogo*, mas os seus olhos brilhavam maliciosamente. Tinha conseguido o que queria: fazer com que a *snitch* voltasse a desaparecer.

— Pená!ti! Pená!ti a favor dos Gryffindor. Nunca vi estas táticas — gritou Madame Hooch, elevando-se até Malfoy que estava a voltar à sua *Nimbus Dois Mil e Um*.

— SEU BATOTEIRO RELES! — bradava Lee Jordan pelo megafone, esquivando-se do alcance da professora McGonagall. — SEU NOJENTO, SEU FI...

A professora McGonagall nem sequer teve a preocupação de o deter. Também ela acenava a Malfoy de punho fechado. O chapéu caíra-lhe e gritava, furiosa.

Alicia marcou o pená!ti dos Gryffindor, mas estava tão zangada que falhou por mais de um metro. A equipa dos Gryffindor começava a perder a concentração e os Slytherin, deliciados com o golpe desleal de Malfoy contra Harry, estavam a ser estimulados para voos mais altos.

— Slytherin a liderar, Slytherin a avançar para a área de marcação, Montague marca... — gemeu Lee. — Setenta-vinte a favor dos Gryffindor.

Harry marcava Malfoy tão de perto que os joelhos de ambos colidiam a todo o momento. Não ia deixar que o outro se aproximasse da *snitch*...

— Sai daí, Potter — gritava Malfoy, frustrado, quando tentava dar a volta e encontrava Harry a barrar-lhe o caminho.

— Angelina Johnson agarra a *quaffle* para os Gryffindor. Vai, Angelina, VAI!

Harry olhou em volta. Todos os jogadores dos Slytherin, exceptuando Malfoy, até o *keeper*, atravessaram o campo atrás de Angelina. Iam todos bloqueá-la...

Harry voltou a *Flecha de Fogo* e inclinou-se tanto que ficou deitado ao longo do cabo e avançou como uma bala em direcção aos Slytherin.

— AAAAAAAiiiiiii!

Eles dispersaram mal viram a vassoura ir direita a eles. Angelina tinha o caminho livre.

— ELA MARCA! ELA MARCA! Gryffindor à frente com oitenta pontos contra vinte!

Harry, que quase fora bater de cabeça contra as bancadas, estacou no ar e recuou para o meio campo.

E nesse momento viu qualquer coisa que fez o seu coração imobilizar-se. Malfoy mergulhara. Tinha uma expressão de triunfo no rosto e ali, a uns dois metros do relvado, via-se um brilho dourado.

Harry mergulhou a toda a velocidade, mas Malfoy estava muito à frente.

— Vai, vai, vai — gritou à vassoura. Estavam a ganhar terreno... Deitou-se sobre o cabo da vassoura no momento em que Bole lhe arremesou uma *bludger* aos tornozelos, estava ao seu lado...

Lançou-se para a frente soltando ambas as mãos da vassoura, empurrou o braço de Malfoy e...

Pronto!!!

Harry subiu de novo com a mão erguida e o estádio explodiu em aplausos.

Sobrevoou a multidão com um estranho ruído nos ouvidos. A bola pequenina e dourada estava fechada na sua mão e batia desesperadamente as asas de encontro aos seus dedos.

Pouco depois, Wood voava atrás dele, os olhos meio toldados pelas lágrimas. Agarrou Harry pelo pescoço e soluçou descontroladamente no seu ombro. Harry sentiu duas palmadas, quando Fred e George lhe bateram nas costas. Depois ouviu as vozes de Angelina, Alicia e Kate: — *Ganhámos a Taça! Ganhámos a Taça!* — Entrelaçados num abraço colectivo, a equipa dos Gryffindor, a gritar com voz rouca, desceu ao campo.

Uma atrás da outra, começaram a chegar ondas de apoiantes vestidos de vermelho, que saltaram as barreiras e entravam no campo. Palmadas sem fim choviam-lhes sobre as costas. Harry tinha uma noção confusa de barulho e corpos que o empurravam. Em seguida, ele e os restantes jogadores da equipa foram levados em ombros pela multidão. Destacado pela luz, viu Hagrid enfeitado com laços vermelhos. — Venceste-os, Harry, ‘pera só ‘té eu contar ao *Buckbeak!* — Viu também Percy que saltava como um louco, esquecido de toda a sua pose. A professora McGonagall soluçava mais que Wood, limpando os olhos a uma enorme bandeira dos Gryffindor. E, ali mesmo, abrindo caminho para chegar junto de Harry estavam Ron e Hermione. Não tiveram palavras, apenas sorriram,

irradiando alegria, enquanto Harry era levado para as bancadas, onde Dumbledore o esperava de pé com a enorme Taça de Quidditch.

Se agora aparecesse ali um Dementor... Com um soluço, Wood passou a taça a Harry e, ao erguê-la no ar, este sentiu que naquele momento poderia produzir o melhor e mais forte Patronus do mundo.

XVI

A PREVISÃO DA PROFESSORA TRELAWNEY

A euforia de Harry por ter ganhado finalmente a Taça de Quidditch durou, pelo menos, uma semana. Até o tempo parecia festejar. À medida que Junho se aproximava, os dias começavam a surgir quentes e sem nuvens e toda a gente tinha vontade de passear pelos campos e instalar-se na relva com uma boa quantidade de sumo de abóbora fresquinho para beber, jogando eventualmente uma partida de Berlindes Esguichadores ou vendo a lula gigante mover-se com ar sonhador à superfície do lago.

Mas não podiam. Os exames estavam à porta e, em vez de deambular pelos campos, os estudantes eram obrigados a ficar dentro do castelo, tentando concentrar-se, enquanto sedutoras baforadas de Verão entravam pelas janelas. Até Fred e George Weasley tinham sido vistos a trabalhar! Iam prestar provas para os NPFs (Níveis Puxados de Feitiçaria). Percy estava a preparar-se para os NFBES — Níveis de Feitiçaria Barbaramente Extenuantes, a mais alta qualificação que havia em Hogwarts. Como Percy pretendia entrar para o Ministério da Magia, precisava de notas bastante mais altas que os outros. Estava a ficar cada vez mais irritável e dava pesados castigos a quem quer que perturbasse o silêncio da sala comum à noite. Na verdade, a única pessoa que parecia mais ansiosa que ele era Hermione.

Harry e Ron tinham desistido de lhe perguntar como conseguia assistir a tantas aulas ao mesmo tempo, mas não puderam resistir quando viram o horário de exames que ela acabara de copiar. Na primeira coluna podia ler-se:

Segunda-feira

9h. Aritmancia

9h. Transfiguração

Almoço

13h. Encantamentos

13h. Runas Antigas.

— Hermione? — perguntou cautelosamente Ron, sabendo que corria o risco de ela explodir como acontecia com frequência ultimamente, sempre que era interrompida. — Hã... tens a certeza de que copiaste bem as horas?

— O quê? — bradou Hermione, pegando no horário dos exames e observando-o com toda a atenção. — Sim, é claro que sim.

— Valerá a pena perguntar-te como pensas comparecer a dois exames ao mesmo tempo? — perguntou Harry.

— Não — respondeu ela secamente. — Alguém de vocês viu o meu exemplar de *Numerologia e Gramática*?

— Sim, sim, levei-o para ler à noite antes de adormecer — ironizou Ron, mas baixinho. Hermione começou a remexer no monte de folhas de pergaminho que tinha sobre a mesa, procurando o livro. Nesse momento ouviu-se um ruído na janela e *Hedwig* entrou com um bilhete bem apertado no bico.

— É do Hagrid — disse Harry, rasgando o envelope. — O recurso do *Buckbeak* está marcado para o dia 6.

— É o dia em que acabamos os exames — lembrou Hermione que continuava a procurar em todo o lado o livro de Aritmancia.

— E vai ser aqui, vêm cá para o recurso — continuou Harry a ler. — Alguém do Ministério da Magia e... e um carrasco.

Hermione olhou-os, chocada.

— Vão trazer um carrasco para o recurso! Mas então parece que já têm tudo decidido!

— Pois parece — corroborou Harry lentamente.

— Não podem fazer isso — protestou Ron. — Eu perdi imenso tempo a ler coisas para o recurso, não podem ignorar tudo.

Mas Harry tinha a desagradável sensação de que a Comissão Para A Destruição Das Criaturas Perigosas, graças a Mr. Malfoy, já tomara as suas decisões. Draco, que tinha andado visivelmente cabisbaixo desde a vitória dos Gryffindor na final de Quidditch, pareceu recuperar alguma da sua bazófia nos dias que se seguiram. Por alguns comentários que ouviu, Harry depreendeu que ele tinha a certeza de que *Buckbeak* ia ser executado e parecia profundamente satisfeito consigo próprio por ter sido ele o causador da sua morte. Nessas ocasiões, Harry fazia um esforço medonho para não imitar Hermione, dando-lhe um bofetão. E o pior de tudo é que

não tinham tempo nem oportunidade para ir visitar Hagrid, pois mantinha-se a rigidez das novas medidas de segurança e Harry não se arriscava a ir buscar o Manto da Invisibilidade, que ficara guardado na passagem secreta, dentro da feiteiceira de um só olho.

A semana dos exames começou e um silêncio pouco habitual caiu sobre o castelo. Os alunos do terceiro ano saíram do exame de Transfiguração, na segunda-feira à hora do almoço, abatidos e pálidos, comparando os resultados e lamentando a dificuldade dos trabalhos que tinham tido de fazer e que incluíam transformar um bule num cágado.

Hermione irritou toda a gente fazendo um enorme espalhafato, porque o seu cágado parecia mais uma tartaruga, o que era uma preocupação insignificante comparada com as dos outros.

— No meu, a cauda ainda era o bico do bule, que pesadelo...

— Os cágados costumam respirar vapor?

— Acham que o facto de terem ficado florzinhas na carapaça me vai retirar cotação?

Mais tarde, depois de um almoço rápido, voltaram lá para cima para o exame de Encantamentos. Hermione tinha razão: o professor Flitwick incluiu no teste os Encantamentos de Alegria. Harry exagerou um pouco o dele e Ron, que era seu parceiro, acabou a rir histericamente e teve de ser levado para uma sala tranquila onde ficou durante uma hora até estar em condições de fazer, também ele, o exame. Logo a seguir ao jantar, os alunos voltaram às salas comuns, não para descansar, mas para se entregarem às revisões de Cuidados Com Criaturas Mágicas, Poções e Astronomia.

No dia seguinte, Hagrid presidiu ao exame de Cuidados Com Criaturas Mágicas com um ar preocupado. Parecia que o seu coração não estava ali. Tinha mandado vir para a aula um grande balde de Flobervermes e disse-lhes que, para passarem no exame, os seus Flobervermes tinham de estar vivos ao fim de uma hora. Como os Flobervermes se dão melhor se os deixarem em paz no seu ambiente, aquele foi o exame mais fácil de todos e deu também a Harry, Ron e Hermione oportunidade de falarem à vontade com Hagrid.

— O *Beaky* ‘tá a ficar meio deprimido — disse-lhes ele, inclinando-se sob o pretexto de verificar se o Floberverme de Harry ainda estava vivo. — ‘Tá preso há tempo de mais. Mas depois d’amanhã vamos saber o qu’acontece.

De tarde, tiveram Poções, que foi um desastre inqualificável. Por mais que Harry tentasse, não conseguiu fazer engrossar a sua Infusão de

Atarantar e Snape, que observara de pé com um ar de vingativa satisfação, fez um rabisco nas suas notas antes de sair da sala, que se parecia bastante com um zero.

Depois veio Astronomia, à meia-noite, na torre mais alta; História da Magia na quarta-feira de manhã, onde Harry despejou tudo o que Florean Fortescue lhe contara sobre a caça às bruxas na Idade Média, lamentando não poder ter ali com ele naquela sala abafada um dos *sundaes* de coco e chocolate do Fortescue.

Na quarta-feira à tarde foi a vez de Herbologia nas estufas, sob um sol escaldante, e o regresso à sala comum com um escaldão na nuca, sonhando com o dia seguinte àquela mesma hora, altura em que todos os exames teriam finalmente terminado.

O penúltimo exame, na quinta-feira de manhã, era Defesa Contra A Magia Negra. O professor Lupin concebera o exame mais invulgar que eles alguma vez tinham visto: uma espécie de corrida de obstáculos fora do castelo, onde eles tinham de atravessar um charco que continha um GrindyLOW, passar por uma série de buracos cheios de Barretinhos Vermelhos, abrir caminho através de um pântano, ignorando as falsas instruções de um Hinkypunk, trepar a um velho tronco e enfrentar um Sem Forma.

— Excelente, Harry! — murmurou Lupin quando ele saltou do tronco com um sorriso luminoso. — Nota máxima.

Ruborizado com o seu sucesso, Harry ficou a ver as provas de Ron e de Hermione. Ron fez um bom teste até chegar ao Hinkypunk que conseguiu confundi-lo e levá-lo a meter-se no pântano até à cintura. Hermione fez tudo na perfeição até atingir o tronco que tinha lá dentro o Sem Forma. Depois de cerca de um minuto saiu aos gritos.

— Hermione! — exclamou Lupin sobressaltado. — O que se passa?

— A p-p-professora McGonagall — gaguejou ela, apontando para o tronco. — D-diz que eu chumbei a tudo!

Levaram um bocado até conseguir acalmá-la. Quando finalmente se recompôs, voltaram os três para o castelo. Ron ainda tinha vontade de rir do Sem Forma de Hermione, mas a figura que avistaram ao cimo das escadas evitou uma discussão.

Cornelius Fudge, a transpirar um pouco na sua capa às riscas, estava ali, de pé, a olhar para os campos. Estremeceu quando viu Harry.

— Olá, Harry — cumprimentou. — Saíste agora de um exame? Quase a acabar?

— Sim — disse Harry. Hermione e Ron, que nunca tinham falado com o Ministro da Magia, ficaram um pouco para trás.

— Bonito dia — comentou Fudge, lançando um olhar ao lago. — Que pena... que pena... — suspirou profundamente e olhou para Harry.

— Estou aqui numa missão pouco agradável. A Comissão Para A Destruição Das Criaturas Perigosas exigiu uma testemunha da execução do hipogrifo louco e, como eu tinha de vir a Hogwarts verificar a situação do Black, pediram-me que fosse eu a tratar do assunto.

— Isso significa que já houve o recurso? — interrompeu Ron, dando um passo em frente.

— Não, não. Está marcado para hoje à tarde — respondeu Fudge, olhando para ele com curiosidade.

— Então, talvez não tenha de testemunhar uma execução — disse ele corajosamente. — Talvez o hipogrifo se salve.

Antes que Fudge tivesse tempo de responder, dois feitiçeiros saíram do castelo. Um deles era tão velho que parecia estar a definhir à vista de todos. O outro era alto e forte, com um bigode preto e fino. Harry calculou que fossem representantes da Comissão Para A Destruição Das Criaturas Perigosas, porque o feitiçeiro mais velho olhou para a cabana de Hagrid e suspirou numa voz débil: — Ai, ai, estou a ficar velho de mais para estas coisas... É às duas horas, não é, Fudge?

O homem do bigode preto estava a mexer em qualquer coisa que tinha no cinto. Harry olhou melhor e viu que ele passeava o seu enorme polegar ao longo da lâmina de um machado reluzente. Ron abriu a boca para falar, mas Hermione deu-lhe um encontrão nas costelas e fez um sinal de cabeça em direcção ao *Hall* de Entrada.

— Por que me travaste? — perguntou ele, zangado, quando entraram no Salão para almoçar. — Não os viste? Até têm o machado pronto. Isto não é justiça!

— Ron, o teu pai trabalha para o Ministério. Não podes dizer coisas dessas ao patrão dele — aconselhou Hermione. Mas também ela tinha um ar bastante preocupado. — Se o Hagrid conseguir manter-se calmo e apresentar bem o caso, eles não podem executar o *Buckbeak*...

Contudo, Harry sabia que a amiga, no fundo, não acreditava no que estava a dizer. Em seu redor as pessoas conversavam entusiasmadas enquanto comiam, antegozando o final dos exames nessa mesma tarde, mas Harry, Ron e Hermione, dominados pela preocupação com Hagrid e *Buckbeak*, não se lhes juntaram nessa satisfação.

O último exame de Harry e de Ron era Artes Divinatórias. O de Hermione, Estudos de Muggles. Subiram juntos a escadaria de mármore. Hermione deixou-os no primeiro andar e Harry e Ron continuaram até ao sétimo piso, onde foram encontrar muitos dos seus colegas sentados na

escada de caracol, tentando fazer algumas revisões de última hora.

— Ela recebe-nos separadamente — informou Neville, quando se sentaram junto dele. Tinha o seu exemplar de *Aclarando o Futuro* aberto no colo nas páginas relativas à bola de cristal. — Algum de vocês viu alguma coisa na bola de cristal? — perguntou com ar infeliz.

— Nicles — disse Ron sem se ralar. Não parava de olhar para o relógio. Harry sabia que ele contava o tempo que faltava para o início do recurso de *Buckbeak*.

A fila de gente à porta da sala de aula diminuiu muito devagar. Sempre que um aluno descia a escada prateada, o resto da turma perguntava baixinho: — Correu bem? O que é que ela perguntou?

Todos, porém, se recusavam a responder.

— Ela diz que soube pela bola de cristal que, se eu vos disser alguma coisa, terei um acidente horrível! — confidenciou Neville enquanto descia para vir ao encontro de Harry e Ron, que estavam agora no patamar.

— Ah, sim, estou a perceber! — resmungou Ron. — Sabes, começo a achar que a Hermione tinha razão em relação a ela. — (Fez sinal com o polegar em direcção ao alçapão, lá em cima.) — É uma fraude da cabeça aos pés.

— Sim — concordou Harry, olhando para o relógio. Eram duas horas em ponto. — Oxalá ela se despache...

Parvati descia a escada de mão, transbordando de orgulho.

— A professora diz que eu tenho todas as potencialidades de uma verdadeira Vidente — comunicou a Harry e a Ron. — Vi *montes* de coisas... Bem, boa sorte!

Desceu a escada de caracol e foi ao encontro de Lavender.

— Ronald Weasley — chamou a voz imprecisa e familiar vinda lá de cima. Ron fez uma careta a Harry e desapareceu pela escada acima.

Harry era agora o único que ainda não tinha feito o exame. Sentou-se no chão, encostado à parede, ouvindo uma mosca que zumbia na janela batida pelo sol. A sua mente estava longe, com Hagrid.

Finalmente, vinte minutos depois, os grandes pés de Ron surgiram de novo na escada de mão.

— Como correu? — perguntou Harry, pondo-se de pé.

— Mal — disse Ron. — Não vi coisa nenhuma. Inventei um bocado, mas acho que ela não ficou lá muito convencida.

— Vemo-nos na sala comum — murmurou enquanto a voz da professora Trelawney chamava: — Harry Potter!

A sala da torre estava mais quente que nunca. As cortinas encontravam-se corridas, o lume aceso e o habitual aroma enjoativo fizeram Harry tossir.

Tropeçou na desordem das cadeiras e mesas para conseguir chegar ao lugar onde a professora Trelawney estava sentada com uma enorme bola de cristal na frente.

— Bom dia, meu filho — disse suavemente. — Se quiseres fazer o favor de olhar para a bola de cristal... Leva o tempo que for preciso e depois diz-me o que vês.

Harry inclinou-se sobre a bola de cristal e olhou, olhou com toda a sua força, desejando que ela lhe mostrasse qualquer coisa que não fosse aquela névoa branca, mas tal não aconteceu.

— Então? — inquiriu delicadamente a professora Trelawney. — O que vês?

O calor era insuportável e as narinas de Harry ardiam devido ao fumo aromático que emanava do lume ao lado deles. Pensou no que Ron acabara de lhe dizer e resolveu fingir.

— Hã... — principiou. — Uma sombra escura... hã...

— Parece-se com quê? — murmurou a professora Trelawney. — Pensa bem...

Harry deixou a sua mente à vontade e surgiu-lhe *Buckbeak*.

— Um hipogrifo — disse com segurança.

— A sério? — murmurou a professora Trelawney, rabiscando entusiasmada no pergaminho que tinha sobre os joelhos. — Meu filho, podes estar a ver o resultado do problema do pobre Hagrid com o Ministério da Magia. Tenta ver melhor, mais perto... o hipogrifo parece-te ter cabeça?

— Sim — respondeu Harry, sem pestanejar.

— Tens a certeza? — insistiu a professora Trelawney. — Tens mesmo a certeza, filho? Não o vês a contorcer-se no chão e uma figura sombria a erguer o machado atrás dele?

— Não! — exclamou Harry que começava a sentir-se enjoado.

— Nem sangue? Nem o Hagrid a chorar?

— Não — disse ele de novo, desejando mais do que nunca sair daquela sala e daquele calor. — Está ótimo e está a voar... a afastar-se...

A professora Trelawney suspirou.

— Bem, filho, acho que vamos ficar por aqui... Estou um pouco desiludida, mas tenho a certeza de que deste o teu melhor.

Aliviado, Harry pôs-se de pé, pegou no saco e voltou-se para sair, mas, nesse momento, ouviu uma voz forte atrás de si.

Acontecerá esta noite!

Harry deu meia volta. A professora Trelawney estava imóvel e hirta na cadeira, os olhos desfocados e a boca descaída.

— D-desculpe? — gaguejou Harry.

A professora Trelawney não o ouvia. Os seus olhos começaram a revirar-se. Harry estava quase a entrar em pânico, pois parecia que ela ia ter um ataque. Hesitou, pensou em ir a correr até à enfermaria... e então a professora Trelawney falou de novo, na mesma voz grossa, bem diferente da sua:

O Senhor das Trevas está só e sem amigos, abandonado pelos seus seguidores. O seu servo esteve acorrentado durante doze anos. Mas esta noite, antes da meia-noite, o servo libertar-se-á e irá juntar-se ao seu amo. Com a ajuda do seu servo, o Senhor das Trevas erguer-se-á de novo, maior e mais terrível que nunca. Esta noite... antes da meia-noite... o servo... partirá... e irá ao encontro... do seu amo.

A cabeça da professora Trelawney caiu para a frente, sobre o peito. Soltou uma espécie de grunhido e subitamente endireitou-se de novo.

— Lamento, meu filho — disse com o seu ar sonhador. — O dia está tão quente, cáí no sono...

Harry continuava parado a olhar para ela.

— Há algum problema, meu anjo?

— A senhora... acabou de me dizer que... o Senhor das Trevas vai reerguer-se, que o seu servo vai ao encontro dele...

A professora Trelawney olhou-o totalmente surpreendida.

— O Senhor das Trevas? Aquele Cujo Nome Não Pode Ser Pronunciado? Meu filho, esse não é um assunto com que se brinque... Erguer-se de novo, francamente...

— Mas a senhora disse. Disse que o Senhor das Trevas...

— Acho que tu também deves ter passado pelo sono! — exclamou a professora Trelawney. — Eu nunca me atreveria a fazer uma previsão tão rebuscada como essa.

Harry voltou a descer as duas escadas interrogando-se... Teria ouvido a professora Trelawney fazer uma verdadeira previsão? Ou seria mais uma das suas ideias de como dar um final interessante a um exame?

Cinco minutos mais tarde, quando Harry passava pelos trolls da segurança junto da entrada para a torre dos Gryffindor, as palavras da professora Trelawney ainda ressoavam na sua cabeça. Pelo caminho, cruzara-se com muitos outros alunos que passaram por ele a rir e a brincar, dirigindo-se aos campos para gozar um pouco da tão ambicionada liberdade.

Quando chegou junto do buraco do retrato e entrou na sala comum,

encontrou-a quase deserta, mas a um canto, Ron e Hermione esperavam por ele.

— A professora Trelawney — disse quase sem fôlego. — Acaba de me dizer...

Mas calou-se bruscamente ao olhar para as caras deles.

— O *Buckbeak* perdeu — afirmou Ron baixinho. — O Hagrid acaba de nos mandar isto.

O bilhete de Hagrid, desta vez, vinha seco, sem lágrimas derramadas sobre a tinta; contudo, a mão tremera-lhe tanto que a letra era quase ilegível.

Perdemos o recurso. Vão executá-lo ao pôr do Sol. Não há nada que vocês possam fazer. Não venham cá. Não quero que o vejam.

Hagrid

— Temos de ir — disse Harry, de imediato. — Ele não pode ficar lá sozinho à espera do carrasco!

— Mas ao pôr do Sol — lamentou-se Ron que olhava pela janela com uma expressão absorta. — Nunca nos vão deixar, e a ti muito menos.

Harry apoiou a cabeça nas mãos enquanto pensava.

— Se pelo menos eu tivesse o Manto da Invisibilidade...

— Onde é que está? — perguntou Hermione.

Harry contou-lhe que o deixara na passagem secreta debaixo da feiticeira de um só olho.

— ... Se o Snape me vir lá por perto outra vez, estou metido num bom sarilho — concluiu.

— É verdade — disse ela, pondo-se de pé. — Se ele *te* vir, dizes bem... Diz lá como é que se abre a corcunda da bruxa?

— É preciso bater e murmurar: *Dissendium!* — explicou Harry. — Mas...

Hermione não esperou pelo final da frase. Atravessou a sala, empurrou o retrato da Dama Gorda e desapareceu.

— Não me digas que ela foi buscá-lo! — exclamou Ron, olhando aparvalhado.

E tinha ido mesmo. Voltou um quarto de hora mais tarde, com o Manto prateado cuidadosamente dobrado sob a capa.

— Hermione, não sei o que se passa contigo ultimamente! — exclamou Ron, espantado. — Primeiro dás um bofetão ao Malfoy, depois viras as costas à professora Trelawney...

Hermione sentiu-se bastante lisonjeada.

Desceram para o jantar juntamente com todos os outros, mas não voltaram, a seguir, à torre dos Gryffindor. Harry escondera o Manto na parte da frente da capa e tinha de manter os braços dobrados para disfarçar o volume. Entraram furtivamente numa sala vazia, junto do *Hall* de Entrada, e ficaram à escuta até terem a certeza de que não havia ninguém. Ouviram as últimas pessoas a sair à pressa e uma porta a fechar-se com estrondo. Hermione meteu a cabeça de fora.

— Agora — murmurou. — Não há ninguém. Toca a pôr o Manto.

Caminhando muito juntinhos para que ninguém pudesse vê-los, atravessaram o *Hall* em bicos de pés, escondidos pelo Manto, desceram os degraus da entrada e seguiram pelos campos fora. O Sol estava quase a desaparecer atrás da Floresta Proibida, dourando os ramos mais altos das árvores.

Chegaram à cabana de Hagrid e bateram. Ele demorou um minuto a responder e quando o fez, olhou em volta, pálido e a tremer, tentando descobrir quem era o visitante.

— Somos nós — sussurrou Harry. — Estamos a usar o Manto da Invisibilidade. Deixa-nos entrar para podermos tirá-lo.

— Vocês não deviam ter vindo! — protestou Hagrid num murmúrio, mas chegou-se para trás para os deixar passar. Fechou a porta rapidamente e Harry tirou o Manto.

Hagrid não estava a chorar nem se lhes lançou ao pescoço. Parecia um homem que não sabe onde está nem o que faz e aquela aflição era pior de contemplar que as lágrimas.

— Querem tomar um chá? — perguntou. As suas mãos enormes tremiam ao pegar na chaleira.

— Onde está o *Buckbeak*, Hagrid? — perguntou, hesitante, Hermione.

— Eu... levei-o lá pra fora — disse ele, entornando o leite na mesa enquanto enchia a leiteira. — Ele 'tá amarrado na horta das abóboras. Achei que devia ver árvores e cheirar o ar fresco antes de...

A mão de Hagrid tremeu de modo tal que a pequena leiteira lhe escapou, espatifando-se no chão.

— Eu faço isso, Hagrid — prontificou-se rapidamente Hermione, começando a limpar e a apanhar os cacos.

— Há outra no armário — disse ele, sentando-se e limpando a testa com a manga. Harry olhou para Ron, que lhe devolveu um olhar igualmente desesperado.

— Há alguma coisa em que possamos ajudar, Hagrid? — perguntou Harry, sentando-se junto dele. — O Dumbledore...

— Ele tentou — disse Hagrid. — Não tem poder para anular a decisão da Comissão. Disse-lhes que o *Buckbeak* não era mau, mas eles têm medo. Vocês conhecem o Lucius Malfoy, ameaçou-os. E o carrasco, o Macnair, é um amigo d’infância do Malfoy... mas vai ser rápido... eu vou ‘tar lá ao pé dele.

Hagrid engoliu em seco. Os seus olhos pareciam duas flechas, disparando para todos os cantos da sala como se procurassem um laivo de esperança ou de conforto.

— O Dumbledore vai ‘tar presente quando... quando chegar a hora. Escreveu-me hoje de manhã. Diz que quer ‘tar comigo. Grand’ homem, o Dumbledore...

Hermione, que tinha andado à procura de outra leiteira no armário, deixou escapar um pequeno soluço abafado. Endireitou-se com a nova leiteira nas mãos, lutando contra as lágrimas.

— Nós também vamos estar contigo, Hagrid — começou, mas ele abanou a cabeça desganhada.

— Vocês têm de voltar prò castelo. Eu disse-vos que não vos q’ria a assistir. E nem deviam ‘tar aqui agora... se o Fudge e o Dumbledore t’apanham aqui sem autorização, Harry, ‘tás metido num sarilho.

Pelo rosto de Hermione corriam agora lágrimas silenciosas, que ela conseguiu esconder de Hagrid na azáfama de fazer o chá. Depois, quando pegou na garrafa do leite para deitar algum na leiteirinha, deu um grito.

— Ron! Não posso acreditar... é o *Scabbers*!

Ron olhou para ela, espantado.

— Que estás para aí a dizer?

Hermione trouxe a leiteira para a mesa e voltou-a ao contrário. Com um guincho nervoso, tentando desesperadamente voltar lá para dentro, *Scabbers* deslizou para cima da mesa.

— *Scabbers*! — exclamou Ron, pasmado. — *Scabbers*, que fazes tu aqui?

Agarrou o rato, que se debatia, e observou-o à luz. Tinha um aspecto horrível. Estava mais magro do que nunca, cheio de peladas e contorcia-se nas mãos de Ron como se estivesse desesperado para se libertar.

— Está tudo bem, *Scabbers*. Não há gatos aqui, ninguém te faz mal.

Hagrid, de repente, pôs-se de pé com os olhos fixos na janela. A sua cara habitualmente corada tinha ficado da cor do pergaminho.

— Aí vêm eles...

Harry, Ron e Hermione voltaram-se. Um grupo de homens descia os degraus ainda distantes do castelo. À frente vinha Albus Dumbledore com a sua barba prateada a brilhar à luz mortíça do Sol. Ao seu lado, caminhava

Cornelius Fudge. Atrás deles, podia ver-se o velhote, membro da Comissão, e o carrasco Macnair.

— Vocês têm d'ir embora — disse Hagrid. Tremia dos pés à cabeça. — Eles não vos podem encontrar aqui... Vá lá, vão agora...

Ron enfiou *Scabbers* no bolso e Hermione foi buscar o Manto.

— Venham aqui pelas traseiras — indicou Hagrid.

Seguiram-no até à porta de trás. Harry sentiu-se estranhamente irreal e mais ainda quando viu *Buckbeak* a poucos metros, amarrado a uma árvore, atrás da horta das abóboras de Hagrid. *Buckbeak* parecia saber que estava a acontecer alguma coisa. Voltou a cabeça pontiaguda de um lado para o outro e esgravatou o chão nervosamente.

— 'Tá tudo bem, *Beaky* — disse Hagrid baixinho. — 'Tá tudo bem. — Voltou-se para Harry, Ron e Hermione: — Vão-se embora — disse. — Vá lá...

Mas eles não se mexeram.

— Hagrid, não podemos...

— Vamos dizer-lhes o que, na verdade, aconteceu...

— Não podem matá-lo...

— Vão — interrompeu Hagrid impetuosamente. — As coisas já são bastante más sem vocês a arranjam problemas.

Não tinham outra alternativa. Mal Hermione lançou o Manto sobre Harry e Ron, ouviram vozes na frente da cabana. Hagrid olhou para o lugar onde eles tinham acabado de desaparecer.

— Vão depressa — disse com voz rouca. — Não fiquem a ouvir.

E entrou de novo na cabana, no momento em que alguém batia à porta.

Lentamente, em silêncio, numa espécie de transe horrorizado, Harry, Ron e Hermione deram a volta à casa de Hagrid. Quando chegaram ao outro lado, a porta fechava-se com um estalido.

— Por favor, apressem-se — murmurou Hermione. — Não suporto isto, não vou aguentar...

Começaram a subir o relvado íngreme até ao castelo. O Sol afundava-se agora rapidamente. O céu ganhara uma cor cinzenta e púrpura, mas, para ocidente, havia um brilho vermelho-rubi.

Ron parou de repente.

— Por favor — começou Hermione.

— É o *Scabbers*... não está quieto.

Ron estava dobrado, tentando manter *Scabbers* no bolso, mas o rato parecia ter enlouquecido: guinchava loucamente, contorcia-se e estorcegava, numa tentativa de ferrar os dentes na mão de Ron.

— *Scabbers*, seu idiota, sou eu, é o Ron — bufava ele.

Ouviram uma porta abrir-se atrás deles e vozes de homens.

— Oh, Ron, vamos depressa, eles vão executá-lo! — murmurou Hermione.

— 'Tá bem... *Scabbers*, está quieto!

Avançaram. Harry, tal como Hermione, tentava não ouvir o som das vozes atrás deles. Ron voltou a parar.

— Não consigo agarrá-lo... *Scabbers*, calado ou vão ouvir-nos.

O rato guinchava sem parar, mas não tão alto que conseguisse abafar os ruídos que vinham do quintal de Hagrid. Ouviu-se uma mistura indistinta de vozes masculinas, um silêncio e, por fim, sem avisar, o inconfundível silvo e o golpe de um machado.

Hermione estremeceu.

— Mataram-no! — disse a Harry num murmúrio. — Não posso acreditar... mataram-no!

XVII

GATO, RATO E CÃO

O choque deixou Harry desnortado. Os três tinham ficado imóveis, transfigurados pelo horror sob o Manto da Invisibilidade. Os últimos raios do Sol poente lançavam uma luz ensanguentada sobre os campos imensos e sombrios. Foi então que, atrás deles, se ouviu um uivo selvagem.

— Hagrid! — murmurou Harry. Sem pensar no que fazia, tentou voltar para trás, mas Ron e Hermione agarraram-no pelos braços.

— Não podemos — lembrou-lhe Ron, que estava branco como a cal da parede. — Ainda é pior para ele, se descobrirem que viemos visitá-lo...

A respiração de Hermione era baixa e irregular.

— Como foram capazes? — perguntou quase sem voz. — Como foram capazes?

— Vamos — disse Ron a ranger os dentes.

Regressaram ao castelo a passos lentos para conseguirem mover-se ocultos sob o Manto da Invisibilidade. A luz do dia desaparecia agora rapidamente. Quando chegaram a campo aberto, a noite envolvera-os como um encantamento.

— *Scabbers*, está quieto! — sussurrava Ron, espalmando a mão sobre o peito. O rato debatia-se como um louco. Ron parou subitamente, tentando obrigá-lo a entrar dentro do bolso. — O que é que se passa, seu rato estúpido? Fica quieto. Ai! Ele mordeu-me!

— Ron, cala-te — murmurou Hermione, aflita. — O Fudge vai aparecer a qualquer momento.

— Ele... não... fica... quieto!

Scabbers estava aterrorizado. Contorcia-se com todas as suas forças, tentando libertar-se de Ron.

— O que é que ele tem?

Mas Harry acabara de ver... movendo-se furtivamente em direcção a

eles, com o corpo agachado e os olhos amarelos a brilharem misteriosamente no escuro... *Crookshanks*. Se ele os via ou se seguia apenas os guinchos de *Scabbers*, Harry não podia saber ao certo.

— *Crookshanks!* — gemeu Hermione. — Vai-te embora. Vai-te embora, *Crookshanks*.

Mas o gato continuava a aproximar-se.

— *Scabbers*... NÃO!

Tarde de mais. O rato soltara-se de entre os dedos apertados de Ron, batera no chão e desaparecera. Sem perder tempo, *Crookshanks* saltou atrás dele e antes que Harry ou Hermione pudessem impedi-lo, Ron, tirando o Manto da Invisibilidade, desatou a correr, perdendo-se na escuridão.

— *Ron!* — gemeu Hermione.

Ela e Harry olharam um para o outro e seguiram-no a toda a velocidade. Era impossível correr e continuarem tapados pelo Manto. Tiraram-no e o Manto ficou a flutuar atrás deles como um estandarte, enquanto tentavam apanhar Ron. Ouviam os pés dele a correr à frente, gritando com *Crookshanks*.

— Deixa-o... deixa-o... *Scabbers*, anda cá...

Ouviu-se um baque.

— Agarrei-te! Sai daqui, seu gato nojento.

Harry e Hermione pararam mesmo em frente de Ron, quase caindo em cima dele. O amigo estava estendido no chão, mas tinha *Scabbers* novamente no bolso preso sob as suas mãos.

— Ron, vem para debaixo do Manto — ofegou Hermione. — O Dumbledore e o Ministro devem estar a sair...

Mas antes de terem tido tempo sequer de voltar a cobrir-se, antes de terem tido tempo de normalizar a respiração, ouviram o ruído de umas patas gigantescas que se aproximavam. Algo se movia no escuro em direcção a eles: um enorme cão preto de olhos claros.

Harry procurou a varinha, mas já não foi a tempo. O cão tinha dado um salto enorme, indo bater-lhe no peito com as patas da frente. Harry caiu para trás e, no meio de uma nuvem de pêlo, sentiu o bafo quente do animal, viu os seus dentes enormes...

Contudo, a força do salto fora demasiado e o cão rolou para o lado. Estonteado, receando ter as costelas partidas, Harry tentou levantar-se. Ouvia o cão rosar ferozmente enquanto se preparava para novo ataque.

Ron estava de pé. Mal o cão voltou a saltar na sua direcção, empurrou Harry para o lado e as mandíbulas do animal ferraram-se desta vez no seu braço estendido. Harry atirou-se a ele e agarrou uma mão cheia de pêlo do animal, mas este arrastava Ron com tanta facilidade como se ele fosse uma

boneca de trapos.

Nesse momento, vindo não se sabe de onde, alguma coisa agrediu Harry no rosto com tanta força que ele voltou a cair ao chão. Ouviu Hermione dar um grito de dor e cair também. Harry tateou em busca da varinha, limpando ao mesmo tempo o sangue dos olhos.

— *Lumus!* — murmurou.

A luz da varinha mostrou-lhe o tronco espesso de uma árvore. Tinham perseguido *Scabbers* até aos pés do Salgueiro Zurzidor, cujos ramos rangiam agitados, como se soprasse um vento ciclónico, dando chicotadas a torto e a direito na tentativa de evitar que eles se aproximassem.

E ali mesmo, na base do tronco, estava o cão, arrastando Ron para uma enorme fenda nas raízes. Ron debatia-se furiosamente, mas a cabeça e o tronco estavam a desaparecer pelo buraco.

— Ron! — gritou Harry, tentando segui-lo, mas um ramo pesado chicoteou violentamente o ar e ele foi obrigado a recuar de novo.

Já só avistavam uma das pernas de Ron, que ele encaixara numa raiz no esforço de impedir que o cão o arrastasse mais para baixo. Em seguida, um estalido horrível cortou o ar como um tiro. A perna de Ron partira-se e, logo a seguir, o seu pé tinha desaparecido.

— Harry... temos de ir pedir ajuda — gritou Hermione, que sangrava também. O Salgueiro fizera-lhe um corte no ombro.

— Não! Aquela coisa é suficientemente grande para o comer. Não temos tempo...

— Nunca vamos conseguir passar ali sem ajuda...

Outro ramo chicoteou em direcção a eles, com os galhos dobrados como se fossem punhos cerrados.

— Se aquele cão consegue entrar, nós também conseguimos — arfava Harry, correndo de um lado para outro na tentativa de encontrar uma passagem pelo meio das ramadas malévolas e traiçoeiras, mas não conseguia aproximar-se das raízes da árvore sem ser apanhado pelas suas chicotadas.

— Oh, socorro, socorro — murmurava Hermione, muito nervosa, às voltas no mesmo lugar. — Por favor...

Crookshanks avançou. Esgueirou-se pelo meio dos ramos demolidores como se fosse uma serpente e pousou as patas da frente num determinado nó do tronco.

Bruscamente, a árvore ficou imóvel como se tivesse sido transformada em pedra. Nem uma folha abanava.

— *Crookshanks!* — murmurou Hermione, hesitante e agarrando o braço de Harry com toda a sua força. — Como é que ele sabia?

— Ele e o cão são amigos! — afirmou Harry sombriamente. — Já os vi juntos. Vem e mantém a varinha à mão.

Cobriram a distância que os separava do tronco em poucos segundos, mas antes de chegarem à fenda nas raízes, já *Crookshanks* entrara abanando a sua longa cauda peluda. Harry foi a seguir. Enfiou-se de cabeça e escorregou por um declive térreo que conduzia a um túnel muito baixo. *Crookshanks* seguia um pouco à frente, com os olhos a cintilar iluminados pela varinha de Harry. Pouco depois, Hermione deslizava até junto dele.

— Onde está o Ron? — inquiriu baixinho, aterrorizada.

— Por aqui — indicou Harry, curvando-se e seguindo *Crookshanks*.

— Onde irá acabar este túnel? — perguntou ela quase sem fôlego.

— Não sei... está marcado no Mapa do Salteador, mas o Fred e o George disseram que nunca aqui entrou ninguém. Acaba na margem do mapa, mas parece ir dar a Hogsmeade...

Avançaram o mais depressa que lhes foi possível, quase dobrados ao meio. Na frente deles, a cauda de *Crookshanks* aparecia e desaparecia e o túnel nunca mais acabava. Parecia tão longo como o que levava ao Doces dos Duques. Harry só pensava em Ron e no que aquele cão enorme lhe poderia ter feito... Respirava em impulsos dolorosos, correndo todo dobrado.

E, então, o túnel começou a elevar-se. Logo a seguir virava e *Crookshanks* desapareceu, mas Harry podia ver uma mancha de luz indistinta por uma pequena abertura.

Pararam um pouco, recuperando o fôlego, e seguiram cautelosamente em frente, ambos com as varinhas em riste para ver o que se lhes deparava.

Era uma sala cheia de pó e toda desarrumada. O papel das paredes estava a descascar. O chão estava coberto de nódoas e a mobília, partida como se alguém a tivesse destruído. As janelas encontravam-se entaipadas.

Harry olhou para Hermione, que tinha um ar bastante assustado, mas que lhe fez um sinal afirmativo.

Çaram-se do buraco, olhando em volta. A sala estava vazia, mas havia uma porta aberta do lado direito que dava para um corredor sombrio. Hermione voltou a agarrar o braço de Harry. De olhos esbugalhados, mirava as janelas trancadas com tábuas.

— Harry — murmurou. — Acho que estamos na Cabana dos Gritos.

Harry olhou mais uma vez em volta. O seu olhar pousou numa cadeira de madeira que estava perto deles e à qual tinham sido arrancados vários pedaços. Uma das pernas fora totalmente amputada.

— Não foram os fantasmas quem fez isto — disse ele lentamente.

Nesse momento, ouviram um rangido. Algo se movera no andar de cima.

Olharam ambos para o tecto. Hermione agarrava o braço de Harry com tanta força que ele estava a perder a sensibilidade nos dedos. Ergueu as sobrancelhas, ela fez um aceno e largou-o.

O mais silenciosamente possível, esgueiraram-se para o vestíbulo e subiram a escada decrepita. Estava tudo coberto por uma espessa camada de pó, excepto o chão onde uma risca grande e luzidia fora deixada por algo a ser arrastado para cima.

Chegaram ao patamar escuro.

— *Nox!* — disseram ao mesmo tempo, e as luzes na extremidade das varinhas apagaram-se. Só havia uma porta aberta. Ao avançarem, ouviram qualquer coisa mexer-se atrás dela, um gemido baixo e em seguida um ronronar alto e profundo. Trocaram um último olhar, um último aceno.

Agarrando firmemente a varinha, Harry abriu a porta de par em par com um pontapé.

Numa magnífica cama de dossel com cortinados poeirentos, encontrava-se *Crookshanks*, que ronronou mais alto quando os viu. No chão, ao seu lado, agarrando a perna que fazia um ângulo esquisito, estava Ron.

Harry e Hermione precipitaram-se para ele.

— Ron... está tudo bem?

— Onde está o cão?

— Não é um cão — gemeu ele com os dentes a ranger de dor. — Harry, isto é uma armadilha...

— O quê?

— *Ele é o cão. Ele é um Animagus...*

Ron olhava por cima do ombro de Harry, que se voltou rapidamente. Com um estalido, o homem que se encontrava na sombra fechou a porta.

Uma pasta de cabelo nojento caía-lhe até aos cotovelos. Se os olhos não brilhassem tanto nas órbitas escuras e profundas, tomá-lo-iam por um cadáver. A pele cor de cera estava tão esticada sobre os ossos do rosto que mais parecia uma caveira. Os dentes amarelos abriam-se num sorriso. Era Sirius Black.

— *Expelliarmus!* — pronunciou, apontando-lhes a varinha de Ron.

As varinhas de Harry e Hermione saltaram-lhes das mãos, voaram pelo ar e foram apanhadas por Black, que deu um passo em frente com os olhos fixos em Harry.

— Pensei que virias em auxílio do teu amigo — disse com uma voz rouca que parecia não ser utilizada há muito tempo. — O teu pai teria feito o mesmo por mim. Foi corajoso da tua parte não ires a correr chamar um professor. Agradeço-te. Isso torna as coisas mais fáceis...

O comentário sobre o pai soou-lhe como um urro de escárnio e brotou-

lhe do peito uma raiva escaldante que não deixou espaço para o medo. Pela primeira vez em toda a sua vida, queria ter a varinha na mão, não para se defender e sim para atacar... para matar. Avançou sem saber o que fazia, mas houve um movimento de ambos os lados e dois pares de mãos agarraram-no e puxaram-no para trás. Ron, mesmo assim, falou a Black.

— Se quer matar o Harry, terá de nos matar também a nós! — disse corajosamente, apesar do esforço de se pôr de pé lhe ter roubado a cor e de oscilar ligeiramente enquanto falava.

Houve um tremeluzir nos olhos ensombrados de Black.

— Deita-te — ordenou calmamente a Ron. — Assim, vais piorar da perna.

— Ouviu o que eu disse? — insistiu Ron quase sem forças, agarrando-se dolorosamente a Harry para conseguir manter-se de pé. — Vai ter de nos matar aos três!

— Só vai haver uma morte aqui esta noite! — disse Sirius Black, sorrindo ainda mais abertamente.

— Porquê? — perguntou Harry como se cuspsse, tentando libertar-se de Ron e Hermione. — Não se preocupou com isso da outra vez, pois não? Não se importou de chacinar todos aqueles Muggles para chegar ao Pettigrew... O que se passa, amoleceu em Azkaban?

— Harry! — gemeu Hermione. — Está calado!

— ELE MATOU A MINHA MÃE E O MEU PAI! — berrou Harry e, com um tremendo esforço, libertou-se dos dois e deu um salto em frente.

Esquecera-se da magia, esquecera-se de que era baixo e magro, que tinha treze anos de idade e que na sua frente estava Black, um homem forte e adulto. Só sabia que queria agredi-lo e que pouco lhe importava o que pudesse acontecer-lhe durante a luta.

Talvez devido ao choque de ver Harry fazer uma coisa tão estúpida, Black não ergueu a varinha a tempo. Uma das mãos de Harry agarrou-lhe o pulso enfraquecido, afastando para o lado as pontas das varinhas. Os nós dos dedos da outra mão bateram na cabeça de Black e caíram ambos de costas contra a parede...

Hermione gritava. Ron berrava. Houve um clarão ofuscante no momento em que as varinhas, que Black continuava a segurar, lançaram um feixe de faíscas que só não acertaram na cara de Harry por uma questão de centímetros. Harry sentiu o braço esquelético de Black a torcer-se sob os seus dedos e continuou a agarrá-lo, esmurrando com a outra mão todas as partes do corpo do homem que conseguia atingir.

Porém, a mão liberta de Black encontrara a garganta de Harry.

— Não — sussurrou. — Esperei tempo de mais...

Os dedos apertaram. Harry sentiu-se sufocar, com os óculos tortos.

Nesse momento, viu o pé de Hermione balançar, vindo não se sabe de onde. Black largou Harry com um gemido de dor. Ron lançara-se sobre a mão que segurava as varinhas e Harry ouviu um leve ruído...

Tentou libertar-se do emaranhado de corpos e viu a sua varinha a rolar no chão. Lançou-se sobre ela, mas...

— Aarrg!

Crookshanks entrara na luta, enterrando as garras das patas da frente no braço de Harry, que conseguiu sacudi-lo, mas o gato saltou de imediato sobre a sua varinha...

— NEM SONHES! — bradou Harry, dando-lhe um pontapé que o lançou pelo ar, a bufar. Harry pegou na sua varinha e voltou-se...

— Saiam da frente — gritou a Ron e a Hermione.

Não foi preciso dizer-lhes duas vezes. Hermione, respirando com dificuldade e com o lábio a sangrar, afastou-se, agarrando a sua varinha e a de Ron. Este arrastou-se até à cama de dossel, onde se deixou cair ofegante, o rosto pálido agora com uma tonalidade esverdeada e ambas as mãos agarradas à perna partida.

Black estava estatelado no chão contra a parede. O seu peito fraco arquejava, enquanto Harry se aproximava lentamente, apontando-lhe a varinha ao coração.

— Vais matar-me, Harry? — murmurou.

Harry parou com a varinha mesmo acima dele, olhando para baixo. Uma equimose cor de chumbo começava a surgir em volta do olho esquerdo de Black e o nariz dele sangrava.

— Tu mataste os meus pais — acusou-o Harry com a voz a tremer, mas segurando firmemente a varinha na mão.

Black fitou-o com o seu olhar sombrio.

— Não o nego — disse em voz baixa. — Mas se conhecesses a história toda...

— A história toda! — repetiu ele, furioso, com um ruído surdo nos ouvidos. — Tu entregaste-os ao Voldemort, não é preciso saber mais do que isso!

— Tens de me ouvir — insistiu Black e havia agora na sua voz uma nota de ansiedade. — Vais arrepender-te se não o fizeres... tu não compreendes...

— Compreendo muito melhor do que tu pensas — respondeu Harry com a voz a tremer como nunca. — Tu não ouviste a voz dela, pois não? A voz da minha mãe, tentando impedir que o Voldemort me matasse... e tu fizeste aquilo. Fizeste aquilo...

Antes que algum deles pudesse dizer fosse o que fosse, uma coisa ruiva passou por Harry. *Crookshanks* saltou para o peito de Black e colocou-se mesmo sobre o seu coração. Black pestanejou e olhou para o gato.

— Sai daqui — murmurou, tentando afastá-lo.

Mas o gato ferrou as garras na roupa de Black e não se mexeu. Voltou o seu focinho feio para Harry e olhou-o com os seus grandes olhos amarelos. À sua direita, Hermione soluçava.

Harry olhou para Black e *Crookshanks*, continuando a apertar a varinha nas mãos. E daí? Se fosse preciso, matava também o gato. Estava conivente com Black... Se estava disposto a morrer para o proteger, ele, Harry, não tinha nada com isso e o facto de Black estar a tentar salvá-lo só provava que dava mais importância a *Crookshanks* do que dera aos seus pais...

Harry levantou a varinha. Aquele era o momento certo. Era o momento de vingar a sua mãe e o seu pai. Ia matar Black. Tinha de o matar. Aquela era a sua oportunidade.

Os segundos passaram e Harry continuava parado a apontar a varinha. Black olhava para ele com *Crookshanks* sentado no peito. Da cama vinha a respiração irregular de Ron. Hermione caíra num silêncio total.

E foi então que se ouviu um novo ruído... Passos abafados soaram através do soalho. Havia alguém lá em baixo.

— ESTAMOS AQUI! — gritou bruscamente Hermione. — ESTAMOS AQUI... SIRIUS BLACK... DEPRESSA!

Black fez um movimento inesperado que quase desalojou *Crookshanks*. Harry agarrou agitadamente a varinha. — *Age agora!* — dizia uma voz dentro da sua cabeça, mas os passos subiam a escada e Harry ainda não matara Sirius Black.

A porta do quarto abriu-se com uma chuva de faíscas vermelhas e Harry voltou-se no momento em que o professor Lupin entrava precipitadamente, o rosto sem pinga de sangue, a varinha erguida e pronta a actuar. O seu olhar passou de Ron, caído na cama, para Hermione, aninhada junto da porta, e por fim para Harry, de pé com a varinha apontada a Black, que jazia, todo torcido e a sangrar, aos pés de Harry.

— *Expelliarmus!* — bradou Lupin.

A varinha de Harry saltou-lhe mais uma vez das mãos, assim como as duas que Hermione segurava. Lupin surpreendeu-os a todos com a sua destreza e, em seguida, entrou no quarto, olhando para Black que ainda tinha *Crookshanks* sobre o peito.

Harry sentiu-se subitamente vazio. Não fizera nada. Faltara-lhe a coragem e Black ia ser de novo entregue aos Dementors.

E, então, Lupin falou, numa voz estranha, embargada de emoção: —

Onde está ele, Sirius?

Harry olhou bruscamente para Lupin. Não compreendia o que ele queria dizer. A quem se referia? Voltou-se e olhou de novo para Black.

O rosto de Sirius Black estava totalmente inexpressivo e durante alguns segundos, não se moveu. Depois, muito lentamente ergueu a mão vazia e apontou para Ron. Confuso, Harry olhou para o amigo que tinha um ar atarantado.

— Mas então... — balbuciou Lupin, olhando tão intensamente para Black que parecia querer ler-lhe os pensamentos. — Por que não se mostrou até agora? A não ser que... — Os olhos de Lupin ficaram subitamente muito abertos, como se estivesse a ver qualquer coisa para além de Black, qualquer coisa que ninguém mais via. — A não ser que *ele* fosse o tal... a não ser que tu tivesses trocado... sem me dizer?

Muito lentamente, sem nunca desviar o olhar mortíço de Lupin, Black fez um gesto afirmativo.

— Professor Lupin — interrompeu Harry em voz alta. — O que é que se...?

Mas não chegou a formular toda a pergunta, porque o que viu fez com que a voz lhe ficasse presa na garganta. Lupin baixava a varinha, avançava para Black, pegava-lhe na mão, ajudava-o a pôr-se de pé, atirando *Crookshanks* pelo ar e abraçava-o como a um irmão.

Harry sentiu o coração cair-lhe aos pés.

— NÃO POSSO ACREDITAR NO QUE ESTOU A VER! — gritou Hermione.

Lupin largou Black e voltou-se para ela. Hermione levantara-se do chão e, com um olhar desvairado, apontava para Lupin: — O senhor, o senhor...

— Hermione...

— O senhor e ele!

— Hermione acalma-te...

— Eu não contei a ninguém! — guinchou Hermione. — Tenho estado a dar-lhe cobertura...

— Hermione, ouve, por favor! — gritou Lupin. — Eu posso explicar...

Harry tremia. Não de medo, mas com uma onda de fúria renovada.

— Eu confiei em si — gritou Harry a Lupin, com a voz totalmente descontrolada. — E durante todo este tempo tem sido amigo dele!

— Enganas-te — disse Lupin. — Eu não fui amigo do Sirius durante doze anos. Mas sou agora... Deixa-me explicar...

— NÃO! — gritou Hermione. — Harry, não confies nele. Ele tem ajudado o Black a entrar no castelo. Ele também quer que tu morras, *ele é um lobisomem!*

Fez-se um silêncio vibrante. Todos os olhares estavam agora voltados

para Lupin que parecia invulgarmente calmo, embora profundamente pálido.

— Não estás a ver as coisas como é habitual em ti, Hermione — afirmou. — Não tenho ajudado o Sirius a entrar no castelo e não desejo de forma alguma que o Harry morra. — Um estranho tremor passou-lhe pelo rosto. — Mas não nego que sou um lobisomem.

Ron fez um esforço heróico para se levantar de novo, mas caiu com um gemido de dor. Lupin aproximou-se dele, aflito, mas Ron praguejou: — *Sai daqui, lobisomem!*

Lupin parou. Depois, com um esforço evidente, voltou-se para Hermione e perguntou-lhe: — Há quanto tempo sabes?

— Há séculos — murmurou ela. — Desde que fiz o trabalho para o professor Snape.

— Ele vai adorar — afirmou Lupin friamente. — Passou-vos esse trabalho na esperança de que alguém se apercebesse do significado dos meus sintomas. Viste o mapa lunar e associaste que eu estava sempre doente na lua cheia, não foi? Ou compreendeste quando o Sem Forma, ao ver-me, se transformou em lua?

— Ambas as coisas — respondeu Hermione calmamente.

Lupin forçou um sorriso.

— És a feiticeira mais esperta para a tua idade que conheci até hoje, Hermione.

— Não sou, não — respondeu ela. — Se fosse um pouco mais esperta, teria dito a toda a gente quem o senhor é!

— Mas eles já sabem — esclareceu Lupin. — Pelo menos os professores.

— O Dumbledore contratou-o sabendo que era um lobisomem? — perguntou Ron sobressaltado. — Ele está doido?

— Alguns professores acharam que sim — confessou Lupin. — Ele teve um trabalhão para os convencer de que eu era digno de confiança...

— E ENGANOU-SE — gritou Harry. — VOCÊ TEM ESTADO A AJUDÁ-LO DURANTE TODO ESTE TEMPO! — Apontava para Black que atravessara o quarto e se afundara na cama de dossel com o rosto escondido numa mão trémula. *Crookshanks* saltara para o lado dele e deitara-se-lhe no colo, a ronronar. Ron afastou-se dos dois, arrastando a perna.

— Eu não tenho ajudado o Sirius — afirmou Lupin. — Se me deixarem, posso explicar, olhem...

Separou as varinhas de Harry, Ron e Hermione e entregou cada uma delas ao seu dono. Harry agarrou na sua com algum espanto.

— Pronto — disse Lupin, guardando a sua própria varinha no cinto. —

Vocês estão armados, eu não. Podem agora ouvir-me?

Harry não sabia o que pensar. Seria uma armadilha?

— Se não o tem ajudado — disse, lançando um olhar furioso a Black —, como sabia que ele estava aqui?

— O mapa — explicou Lupin. — O Mapa do Salteador. Eu estava no meu escritório a examiná-lo...

— O senhor sabe como ele funciona? — perguntou Harry desconfiado.

— É claro que sei — respondeu Lupin, fazendo um gesto impaciente. — Ajudei a escrevê-lo. Eu sou o Moony. Era a minha alcunha no tempo em que andava na escola.

— O senhor escreveu...?

— O importante é que estava a observá-lo com toda a atenção hoje à tarde, porque pensei que tu, o Ron e a Hermione podiam tentar esgueirar-se do castelo para visitar o Hagrid antes da execução do hipogrifo. E estava certo, não estava?

Começara a passear de um lado para o outro, olhando para eles. Pequenos novelos de pó erguiam-se à sua passagem.

— Deves ter andado a usar o Manto da Invisibilidade do teu pai, Harry...

— Como sabe da existência do Manto?

— Oh! As vezes que vi o James desaparecer debaixo dele... — disse Lupin, fazendo novo gesto impaciente. — A questão é que, mesmo usando um Manto da Invisibilidade, é-se visível no Mapa do Salteador. Eu vi-vos atravessar os campos e entrar na cabana do Hagrid. Vinte minutos mais tarde, saíram e regressaram ao castelo, mas vinham acompanhados de mais alguém.

— O quê? — disse Harry. — Não vínhamos, não.

— Eu mal podia acreditar no que os meus olhos viam — prosseguiu Lupin, continuando de um lado para o outro e ignorando a interrupção de Harry. — Julguei que o mapa estava a funcionar mal. Como podia ele estar convosco?

— Não estava ninguém connosco — afirmou Harry.

— E então vi outro pontinho a correr atrás de vocês, identificado como Sirius Black. Vi-o chocar convosco e puxar dois de vocês para dentro do Salgueiro Zurzidor.

— Um de nós — corrigiu Ron, zangado.

— Não, Ron — insistiu Lupin. — Dois de vocês.

Deixara de andar de um lado para o outro e o seu olhar percorria Ron.

— Achas que posso dar uma vista de olhos ao teu rato? — perguntou com toda a naturalidade.

— O quê? O que tem o *Scabbers* que ver com o assunto?

— Tudo — disse Lupin. — Posso vê-lo?

Ron hesitou, mas por fim meteu a mão no manto. *Scabbers* emergiu, debatendo-se desesperado. Ron teve de o agarrar pela cauda longa e pelada para evitar que fugisse. *Crookshanks* ergueu-se no colo de Black e soltou um silvo.

Lupin aproximou-se mais de Ron. Parecia suster a respiração enquanto olhava intensamente para *Scabbers*.

— Mas afinal — voltou a perguntar Ron, pegando em *Scabbers* com ar assustado —, o que tem o meu rato a ver com tudo isto?

— Não é um rato — anunciou subitamente Sirius Black.

— Que quer dizer?... É claro que é um rato...

— Não, não é — reiterou Lupin calmamente. — É um feiticeiro.

— Um Animagus — explicou Black — chamado Peter Pettigrew.

XVIII

MOONY, WORMTAIL, PADFOOT E PRONGS

O absurdo daquela afirmação demorou alguns segundos a assimilar. Depois, a voz de Ron verbalizou o que Harry estava a pensar.

— Vocês são os dois doidos!

— Ridículo! — exclamou Hermione.

— Peter Pettigrew morreu — disse Harry. — Ele matou-o há doze anos!

Apontou para Black, cujo rosto se contorcia convulsivamente.

— Eu bem quis — rosnou com os dentes amarelos cerrados. — Mas o pequeno Peter levou a melhor. Ah! Mas desta vez não vai ser assim!

E *Crookshanks* foi parar ao chão, quando Black saltou sobre *Scabbers*. Ron deu um grito de dor ao sentir o peso de Black sobre a perna partida.

— Sirius, NÃO! — gritou Lupin, lançando-se para a frente e afastando Black mais uma vez de Ron. — ESPERA! Não pode ser assim. Eles têm de compreender, é preciso explicar-lhes...

— Podemos explicar depois! — rosnou Black, tentando libertar-se de Lupin com uma mão ainda a tentar agarrar *Scabbers*, que guinchava como um bacorinho, arranhando Ron na cara e no pescoço na tentativa de escapar.

— Eles... têm... o... direito... de... saber... tudo! — arfou Lupin ofegante, tentando ainda segurar Black. — Ele tem sido o animal de estimação do Ron! Há coisas que eu próprio ainda não compreendo. E debes ao Harry a verdade, Sirius!

Black parou de lutar, embora os seus olhos continuassem fixos em *Scabbers*, que estava preso nas mãos mordidas, arranhadas e ensanguentadas de Ron.

— Está bem — disse sem afastar os olhos do rato. — Conta-lhes o que quiseres, mas que seja rápido, Remus. Quero cometer o crime pelo qual fui preso...

— Vocês são os dois malucos — praguejou Ron, olhando inseguro para Harry e Hermione em busca de apoio. — Para mim já chega, vou-me embora.

Tentou levantar-se, fazendo força na sua perna boa, mas Lupin ergueu novamente a varinha, apontando-a a *Scabbers*.

— Tu vais ouvir-me, Ron — disse calmamente. — Mas agarra bem o Peter enquanto ouves.

— ELE NÃO SE CHAMA PETER. CHAMA-SE *SCABBERS*! — gritou Ron, enquanto tentava meter outra vez no bolso o rato que se debatia furiosamente. Ron oscilou e desequilibrou-se e Harry agarrou-o e empurrou-o para a cama. Depois, ignorando Black, Harry voltou-se para Lupin.

— Houve testemunhas que viram o Pettigrew morrer — disse —, uma rua cheia...

— Não viram o que julgam ter visto! — retorquiu Sirius Black furioso, continuando a observar *Scabbers* que se debatia nas mãos de Ron.

— Todos pensaram que o Sirius tinha morto o Peter — afirmou Lupin com um aceno de cabeça. — Eu próprio acreditei nisso até há pouco, quando olhei para o mapa. É que o Mapa do Salteador não mente... O Peter está vivo e o Ron está a agarrá-lo, Harry.

Harry olhou para o amigo e o encontro dos olhares de ambos confirmou que estavam de acordo: Black e Lupin não estavam bons da cabeça. Aquela história não fazia sentido nenhum. Como podia *Scabbers* ser Peter Pettigrew? Azkaban devia, afinal, ter afectado Black, mas por que estaria Lupin a fazer o jogo dele?

Nesse momento, Hermione falou, num tom de voz ligeiramente trémulo, como se quisesse chamar o professor Lupin à razão.

— Mas, Professor Lupin... o *Scabbers* não pode ser o Pettigrew, o senhor sabe que não é possível...

— Por que não? — perguntou ele calmamente como se estivessem numa aula e Hermione tivesse simplesmente levantado uma questão em relação aos Grindylows.

— Porque... porque as pessoas saberiam se o Petter Pettigrew fosse um Animagus. Nós aprendemos isso com a professora McGonagall e eu fiz um trabalho de casa sobre esse assunto. O Ministério tem uma lista das feiticeiras e feiticeiros que podem transformar-se em animais. Há um registo com o nome dos animais em que se transformam, incluindo os seus sinais particulares e tudo isso... E eu fui procurar o nome da professora McGonagall nesse registo. Só existiram sete Animagi neste século e o nome do Pettigrew não constava da lista.

Harry mal teve tempo de se espantar com o esforço de Hermione nos seus trabalhos de casa, quando Lupin começou a rir-se.

— Mais uma vez tens razão, Hermione — confirmou ele. — Mas o Ministério nunca tomou conhecimento da existência de três Animagi sem registo que passaram por Hogwarts.

— Se vais contar-lhes a história despacha-te, Remus — resmungou Black que continuava a observar os movimentos desesperados de *Scabbers*. — Esperei doze anos. Não vou esperar muito mais.

— Está bem, mas tens de me ajudar, Sirius — disse Lupin. — Eu só sei o princípio...

Lupin começou. Ouvira-se um estalido atrás dele e a porta do quarto abriu-se sozinha. Ficaram os cinco a olhar. Em seguida, Lupin foi até lá e espreitou para o patamar.

— Ninguém...

— Este lugar está assombrado! — lembrou Ron.

— Não, não está — contrapôs Lupin ainda a olhar para a porta com um ar confuso. A Cabana dos Gritos nunca esteve assombrada. Os gritos e gemidos que a gente da vila costumava ouvir eram os meus.

Afastou os cabelos grisalhos dos olhos, pensou um momento e continuou: — É aí que tudo começa, comigo a transformar-me em lobisomem. Nada disto teria acontecido se eu não tivesse sido mordido... e se não tivesse sido tão imprudente...

Tinha um ar grave e cansado. Ron ia interrompê-lo, mas Hermione fez — Schhh! — Observava Lupin com o maior interesse.

— Eu era ainda um rapazinho quando fui mordido. Os meus pais tentaram tudo, mas nesse tempo não havia cura. A poção que o professor Snape tem feito para eu tomar é uma descoberta muito recente. Torna-me inofensivo, compreendem? Basta que a tome na semana que precede a lua cheia e mantenho o autodomínio quando me transformo. Posso fechar-me no gabinete como um lobo inofensivo e esperar que a Lua passe a quarto minguante.

«Todavia, antes da descoberta da Poção Perdição do Lobo, eu transformava-me num autêntico monstro, uma vez por mês. Como poderia vir para Hogwarts? Os outros pais não iriam querer expor os seus filhos a semelhante perigo.

«E foi então que o Dumbledore se tornou director e mostrou-se compreensivo em relação à minha situação, dizendo que, desde que eu tomasse certas precauções, não havia motivo para não frequentar a escola... — Lupin suspirou e olhou directamente para Harry. — Eu contei-te há alguns meses que o Salgueiro Zurzidor tinha sido plantado no ano em

que eu vim para Hogwarts. A verdade é que ele foi plantado *porque* eu vim para Hogwarts. Esta casa — Lupin olhou tristemente em volta — e o túnel que conduz a ela foram construídos para mim. Uma vez por mês eu era trazido às escondidas do castelo para este lugar para me transformar. A árvore foi plantada à saída do túnel para impedir que alguém me encontrasse no período em que eu era perigoso.

Harry não estava a ver aonde aquela história poderia levar, mas, mesmo assim, ouvia-a extasiado. O único som audível além da voz de Lupin eram os guinchos apavorados de *Scabbers*.

— As minhas transformações naquele tempo eram terríveis. A passagem a lobisomem é muito dolorosa. Eu era separado dos humanos para não os morder e então mordia-me e arranhava-me a mim mesmo. A gente da vila ouvia o barulho e os gritos e pensava que se tratava de espíritos particularmente violentos. O Dumbledore encorajou esse boato. Ainda hoje, apesar de estar silenciosa há anos, ninguém ousa aproximar-se da cabana.

«Porém, apesar das transformações, eu era mais feliz do que nunca. Pela primeira vez tinha amigos. Três grandes amigos: Sirius Black, Peter Pettigrew e, é claro, o teu pai, Harry, o James Potter.

«Ora os meus três amigos não podiam deixar de notar que eu desaparecia uma vez por mês. Inventei as mais diversas histórias, que a minha mãe estava doente e que tinha de ir a casa visitá-la... Tinha pavor de que eles me abandonassem no momento em que ficassem a saber o que eu era. Mas, é claro que eles, tal como tu, Hermione, acabaram por descobrir a verdade.

«E não me abandonaram. Muito pelo contrário, fizeram uma coisa por mim que iria tornar as minhas transformações não só suportáveis como os melhores momentos da minha vida. Tornaram-se Animagi.

— O meu pai também? — perguntou Harry, estupefacto.

— Sim, claro — assentiu Lupin. — Demoraram quase três anos a trabalhar para o conseguir. O teu pai e o Sirius eram os melhores alunos da escola e tiveram imensa sorte, porque as transformações em Animagus às vezes correm muito mal. Esse é um dos motivos que leva o Ministério a vigiar tão de perto os que tentam fazê-lo. O Peter precisava muito da ajuda do James e do Sirius. Finalmente, no nosso quinto ano, conseguiram. Podiam transformar-se num animal quando queriam.

— Mas em que é que isso o ajudou a si? — perguntou Hermione com ar espantado.

— Eles não podiam fazer-me companhia como humanos, portanto faziam-me companhia como animais — explicou Lupin. — O lobisomem só é perigoso para as pessoas. Esgueiravam-se do castelo todos os meses,

debaixo do Manto de Invisibilidade do James, e transformavam-se. O Peter, como era o mais pequeno, podia deslizar sob os ramos agressivos do Salgueiro Zurzidor e tocar no nó que o faz parar. Depois disso, enfiavam-se no túnel e vinham ter comigo. A sua influência ajudou-me a ser menos perigoso. O meu corpo ainda era de lobo, mas o espírito era-o cada vez menos quando estava com eles.

— Despacha-te, Remus — incitou Black que ainda observava *Scabbers* com uma expressão de sofreguidão.

— Está quase, Sirius... está quase... É claro que se nos abrimos possibilidades muitíssimo atractivas a partir do momento em que nos pudemos transformar todos em animais. Passado pouco tempo, já saíamos da Cabana dos Gritos e vagueávamos pelos campos da escola e pela vila durante a noite. O Sirius e o James transformavam-se em animais tão grandes que eram capazes de controlar um lobisomem. Duvido de que algum aluno de Hogwarts tenha descoberto mais sobre a escola, os campos e Hogsmeade que nós. E foi assim que fizemos o Mapa do Salteador e o assinámos com as nossas alcunhas. Sirius é o Padfoot, Peter é o Wormtail, James era o Prongs.⁸

— Que tipo de animal...? — começou Harry, mas Hermione cortou-lhe a palavra.

— Mesmo assim, isso era muito perigoso. Andar por aí no escuro com um lobisomem. E se o senhor tivesse fugido dos outros e mordido em alguém?

— Um pensamento que ainda hoje me persegue — confessou Lupin pesadamente. — E várias vezes estivemos à beira do desastre. Ríamo-nos de tudo isso mais tarde. Éramos jovens, despreocupados, arrebatados pela nossa inteligência.

«Senti-me muitas vezes culpado por trair o Dumbledore, claro... Ele aceitara-me em Hogwarts quando nenhum outro director o teria feito e ignorava por completo que eu infringia as regras que ele estabelecera para a minha própria segurança. Nunca soube que eu levava três companheiros a tornarem-se Animagi ilegais. Mas eu conseguia sempre esquecer os sentimentos de culpa quando nos sentávamos a planear a aventura do próximo mês. E não mudei nada...

O rosto de Lupin endureceu e era perceptível na sua voz o descontentamento consigo próprio.

— Durante todo este ano lutei comigo próprio na dúvida sobre se deveria ou não contar ao Dumbledore que o Sirius era um Animagus. Mas não o fiz. Porquê? Porque fui cobarde. Teria sido obrigado a admitir que traía a sua confiança quando estudante, admitir que tinha levado outros atrás de

mim... e a confiança do Dumbledore, para mim, é tudo. Ele admitiu-me em Hogwarts quando eu era rapaz e deu-me trabalho, a mim, que passei toda a minha vida de adulto a ser posto de parte por todos e não conseguia ganhar um salário por ser o que sou. Por isso, convenci-me de que o Sirius entrava na escola utilizando a magia negra que aprendera com o Voldemort, que o facto de ser um Animagus não tinha nada a ver com o assunto... ou seja, de certo modo, o Snape teve sempre razão a meu respeito.

— O Snape? — cortou Black de forma rude, afastando pela primeira vez os olhos de *Scabbers* e olhando para Lupin. — O que tem o Snape a ver com isto?

— Ele está cá, Sirius — disse Lupin pesadamente. — Também é cá professor. — Olhou para Harry, Ron e Hermione.

— O professor Snape andou connosco na escola. Opôs-se energicamente à minha entrada para Hogwarts como professor de Defesa Contra A Magia Negra. Tem passado todo o ano a dizer ao Dumbledore que eu não sou digno de confiança. E lá tem as suas razões. O Sirius pregou-lhe uma partida que o ia matando, uma partida que me envolveu também a mim...

Black fez um ruído demonstrando o quanto achava a questão irrisória.

— Ele bem merecia — disse secamente. — Sempre a espiar e a tentar descobrir o que andávamos a fazer na esperança de que nos expulsassem...

— O Severus queria descobrir à viva força aonde eu ia todos os meses — contou Lupin a Harry, Ron e Hermione. — Andávamos no mesmo ano e não gostávamos lá muito um do outro. Ele tinha uma antipatia especial pelo James. Inveja, julgo eu, do talento dele como jogador de Quidditch. Ora o Snape viu-me um dia ao fim da tarde atravessar os campos com a Madame Pomfrey que me acompanhava ao Salgueiro para me transformar. O Sirius achou muito engraçado dizer ao Snape que bastava tocar com um pau no nó do tronco do salgueiro para entrar lá dentro e seguir-me. É claro que o Snape tentou. Se tivesse chegado a esta casa, teria encontrado um enorme lobisomem, mas o teu pai, que soube o que Sirius fizera, foi atrás do Snape e puxou-o para fora, pondo em risco a sua própria vida. Mesmo assim, o Snape avistou-me ao fundo do túnel. O Dumbledore proibiu de contar fosse a quem fosse, mas a partir desse dia ficou a saber o que eu era.

— Então, é por isso que ele não gosta de si — concluiu Harry lentamente. — Porque pensou que tinha entrado na brincadeira?

— Exactamente — confirmou uma voz fria vinda da parede atrás de Lupin.

Severus Snape estava a tirar o Manto da Invisibilidade e tinha a varinha directamente apontada a Lupin.

XIX

O SERVO DE LORD VOLDEMORT

Hermione gritou, Black pôs-se de pé e Harry saltou como se tivesse apanhado um choque eléctrico.

— Encontrei isto junto do Salgueiro Zurzidor — afirmou Snape, atirando o Manto para o lado, mas tendo o cuidado de manter a varinha apontada ao peito de Lupin. — Muito útil, Potter, obrigado...

Snape estava um pouco ofegante, mas a sua expressão era de triunfo. — Vocês devem estar a interrogar-se sobre o modo como eu descobri que estavam aqui — disse com os olhos a brilhar. — Fui ao teu gabinete, Lupin. Esqueceste-te de tomar a poção esta noite e eu resolvi levar-te o cálice. E foi uma sorte para mim. Em cima da tua secretária estava um certo mapa. Bastou-me olhar para ele para ficar a saber tudo o que queria. Vi-te a correr ao longo desta passagem secreta até desapareceres.

— Severus... — começou Lupin, mas Snape cortou-lhe a palavra.

— Tenho dito vezes sem conta ao nosso director que tu ajudaste o teu velho amigo Black a entrar no castelo, Lupin, e aqui está a prova. Nunca me passou pela cabeça que tivesses a coragem de usar este lugar como esconderijo...

— Severus, estás a cometer um erro — interrompeu Lupin de imediato. — Não ouviste tudo, eu posso explicar, o Sirius não está aqui para matar o Harry...

— Mais dois para Azkaban esta noite — declarou Snape, agora com um brilho fanático nos olhos. — Quero ver como o Dumbledore aceita isto... ele estava absolutamente convencido de que tu eras inofensivo, sabes como é, Lupin, um lobisomem *manso*...

— Seu idiota! — exclamou Lupin em voz baixa. — Achas que uma briga do tempo da escola é motivo para mandar um homem inocente outra vez para Azkaban?

BUM! Da extremidade da varinha de Snape saltaram várias cordas semelhantes a serpentes que se enrolaram em volta da boca, pulsos e tornozelos de Lupin, que se desequilibrou e caiu redondo no chão, ficando incapaz de se mexer. Com um bramido de raiva, Black começou a avançar para Snape, mas este apontou-lhe a varinha ao meio dos olhos.

— Dá-me um motivo — murmurou. — Um motivo só que seja e eu juro que te mato.

Black estacou. Era impossível determinar qual o rosto que expressava mais ódio.

Harry ficou ali paralisado sem saber o que fazer ou em quem acreditar. Olhou para Ron e Hermione. Ron estava tão confuso quanto ele e continuava a lutar para segurar *Scabbers*. Hermione, porém, deu um passo incerto em direcção a Snape e murmurou numa voz ansiosa: — Professor Snape, não faz mal nenhum ouvir o que eles têm para dizer, pois não?

— Miss Granger, a menina está a arriscar-se a ser suspensa — ameaçou Snape. — Vocês os dois, Potter e Weasley, estão em zona proibida na companhia de um assassino e de um lobisomem, por uma vez na vida, fiquem calados!

— Mas e se... se tiver havido um engano...

— CALE-SE, SUA ESTÚPIDA! — gritou Snape com um ar subitamente transtornado. — NÃO FALE DAQUILO QUE NÃO ENTENDE! — Algumas faíscas saltaram da extremidade da sua varinha que estava ainda apontada à cara de Black. Hermione calou-se.

— Como é doce a vingança! — disse Snape, dirigindo-se a Black. — Como sonhei poder ser eu a capturar-te...

— Continuas a ser uma anedota, Severus — rosnou Black. — Desde que esse rapazinho traga o rato até ao castelo — fez um sinal de cabeça, indicando Ron —, eu vou de boa vontade...

— Até ao castelo? — disse Snape de forma insinuante. — Não creio que seja necessário irmos tão longe. Basta-me chamar um dos Dementors quando sairmos do Salgueiro. Eles vão ficar muito satisfeitos por te ver, Black... tão satisfeitos que te darão com certeza um beijo...

A pouca cor que havia no rosto de Black desapareceu.

— Tu tens de me ouvir — bradou. — O rato, olha para o rato...

Mas havia um brilho de loucura nos olhos de Snape, que Harry nunca vira antes. Parecia estar para além da razão.

— Venham, todos vocês — ordenou. Estalou os dedos e as pontas dos fios que prendiam Lupin voaram até às suas mãos. — Eu levo o lobisomem. Pode ser que os Dementors queiram também dar-lhe um beijo...

Antes de ter tido tempo de pensar no que fazia, já Harry atravessara o quarto em três passadas e fechara a porta.

— Sai do caminho, Potter, já tens problemas que cheguem — avisou Snape com secura. — Se eu não estivesse aqui para te salvar a pele...

— O professor Lupin, se quisesse, teve centenas de oportunidades para me matar — disse Harry. — Estive sozinho com ele vezes sem conta a aprender a defender-me dos Dementors. Se ele estivesse a ajudar o Black, porque não acabou comigo nessa altura?

— Não me peças que adivinhe como funciona a mente de um lobisomem — sibilou Snape. — Sai da frente, Potter.

— QUE PATÉTICO! — gritou Harry. — SÓ PORQUE ELES O GOZARAM NA ESCOLA, O SENHOR RECUSA-SE A OUVI-LOS!

— SILÊNCIO, NÃO ADMITO QUE ME FALEM ASSIM! — berrou Snape, parecendo mais louco do que nunca. — Tal pai, tal filho, Potter! Acabo de te salvar a vida, devias agradecer-me de joelhos. Era bem feito que ele te tivesse morto. Morrias como o teu pai, demasiado arrogante para acreditar que podes estar enganado em relação ao Black. Agora sai da minha frente antes que eu te obrigue. SAI DA MINHA FRENTE, POTTER!

Numa fracção de segundo, Harry tomou uma decisão. Antes que Snape desse um passo em direcção a ele, ergueu a varinha.

— *Expelliarmus!* — gritou, mas não foi só a sua voz que se fez ouvir. Houve uma rajada e a porta estremeceu nos gonzos. Snape foi levantado no ar e atirado contra a parede. Em seguida escorregou até ao chão com um fio de sangue a escorrer-lhe por debaixo do cabelo. Fora posto fora de combate.

Harry olhou em volta. Tanto Ron como Hermione tinham tentado desarmar Snape ao mesmo tempo. A varinha do professor de Poções elevou-se no ar, desenhando um arco, e foi aterrar na cama, junto de *Crookshanks*.

— Não devias ter feito isso — disse Black, olhando para Harry. — Por que não o deixaste para mim?

Harry evitou o olhar de Black. Não tinha a certeza, apesar de tudo, de ter agido bem.

— Atacámos um professor... atacámos um professor — lamentava-se Hermione, olhando para Snape, inerte, com um olhar apavorado. — Oh! Vamos ter tantos problemas...

Black baixou-se rapidamente e desamarrou Lupin, que se debatia, tentando libertar-se dos fios. Lupin pôs-se de pé, esfregando os braços no sítio onde as cordas o tinham magoado.

— Obrigado, Harry — agradeceu.

— Eu ainda não disse que acreditava em si — respondeu ele.

— Então é altura de te darmos algumas provas — sugeriu Black. — Tu, rapaz, dá-me o Peter, agora.

Ron apertou mais *Scabbers* contra o peito.

— Nem pense nisso — respondeu. — Não me venha agora dizer que fugiu de Azkaban para vir atrás do *Scabbers*. Afinal — olhou para Harry e Hermione em busca de apoio —, mesmo que o Pettigrew pudesse transformar-se em rato, há milhões de ratos, como é que ele ia saber que rato era se estava trancado em Azkaban?

— Sabes, Sirius, é uma pergunta absolutamente legítima — reconheceu Lupin, voltando-se para Black e franzindo levemente as sobrancelhas. — Como descobriste onde ele estava?

Black meteu a mão, que mais parecia uma garra, dentro da capa e retirou de lá de dentro uma folha de papel amarrotada que alisou e passou aos outros para que vissem.

Era a fotografia de Ron com a família que saíra n' *O Profeta Diário* no Verão anterior. E ali, no ombro de Ron, estava *Scabbers*.

— Onde arranjaste isto? — perguntou-lhe Lupin, abismado.

— Foi o Fudge — informou Black. — Quando foi inspeccionar Azkaban no ano passado, deu-me o jornal. E lá estava o Peter, na primeira página, no ombro deste rapaz. Conheci-o logo. Quantas vezes o vira transformar-se! E o artigo dizia que ele ia voltar para Hogwarts este ano, onde estava o Harry...

— Cruzes! — exclamou Lupin lentamente, olhando para *Scabbers*, para a fotografia do jornal e para *Scabbers* de novo. — A pata da frente...

— O que é que tem? — perguntou Ron em tom de desafio.

— Falta-lhe um dedo — referiu Black.

— É claro! — exclamou Lupin. — Tão simples... incrível... ele cortou-o?

— Mesmo antes de se transformar — disse Black. — Quando o encurralei, gritou para que toda a rua ouvisse que eu traía a Lily e o James e a seguir, antes que eu tivesse tempo de o amaldiçoar, fez estoirar a rua com a varinha atrás das costas, matando toda a gente que se encontrava num raio de seis metros e desapareceu no esgoto, misturado com os outros ratos...

— Nunca ouviste dizer, Ron — perguntou Lupin —, que a parte maior do corpo do Peter que eles encontraram foi um dedo?

— O *Scabbers* pode ter lutado com outro rato ou qualquer coisa assim. Ele está na minha família há séculos, certo?

— Doze anos, na verdade — corrigiu Lupin. — Nunca achaste estranho

que ele vivesse tanto tempo?

— Nós... nós temos tratado bem dele! — justificou-se Ron.

— Mas não está com muito bom aspecto, pois não? — perguntou Lupin.

— Aposto que tem perdido peso desde que ouviu dizer que o Sirius andava à solta por aí...

— Ele tem andado assustado com aquele gato maluco — explicou Ron, indicando *Crookshanks* com um gesto, que continuava a ronronar na cama.

Mas não era verdade, pensou Harry de repente. *Scabbers* já tinha um ar doente antes de conhecer *Crookshanks*, desde que Ron regressara do Egito... desde que Black fugira da prisão.

— Esse gato não é maluco — disse Black com voz rouca. Estendeu uma mão ossuda e acariciou a cabeça macia de *Crookshanks*. — É o gato mais inteligente que conheci até hoje. Percebeu imediatamente o que o Peter era e, quando me encontrou, soube logo que eu não era um cão. Levei algum tempo até conseguir que confiasse em mim. Por fim, comuniquei com ele, expliquei-lhe o que pretendia e ele tem estado a ajudar-me...

— O que quer dizer? — perguntou Hermione.

— Ele tentou trazer-me o Peter, mas, como não conseguiu, roubou as senhas para eu entrar na torre dos Gryffindor. Julgo que as tirou da mesinha-de-cabeceira de um rapazinho...

O cérebro de Harry parecia afundar-se sob o peso do que estava a ouvir. Era absurdo... e por outro lado...

— Mas o Peter apercebeu-se do que estava a acontecer e aproveitou a sua oportunidade. O gato... *Crookshanks*, não é como se chama?... contou-me que o Peter deixou sangue nos lençóis. Calculo que se tenha mordido a si próprio... afinal, fingir a sua própria morte já tinha resultado uma vez...

Estas palavras fizeram Harry recuperar a capacidade de raciocinar.

— E sabe por que ele ia fingir que tinha morrido? — perguntou furioso.

— Porque sabia que você ia matá-lo como matou os meus pais!

— Não — respondeu Lupin. — Harry...

— E agora voltou para acabar com ele!

— Sim, é certo — concordou Black, olhando com maldade para *Scabbers*.

— Então, eu devia ter deixado que o Snape o levasse daqui — gritou Harry.

— Harry — disse Lupin precipitadamente. — Não estás a ver? Durante todo este tempo, pensámos que o Sirius tinha traído os teus pais e que o Peter o perseguira, quando foi precisamente o contrário. Não vês? Foi o Peter quem traiu a tua mãe e o teu pai e o Sirius quem foi atrás dele...

— ISSO NÃO É VERDADE! — gritou Harry. — ELE ERA O GUARDADOR

SECRETO DELES. ADMITIU ISSO ANTES DE O SENHOR CHEGAR, ADMITIU QUE OS MATOU!

Apontava para Black, que abanou lentamente a cabeça. Os seus olhos fundos estavam agora extremamente brilhantes.

— Harry... eu, para todos os efeitos, matei-os — afirmou. — Convenci a Lily e o James a mudarem para o Peter no último momento. Convenci-os a usarem-no antes a ele como seu Guardador Secreto, a culpa foi toda minha, eu sei...

«Na noite em que eles morreram, eu ia informar-me melhor sobre o Peter para confirmar se ele ainda era de confiança, mas quando cheguei ao seu esconderijo, ele tinha-se ido embora. Contudo, não havia sinais de luta. Havia qualquer coisa que não batia certo e fiquei assustado. Fui logo para casa dos teus pais e quando vi a casa destruída e os corpos deles, compreendi o que o Peter devia ter feito, o que eu fizera.

A voz falhou-lhe e virou a cara.

— Chega — disse Lupin. E havia uma nota de determinação na sua voz que Harry desconhecia. — Há uma maneira de provar o que realmente aconteceu. Ron, *dá-me esse rato*.

— O que é que vai fazer se eu lho entregar? — perguntou Ron muito tenso.

— Obrigá-lo a desmascarar-se — explicou Lupin. — Se ele for mesmo um rato, não lhe faz mal nenhum.

Ron hesitou. Por fim, pegou em *Scabbers* e Lupin agarrou-o. O rato começou a guinchar incessantemente, torcendo-se e dando voltas com os olhos pequeninos cada vez mais protuberantes.

— Estás pronto, Sirius? — perguntou Lupin.

Black já tinha retirado a varinha de Snape de cima da cama. Aproximou-se de Lupin e do rato, que estrebuchava. Os seus olhos aquosos pareciam de repente arder-lhe no rosto.

— Os dois? — perguntou lentamente.

— Acho que sim — disse Lupin, segurando com força *Scabbers* numa das mãos e a varinha na outra. — Quando contar até três. Um... dois... TRÊS!

Um clarão de luz de um azul-esbranquiçado emanou das duas varinhas. Por um momento, *Scabbers* ficou parado no ar, o seu corpo pequenino e preto a contorcer-se loucamente. Ron gritou. O rato caiu e bateu no chão. Houve um outro clarão ofuscante e a seguir...

Foi como assistir à passagem acelerada da filmagem de uma árvore em crescimento. Do chão saía uma cabeça, os membros começavam a crescer. Pouco depois, no lugar onde estivera *Scabbers*, encontrava-se um homem

que revirava e torcia as mãos. Na cama, *Crookshanks* bufava e mostrava os dentes com o pêlo todo eriçado.

Era um homem muito baixo, pouco mais alto que Harry e Hermione. O cabelo fino e sem cor estava todo despenteado e revelava uma parte calva no topo da cabeça. Tinha o aspecto de um indivíduo gordo que perdera muito peso em pouco tempo. A pele parecia encardida, quase como o pêlo de *Scabbers*, e aparentava ainda um ar de rato, com o seu nariz pontiagudo e os olhinhos pequenos e aquosos. Olhou em volta para todos eles com a respiração acelerada. Harry viu o seu olhar dirigir-se à porta e voltar a encará-los.

— Olá, Peter — cumprimentou Lupin amavelmente, como se o facto de um rato se transformar num antigo colega de escola fosse a coisa mais natural deste mundo. — Há quanto tempo!...

— S-Sirius... R-Remus... — até a voz de Pettigrew lembrava um guincho. — Virou de novo o olhar para a porta. — Meus amigos, meus velhos amigos...

Black apontou a varinha, mas Lupin agarrou-lhe no pulso, lançou-lhe um olhar de aviso e voltou-se para Pettigrew. Num tom de voz leve e natural, disse:

— Temos estado a ter uma pequena conversa sobre o que sucedeu na noite em que a Lily e o James morreram. Deves ter perdido os pontos principais, enquanto guinchavas ali na cama.

— Remus — arfou Pettigrew, e Harry viu gotas de suor escorrerem-lhe pelo rosto macilento. — Tu não acreditas nele, pois não? Ele tentou matar-me, Remus...

— É o que dizem — afirmou Lupin com frieza. — Eu gostaria de esclarecer um ou dois pontos contigo, Peter, se quiseses ter a...

— Ele veio tentar matar-me mais uma vez! — guinchou subitamente Pettigrew, apontando para Black, e Harry viu que ele usou o dedo médio porque lhe faltava o indicador. — Ele matou a Lily e o James e agora vai matar-me também... tens de me ajudar, Remus.

O rosto de Black parecia mais do que nunca uma caveira quando dirigiu a Pettigrew o seu olhar insondável.

— Ninguém vai tentar matar-te, enquanto não esclarecermos umas coisas — garantiu-lhe Lupin.

— Esclarecer umas coisas? — guinchou Pettigrew, olhando desvairado para ele com os olhos a saltitarem das janelas entaipadas para a única porta. — Eu sabia que ele havia de vir atrás de mim. Sabia que ele ia voltar a perseguir-me. Há doze anos que esperava por isto!

— Sabias que o Sirius ia fugir de Azkaban? — indagou Lupin, franzindo

a testa. — De um lugar de onde nunca ninguém fugiu até hoje?

— Ele tem poderes de magia negra que nós nem imaginamos! — gritou Pettigrew. — Senão, como teria conseguido sair de lá? Calculo que Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado lhe tenha ensinado uns truques.

Black começou a rir, um riso horrível e triste que enchia toda a sala.

— O Voldemort ensinar-me truques? — repetiu.

Pettigrew encolheu-se como se Black lhe tivesse dado uma chicotada.

— Que foi? Tens medo de ouvir o nome do teu antigo mestre? — perguntou Black. — Não te censuro, Peter. Os do grupo dele não estão nada satisfeitos contigo, pois não?

— Não sei a que te referes, Sirius — murmurou Pettigrew com a respiração mais acelerada que antes. Toda a sua cara transpirava.

— Tu não te escondeste de mim durante doze anos — disse Black. — Escondeste-te dos antigos partidários do Voldemort. Eu ouvi muitas coisas em Azkaban, Peter... todos pensam que morreste, porque senão terias de lhes prestar contas. Ouvi-os a todos falar e gritar durante o sono. Parece que eles acham que o traidor os traiu também a eles. O Voldemort foi até aos Potter seguindo uma informação tua... e encontrou aí a sua desgraça. E os adeptos do Voldemort não foram todos parar a Azkaban, pois não? Há muitos por aí à solta, à espera de que chegue o momento certo, fingindo terem-se arrependido de todos os seus erros. Se lhes chegasse aos ouvidos que ainda estás vivo, Peter...

— Não sei de que estás a falar — tornou Pettigrew num tom mais estridente do que nunca. Limpou o rosto à manga e olhou para Lupin: — Não acredites neste disparate, Remus.

— Tenho de reconhecer, Peter, que me é difícil compreender que motivo pode levar um homem inocente a passar doze anos na pele de um rato — disse Lupin com toda a calma.

— Inocente, mas assustado — gemeu Pettigrew. — Se os adeptos do Voldemort viessem atrás de mim, seria por eu ter mandado para Azkaban um dos seus melhores homens, o espião Sirius Black.

O rosto de Black contorceu-se.

— Como te atreves? — rosnou, parecendo subitamente o cão peludo em que se transformava. — Eu, espião do Voldemort? Alguma vez andei a espiar as pessoas mais fortes e com mais poder do que eu? Mas tu, Peter, só não percebo como não vi logo a princípio que eras um espião, sempre gostaste de ter amigos importantes que protegessem. Costumávamos ser nós... eu, o Remus e o James...

Pettigrew voltou a limpar o rosto. Estava quase sem ar.

— Eu, um espião... deves estar louco... nunca... não sei como podes

afirmar uma...

— A Lily e o James só fizeram de ti o seu Guardador Secreto por sugestão minha — silvou Black tão rancorosamente que Pettigrew recuou.

— Eu pensei que era o plano perfeito... um *bluff*. O Voldemort viria certamente atrás de mim, nunca lhe passaria pela cabeça que eles se lembrassem de usar uma coisa fraca e sem talento como tu... Deve ter sido o momento mais importante da tua vida, dizer ao Voldemort que podias entregar-lhe os Potter.

Pettigrew balbuciava, perturbado. Harry captou algumas palavras como *rebuscado* e *demente*, mas não pôde deixar de reparar na cor pálida do rosto dele e no modo como olhava para a janela e para a porta.

— Professor Lupin — interveio Hermione timidamente. — Posso... posso dizer uma coisa?

— Certamente, Hermione — respondeu ele com amabilidade.

— Bem, o *Scabbers*... quero dizer, este... este... homem, tem dormido na camarata do Harry nos últimos três anos. Se ele trabalha para o Quem-Nós-Sabemos, por que motivo nunca tentou fazer mal ao Harry?

— Estás a ver? — disse estridentemente Pettigrew, apontando para Hermione com a sua mão estropiada. — Obrigado. Estás a ver, Remus, eu nunca toquei num cabelo do Harry. E porquê?

— Eu digo-te porquê — respondeu Black. — Porque tu nunca fizeste nada por ninguém a não ser que pudesses lucrar alguma coisa. O Voldemort vive escondido há doze anos, meio morto, segundo dizem. Não ias cometer um crime debaixo do nariz do Dumbledore por um feiticeiro que perdeu todo o seu poder, pois não? Certamente gostarias de ter a certeza de que ele era o mais forte tirano da praça antes de voltares para ele, ou não? Por que motivo arranjaste uma família de feiticeiros para te encaixares a não ser para poderes manter o ouvido à escuta e estar a par das notícias? Assim, se o teu antigo protector recuperasse a sua força, poderias juntar-te a ele em segurança.

Pettigrew abriu e fechou a boca várias vezes. Parecia ter perdido a capacidade de falar.

— Hã... Mr. Black... Sirius — principiou timidamente Hermione.

Black deu um salto ao ser tratado daquela maneira e olhou para Hermione como se há muito se tivesse esquecido do que era ser tratado com consideração.

— Se me perdoa a pergunta, como saiu de Azkaban sem usar Magia Negra?

— Obrigado! — arfou Pettigrew, com gestos de cabeça frenéticos para Hermione. — Isso mesmo, era precisamente o que eu...

Mas Lupin calou-o com um olhar. Black franzia ligeiramente a testa a Hermione, mas não por estar aborrecido com ela. Parecia estar a ponderar na resposta.

— Não sei como o fiz — respondeu lentamente. — Julgo que a única razão por que nunca enlouqueci foi por saber que estava inocente. Não era um pensamento feliz, por isso os Dementors não podiam sugá-lo e esse pensamento manteve-me são. O facto de continuar a saber quem era ajudou-me a manter os meus poderes, por isso, quando as coisas se tornaram insuportáveis, consegui, ali mesmo na cela, transformar-me em cão. Os Dementors não vêem. — Engoliu em seco. — Descubrem as pessoas através das emoções... eles percebiam que os meus sentimentos eram menos... menos humanos, menos complexos quando eu era um cão, mas pensavam, é claro, que eu estava a perder qualidades como todos os outros que lá se encontravam, por isso não deram importância. Só que eu estava fraco, muito fraco, perdera a esperança de poder afastá-los de mim sem ter uma varinha...

«Mas quando vi o Peter naquela fotografia, percebi que ele estava em Hogwarts com o Harry, perfeitamente posicionado para agir se lhe chegasse aos ouvidos que o lado negro estava a reunir de novo as suas forças...

Pettigrew abanava a cabeça, fazendo trejeitos silenciosos, mas não conseguia desviar os olhos de Black, como se estivesse hipnotizado.

— ... pronto para atacar no momento em que tivesse a segurança dos seus aliados, pronto para lhes entregar o último Potter. Se lhes desse o Harry, quem iria ter coragem de afirmar que ele traía Lord Voldemort? Seria recebido com todas as honras.

«Portanto, estão a ver, eu tinha de fazer alguma coisa. Só eu sabia que o Peter continuava vivo...

Harry lembrou-se do que Mr. Weasley dissera a Mrs. Weasley: — Os guardas dizem que ele tem falado durante o sono, sempre as mesmas palavras... *Ele está em Hogwarts.*

— Era como se alguém tivesse acendido na minha cabeça um fogo que os Dementors não podiam destruir... não era um sentimento de felicidade, era uma obsessão. Mas essa obsessão deu-me força e aclarou as minhas ideias. Por isso, uma noite quando abriram a porta da cela para me dar de comer, eu esgueirei-me sob a forma de cão... é tão mais difícil para eles sentir as emoções de um animal que ficaram confusos, e eu estava magro, muito magro, suficientemente magro para passar por entre as grades. Nadei sob a forma de cão até chegar a terra firme. Depois segui para norte e, como cão, entrei nos campos de Hogwarts. Desde então, tenho vivido na

Floresta Proibida, indo apenas assistir aos jogos de Quidditch, claro... Tu voas tão bem como o teu pai, Harry...

Olhou para Harry, que não desviou o olhar.

— Acredita em mim — implorou Black. — Acredita em mim. Eu nunca traí o James e a Lily, teria dado a minha vida por eles.

E por fim Harry acreditou. Com a garganta demasiado presa para falar, fez um aceno de cabeça.

— Não!

Pettigrew caiu de joelhos como se o aceno de Harry tivesse sido a sua sentença de morte. Arrastou-se para a frente de mãos juntas a pedir clemência.

— Sirius... sou eu, o Peter... o teu amigo, tu não...

Black deu-lhe um pontapé e Pettigrew recuou.

— A minha roupa já está demasiado suja sem tu lhe toques — disse Black.

— Remus! — guinchou Pettigrew, voltando-se, desta feita para Lupin, sem parar de se contorcer e implorar. — Não acredites nisto... o Sirius teria dito que tinham mudado o plano, não achas?

— Não diria, se pensasse que o espião era eu — afirmou Lupin. — Julgo que foi por isso que não me contaste nada, Sirius — disse, olhando para o outro por cima da cabeça de Pettigrew.

— Perdoa-me, Remus.

— Tudo bem, velho amigo Padfoot — disse Lupin que arregaçava as mangas. — E tu terás de me desculpar por ter pensado que o espião eras tu.

— É claro — respondeu Black e um vago sorriso iluminou-lhe o rosto desolado. Também ele começara a arregaçar as mangas. — Vamos matá-lo os dois?

— Sim, vamos sim — concordou Lupin com um ar severo.

— Vocês não... vocês não... — protestou Pettigrew voltando-se rapidamente para Ron. — Ron, não tenho sido um bom amigo para ti?... Um bom animal de estimação? Não vais deixá-los matarem-me, pois não? Estás do meu lado, não estás?

Mas Ron olhava fixamente para Pettigrew com uma enorme repulsa.

— E eu que te deixei dormir na minha cama! — exclamou.

— És um bom rapazinho... um bom dono... — Pettigrew rastejou até Ron. — Não vais deixar que eles me matem... eu era o teu rato... eu era um bom rato...

— O facto de teres sido melhor rato que homem não me parece um motivo para te vangloriares, Peter — disse Black com aspereza.

Ron, cada vez mais pálido de dor, afastou a perna partida do alcance de

Pettigrew, que se voltou e, ziguezagueando, agarrou a bainha da capa de Hermione.

— A menina, que é amável e inteligente... não vai deixá-los, pois não?... Ajude-me...

Hermione afastou a capa das mãos estendidas de Pettigrew e recuou até à parede, horrorizada.

Pettigrew ajoelhou-se, tremendo descontroladamente e, muito devagar, voltou a cabeça para Harry.

— Harry... Harry... és tão parecido com o teu pai... tal e qual...

— COMO TE ATREVES A FALAR COM O HARRY? — bradou Black. — COMO OUSAS ENCARÁ-LO? COMO TE ATREVES A FALAR DO JAMES NA SUA FRENTE?

— Harry! — murmurou Pettigrew, arrastando-se até junto dele com as mãos estendidas. — Harry, o James não deixaria que me matassem, o James teria compreendido, Harry... ter-me-ia perdoado.

Black e Lupin deram um passo em frente, agarraram Pettigrew pelos ombros e atiraram-no ao chão. Ele ficou a olhar para ambos, torcendo-se de medo.

— Vendeste a Lily e o James ao Voldemort — acusou-o Black, que também tremia. — És capaz de negar?

Pettigrew desatou a chorar. Era horrível assistir àquilo. Parecia um enorme bebé calvo, encolhido de medo no chão.

— Sirius, Sirius, o que querias que eu fizesse? O Senhor das Trevas... não fazes ideia... ele tem armas que tu nem imaginas... Eu estava apavorado, Sirius, nunca fui corajoso como vocês os três, eu não queria que aquilo acontecesse... Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado obrigou-me...

— NÃO MINTAS — bramiu Black. — UM ANO ANTES DA MORTE DA LILY E DO JAMES JÁ TU LHE PASSAVAS INFORMAÇÕES, ERAS SEU ESPÍÃO!

— Ele... ele dominava por todo o lado — balbuciou Pettigrew. — Qual a vantagem de nos opormos a ele?

— Qual a vantagem de nos opormos ao feiticeiro mais cruel que existiu até hoje? — cuspiu Black com a fúria estampada no rosto. — As vidas dos inocentes, Peter!

— Tu não compreendes! — choramingou Pettigrew. — Ele ter-me-ia morto, Sirius!

— ENTÃO, DEVIAS TER MORRIDO! — rugiu Black. — MORRIDO EM VEZ DE TRAIR OS TEUS AMIGOS, COMO NÓS TERÍAMOS FEITO POR TI!

Black e Lupin estavam lado a lado, de varinhas no ar.

— Devias ter calculado que se o Voldemort não te matasse, o faríamos

nós. Adeus, Peter.

Hermione tapou a cara com as mãos e voltou-se para a parede.

— NÃO! — gritou Harry. Avançou a correr e colocou-se na frente de Pettigrew, voltado para as varinhas. — Vocês não podem fazer isso, não podem.

Black e Lupin olharam-no, abismados.

— Harry, este verme foi o causador da morte dos teus pais — rosnou Black. — Este nojo suplicante ter-te-ia visto morrer sem mexer uma palha, ouviste bem o que ele disse? Salvar a pele foi mais importante para ele do que a vida de toda a tua família.

— Eu sei — afirmou Harry. — Vamos levá-lo para o castelo e entregá-lo aos Dementors. Ele que vá para Azkaban, mas não o matem.

— Harry! — balbuciou Pettigrew, lançando-lhe os braços em volta dos joelhos. — Tu... obrigado... eu não mereço tanto... obrigado...

— Largue-me — bradou Harry com desprezo, afastando as mãos de Pettigrew. — Não faço isto por si. Faço-o porque acho que o meu pai não ia querer que os seus melhores amigos se tornassem assassinos por sua causa.

Ninguém falou nem se mexeu a não ser Pettigrew que respirava ofegantemente e tinha o peito contraído. Black e Lupin olhavam um para o outro. Depois, com um movimento conjugado, baixaram as varinhas.

— Tu és a única pessoa que tem o direito de decidir — afirmou Black. — Mas pensa... pensa no que ele fez.

— Ele pode ir para Azkaban — repetiu Harry. — Se alguém merece estar naquele lugar, é ele.

Pettigrew continuava a arfar atrás de Harry.

— Muito bem — concordou Lupin. — Afasta-te, Harry.

Harry hesitou.

— Vou amarrá-lo — explicou Lupin. — Só isso, juro.

Harry saiu da frente. Várias cordas finas saltaram, desta vez da varinha de Lupin, e pouco depois Pettigrew contorcia-se no chão, atado e amordaçado.

— Mas se te transformares, Peter — rosnou Black, com a varinha apontada a Pettigrew —, matamos-te. Estás de acordo, Harry?

Harry olhou para a desprezível figura que se arrastava no chão e concordou com um gesto de cabeça, certificando-se de que Pettigrew o via.

— Certo — concordou Lupin com um ar activo. — Ron, eu não sei consertar ossos como a Madame Pomfrey, por isso acho melhor ligarmos-te a perna até podermos levar-te à enfermaria.

Dirigiu-se a Ron, inclinou-se, tocou-lhe com a varinha na perna e

murmurou: — *Ferula!* — Num segundo, a perna de Ron ficou cheia de ligaduras que a prendiam fortemente a uma tala. Lupin ajudou-o a pôr-se de pé e Ron passou cautelosamente o peso para a perna sem se retrair.

— Assim está melhor — disse. — Obrigado.

— E o professor Snape? — perguntou Hermione baixinho, olhando para o corpo de Snape de bruços no chão.

— Não é grave — assegurou Lupin, dobrando-se sobre ele e tomando-lhe o pulso. — Vocês deixaram-se levar um pouco pelo entusiasmo... Ele ainda está desmaiado. Hã... talvez seja melhor não o reanimarmos já e esperarmos até nos encontrarmos todos a salvo dentro do castelo, podemos transportá-lo assim...

Murmurou: — *Mobilicorpus*. — Como se fios invisíveis o prendessem pelos pulsos, pescoço e joelhos, Snape foi colocado numa posição erecta, a cabeça ainda a pender de forma desagradável como um grotesco boneco articulado. Elevou-se a alguns centímetros do chão, com os pés moles a balouçar. Lupin pegou no Manto da Invisibilidade e enfiou-o no bolso.

— E esta coisa devia ser algemada a dois de nós — sugeriu Black, tocando em Pettigrew com a biqueira do sapato. — Para maior segurança.

— Posso ser eu — ofereceu-se Lupin.

— E eu — prontificou-se Ron furioso, avançando a coxear.

Black fez aparecer umas algemas pesadas e pouco depois Pettigrew estava outra vez de pé, o braço esquerdo algemado ao braço direito de Lupin e o direito ao esquerdo de Ron, que ostentava um ar determinado. Parecia ter tomado a verdadeira identidade de *Scabbers* como um insulto pessoal. *Crookshanks* saltou com leveza da cama e conduziu-os para fora do quarto, erguendo no ar a sua longa cauda peluda.

XX

O BEIJO DO DEMENTOR

Harry nunca fizera parte de um grupo tão estranho. *Crookshanks* liderava o caminho pelas escadas abaixo. Lupin, Pettigrew e Ron iam atrás, parecendo concorrentes numa corrida de seis pernas. A seguir, ia o professor Snape, flutuando sinistramente, os pés a baterem em todos os degraus da escada, dominado pela sua própria varinha que lhe era apontada por Sirius. Harry e Hermione seguiam na retaguarda.

Foi difícil entrar ao túnel. Lupin, Pettigrew e Ron tiveram de se voltar de lado para conseguirem passar. Lupin continuava a apontar a varinha a Pettigrew. Harry podia vê-los a avançarem desajeitadamente em fila indiana ao longo do túnel. *Crookshanks* continuava a guiá-los.

Harry ia atrás de Sirius, que continuava a fazer Snape flutuar à frente. Snape não parava de bater com a cabeça bamba no tecto baixo do túnel e Harry teve a impressão de que Sirius não fazia o mínimo esforço para evitar que assim fosse.

— Sabes o que isto significa? — perguntou bruscamente a Harry, enquanto iam avançando devagarinho. — Entregar o Pettigrew?

— Que o senhor fica livre — respondeu Harry.

— Sim... — confirmou Sirius. — Mas eu sou também... não sei se alguém alguma vez te disse... eu sou teu padrinho.

— Sim, eu sei — disse Harry.

— Bem, os teus pais nomearam-me teu guardião — disse ele com um ar sério. — Se lhes acontecesse alguma coisa...

Harry ficou à espera. Queria Sirius dizer o que ele estava a pensar?

— Eu compreendo, claro, se quiseses ficar com a tua tia e com o teu tio — continuava Sirius. — Mas... bem... pensa nisso. Logo que o meu nome esteja limpo... se quiseses outro lar...

Harry sentiu uma explosão na boca do estômago.

— O quê, viver consigo? — exclamou, batendo sem querer com a cabeça numa rocha saliente do tecto. — Deixar os Dursley?

— Calculei que não irias querer — concluiu Sirius calmamente. — Eu compreendo. Só achei que...

— Está louco? — disse Harry com a voz tão rouca como a de Sirius. — É claro que quero deixar os Dursley. Tem uma casa? Quando posso mudar para lá?

Sirius voltou-se e olhou para ele. A cabeça de Snape arranhava o tecto, mas Sirius parecia não se importar.

— Tu queres? — perguntou. — Queres mesmo?

— É claro que quero — afiançou-lhe Harry.

O rosto descarnado de Sirius abriu-se no primeiro sorriso verdadeiro que Harry lhe conheceu. A diferença era atordoante, como se uma pessoa dez anos mais nova brilhasse através daquela máscara de fome. Por momentos, Harry reconheceu nele o homem que ria na fotografia do casamento dos seus pais.

Não voltaram a falar até chegarem ao fim do túnel. *Crookshanks* foi o primeiro a sair. Carregara, sem dúvida, com a pata no nó do tronco, porque Lupin, Pettigrew e Ron subiram sem que se ouvisse qualquer ruído de ramos em fúria.

Sirius fez Snape passar pela abertura e afastou-se depois para deixar passar Harry e Hermione. Finalmente encontravam-se todos cá fora.

Os campos estavam agora escuros. A única luz era a das janelas distantes do castelo. Sem uma palavra, continuaram a andar, com Pettigrew ainda a arfar e choramingar. A cabeça de Harry estava numa roda-viva. Ia deixar os Dursley! Ia viver com Sirius Black, o melhor amigo dos seus pais... sentia-se desorientado. O que sucederia quando dissesse aos Dursley que ia viver com um cadastrado que eles tinham visto na televisão?

— Um gesto que seja, Peter — ameaçou Lupin com a varinha apontada de forma ameaçadora ao peito de Pettigrew.

Atravessaram os campos em silêncio. As luzes do castelo iam ficando cada vez maiores e Snape ainda caminhava estranhamente à deriva na frente de Sirius, com o queixo a bater-lhe no peito. E foi então que...

Uma nuvem avançou e sombras indistintas espalharam-se pelo chão. O grupo fora banhado pelo luar.

Snape chocou com Lupin, Pettigrew e Ron, que tinham parado bruscamente. Sirius ficou imóvel, pondo o braço no ar para fazer parar Harry e Hermione.

Harry viu a silhueta de Lupin tornar-se rígida e os membros começarem a tremer.

— Oh! Não — balbuciou Hermione. — Ele não tomou a poção esta noite. Não está livre de...

— Fugam — murmurou Sirius. — Fugam, já!

Mas Harry não podia fugir. Ron estava acorrentado a Pettigrew e a Lupin. Deu um salto em frente, mas Sirius empurrou-o.

— Deixa isto comigo, FOGUE!

Ouviram-se um rosnado terrível. A cabeça de Lupin alongava-se, assim como o seu corpo. Os ombros tornavam-se arqueados, o pêlo nascia-lhe na cara e nas mãos que se dobravam em forma de patas com garras. O pêlo de *Crookshanks* estava outra vez eriçado e ele recuava...

Ao mesmo tempo que o lobisomem se erguia nas patas traseiras, abrindo e fechando as suas grandes mandíbulas, Sirius também desaparecia. Tinha-se transformado. O enorme cão que parecia um urso saltou para a frente.

Quando o lobisomem se libertou das algemas que o prendiam, o cão agarrou-o pelo pescoço e puxou-o para longe de Ron e Pettigrew.

Abocanhavam-se um ao outro, rasgando-se mutuamente com as garras.

Harry ficou petrificado com aquela visão, demasiado absorvido pela luta para reparar no resto. Foi o grito de Hermione que o alertou.

Pettigrew mergulhara em direcção à varinha caída de Lupin. Ron, instável devido à perna cheia de ligaduras, caiu. Ouviram-se um estrondo, viu-se um clarão e Ron ficou ali estendido, imóvel. Outro estrondo e *Crookshanks* foi pelos ares, vindo cair com toda a força no meio do campo.

— *Expelliarmus!* — bradou Harry, apontando a sua varinha a Pettigrew. A varinha de Lupin subiu no ar e desapareceu. — Não se mexa! — gritou Harry, começando a correr para ele.

Tarde de mais. Pettigrew transformara-se. Harry viu a sua cauda pelada libertar-se da alga que o ligava a Ron e ouviu o som da sua fuga precipitada pela relva fora.

Houve um uivo e uma rosnadela funda. Harry voltou-se e viu o lobisomem a galopar, veloz, em direcção à floresta...

— Sirius, ele fugiu. O Pettigrew transformou-se — gritou Harry.

Sirius estava a sangrar. Tinha golpes fundos no focinho e no dorso, mas, ao ouvir as palavras de Harry, levantou-se e, num segundo, o som das suas patas desaparecia no silêncio, enquanto atravessava os campos velozmente.

Harry e Hermione precipitaram-se para Ron.

— O que é que ele lhe fez? — murmurou ela. Os olhos de Ron estavam semicerrados, a boca aberta. Estava vivo, sem sombra de dúvida, ouviam-no respirar, mas parecia, não os reconhecer.

— Não sei.

Harry olhou em volta, aflito. Black e Lupin tinham-se ido ambos

embora... tinham apenas por companhia Snape que ainda pairava no ar, inconsciente.

— É melhor levarmo-los para o castelo e contar a alguém — sugeriu Harry, afastando o cabelo dos olhos e tentando alinhar os pensamentos. — Anda...

Porém, nesse instante ouviu-se na escuridão um latido, um ganido, um cão ferido, com dores.

— Sirius! — murmurou Harry, olhando fixamente a noite escura.

Teve uma breve indecisão, mas, de momento, não havia nada que pudessem fazer por Ron e aquele som indicava que Black precisava de ajuda.

Harry desatou a correr com Hermione atrás dele. Os latidos pareciam vir de junto do lago. Precipitaram-se para lá e Harry, correndo o mais depressa que podia, sentiu aquele frio sem se aperceber do seu significado...

Os latidos pararam bruscamente e, ao chegarem à margem do lago, perceberam porquê. Sirius transformara-se de novo em homem. Estava de gatas com as mãos sobre a cabeça.

— Naaaão — gemia. — Naaaão, por favor...

E, então, Harry viu-os, os Dementors. Eram pelo menos cem, deslizando numa massa negra em volta do lago em direcção a eles. Deu meia volta, sentindo já aquele frio que conhecia tão bem e que penetrava no seu interior ao mesmo tempo que uma névoa lhe obscurecia a visão. Mais Dementors surgiam agora de todos os lados, rodeando-os na escuridão da noite.

— Hermione, pensa em qualquer coisa feliz! — gritou Harry, erguendo a varinha com os olhos a piscarem furiosamente numa tentativa de aclarar a visão e abanando a cabeça para a libertar dos gritos que começavam a invadi-la.

— *Vou viver com o meu padrinho e deixar os Dursley.*

Fez um esforço para pensar em Sirius e só em Sirius e começou a dizer:

— *Expecto patronum! Expecto patronum!*

Black estremeceu, rolou pelo chão e ficou imóvel, pálido como a morte.

— *Ele vai ficar bom. Eu vou viver com ele.*

— *Expecto patronum! Hermione, ajuda-me! Expecto patronum!*

— *Expecto* — murmurou Hermione. — *Expecto, expecto...*

Mas ela não conseguia. Os Dementors aproximavam-se. Estavam a cerca de três metros de distância, formando uma parede sólida em volta deles, cada vez mais perto...

— *EXPECTO PATRONUM!* — gritou Harry, tentando abafar o grito que lhe enchia os ouvidos. — *EXPECTO PATRONUM!*

Uma leve fita prateada saltou da sua varinha e ficou a pairar como neblina na frente dele. Nesse mesmo momento, Harry viu Hermione desmaiar ao seu lado. Estava só... completamente só.

— *Expecto... expecto patronum.*

Sentiu os joelhos baterem na relva gelada. A névoa turvava-lhe os olhos. Com um tremendo esforço, tentou lembrar-se, Sirius estava inocente, inocente. — *Vamos salvar-nos, eu vou viver com ele!*

— *Expecto patronum* — insistiu.

Iluminado pela luz fraca do seu Patronus indistinto, viu um Dementor parar muito perto dele. Não conseguia atravessar a nuvem de neblina prateada que Harry fizera aparecer. Uma mão viscosa deslizou sob o manto e fez o gesto de varrer o Patronus.

— Não, não — balbuciou Harry. — Ele está inocente... *Expecto... expecto patronum...*

Harry sentia que eles o observavam e ouvia a sua respiração ruidosa como um vento maligno que o envolvia. O Dementor que se encontrava mais perto dele parecia tê-lo em vista. A certa altura, ergueu as duas mãos podres e baixou o capuz.

No lugar dos olhos havia apenas uma pele cinzenta cicatrizada, esticada sobre as órbitas vazias. Mas tinha uma boca... um buraco escancarado e sem forma, que sugava o ar com um ruído de morte.

Harry foi tomado de um terror paralisante que o deixou incapaz de falar e de se mexer. O seu Patronus tremeluziu e morreu.

Uma neblina esbranquiçada começava a cegá-lo. Tinha de lutar... *expecto patronum...* não via nada e ouviu ao longe a voz já familiar, gritando... *expecto patronum...* tateou na névoa à procura de Sirius e encontrou o seu braço... não iam levá-lo...

Nisto, um par de mãos fortes e pegajosas agarrou Harry pelo pescoço. Puxava-lhe o rosto para cima... Podia sentir-lhe o hálito pútrido... Ia ver-se livre dele primeiro... A voz da mãe gritava-lhe aos ouvidos... Ia ser a última coisa que ele ia ouvir.

E então, por entre a névoa que o estava a afogar, pareceu-lhe ver uma luz prateada, brilhando cada vez mais e deu por si a cair na relva.

De bruços, demasiado fraco para se mexer, enjoado e trémulo, Harry abriu os olhos. A luz ofuscante iluminava a relva em seu redor. Os gritos tinham parado, o frio estava a desaparecer...

Algo afastara dali os Dementors e andava à volta dele, de Sirius e de Hermione. Os sons mortíferos e sugadores dos Dementors esbatiam-se aos poucos... Partiam... O ar ficou de novo quente.

Com todas as forças que conseguiu reunir, Harry ergueu um pouco a

cabeça e viu que, no meio da luz, um animal atravessava o lago a galope. Com os olhos embaciados pela humidade, tentou perceber de que animal se tratava. Era brilhante como um unicórnio.

Lutando para se manter consciente, Harry viu-o abrandar e parar ao chegar à margem oposta. Por momentos, iluminado pelo seu brilho, viu alguém que lhe dava as boas-vindas, erguendo a mão para o acariciar com uma palmadinha... alguém que lhe era estranhamente familiar... mas não podia ser...

Harry não compreendia nada. Não era capaz de pensar mais. As forças abandonaram-no e desmaiou, batendo com a cabeça no chão.

XXI

O SEGREDO DE HERMIONE

— Uma história impressionante... impressionante, foi um milagre nenhum deles ter morrido... nunca ouvi nada assim, com os diabos, foi uma sorte você estar por perto, Snape...

— Obrigado, Senhor Ministro.

— Vão certamente condecorá-lo com a Ordem de Merlim, segunda classe. Primeira classe, se eu o conseguir!

— Muito obrigado, Senhor Ministro.

— Que ferida é esta que você tem aqui... obra do Black, imagino?

— Na verdade, foram o Potter, o Weasley e a Granger, Senhor Ministro.

— Não!

— O Black enfeitiçou-os, eu percebi logo. Um Encantamento Confundus, a avaliar pelo comportamento deles. Pareciam acreditar na possibilidade de ele estar inocente. Não eram responsáveis pelos seus próprios actos. Por outro lado, a interferência deles permitiu que o Black escapasse... devem ter pensado que eram capazes de o capturar sozinhos. Têm-se livrado de muitas situações de perigo até agora, receio bem que isso os tenha tornado bastante convencidos e, é claro, o director tem sempre dado ao Harry grandes liberdades...

— Bem, Snape... o Harry Potter... todos nós fechamos um pouco os olhos quando se trata dele...

— E eu pergunto-me, será bom para o Harry ter um tratamento assim tão especial? Pessoalmente, tento lidar com ele como com qualquer outro aluno. E outro aluno qualquer seria, no mínimo, suspenso por levar os amigos a exporem-se a tamanho perigo. Veja bem, Senhor Ministro: contra todas as regras da escola, depois de todas as precauções que foram tomadas para sua própria segurança, na zona proibida, à noite, acompanhado de um lobisomem e de um assassino e, além de tudo isto, tenho motivos para

suspeitar de que ele também tem ido ilegalmente a Hogsmeade.

— Bem, bem... veremos, Snape, veremos... o rapaz, indubitavelmente, tem feito disparates...

Harry, deitado, de olhos fechados, ouvia tudo. Sentia-se tonto. As palavras que escutava pareciam fazer muito lentamente o percurso dos ouvidos até ao cérebro, tornando-lhe difícil a sua compreensão. Os membros pareciam de chumbo, as pálpebras estavam pesadas, difíceis de levantar... queria ficar ali, naquela cama confortável, para sempre...

— O que mais me espanta é o comportamento dos Dementors... você não faz mesmo ideia do que os terá afugentado, Snape?

— Não, Senhor Ministro. Quando recuperei os sentidos, eles encaminhavam-se para os seus postos nas diversas entradas dos campos.

— Incrível. E o Black, o Harry e a garota...

— Todos inconscientes quando os alcancei. Amarrei e amordacei o Black, claro. Fiz aparecer macas e trouxe-os imediatamente para o castelo.

Fez-se uma pausa. O cérebro de Harry parecia andar um pouco mais depressa e, enquanto isso acontecia, uma moinha crescia-lhe na boca do estômago.

Abriu os olhos.

Tinham-lhe tirado os óculos. Estava tudo desfocado na sombria enfermaria. Mesmo ao fundo da sala conseguia distinguir Madame Pomfrey, voltada de costas e inclinada sobre uma cama. Espreitou. O cabelo avermelhado de Ron era visível por baixo do braço da enfermeira-chefe.

Harry voltou a cabeça na almofada. À sua direita estava Hermione. O luar inundava-lhe a cama. Tinha também os olhos abertos e parecia petrificada. Quando o viu, levou um dedo aos lábios, fazendo-lhe sinal para que se mantivesse em silêncio e apontou para a porta da enfermaria, que estava entreaberta. As vozes de Snape e Cornelius Fudge faziam-se ouvir, vindas do corredor.

Madame Pomfrey vinha a andar rapidamente pela sala escura em direcção à cama de Harry. Ele voltou-se para a observar. Trazia consigo a maior barra de chocolate que ele alguma vez vira. Parecia um pedregulho.

— Ah, estás acordado! — disse vivamente. Colocou a barra de chocolate na mesinha-de-cabeceira de Harry e começou a parti-la com um pequeno martelo. — Como está o Ron? — perguntaram Harry e Hermione ao mesmo tempo.

— Vai ficar bom — sossegou-os Madame Pomfrey com um ar sério. — Quanto a vocês os dois... vão ficar aqui enquanto eu achar conveniente... Potter, que estás tu a fazer?

Harry sentava-se, punha os óculos e pegava na varinha.

— Tenho de falar com o director — afirmou.

— Potter — bradou Madame Pomfrey com voz aguda —, está tudo bem, eles levaram o Black e prenderam-no lá em cima. Os Dementors devem estar quase a dar-lhe o Beijo.

— O QUÊ?

Harry saltou da cama. Hermione fez o mesmo, mas o grito ouvira-se no corredor e, em menos de um segundo, Cornelius Fudge e Snape entravam na enfermaria.

— Harry, Harry, o que é isso? — indagou Fudge com um ar agitado. — Devias estar na cama. Ele já comeu o chocolate? — perguntou ansiosamente a Madame Pomfrey.

— Senhor Ministro, ouça! — pediu Harry. — O Sirius Black está inocente. O Peter Pettigrew simulou a sua própria morte, nós vimo-lo hoje, não pode deixar os Dementors fazerem aquilo ao Sirius, ele...

Mas Fudge abanava a cabeça com um pequeno sorriso no rosto.

— Harry, Harry, estás muito confuso, passaste por uma prova terrível. Deita-te outra vez, está tudo sob controlo.

— NÃO ESTÁ! — gritou Harry. — VOCÊS TÊM O HOMEM ERRADO!

— Senhor Ministro, ouça, por favor — interveio Hermione, que tinha chegado junto de Harry e olhava, implorante, para Fudge. — Eu também o vi. Era o rato do Ron, ele é um Animagus, o Pettigrew e...

— Está a ver, Senhor Ministro? — disse Snape. — Estão os dois confusos... O Black fez um bom trabalho com ambos...

— NÓS NÃO ESTAMOS CONFUSOS — berrou Harry.

— Senhor Ministro! Professor! — interrompeu Madame Pomfrey, zangada. — Tenho de vos pedir aos dois que saiam. O Potter é meu doente e não pode ser perturbado!

— Eu não estou perturbado, estou a tentar contar-lhes o que aconteceu! — insistia Harry furioso. — Se eles, pelo menos, ouvissem...

Mas Madame Pomfrey enfiou rapidamente um pedaço de chocolate na boca de Harry. Ele ficou sem fala e ela aproveitou a oportunidade para o obrigar a meter-se outra vez na cama.

— Agora, por favor, Senhor Ministro, estas crianças precisam de se tratar, queira sair...

A porta abriu-se de novo. Era Dumbledore. Harry engoliu com grande dificuldade o chocolate que tinha na boca e levantou-se.

— Professor Dumbledore, o Sirius Black...

— Com os diabos! — disse Madame Pomfrey histericamente. — Isto é uma enfermaria, ou não? Senhor Director, tenho de insistir...

— Mil desculpas, Poppy, mas preciso de uma palavrinha com Mr. Potter e Miss Granger — explicou calmamente Dumbledore. — Tenho estado a falar com o Sirius Black...

— Imagino que lhe contou a mesma história da carochinha que meteu na cabeça do Potter! — disse Snape. — Sobre um rato e o Pettigrew estar vivo...

— Essa é, de facto, a história do Black — respondeu Dumbledore, observando de perto Snape através dos seus óculos de meia-lua.

— E a minha palavra não conta como prova? — perguntou Snape com rispidez. — O Peter Pettigrew não estava na Cabana dos Gritos nem vi qualquer sinal dele nos campos.

— Isso foi porque o senhor estava desmaiado, Professor — contrapôs Hermione. — Não chegou a tempo de ouvir...

— Miss Granger, CALE A BOCA!

— Ora, Snape — disse Fudge, surpreendido. — A garota está perturbada, é preciso dar o desconto...

— Eu gostaria de falar a sós com o Harry e a Hermione — repetiu Dumbledore bruscamente. — Cornelius, Severus, Poppy, deixem-nos agora.

— Senhor Director! — exclamou atabalhoadamente Madame Pomfrey. — Eles precisam de tratamento e de repouso...

— Isto não pode esperar! — insistiu Dumbledore.

Madame Pomfrey fez uma expressão de aborrecimento e dirigiu-se ao seu gabinete, ao fundo da enfermaria, fechando a porta com força atrás de si. Fudge consultou o grande relógio de ouro que balouçava preso ao seu colete.

— Os Dementors já devem ter chegado — comunicou. — Vou ao encontro deles, Dumbledore, vemo-nos lá em cima.

Saiu e segurou a porta para Snape, mas ele não se mexeu.

— Não me diga que vai acreditar na história do Black? — murmurou com os olhos fixos no rosto de Dumbledore.

— Quero falar com o Harry e a Hermione a sós — repetiu o director.

Snape deu um passo em direcção a ele.

— O Sirius Black mostrou que era capaz de praticar um crime quando tinha dezasseis anos de idade — balbuciou. — Não se esqueceu disso, pois não, Senhor Director? Não se esqueceu de que ele me tentou matar, pois não?

— A minha memória continua a ser tão boa como sempre, Severus — afirmou Dumbledore calmamente.

Snape deu meia volta e saiu pela porta que Fudge continuava a segurar.

Mal esta se fechou, Dumbledore voltou-se para Harry e Hermione, que começaram a falar ao mesmo tempo.

— Professor, o Black está a dizer a verdade, nós *vimos* o Pettigrew...

— Ele fugiu quando o professor Lupin se transformou em lobisomem.

— Ele é um rato...

— A pata da frente do Pettigrew, quero dizer, o dedo, foi cortado...

— Foi o Pettigrew quem atacou o Ron, não foi o Sirius...

Dumbledore, porém, levantou a mão para pôr fim àquele caudal de explicações.

— É a vossa vez de ouvir e peço-vos que não me interrompam, porque tenho muito pouco tempo — disse com calma. — Não há a mais ínfima prova que possa sustentar a história do Black a não ser a vossa palavra. E a palavra de dois feiticeiros de treze anos de idade não convencerá ninguém. Uma rua cheia de testemunhas oculares jurou ter visto o Sirius matar o Pettigrew. Eu próprio testemunhei perante o Ministro em como o Sirius fora o Guardador Secreto dos Potter.

— O professor Lupin pode confirmar... — respondeu Harry, incapaz de ficar calado.

— O professor Lupin, neste momento, encontra-se no meio da Floresta, incapaz de dizer seja o que for. Quando voltar à forma humana, será demasiado tarde, Sirius estará pior que morto. Devo acrescentar que os lobisomens são olhados com tanta desconfiança pela maior parte dos feiticeiros que a sua palavra pesará muito pouco. E o facto de ele e Sirius serem velhos amigos...

— Mas...

— Ouve, Harry. É tarde de mais, compreendes? Tens de reconhecer que a versão dos factos dada pelo professor Snape é, de longe, mais convincente do que a tua.

— Ele odeia o Sirius — interveio Hermione, desesperada. — Tudo por causa de uma partida estúpida que o Sirius lhe pregou...

— O Sirius não agiu como um homem inocente. O ataque à Dama Gorda e a entrada na torre dos Gryffindor com uma faca... Sem o Pettigrew, vivo ou morto, não temos possibilidade de lhe comutar a pena.

— Então o senhor acredita em nós.

— Acredito, sim — disse calmamente Dumbledore. — Mas não tenho poder para fazer os outros homens verem a verdade nem para prevalecer sobre o Ministro da Magia...

Harry olhou para o rosto sério do director e sentiu o chão fugir-lhe debaixo dos pés. Crescera alimentando a ideia de que Dumbledore podia resolver tudo. Esperava que ele fizesse surgir uma solução qualquer. Mas

não... a sua última esperança dissipava-se.

— Do que nós precisamos — explicou Dumbledore lentamente, e os seus olhos azul-claros saltaram de Harry para Hermione — é de mais *tempo!*

— Mas... — começou Hermione e os seus olhos abriram-se de espanto. — Oh!

— Prestem atenção! — disse Dumbledore, falando baixo e de forma muito explícita. — O Sirius está fechado no gabinete do professor Flitwick, no sétimo andar. A décima terceira janela a contar da direita da torre Oeste. Se tudo correr bem, vocês vão poder salvar mais do que uma vida inocente. Mas lembrem-se disto os dois, *ninguém vos pode ver*. Miss Granger, a menina conhece a lei, sabe o que está em jogo... ninguém vos pode ver.

Harry não estava a perceber nada. Dumbledore rodou nos calcanhares e, ao chegar à porta, olhou para trás.

— Vou fechar-vos cá dentro. São — consultou o relógio — cinco para a meia-noite. Três voltas deve ser o suficiente, Miss Granger. Boa sorte.

— Boa sorte? — repetiu Harry, enquanto a porta se fechava atrás de Dumbledore. — Três voltas, de que é que ele está a falar? O que é que nós temos de fazer?

Mas Hermione estava atrapalhada com o decote do manto, tirando lá de dentro uma corrente de ouro, longa e fina.

— Harry, vem cá — disse com impaciência. — *Depressa*.

Harry aproximou-se dela, completamente desorientado. Hermione tinha na mão uma corrente da qual pendia uma ampolheta pequenina e brilhante.

— Olha...

Lançou a corrente também em volta do pescoço de Harry.

— Pronto? — perguntou ansiosa.

— Que vamos fazer? — perguntou ele, totalmente perdido.

Hermione voltou a ampolheta ao contrário três vezes.

A enfermaria escura dissolveu-se. Harry teve a sensação de voar, muito depressa, para trás. Uma vertigem de cores e formas passou por ele. Sentia um martelar nos ouvidos. Tentou gritar, mas não conseguia ouvir a sua própria voz.

E, então, sentiu a terra firme debaixo dos seus pés e tudo voltou a ficar nítido.

Estava de pé, junto de Hermione, no *Hall* de Entrada, vazio, e uma réstia de luz dourada enchia o pavimento, vinda das portas da frente, que se encontravam abertas. Olhou desvairado para Hermione com a corrente da ampolheta a vincar-lhe o pescoço.

— Hermione, o que é que...?

— Anda cá. — Hermione pegou-lhe no braço e arrastou-o até à arrecadação onde estavam as vassouras. Abriu-a, empurrou-o lá para dentro, para o meio dos baldes e das esfregonas, entrou e bateu com a porta.

— O que... como é que... o que é que aconteceu?

— Voltámos atrás no tempo — murmurou ela no escuro, retirando a corrente do pescoço de Harry. — Três horas...

Harry deu na sua própria perna um beliscão que lhe doeu imenso e que afastou por completo a possibilidade de tudo aquilo não passar de um sonho muito esquisito.

— Mas...

— Cala-te! Escuta. Vem aí alguém. Acho... acho que podemos ser nós! Hermione tinha o ouvido encostado à porta da arrecadação.

— Passos no *Hall*, sim, acho que somos nós a descer para ir à cabana do Hagrid.

— Estás a dizer-me — murmurou Harry — que estamos aqui, nesta arrecadação, e ali fora também?

— Sim — respondeu ela com o ouvido ainda colado à porta. — Tenho a certeza de que somos nós... não parecem ser mais que três pessoas... e vamos a andar lentamente porque estamos cobertos pelo Manto da Invisibilidade...

Calou-se, continuando a escutar com toda a atenção.

— Descemos agora os degraus da entrada. — Hermione sentou-se num balde voltado ao contrário. Com um ar ansioso e desesperado, Harry queria ver respondidas algumas das suas perguntas.

— Onde arranjaste essa ampulheta?

— Chama-se um Vira-Tempo — murmurou Hermione — e foi a professora McGonagall quem mo deu no nosso primeiro dia de aulas. Tenho-o usado durante o ano inteiro. A professora fez-me jurar que não contava a ninguém. Teve de escrever uma série de cartas ao Ministério da Magia para conseguir um para mim. Teve de lhes dizer que eu era uma estudante-modelo e que nunca o usaria para nada a não ser para os meus estudos... tenho-me servido dele para conseguir assistir a todas as aulas, percebes? Mas, sabes Harry, não compreendo o que o Dumbledore quer que nós façamos. Por que nos terá mandado voltar atrás três horas? Em que poderá isso ajudar o Sirius?

Harry olhou fixamente para o rosto preocupado de Hermione.

— Deve ter acontecido qualquer coisa que ele quer que alteremos — disse lentamente. — Ora vejamos, nós íamos a caminho da cabana do Hagrid há três horas...

— Estamos três horas atrás e vamos a caminho da cabana do Hagrid — corrigiu Hermione. — Acabámos de nos ouvir a sair...

Harry franziu a testa. Sentiu como se o seu cérebro se contraísse com a concentração.

— O Dumbledore disse que nós podíamos salvar mais do que uma vida inocente... — e foi então que descobriu. — Hermione, vamos salvar o *Buckbeak*.

— Mas, como é que isso vai ajudar o Sirius?

— O Dumbledore disse... disse-nos onde era a janela do gabinete do Flitwick onde o Sirius se encontra fechado! Temos de voar às costas do *Buckbeak* até essa janela e tirar de lá o Sirius. Ele pode fugir com o *Buckbeak*... podem fugir os dois juntos!

Pelo que Harry pôde depreender da expressão de Hermione, ela estava apavorada.

— Se conseguirmos fazer isso sem que ninguém nos veja, será um milagre.

— Bem, temos de tentar, não achas? — disse Harry que se levantou e encostou o ouvido à porta.

— Parece que não está ninguém, vamos...

Harry abriu a porta da arrecadação. O *Hall* estava deserto. O mais silenciosa e rapidamente que lhes foi possível, saíram da arrecadação e desceram os degraus de pedra. As sombras começavam a aumentar e as copas das árvores na Floresta Proibida brilhavam mais uma vez como se fossem de ouro.

— Se alguém está à janela... — guinchou Hermione, olhando para o castelo atrás deles.

— Corremos a toda a velocidade — disse Harry determinado. — Até à Floresta, está bem? Temos de nos esconder atrás de uma árvore e ficar à espreita...

— Sim, mas damos a volta pelas estufas! — impôs Hermione sem fôlego. — Temos de estar fora do alcance da porta da frente do Hagrid, senão ver-nos-emos a nós próprios. Devemos estar quase a chegar a casa dele.

Ainda às voltas para tentar perceber o que ela dizia, Harry começou a correr, seguido por Hermione. Passaram pelas hortas, pelas estufas, descansaram um pouco e voltaram a correr, o mais depressa que podiam, evitando o Salgueiro Zurzidor e precipitando-se para a orla da Floresta.

Sob a protecção da sombra das árvores, Harry voltou-se. Pouco depois, Hermione alcançava-o, ofegante.

— Pronto! — exclamou. — Temos de nos esgueirar até à cabana do

Hagrid. Mantém-te longe da vista deles, Harry.

Avançaram em silêncio, através do arvoredo, sempre pela orla da Floresta. Quando avistaram a parte da frente da casa de Hagrid, ouviram bater à porta. Esconderam-se rapidamente atrás do tronco de um grande carvalho e espreitaram de ambos os lados. Hagrid abrira a porta, pálido e a tremer, olhando em volta para descobrir quem tinha batido e Harry ouviu a sua própria voz.

— Somos nós. Estamos sob o Manto da Invisibilidade. Deixa-nos entrar para o podermos tirar.

— Vocês não deviam ter vindo! — murmurou Hagrid, mas recuou e fechou rapidamente a porta.

— Esta é a coisa mais estranha que alguma vez fizemos — declarou Harry veementemente.

— Vamos avançar um bocadinho — murmurou Hermione. — Temos de nos aproximar do *Buckbeak*!

Arrastaram-se pelo meio das árvores até que viram o nervoso hipogrifo amarrado à vedação que rodeava a horta das abóboras de Hagrid.

— Agora? — perguntou Harry num murmúrio.

— Não — disse Hermione. — Se o levarmos agora, os tipos da Comissão vão pensar que o Hagrid o libertou. Temos de esperar até eles o terem visto amarrado cá fora!

— Isso dá-nos cerca de sessenta segundos — disse Harry. Aquilo começava a parecer impossível.

Nesse momento, ouviu-se o ruído de loiça a partir-se dentro da cabana

— É o Hagrid a partir a leiteira — murmurou Hermione. — Dentro de alguns momentos, vou encontrar o *Scabbers*...

E assim foi. Pouco depois, ouviu-se o grito de surpresa de Hermione.

— Hermione — disse Harry bruscamente. — E se nós entrássemos a correr e agarrássemos o Pettigrew?

— Não! — exclamou ela num murmúrio horrorizado. — Não estás a perceber? Estamos a quebrar uma das mais importantes leis da feitiçaria! Ninguém deve alterar o tempo. Ninguém! Ouviste o que disse o Dumbledore, se nos virem...

— Só seríamos vistos por nós próprios e pelo Hagrid.

— Harry, o que achas tu que farias se te viesses entrar a ti próprio pela casa do Hagrid adentro? — perguntou Hermione.

— Eu... eu... pensava que tinha ficado maluco — disse Harry — ou que alguém tinha feito Magia Negra...

— *Precisamente*. Não compreendias nada e podias até atacar-te a ti próprio. A professora McGonagall contou-me as coisas terríveis que

sucederam quando os feiticeiros interferiram com o tempo... muitos deles acabaram por matar por engano o seu eu do passado ou do futuro!

— Está certo — concordou Harry. — Era só uma ideia. Pensei que...

Mas Hermione deu-lhe uma cotovelada e apontou para o castelo. Harry desviou a cabeça alguns centímetros para ter uma visão mais nítida das portas lá ao longe. Dumbledore, Fudge, o velhote da Comissão e Macnair, o carrasco, vinham a descer os degraus.

— Estamos quase a aparecer — disse Hermione.

E, de facto, assim foi. Pouco depois, a porta das traseiras de Hagrid abria-se e Harry viu-se a si próprio, a Ron e a Hermione a saírem lá de dentro acompanhados de Hagrid. Era, sem dúvida, a sensação mais estranha de toda a sua vida, estar atrás de uma árvore a ver-se a si próprio na horta das abóboras.

— ‘Tá tudo bem, *Beaky*, ‘tá tudo bem — dizia Hagrid a *Buckbeak* e, em seguida, voltou-se para Harry, Ron e Hermione. — Vão-se embora, vão...

— Hagrid não podemos...

— Vamos dizer-lhes o que realmente aconteceu...

— Eles não podem matá-lo...

— Vão. As coisas já são bastante más sem vocês se meterem em problemas.

Harry viu a Hermione da horta das abóboras lançar o Manto da Invisibilidade sobre ele e Ron.

— Vão depressa, não fiquem a ouvir...

Ouviu-se bater na porta da frente da cabana. O grupo da execução tinha chegado. Hagrid voltou-se e entrou novamente em casa, deixando a porta de trás entreaberta. Harry viu a relva achatar-se em volta da cabana e ouviu três pares de pés a afastarem-se. Ele, Ron e Hermione tinham-se ido embora, mas o Harry e a Hermione escondidos atrás das árvores podiam agora ouvir através da porta das traseiras o que se passava dentro da cabana.

— Onde está o monstro? — perguntava a voz fria de Macnair.

— Lá... fora — proferia Hagrid em voz rouca.

Harry escondeu a cabeça, quando o rosto de Macnair apareceu à janela de Hagrid, olhando para *Buckbeak*. Depois ouviu Fudge.

— Nós... hã... temos de te ler a nota oficial de execução, Hagrid. Vou ser breve e a seguir tu e o Macnair têm de assinar. Macnair, tu também deves ouvir, é a regra...

O rosto de Macnair desapareceu da janela. Era agora ou nunca.

— Espera aqui — murmurou Harry a Hermione —, eu vou lá.

Quando voltou a ouvir a voz de Fudge, Harry saiu disparado detrás da

árvore, saltou a vedação para a horta das abóboras e aproximou-se de *Buckbeak*.

«Foi decidido pela Comissão Para A Destruição Das Criaturas Perigosas que o hipogrifo aqui presente, tendo sido condenado, seja executado no dia 6 de Junho ao pôr do Sol...

Com todo o cuidado para não pestanejar, Harry olhou mais uma vez para os olhos alaranjados e ferozes de *Buckbeak* e fez uma vénia. *Buckbeak* baixou os seus joelhos escamosos e voltou a erguer-se. Harry começou a tentar desajeitadamente desamarrar a corda que o prendia à vedação.

«... Condenado a ser decapitado pelo carrasco nomeado pela Comissão, o aqui presente Walden Macnair...

— Vem, *Buckbeak* — murmurou Harry. — Vem, nós vamos ajudar-te. Com calma, com calma...

«... Testemunhado por, Hagrid, assina aqui...

Harry puxou a corda com toda a força, mas *Buckbeak* tinha-se firmado nas patas da frente.

— Bem, vamos lá acabar com isto — disse a voz expedita do membro da Comissão, dentro da cabana de Hagrid. — Hagrid, talvez seja melhor ficares cá dentro...

— Não, eu quero ‘tar com ele... não quero qu’ele ‘teja sozinho...

Ouviu-se um ruído de passos dentro da cabana.

— *Buckbeak*, vem! — implorou Harry, puxando com força a corda que lhe rodeava o pescoço. O hipogrifo começou a andar, batendo as asas de irritação. Estavam ainda a três metros da Floresta, totalmente ao alcance da vista de quem os espreitasse da porta das traseiras da cabana de Hagrid.

— Um momento, por favor, Macnair — ouviu-se a voz de Dumbledore. — Você também tem de assinar. — Os passos cessaram. Harry deu um puxão à corda. *Buckbeak* deu um estalido com o bico e andou um pouco mais depressa.

A cara pálida de Hermione espreitava detrás de uma árvore.

— Harry, depressa — avisou.

Harry podia ouvir a voz de Dumbledore dentro da cabana. Deu outro esticão à corda. *Buckbeak* trotava contra vontade. Tinham chegado às árvores...

— Rápido! Rápido — gesticulava Hermione, saindo detrás da árvore, pegando na corda e ajudando com a sua força, para fazer *Buckbeak* andar mais depressa. Harry espreitava por cima do ombro. Estavam agora ocultos. Já não se avistava o quintal de Hagrid.

— Pára — murmurou para Hermione. — Eles podem ouvir-nos.

A porta da cabana de Hagrid abriu-se num estrondo. Harry, Hermione e

Buckbeak ficaram estáticos. Até o hipogrifo parecia estar a ouvir atentamente. Houve um silêncio e depois...

— Onde está ele? — disse a voz vacilante do velhote da Comissão. — Onde está o monstro?

— Estava aqui amarrado! — respondeu o carrasco, furioso. — Eu vi-o, aqui mesmo!

— Que esquisito! — exclamou Dumbledore. Havia na sua voz uma nota de ironia.

— *Beaky!* — exclamou Hagrid com voz rouca.

Ouviu-se um silvo cortar o ar e o ruído surdo de um machado. O carrasco parecia tê-lo enterrado na vedação, enraivecido. E a seguir ouviram-se uma espécie de uivos. Desta vez conseguiram perceber as palavras de Hagrid por entre os soluços.

— Fugiu! Fugiu! Abençoado seja o seu bico, ele fugiu! Deve ter conseguido libertar-se sozinho! *Beaky*, seu espertalhão!

Buckbeak começou a esticar a corda para ir ter com Hagrid. Harry e Hermione apertaram mais e enterraram os calcanhares no chão da floresta para conseguir travá-lo.

— Alguém o desamarrou! — repontara o carrasco. — Devíamos fazer uma batida nos campos, na Floresta...

— Macnair, se o *Buckbeak* foi, de facto, raptado, acha mesmo que o levavam para longe a pé? — perguntou Dumbledore que ainda parecia divertido. — Procurem no céu, se quiserem... Hagrid, eu aceito uma chávena de chá, ou um brande.

— É... é claro, professor — disse Hagrid que estava louco de alegria. — Entre, entre...

Harry e Hermione ouviram atentamente os passos, o carrasco a praguejar, o estrondo da porta e mais uma vez o silêncio.

— E agora? — murmurou Harry, olhando em volta.

— Temos ficar aqui escondidos — disse Hermione, que parecia muito abalada — e esperar até eles terem voltado para o castelo. Depois continuamos a esperar e, quando não houver perigo, voamos no *Buckbeak* até à janela do Sirius. Ele só vai lá estar daqui a duas horas... Oh! Isto vai ser um bocado difícil.

Olhou nervosamente por cima do ombro para as profundezas da Floresta. O Sol estava a pôr-se.

— Se queremos saber o que se está a passar, temos de sair daqui para um lugar de onde possamos ver o Salgueiro Zurzidor.

— Está bem — afirmou Hermione, agarrando com firmeza a corda de *Buckbeak*. — Mas lembra-te, Harry, de que ninguém nos pode ver...

Contornaram a orla da Floresta com a espessa escuridão da noite a envolvê-los, escondendo-se por fim atrás de um maciço de árvores através do qual avistavam o salgueiro.

— Ali está o Ron — indicou Harry num repente.

Um vulto escuro corria pela relva e o seu grito ecoava no tranquilo ar da noite.

— Afasta-te dele... sai daqui... *Scabbers*, anda cá...

E a seguir viram duas figuras surgir não se sabe de onde. Harry viu-se a si próprio e a Hermione a correrem atrás de Ron e depois viu o amigo atirar-se para o chão.

— Agarrei-te! Sai daqui, gato nojento!

— Olha, é o Sirius — disse Harry. O grande vulto do cão dera um salto das raízes do Salgueiro. Viram-no derrubar Harry e a seguir agarrar Ron...

— Parece ainda pior visto daqui, não achas? — comentou Harry, observando o cão que arrastava Ron para junto das raízes do Salgueiro.

— Oh, olha, eu acabo de ser espancado pela árvore e tu também, isto é *esquisito*...

O Salgueiro Zurzidor chiava e atacava-os com os ramos mais baixos. Eles conseguiam ver-se a si próprios a fugir para um lado e para o outro na tentativa de chegar ao tronco. Nesse momento, a árvore imobilizou-se.

— Aquele era o *Crookshanks* a tocar no nó — disse Hermione.

— E lá vamos nós... — murmurou Harry. — Entrámos.

No momento em que desapareceram, a árvore recomeçou a mexer-se. Segundos depois, ouviram passos muito perto. Dumbledore, Macnair, Fudge e o velhinho, membro da Comissão, dirigiam-se ao castelo.

— Logo a seguir a termos entrado na passagem secreta! — comentou Hermione. — Se pelo menos Dumbledore tivesse vindo connosco...

— O Macnair e o Fudge teriam vindo também — contrapôs Harry amargamente. — Aposto contigo o que tu quiseses em como o Fudge teria mandado o Macnair executar o Sirius ali mesmo...

Viram os quatro homens subir os degraus de entrada do castelo e desaparecerem lá dentro. Durante alguns momentos, a paisagem ficou deserta, depois...

— Aí vem o Lupin! — anunciou Harry, quando viram outra figura descer a correr os degraus de pedra em direcção ao Salgueiro. Harry olhou para o céu. As nuvens tapavam por completo a Lua.

Viram Lupin apanhar do chão um ramo partido e tocar com ele no nó do tronco. A árvore cessou a sua luta e também Lupin desapareceu pela fenda nas raízes.

— Se ele tivesse agarrado o Manto que ali está caído...

Voltou-se para Hermione.

— Se eu desse uma corrida e o apanhasse, o Snape nunca o encontraria...

— Harry, *não podemos ser vistos!*

— Não sei como suportas ficar aqui parada a observar, sem fazer nada!

— disse, irritado. Após uma hesitação, acrescentou: — Eu vou buscar o manto.

— Harry, *não!*

Hermione agarrou Harry pela parte de trás da capa na altura certa. Nesse preciso momento, ouviram uma canção. Era Hagrid que se dirigia ao castelo, cantando a plenos pulmões e oscilando um pouco enquanto caminhava. Na mão balouçava uma grande garrafa.

— *Vês?* — murmurou Hermione. — Vês o que ia acontecer? Temos de ficar aqui onde ninguém nos veja. Não, *Buckbeak!*

O hipogrifo fazia violentas tentativas para se soltar e ir ter com Hagrid de novo. Harry pegou também na corda, lutando para o puxar para trás. Viram Hagrid cambalear ebriamente em direcção ao castelo. Quando desapareceu, *Buckbeak* deixou de se debater e baixou tristemente a cabeça.

Cerca de dois minutos mais tarde, as portas do castelo voltaram a abrir-se e Snape saía, correndo em direcção ao Salgueiro Zurzidor.

Os punhos de Harry fecharam-se ao vê-lo parar junto da árvore, olhar em volta e apanhar o Manto.

— Tira daí as tuas mãos nojentas — rosnou Harry.

— Caluda!

Snape pegou no mesmo ramo que Lupin utilizara para fazer parar a árvore, tocou com ele no nó e desapareceu, enquanto se cobria com o Manto.

— E pronto! — afirmou Hermione calmamente. — Estamos todos lá dentro e agora só temos de esperar pelo nosso regresso.

Pegou na extremidade da corda de *Buckbeak* e atou-a com firmeza à árvore mais próxima. A seguir, sentou-se no chão com os braços em volta dos joelhos.

— Harry, há uma coisa que não compreendo... Por que é que os Dementors não agarraram o Sirius? Lembro-me de os ver chegar e a seguir acho que desmaiei, eram tantos...

Harry sentou-se também e explicou-lhe o que vira, como o Dementor que estava mais perto aproximara a boca dele da sua e como uma coisa prateada galopara através do lago, obrigando os Dementors a irem-se embora.

Quando Harry terminou, Hermione estava boquiaberta.

— Mas o que era?

— Só podia ser uma coisa para fazer os Dementors afastarem-se — explicou Harry. — Um verdadeiro Patronus. Um Patronus muito forte.

— Mas, quem o fez aparecer?

Harry não respondeu. Relembrava a pessoa que vira na outra margem do lago. Sabia que tinha pensado que essa pessoa era... mas como seria isso possível?

— Não viste bem como era? — perguntou Hermione avidamente. — Era algum dos professores?

— Não — afirmou ele. — Não era um professor.

— Mas devia ser um feiticeiro poderoso para conseguir afastar todos aqueles Dementors... Se o Patronus brilhava assim tanto, por que não o iluminava a ele? Não conseguiste vê-lo?

— Sim, eu vi-o — confirmou Harry lentamente. — Mas talvez tenha sido imaginação minha... não estava bem lúcido... desmaiei logo a seguir...

— *Quem pensaste que era?*

— Eu acho... — Harry engoliu em seco, sabendo como aquilo ia parecer esquisito. — Eu acho que era o meu pai.

Olhou para Hermione e viu que ela tinha agora a boca totalmente aberta e o fitava com um misto de medo e de pena.

— Harry, o teu pai... bem... morreu — disse ela baixinho.

— Eu sei — respondeu ele de imediato.

— Achas que viste o fantasma dele?

— Não sei... não... parecia sólido.

— Mas então...

— Talvez eu estivesse a ver coisas — sugeriu Harry. — Mas do que pude ver... parecia ele... eu tenho fotografias...

Hermione continuava a olhá-lo como se receasse pela sua saúde mental.

— Sei que parece uma loucura — reconheceu Harry terminantemente. Voltou-se para ver *Buckbeak*, que enterrava o bico no chão, aparentemente à procura de vermes. Mas não estava, de facto, a olhar para ele.

Pensava no pai e nos seus três maiores amigos... Moony, Wormtail, Padfoot e Prongs... Teriam os quatro andado pelos campos naquela noite? Wormtail reaparecera quando todos o julgavam morto. Seria possível que o mesmo tivesse acontecido com o seu pai? Teria ele tido uma visão daquele ser do outro lado do lago? A figura estava longe de mais para que ele a pudesse ver nitidamente, contudo tivera uma certeza tão grande naquele momento, antes de perder os sentidos...

As folhas por cima da sua cabeça agitavam-se com a brisa. A Lua

aparecia e desaparecia por trás das nuvens passageiras. Hermione sentou-se com o rosto voltado para o Salgueiro, à espera.

E então, por fim, depois de uma hora...

— Lá vamos nós — murmurou ela.

Levantaram-se os dois. *Buckbeak* ergueu a cabeça. Viram Lupin, Ron e Pettigrew sair aos tropeções do buraco nas raízes. A seguir vinha Hermione... depois o inconsciente Snape, pairando no ar de uma forma estranhíssima. E finalmente, Harry e Black. Encaminhavam-se todos para o castelo.

O coração de Harry começou a bater mais depressa. Olhou para o céu. A qualquer momento, aquela nuvem ia desviar-se, deixando ver a Lua.

— Harry — murmurou Hermione, como se soubesse exactamente o que ele estava a pensar. — Temos de ficar quietos. Não podemos ser vistos. Não podemos fazer nada...

— Então, vamos deixar que o Pettigrew escape mais uma vez... — disse ele calmamente.

— Como julgas que vais encontrar um rato no meio da escuridão? — perguntou ela ríspidamente. — Não podemos fazer nada! Voltámos atrás no tempo para ajudar o Sirius, não devemos fazer mais nada!

— *Tudo bem!*

A Lua esgueirou-se por detrás da nuvem. Viram as pequenas silhuetas nos campos pararem. A seguir, o rebuliço...

— Lá vai o Lupin — murmurou Hermione. — Está a transformar-se...

— Hermione! — exclamou Harry subitamente. — Temos de sair daqui.

— Não podemos, estou farta de te dizer...

— Não é para interferir, é que o Lupin vai correr para a Floresta e vir direito a nós!

Hermione teve um sobressalto.

— Depressa — gemeu, começando precipitadamente a desamarrar o *Buckbeak*. — Depressa! Para onde é que nós vamos? Onde é que nos podemos esconder? Os Dementors vão estar aqui não tarda nada...

— Na cabana do Hagrid! — disse Harry. — Agora está vazia, vamos!

Correram a toda a velocidade com *Buckbeak* galopando brandamente na retaguarda. Ouviram o lobisomem a uivar atrás deles.

A cabana estava à vista. Harry correu até à porta, estacou de repente, abriu-a e Hermione e *Buckbeak* entraram como setas. Harry seguiu-os e fechou novamente a porta. *Fang*, o cão caçador de javalis, ladrrou ruidosamente.

— Quietos! *Fang*, somos nós! — sussurrou Hermione, apressando-se a coçar-lhe as orelhas para o acalmar. — Foi por um triz — disse para Harry.

— Pois foi...

Harry olhava pela janela. Dali era muito mais difícil ver o que se passava. *Buckbeak* estava feliz por se encontrar de novo na cabana de Hagrid. Deitou-se em frente da lareira, dobrou as asas, satisfeito, e preparou-se para uma boa soneca.

— Acho que devia ir lá fora outra vez — disse Harry lentamente. — Não vejo o que está a acontecer... assim não vamos saber quando é a altura...

Hermione olhou para ele com um ar desconfiado.

— Eu não vou tentar interferir — garantiu Harry, muito depressa. — Mas se não virmos o que se está a passar, como é que vamos saber quando é altura de libertar o Sirius?

— Bom, então está bem... eu espero aqui com o *Buckbeak*... mas tem cuidado, Harry, há um lobisomem à solta e os Dementors...

Harry saiu outra vez e deu a volta à cabana. Ouvia latidos à distância, o que significava que os Dementors estavam a aproximar-se de Sirius... ele e Hermione estavam quase a começar a correr para ir ter com ele.

Harry olhou para o lago com o coração a bater como um tambor. Quem quer que fosse que tivesse enviado aquele Patronus devia estar a aparecer.

Hesitou durante uma fracção de segundo, em frente da porta de Hagrid. *Não podes ser visto*. Mas ele não queria ser visto, queria ver... tinha de saber...

E lá estavam os Dementors emergindo no escuro, de todos os lados, deslizando à beira do lago. Afastavam-se do lugar onde Harry estivera, dirigindo-se à margem oposta. Não ia precisar de se aproximar deles.

Harry começou a correr. Não pensava em nada a não ser no pai... se fosse ele... se fosse mesmo ele... Tinha de saber... Tinha de descobrir.

O lago estava cada vez mais perto, mas não havia sinal de nenhuma presença. Na margem oposta, eram visíveis pequenos clarões prateados, as suas tentativas de fazer surgir um Patronus.

Havia um arbusto mesmo junto da água. Harry escondeu-se atrás dele, espreitando desesperadamente por entre as folhas. Na outra margem, os clarões prateados extinguíram-se subitamente. Uma tremenda excitação apoderou-se dele... Estava quase.

— Vá lá — murmurou, olhando em volta. — Onde estás, pai? Vá lá...

Mas ninguém apareceu. Harry levantou a cabeça, para ver melhor o círculo de Dementors que rodeava o lago. Um deles estava a baixar o capuz. Era altura de aparecer o seu salvador, mas, desta vez, não aparecia ninguém.

E foi então que percebeu. Não vira o seu pai, vira-se *a si próprio*!

Harry saltou de detrás do arbusto e pegou na varinha.

— *EXPECTO PATRONUM!* — gritou.

E da extremidade da varinha saltou não uma nuvem de neblina sem forma, mas um animal ofuscante, de brilho prateado. Esfregou os olhos, tentando perceber o que era. Parecia um cavalo. Galopava em silêncio pela superfície negra do lago, afastando-se dele. Viu-o baixar a cabeça e investir contra o bando de Dementors... galopava insistentemente à volta das sombras negras que enchiam o chão, e estas começaram a recuar, espalhando-se em volta e desaparecendo.

O Patronus voltou-se. Galopava agora em direcção a Harry pela superfície tranquila do lago. Não era um cavalo. Não era um unicórnio. Era um veado. O seu brilho era tão intenso como o da Lua e vinha ter com ele.

Parou ao chegar à margem. Os seus cascos não deixaram marcas no chão macio enquanto olhava fixamente para Harry com os seus enormes olhos de prata. Lentamente, inclinou a cabeça ornada de hastes e Harry compreendeu.

— *Prongs!* — exclamou num murmúrio. Mas mal os seus dedos trémulos se estenderam para a criatura, ela desapareceu.

Harry ficou ali com as mãos estendidas, até que o seu coração deu um salto. Ouviu cascos atrás de si. Deu meia volta e viu Hermione que se aproximava arrastando *Buckbeak* com ela.

— O que é que fizeste? — perguntou, furiosa. — Disseste que ias só dar uma vista de olhos!

— Acabei de salvar a vida de todos nós — respondeu Harry. — Esconde-te atrás do arbusto que eu já te explico tudo.

Hermione ouviu o que tinha sucedido, novamente de boca aberta.

— Alguém te viu?

— Sim. Não ouviste o que acabo de contar-te? Vi-me a mim próprio, mas pensei que eu era o meu pai. Está tudo bem.

— Harry, não posso acreditar. Tu fizeste aparecer um Patronus que afugentou todos aqueles Dementors! Isso é magia muito, *muito* avançada...

— Eu sabia que desta vez era capaz — afirmou ele. — Porque já o tinha feito. Isto faz algum sentido?

— Não sei, Harry, olha para o Snape!

Juntos, olharam através do arbusto para a outra margem. Snape recuperara a consciência. Fazia aparecer macas e erguia até elas os corpos inertes de Harry, Hermione e Black. Uma quarta maca, que devia transportar Ron, flutuava ao seu lado. A seguir, segurando a varinha à frente do peito, conduziu-os a todos para o castelo.

— Certo, está quase na hora — avisou Hermione, um pouco tensa, olhando para o relógio. — Temos cerca de quarenta e cinco minutos até o

Dumbledore fechar a porta da enfermaria. É preciso raptar o Sirius e voltar à enfermaria antes que alguém dê pela nossa falta.

Esperaram, olhando para as nuvens inconstantes que se reflectiam no lago, enquanto, a seu lado, o arbusto sussurrava na brisa. *Buckbeak*, aborrecido, procurava novamente vermes.

— Achas que ele já lá está? — perguntou Harry, olhando para o relógio e começando a contar as janelas do castelo, do lado direito da Torre Oeste.

— Olha! — sussurrou Hermione. — Quem é? Vem alguém a sair do castelo!

Harry olhou através da escuridão. O homem caminhava depressa pelos campos em direcção a uma das entradas. Algo brilhante reluzia no seu cinto.

— Macnair! — exclamou Harry. — O carrasco! Ele vai buscar os Dementors! É agora, Hermione.

Hermione apoiou as mãos no dorso de *Buckbeak* e Harry ajudou-a a subir. Depois colocou o pé num dos ramos mais baixos do arbusto e trepou, sentando-se à frente dela. Pegou na corda e fê-la passar por cima do pescoço de *Buckbeak*, atando-a ao outro lado da coleira, como se fosse uma rédea.

— Pronta? — perguntou num murmúrio a Hermione. — É melhor agarrares-te a mim.

Deu um pequeno toque a *Buckbeak* com os calcanhares.

O hipogrifo levantou voo na escuridão. Harry apertou-lhe a ilharga com os joelhos, sentindo as grandes asas elevarem-se poderosamente debaixo deles. Hermione ia agarrada com todas as suas forças à cintura de Harry que podia ouvi-la resmungar: — Oh! não, não gosto nada disto, não gosto mesmo nada...

Harry incitou *Buckbeak* a avançar. Planavam suavemente em direcção às janelas dos andares superiores do castelo... Harry puxou o lado esquerdo da corda e *Buckbeak* virou. Tentava contar as janelas por que passavam.

— Hi! Ho! — exclamou, puxando a corda com toda a força.

Buckbeak abrandou e detiveram-se, continuando, porém, a subir e descer ligeiramente, enquanto o hipogrifo batia as asas para se manter a pairar.

— Ele está ali — anunciou Harry, que avistara Sirius, enquanto subiam até à janela. Esticou-se, enquanto *Buckbeak* baixava as asas, e conseguiu bater com força nos vidros.

Black olhou. Harry viu-o abrir a boca de espanto. Saltou da cadeira direito à janela e tentou abri-la, mas estava trancada.

— Chega-te para trás! — gritou Hermione e pegou na varinha sem deixar de agarrar a capa de Harry com a mão esquerda.

— *Alohomora!*

A janela abriu-se de par em par.

— Como... como...? — balbuciou Black debilmente, olhando espantado para o hipogrifo.

— Venha, temos pouco tempo — disse Harry, agarrando com firmeza *Buckbeak* dos dois lados do pescoço para o manter estável. — Tem de sair daqui, os Dementors devem estar a chegar. O Macnair foi chamá-los.

Black colocou uma mão de cada lado do caixilho da janela e pôs a cabeça e os ombros de fora. Era uma sorte ser tão magro. Em poucos segundos tinha conseguido passar uma perna por cima de *Buckbeak* e saltar para o dorso do hipogrifo, atrás de Hermione.

— Embora, *Buckbeak*, vamos — disse Harry, sacudindo a corda. — Até à torre, vamos lá!

O hipogrifo bateu as suas fortes asas e levantaram novamente voo até ao cimo da Torre Oeste.

Buckbeak aterrou ruidosamente sobre as ameias e Harry e Hermione deslizaram para o chão.

— Sirius, é melhor ir depressa — avisou Harry. — Eles vão chegar ao gabinete do Flitwick não tarda nada e vão dar pela sua falta.

Buckbeak raspava o chão com as patas, sacudindo a cabeça pontiaguda.

— O que aconteceu ao outro rapaz, o Ron? — perguntou Sirius insistentemente.

— Ele vai ficar bem. Está ainda de cama, mas a Madame Pomfrey diz que vai pô-lo bom. Depressa, vá!

Mas Black continuava a olhar para Harry.

— Como poderei alguma vez agradecer-te...

— VÁ! — gritaram ao mesmo tempo Harry e Hermione.

Black fez o hipogrifo dar meia volta, virando-o de frente para a vastidão do céu.

— Havemos de voltar a ver-nos — disse. — Tu és bem filho do teu pai, Harry...

Apertou o corpo de *Buckbeak* com os calcanhares. Harry e Hermione saltaram para trás enquanto as gigantescas asas se erguiam mais uma vez... o hipogrifo subiu nos ares. Ele e o seu cavaleiro foram ficando, aos olhos de Harry, cada vez mais pequenos. Por fim, uma nuvem tapou a Lua. Tinham desaparecido.

XXII

O CORREIO DAS CORUJAS DE NOVO

— **H**arry! Hermione puxava-lhe pela manga, olhando para o relógio.

— Temos exactamente dez minutos para chegar à enfermaria sem que ninguém nos veja, antes de o Dumbledore fechar a porta.

— Está bem — respondeu ele, desviando a custo o olhar do céu. — Vamos lá...

Esgueiraram-se pela porta que estava atrás deles e desceram os degraus de pedra da escada em espiral. Quando chegaram lá abaixo, ouviram vozes. Encostaram-se à parede e ficaram à escuta. Pareciam ser Fudge e Snape que caminhavam rapidamente pelo corredor que ficava na base das escadas.

— Só espero que o Dumbledore não vá criar dificuldades — dizia Snape.

— E o Beijo irá ser aplicado já?

— Logo que o Macnair volte com os Dementors. Toda esta história do Black foi extremamente embaraçosa. Não imagina como estou ansioso por informar *O Profeta Diário* que finalmente o apanhámos. Eu diria que eles vão querer entrevistá-lo, Snape, e espero bem que o jovem Harry, quando recuperar o seu juízo perfeito, queira contar a *O Profeta* como você o salvou...

Harry cerrou os dentes. Teve um vislumbre do sorriso falso de Snape, enquanto eles passavam pelo esconderijo onde estava com Hermione. Quando os passos deixaram de se ouvir, esperaram um pouco para terem a certeza de que eles se tinham ido mesmo embora. Depois, começaram a correr na direcção oposta. Um degrau atrás do outro e mais um corredor até que ouviram um cacarejar à frente deles.

— Peeves! — murmurou Harry, agarrando o pulso de Hermione. — Prá'qui!

Entraram, mesmo a tempo, numa sala de aulas deserta que ficava à esquerda. Peeves parecia não caber em si de satisfação. Ria a bandeiras

despregadas.

— Oh! Ele é horrível — murmurou Hermione com o ouvido encostado à porta. — Aposto que está excitadíssimo por os Dementors irem acabar com o Sirius... — Olhou para o relógio. — Três minutos, Harry!

Esperaram até a voz maldosa de Peeves ter desaparecido à distância para saírem da sala e continuarem a correr.

— Hermione, o que acontece se não entrarmos antes de o Dumbledore fechar a porta? — perguntou Harry, sobressaltado.

— Nem quero pensar nisso! — gemeu ela, olhando novamente para o relógio. — Um minuto!

Tinham chegado ao fim do corredor e à entrada da enfermaria. — Ótimo, estou a ouvir o Dumbledore — disse Hermione, nervosa. — Vamos, Harry!

Percorreram silenciosamente o corredor. A porta abriu-se e as costas de Dumbledore apareceram.

— Vou fechar-vos aqui — ouviram-no dizer. — Faltam cinco minutos para a meia-noite. Miss Granger, três voltas deve ser o suficiente. Boa sorte.

Dumbledore recuou, fechou a porta e pegou na varinha para a trancar através de um acto de magia. Em pânico, Harry e Hermione avançaram, a correr. Dumbledore olhou para eles e um grande sorriso surgiu sob o seu vasto bigode prateado. — Então? — perguntou calmamente.

— Conseguimos! — congratulou-se Harry, sem fôlego. — Sirius fugiu no *Buckbeak*...

O rosto de Dumbledore iluminou-se.

— Bom trabalho. Acho que... — Escutou atentamente se haveria algum som na enfermaria. — Sim, acho que vocês já saíram também. Podem entrar, vou fechar-vos.

Harry e Hermione esgueiraram-se para dentro da enfermaria que se encontrava vazia à excepção de Ron, que continuava imóvel na última cama. Mal a fechadura fez *clic*, Harry e Hermione meteram-se nas camas, ela guardando o Vira-Tempo debaixo da capa. Pouco depois, Madame Pomfrey saía do seu gabinete.

— Foi o director quem eu ouvi a sair? Será que me deixam agora tratar dos meus doentes?

Estava muito maldisposta. Harry e Hermione acharam que era melhor aceitar o seu chocolate sem fazer ondas. Madame Pomfrey ficou a vigiar para ter a certeza de que eles o comiam, mas Harry mal conseguia engolir. Ele e Hermione estavam à espera, os ouvidos atentos, os nervos em franja... E então, enquanto aceitavam a quarta dose do chocolate de

Madame Pomfrey, ouviram um berro de fúria ao longe, vindo algures lá de cima.

— O que foi aquilo? — perguntou, alarmada, Madame Pomfrey.

Ouviam-se agora, cada vez mais alto, vozes enraivecidas. Madame Pomfrey espreitava à porta.

— Francamente! Vão acordar toda a gente! O que lhes terá passado pela cabeça?

Harry tentava perceber o que as vozes, que estavam a aproximar-se, diziam.

— Deve ter-se Desmaterializado, Severus. Devíamos ter deixado alguém a tomar conta dele. Quando isto se souber...

— ELE NÃO SE DESMATERIALIZOU! — vociferou Snape, agora já muito próximo. — NÃO É POSSÍVEL ALGUÉM MATERIALIZAR-SE OU DESMATERIALIZAR-SE DENTRO DESTES CASTELOS! ISTO... TEM... QUALQUER COISA A VER COM O POTTER!

— Severus, seja razoável, o Potter ficou fechado...

PUM!

A porta da enfermaria abriu-se de rompante e Fudge, Snape e Dumbledore entraram. Apenas Dumbledore parecia calmo. Na verdade, tinha o ar de quem estava a divertir-se com aquilo tudo. Fudge estava zangado e Snape parecia fora de si.

— VOMITA, POTTER — gritou —, O QUE É QUE FIZESTE?

— Professor Snape! — guinchou Madame Pomfrey. — Controle-se!

— Snape, seja razoável — repetiu Fudge. — Esta porta tem estado fechada. Nós vimos...

— ELES AJUDARAM-NO A FUGIR, EU SEI! — gritava Snape, apontando para Harry e Hermione com o rosto alterado e deitando perdigotos pela boca.

— Acalme-se, homem — ordenou Fudge. — Está a dizer disparates.

— VOCÊS NÃO CONHECEM O POTTER! — guinchou Snape. — FOI ELE. EU SEI QUE FOI ELE!

— Basta, Severus — ordenou calmamente Dumbledore. — Pensa no que estás a dizer. Esta porta tem estado fechada desde que eu saí da enfermaria há dez minutos. Madame Pomfrey, estes jovens deixaram as suas camas?

— É claro que não! — exclamou Madame Pomfrey, irritada. — Tenho estado com eles desde que vocês saíram!

— Aí tens, Severus — disse Dumbledore. — A não ser que estejas a insinuar que o Harry e a Hermione conseguem estar em dois lugares ao mesmo tempo, não me parece que valha a pena incomodá-los mais.

Snape ficou ali parado, a espumar de raiva, os olhos a saltarem de Fudge,

que estava verdadeiramente chocado com o seu comportamento, para Dumbledore, cujas pupilas brilhavam por detrás dos óculos. Snape deu uma volta e com as vestes a cortarem o ar atrás de si, saiu enfurecido da enfermaria.

— O tipo parece-me bastante desequilibrado — comentou Fudge, seguindo-o com o olhar. — No seu lugar, vigiava-o de perto, Dumbledore.

— Oh! Ele não está desequilibrado — respondeu calmamente Dumbledore. — Só que acaba de ter uma grande decepção.

— Não é o único — suspirou Fudge. — *O Profeta Diário* vai ter um dia em cheio. Tivemos o Black encurralado e escapou-nos outra vez por entre os dedos. Só falta agora que a fuga do hipogrifo chegue ao domínio público para eu me tornar alvo da risota geral. Bem, é melhor ir indo, tenho de informar o Ministério.

— E os Dementors? — indagou Dumbledore. — Vão retirá-los da escola, espero bem!

— Ah! Claro, tem de ser — disse Fudge, passando distraidamente a mão pelos cabelos. — Nunca imaginei que tentassem aplicar o Beijo a um rapazinho inocente... totalmente fora de controlo... Claro, vou reenviá-los, esta noite mesmo, para Azkaban. Talvez pudéssemos pensar em dragões para a entrada da escola...

— O Hagrid iria gostar disso — disse Dumbledore, sorrindo a Harry e a Hermione. Logo que ele e Fudge abandonaram o dormitório, Madame Pomfrey apressou-se a fechar a porta. Depois, resmungando baixinho, voltou ao seu gabinete.

Ouviu-se um pequeno gemido no outro extremo da enfermaria. Ron tinha acordado. Viram-no esfregar a cabeça e olhar em volta.

— O que... aconteceu? — perguntou. — Harry, que estamos nós a fazer aqui? Onde está o Sirius? E o Lupin? O que é que se passa?

Harry e Hermione olharam um para o outro.

— Explica tu — disse Harry, servindo-se de mais um pouco de chocolate.

Quando Harry, Ron e Hermione deixaram a enfermaria, no dia seguinte ao meio-dia, encontraram o castelo deserto. O calor sufocante e o fim dos exames fizeram com que todos tivessem aproveitado em pleno mais um passeio a Hogsmeade. Mas nem Ron nem Hermione tiveram vontade de ir. Passearam, portanto, juntamente com Harry pelos campos, falando ainda sobre os acontecimentos incríveis da noite anterior e interrogando-se sobre o lugar onde Sirius e *Buckbeak* estariam naquele momento. Sentados junto do lago, observando a lula gigante que agitava ociosamente os seus

tentáculos à superfície da água, Harry perdeu o fio da conversa quando olhou para a outra margem. O veado viera a galopar dali na noite anterior...

Uma sombra caiu sobre eles. Viram Hagrid com os olhos inflamados, limpando o rosto suado a um dos seus lenços de assoar do tamanho de toalhas de mesa e ir radiando alegria.

— Sei qu'eu não devia sentir-me feliz depois do qu'aconteceu na noite passada — afirmou. — Com o Black a fugir e tudo isso, mas sabem que mais?

— O quê? — perguntaram eles, fingindo curiosidade.

— O *Beaky* fugiu. Ele 'tá livre. 'Tive tod'a noite a festejar!

— Isso é ótimo! — exclamou Hermione, olhando de modo reprovador para Ron que estava quase a desmanchar-se a rir.

— Pois. Não devo tê-lo amarrado bem — disse Hagrid, olhando feliz para os campos. — Eu 'tava preocupado hoje de manhã. Pensei qu'ele podia ter encontrado o professor Lupin nos campos, mas o Lupin diz que não comeu nada ontem à noite...

— O quê? — perguntou Harry muito depressa.

— C'os diabos, não ouviram as notícias? — perguntou Hagrid com o sorriso a diminuir um pouco e baixando a voz apesar de não haver ninguém à vista. — Hã... o Snape disse aos Slytherin hoje de manhã... Pensei que já toda a gente soubesse... o professor Lupin é um lobisomem... e ele andou à solta nos campos ontem à noite... 'Tá a fazer as malas, claro.

— A fazer as malas?! — exclamou Harry, alarmado. — Porquê?

— Vai-s'embora, né? — disse Hagrid, espantado com a pergunta de Harry. — Apresentou a sua demissão hoje de manhã cedo. Diz que não pode correr o risco d'isto acontecer outra vez.

Harry pôs-se de pé.

— Vou falar com ele — anunciou a Ron e a Hermione.

— Mas se ele já apresentou a demissão...

— ... não deve haver nada que possamos fazer...

— Não me importo. Quero falar com ele. Encontro-me depois aqui com vocês.

A porta do gabinete de Lupin estava aberta. Já tinha arrumado a maior parte das coisas. O aquário vazio do Grindyflow estava junto da sua velha mala, que se encontrava aberta e quase cheia. Lupin estava dobrado sobre a secretária e só olhou quando Harry bateu à porta.

— Vi-te chegar — disse Lupin a sorrir. Apontou para o pergaminho sobre o qual estava debruçado. Era o Mapa do Salteador.

— Estive agora com o Hagrid — afirmou Harry. — E ele disse-me que se demitiu. Não é verdade, pois não?

— Receio bem que sim — confirmou Lupin, que tinha começado a abrir as gavetas da secretária e a retirar lá de dentro o seu conteúdo.

— Porquê? — quis saber Harry. — O Ministério da Magia não está a pensar que ajudou o Sirius, pois não?

Lupin foi até à porta e fechou-a.

— Não. O professor Dumbledore conseguiu convencer o Fudge de que eu estava a tentar salvar-vos a vida — suspirou. — Foi o golpe de misericórdia para o Severus. Acho que o facto de ter perdido a Ordem de Merlim foi um rude golpe. Por isso, ele... hã... hoje ao pequeno-almoço... deixou escapar que eu era lobisomem.

— Não se vai embora só por causa disso! — pediu Harry.

Lupin sorriu tristemente.

— Amanhã a esta hora vão começar a chegar corujas dos pais que não vão querer que um lobisomem seja professor dos seus filhos, Harry. E, depois da noite de ontem, eu até compreendo. Podia ter mordido qualquer de vocês. Isso não pode voltar a acontecer.

— O senhor é o melhor professor de Defesa Contra A Magia Negra que nós tivemos até hoje — insistiu Harry. — Não vá!

Lupin abanou a cabeça e não respondeu. Continuou a esvaziar gavetas. Então, enquanto Harry tentava pensar num bom argumento para o fazer ficar, Lupin disse: — Segundo me contou o director hoje de manhã, tu salvaste bastantes vidas ontem à noite, Harry. Se há uma coisa de que me orgulho é de tudo o que tu aprendeste comigo. Fala-me do teu Patronus.

— Como sabe disso? — perguntou Harry confuso.

— Que outra coisa poderia ter afastado os Dementors?

Harry contou a Lupin o que sucedera. Quando chegou ao fim, Lupin sorria de novo.

— Sim, o teu pai era sempre um veado quando se transformava — disse. — A tua conclusão está certa... era por isso que lhe chamávamos Prongs.

Lupin lançou os últimos livros para a mala, fechou as gavetas da secretária e voltou-se para Harry.

— Toma, trouxe isto ontem à noite da Cabana dos Gritos — disse, entregando-lhe o Manto da Invisibilidade. — E... — hesitou. Em seguida estendeu-lhe também o Mapa do Salteador. — Já não sou teu professor, por isso não me sinto culpado de to entregar também. Não me serve de nada e acredito que tu, o Ron e a Hermione saberão encontrar nele alguma utilidade.

Harry pegou no mapa e sorriu.

— O senhor disse-me que o Moony, o Wormtail, o Padfoot e o Prongs teriam gostado de me fazer sair da escola... disse que eles teriam achado isso divertido.

— E teríamos, sim — admitiu Lupin, baixando-se para fechar a mala. — Não tenho qualquer receio de te dizer que o James teria ficado extremamente desapontado se o seu filho não descolorisse nenhuma das passagens secretas para sair do castelo.

Ouviu-se bater à porta. Harry escondeu apressadamente o Mapa do Salteador e o Manto da Invisibilidade dentro da capa.

Era o professor Dumbledore, que não pareceu nada surpreendido ao ver Harry ali.

— A tua carruagem está ao portão, Remus — anunciou.

— Obrigado, Senhor Director.

Lupin pegou na sua velha mala e no aquário vazio do Grindylow.

— Então adeus, Harry — despediu-se ele, sorrindo. — Foi um prazer ensinar-te. Tenho a certeza de que nos voltaremos a encontrar um dia. Senhor Director, não é preciso acompanhar-me ao portão, eu conheço o caminho...

Harry teve a impressão de que Lupin queria partir o mais depressa possível.

— Adeus, Remus — disse Dumbledore com moderação. — Lupin mudou o aquário do Grindylow de posição para que os dois pudessem dar um aperto de mão. Por fim, com um aceno a Harry e um sorriso breve, abandonou o gabinete.

Harry sentou-se na sua cadeira vazia, olhando sorumbaticamente para o chão. Ouviu a porta fechar-se e olhou para cima. Dumbledore ainda ali estava.

— Por que estás tão triste, Harry? — perguntou calmamente. — Devias sentir-te orgulhoso pelo que fizeste ontem à noite.

— Não serviu de nada — lamentou ele amargamente. — O Pettigrew fugiu.

— Não serviu de nada? — repetiu Dumbledore. — Serviu e de que maneira, Harry! Ajudaste a repor a verdade. Salvaste um homem inocente de um destino terrível.

Terrível! Alguma coisa se agitou na sua memória. *Maior e mais terrível do que alguma vez...* o vaticínio da professora Trelawney.

— Professor Dumbledore, ontem durante o meu exame de Artes Divinatórias, a professora Trelawney ficou... muito estranha.

— A sério? — disse Dumbledore. — Hã... mais estranha do que de costume, queres tu dizer?

— Sim. A voz dela ficou mais grave, revirou os olhos e disse... disse que o servo de Voldemort ia voltar para ele antes da meia-noite... disse que o servo ia ajudá-lo a retomar o poder. — Harry olhou para Dumbledore. — E depois ficou outra vez normal e não se lembrava de nada do que tinha dito. Seria... um vaticínio a sério?

Dumbledore parecia ligeiramente impressionado.

— Sabes, Harry, provavelmente foi — concluiu, pensativo. — Quem diria? Isso duplica as suas previsões, vou ter de lhe oferecer um aumento.

— Mas... — Harry olhou para ele horrorizado. Como podia Dumbledore levar as coisas com aquela leveza? — Mas... eu impedi que o Sirius e o professor Lupin matassem o Pettigrew. A culpa será minha se o Voldemort voltar!

— Que ideia! — disse tranquilamente Dumbledore. — Então a tua experiência com o Vira-Tempo não te ensinou nada, Harry? As consequências dos nossos actos são sempre tão diversas e complexas que prever o futuro se torna uma coisa muito, muito difícil... A professora Trelawney é um bom exemplo disso. O que tu fizeste salvando a vida ao Pettigrew foi muito nobre.

— Mas se isso ajudar o Voldemort a voltar ao poder...

— O Pettigrew deve-te a vida. Enviaste ao Voldemort um emissário que está em dívida para contigo. Quando um feiticeiro salva a vida a outro feiticeiro, isso cria entre ambos um elo de união... e, ou muito me engano, ou o Voldemort não vai querer ter um servo que está em dívida para com o Harry Potter.

— Eu não quero ter um elo com o Pettigrew! — indignouse Harry. — Ele traiu os meus pais!

— Isto é magia da mais profunda, da mais impenetrável, Harry, mas confia em mim... pode ser que chegue um dia em que te alegres por teres salvado a vida do Pettigrew.

Harry tinha dificuldade em imaginar uma tal situação. Dumbledore parecia saber o que ele estava a pensar.

— Eu conheci muito bem o teu pai, tanto em Hogwarts como mais tarde, Harry — afirmou suavemente. — Tenho a certeza de que ele também teria salvado o Pettigrew.

Harry olhou para ele. Dumbledore não se ria se lhe contasse...

— Ontem à noite... julguei que tinha sido o meu pai a fazer aparecer o meu Patronus. Isto é, quando me vi do outro lado do lago... pensei que estava a vê-lo a ele.

— Um engano compreensível — disse Dumbledore brandamente. — Deves estar cansado de saber que és extraordinariamente parecido com o

James, excepto nos olhos... tens os olhos da tua mãe.

Harry abanou a cabeça.

— Foi uma estupidez pensar que era ele — murmurou. — Sei perfeitamente que morreu.

— E pensas que os mortos que nós amámos nos deixam verdadeiramente alguma vez? Pensas que não os recordamos com mais clareza do que nunca nos momentos mais difíceis? O teu pai está vivo dentro de ti, Harry, e revela-se com mais nitidez quando precisas dele. Se não fosse assim, como terias podido produzir aquele Patronus específico? O Prongs galopou outra vez ontem à noite.

Harry demorou alguns instantes a perceber o que Dumbledore dissera.

— Na noite passada, o Sirius contou-me tudo sobre as suas transformações em Animagi — revelou-lhe Dumbledore a sorrir. — Um feito espantoso, devo dizer, considerando que não dei por nada. E, então, lembrei-me da forma invulgar que o teu Patronus assumira quando avançava para Mr. Malfoy no jogo de Quidditch contra os Ravenclaw. Portanto, viste mesmo o teu pai ontem à noite, Harry... encontraste-o dentro de ti.

E Dumbledore saiu do gabinete, deixando Harry entregue aos seus confusos pensamentos.

Ninguém em Hogwarts sabia ao certo o que acontecera na noite em que Sirius, *Buckbeak* e Pettigrew tinham desaparecido a não ser Harry, Ron, Hermione e o professor Dumbledore. Enquanto o final do ano se aproximava, Harry foi ouvindo as mais diferentes versões do que se passara, mas nenhuma delas se aproximava minimamente da verdade.

Malfoy estava furioso com a fuga de *Buckbeak*. Achava que Hagrid arranjara maneira de o libertar e considerava um ultraje que ele e o pai tivessem sido ludibriados por um guarda dos campos. Por sua vez, Percy Weasley tinha muito que dizer sobre a fuga de Sirius.

— Se eu conseguir entrar para o Ministério, tenciono apresentar uma série de propostas sobre a aplicação das leis mágicas! — comunicou ele à única pessoa que o ouvia: a sua namorada Penelope.

Apesar de o tempo estar magnífico e o ambiente alegre, apesar de saber que conseguira o que era quase impossível, ajudando Sirius a obter a liberdade, Harry chegou ao fim do ano lectivo com uma péssima disposição.

Não era o único a lamentar a partida do professor Lupin, claro. Toda a turma de Defesa Contra A Magia Negra se sentia infelicíssima com a sua demissão.

— O que será que nos vão arranjar para o próximo ano? — perguntou com tristeza Seamus Finnigan.

— Talvez um vampiro — sugeriu Dean Thomas, esperançoso.

Não era só a partida do professor Lupin que pesava no espírito de Harry. Não conseguia deixar de pensar no vaticínio da professora Trelawney. Interrogava-se sobre o paradeiro de Pettigrew e se já teria procurado refúgio junto de Voldemort.

No entanto, o que mais o deprimia era a perspectiva de voltar para casa dos Dursley. Durante uma gloriosa meia hora, acreditara que a partir daquele momento iria viver com Sirius, o melhor amigo dos seus pais. Teria sido a segunda melhor coisa que poderia acontecer-lhe, já que a primeira seria ter o seu pai de volta. E apesar de não saberem nada de Sirius, o que era sem dúvida um bom sinal, porque significava que ele conseguira esconder-se, Harry não conseguia deixar de se sentir infeliz quando pensava no lar que poderia ter tido e que agora estava fora do seu alcance.

Os resultados dos exames saíram no último dia. Harry, Ron e Hermione tinham passado a tudo. Harry ficou espantado por ter sido bem-sucedido em Poções. Suspeitou de que Dumbledore tivesse interferido, impedindo Snape de o chumbar de propósito. O comportamento de Snape para com Harry durante a última semana fora alarmante. Harry nunca imaginara que a antipatia de Snape por ele pudesse ainda aumentar, mas não havia dúvida de que assim tinha sido. Sempre que olhava para Harry, tremia-lhe um músculo no canto da sua boca desagradável e flectia constantemente os dedos como que contendo o intenso desejo de os colocar em volta da garganta do rapaz.

Percy tivera notas altas nos Níveis de Feitiçaria Barbaramente Extenuantes. Fred e George tiraram, a custo, vários Níveis Puxados de Feitiçaria. A equipa dos Gryffindor, por seu turno, em grande parte graças ao espectacular desempenho no jogo para a Taça de Quidditch, ganhara o campeonato, o que resultou numa festa de fim de ano cheia de ornamentos escarlate e dourados em que a mesa dos Gryffindor foi a mais barulhenta de todas, com toda a gente a celebrar a vitória. Até Harry conseguiu esquecer a viagem de regresso a casa no dia seguinte, enquanto comia, bebia, conversava e ria com os outros.

Quando o Expresso de Hogwarts arrancou da estação na manhã seguinte, Hermione deu a Harry e a Ron algumas notícias surpreendentes.

— Fui falar com a professora McGonagall hoje de manhã, antes do pequeno-almoço. Resolvi abandonar os Estudos de Muggles.

— Mas tu passaste no exame com trezentos e vinte por cento! — espantou-se Ron.

— Eu sei — suspirou Hermione. — Mas não suporto outro ano como este. Aquele Vira-Tempo ia dando comigo em doida. Já o entreguei. Sem Estudos de Muggles e sem Artes Divinatórias, vou poder ter outra vez um horário normal.

— Ainda me custa a acreditar que não nos tivesses contado nada — queixou-se Ron de mau humor. — Nós somos os teus melhores amigos.

— Eu prometi que não dizia a *ninguém* — respondeu Hermione muito séria. Olhou para Harry, que via Hogwarts desaparecer atrás de uma montanha. Dois meses inteirinhos até voltar a ver o castelo...

— Anima-te, Harry — disse ela tristemente.

— Eu estou bem — respondeu Harry rapidamente. — Estava só a pensar nas férias.

— Pois, eu também estive a pensar no mesmo — disse Ron. — Harry, tens de ir passar uns tempos connosco. Eu combino tudo com o meu pai e com a minha mãe e depois ligo-te. Agora já sei usar um letofone...

— Um *telefone*, Ron — corrigiu Hermione. — Francamente, tu é que devias para o ano inscrever-te em Estudos de Muggles.

Ron ignorou-a.

— Este Verão vai haver a Taça Mundial de Quidditch. Que tal, Harry? Se vieses, podemos ir assistir. O meu pai costuma arranjar bilhetes no trabalho.

Aquela proposta teve o condão de o animar bastante.

— Sim, aposto que os Dursley vão adorar que eu vá, principalmente depois do que fiz à tia Marge...

Sentindo-se bastante mais satisfeito, Harry juntou-se a Ron e Hermione em diversos jogos de Explosões e quando a feiteiceira com o carrinho da comida apareceu, ele comprou um grande almoço sem nenhuma sobremesa de chocolate.

Mas só ao fim da tarde é que aconteceu aquilo que iria deixá-lo verdadeiramente feliz.

— Harry — disse de repente Hermione, espreitando por cima do ombro dele. — O que é aquilo ali, fora da janela?

Harry voltou-se para ver. Algo muito pequenino e cinzento aparecia e desaparecia por detrás do vidro. Levantou-se para ver melhor e percebeu que era uma coruja pequenina, transportando uma carta demasiado grande para ela. A coruja era tão minúscula que era impelida de um lado para o outro por causa da deslocação de ar provocada pelo andamento do comboio.

Harry abriu rapidamente a janela, estendeu o braço e agarrou-a. Sentiu-a como se fosse uma *snitch* muito macia quando a trouxe para dentro. A coruja deixou cair a carta no assento de Harry e começou a esvoaçar à toa dentro do compartimento, aparentemente satisfeita consigo própria por ter executado a tarefa. *Hedwig* deu um estalido com o bico, mostrando o seu desagrado. *Crookshanks* sentou-se, seguindo a coruja com os seus grandes olhos amarelos. Ron, ao dar por isso, agarrou a coruja, afastando-a do perigo.

Harry pegou na carta que lhe era dirigida. Abriu-a e gritou: — É do Sirius!

— O quê? — exclamaram Ron e Hermione, excitadíssimos. — Lê alto!

Querido Harry,

espero que a carta chegue antes de estares com os teus tios. Não sei se eles estão habituados ao correio das corujas.

Buckbeak e eu estamos escondidos. Não vou dizer-te onde, não vá acontecer esta carta cair em mãos indesejáveis. Tenho algumas dúvidas quanto às capacidades desta coruja, mas foi o melhor que consegui arranjar e parece ansiosa por ter trabalho.

Penso que os Dementors devem andar ainda à minha procura, mas não têm qualquer hipótese de me encontrar no lugar onde estou. Pretendo deixar que alguns Muggles me vejam, bem longe de Hogwarts, para que a segurança do castelo seja levantada.

Há uma coisa que nunca tive oportunidade de te dizer durante o nosso breve encontro: fui eu quem te mandou a Flecha de Fogo.

— Ah! Ah! — congratulou-se Hermione com um ar triunfante. — Estás a ver, eu bem te disse que tinha sido ele!

— Sim, mas não a enfeitiçou, pois não? — retrucou Ron.

A coruja pequenina piava feliz na sua mão e tinha-lhe mordiscado um dos dedos de um modo que pareceu a Ron bastante afectuoso.

O Crookshanks levou o meu pedido ao Departamento das Corujas. Usei o teu nome, mas disse-lhes que retirassem o ouro do cofre de Gringotts número setecentos e onze, o meu. Por favor, considera a Flecha de Fogo como o conjunto de todos os presentes que o teu padrinho não te deu durante estes treze anos.

Gostaria também de te pedir desculpa pelo susto que te preguei naquela noite do ano passado, quando saíste de casa do teu tio. Eu só queria espreitar e ver como tu eras antes de seguir para norte, mas acho que

quando me viste, te assustaste.

Junto mais uma pequena coisa para ti que, penso, irá tornar o próximo ano em Hogwarts mais agradável que este.

Se alguma vez precisares da minha ajuda, a tua coruja encontrar-me-á.

Escrevo muito em breve,

Sirius

Harry olhou ansioso para dentro do sobrescrito, que continha outra folha de pergaminho. Leu-a rapidamente e sentiu-se de um momento para o outro tão bem e tão aconchegado como se tivesse bebido uma garrafa de Cerveja de Manteiga de uma vez só.

Eu, Sirius Black, padrinho de Harry Potter, dou-lhe por este meio permissão para visitar Hogsmeade aos fins-de-semana.

— Isto deve chegar para o Dumbledore! — disse Harry, feliz, voltando a olhar para a carta de Sirius.

— Espera, há um PS...

Pensei que o teu amigo Ron poderia gostar de ficar com esta coruja, já que foi por minha causa que perdeu o rato.

Ron esbugalhou os olhos. A corujinha minúscula continuava a piar de excitação.

— Ficar com ela? — disse como quem não quer acreditar. Olhou para a coruja por um momento. Depois, para grande surpresa de Harry e Hermione, aproximou-a de *Crookshanks* para ele a cheirar.

— O que achas? — perguntou ao gato. — É mesmo uma coruja?

Crookshanks ronronou.

— Aceito isso como resposta — declarou Ron satisfeito. — É minha.

Harry leu e releu a carta de Sirius até chegarem à estação de King's Cross. Levava-a ainda fechada na mão quando passaram a plataforma nove e três quartos. Avistou logo o tio Vernon. Estava de pé, a uma boa distância de Mr. e Mrs. Weasley, olhando-os com ar desconfiado e quando Mrs. Weasley abraçou Harry, as suas piores suspeitas foram confirmadas.

— Eu ligo-te por causa da Taça Mundial! — gritou-lhe Ron, enquanto Harry se despedia dele e de Hermione, e empurrava o carrinho que transportava o malão e a gaiola de *Hedwig* em direcção ao tio Vernon, que o cumprimentou da forma habitual.

— O que é isso? — rosnou, olhando para o sobrescrito que Harry apertava na mão. — Se é outra autorização para eu assinar, vais ter outro...

— Não é — disse Harry, satisfeito. — É uma carta do meu padrinho.

— Padrinho? — exclamou atabalhoadamente o tio Vernon. — Tu não tens padrinho!

— Tenho, sim — respondeu Harry todo contente. — Era o melhor amigo da minha mãe e do meu pai. Foi condenado por assassínio, mas escapou da prisão de feiticeiros e anda fugido. Ele gosta de se manter em contacto comigo, quer estar a par do que se passa, para ter a certeza de que estou bem...

E com um grande sorriso perante o olhar horrorizado que se espelhava no rosto do tio Vernon, Harry avançou até à saída da estação, com *Hedwig* a chocalhar à frente, a caminho de um Verão que prometia ser muito melhor que o anterior.

Notas de rodapé

1 Trata-se de um trocadilho intraduzível, entre *knight* (cavaleiro) e *night* (noite). Em Londres, existe um serviço nocturno de autocarros que funciona após o encerramento do Metro e que percorre as ruas a uma velocidade considerável, à semelhança do Autocarro Cavaleiro, salvando os noctívagos de uma longa caminhada. (NR)

2 O nome do ministro reflecte a sua personalidade, pois significa alguém que evita tomar decisões difíceis, optando pela solução mais fácil, mas insatisfatória. (NR)

3 Bolo levedado, comida torrado, barrado com manteiga. (NR)

4 Nomes insultuosos baseados nos apelidos de Harry e Ron. *Potty* significa «maluco» e *Weasel* «doninha». (NR)

5 Doce feito com açúcar, manteiga e leite. (NR)

6 *Mead* — Bebida alcoólica feita de mel, especialidade de Inglaterra. (NT)

7 Um *cracker* é um tubo de papel colorido que produz uma inofensiva explosão quando se puxam as duas pontas e que contém um pequeno presente e uma piada. Usa-se especialmente em festas e no Natal. (NR)

8 Estas alcunhas podem ser traduzidas por «Patinhas», «Cauda de Verme» e «Hastes», respectivamente. *Moony*, a alcunha de Lupin, significa «Aluado». (NR)

Títulos disponíveis da série Harry Potter (por ordem de leitura):

Harry Potter e a Pedra Filosofal
Harry Potter e a Câmara dos Segredos
Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban
Harry Potter e o Cálice de Fogo
Harry Potter e a Ordem da Fênix
Harry Potter e o Príncipe Misterioso
Harry Potter e os Talismãs da Morte

Livros da Biblioteca de Hogwarts:

Monstros Fantásticos e Onde Encontrá-los
O Quidditch Através dos Tempos
Os Contos de Beedle o Bardo

Continue a ler o primeiro capítulo do próximo livro da série Harry Potter...

HARRY POTTER

— eo —
CÁLICE *de*
FOGO



4

J.K. ROWLING

I

A CASA DOS RIDDLE

Os habitantes de Little Hangleton continuavam a chamar-lhe a casa dos Riddle, apesar de já terem passado muitos anos desde que a família Riddle ali vivera. Estava situada num monte, sobranceiro à povoação, tinha algumas das janelas fechadas com tábuas, um telhado a que faltavam telhas e a hera a espalhar-se desordenadamente sobre a sua fachada. A casa, que fora em tempos uma bela mansão senhorial e sem dúvida o maior e mais imponente edifício daquelas paragens, estava agora enegrecida pela humidade e abandonada.

Todos os habitantes de Little Hangleton a consideravam arrepiante. Havia meio século que acontecera ali algo estranho e horrível, algo que os habitantes mais antigos gostavam de contar quando lhes faltava motivo de conversa. A história fora tão repetida e embelezada que já ninguém sabia ao certo qual era a verdade das coisas. Contudo, todas as versões começavam no mesmo ponto: cinquenta anos antes, ao nascer do Sol, numa bonita manhã de Verão, quando a casa dos Riddle se apresentava ainda solene e bem cuidada, uma criada entrou na sala de visitas, dando de caras com os três Riddle mortos.

A criada desceu a colina a correr, até chegar à aldeia onde acordou o maior número possível de pessoas.

— 'Tão ali deitados, de olhos muito abertos! Frios como gelo. Ainda com as roupas do jantar da véspera.

Mandou-se chamar a polícia e Little Hangleton em peso ferveu com uma curiosidade chocante e uma excitação mal disfarçada. Ninguém se deu ao trabalho de fingir que tinha pena dos Riddle, pois eles eram profundamente impopulares. Mr. e Mrs. Riddle eram ricos, snobes e mal-educados e o seu filho mais velho, Tom, conseguira ultrapassar os pais em

antipatia. A única coisa que interessava aos habitantes da vila era a identidade do assassino. Por certo aquelas pessoas, aparentemente saudáveis, não teriam morrido assim, de morte natural, os três na mesma noite.

Nessa noite, O Enforcado, o bar da aldeia, encheu-se de gente que falava sobre o crime no meio de uma enorme algazarra. Todos eles deram o seu tempo por bem empregue quando a cozinheira dos Riddle fez uma entrada dramática, anunciando ao bar, subitamente silencioso, que um homem chamado Frank Bryce acabava de ser preso.

— Frank!? — gritaram várias pessoas. — Impossível!

Frank Bryce era o jardineiro. Vivia sozinho numa pequena cabana decrépita na propriedade dos Riddle. Frank voltara da guerra com uma perna que não dobrava e uma enorme aversão ao barulho e às multidões e ficara desde então a trabalhar para os Riddle.

Houve uma enorme agitação para oferecer bebidas à cozinheira e ouvir mais pormenores da história.

— Sempre o achei estranho — disse ela, depois do quarto xerez, aos habitantes da aldeia, seus ansiosos ouvintes —, pouco comunicativo. Tenho a certeza de que, se lhe oferecessem um copo, teriam de insistir cem vezes. Não era nada sociável.

— Ora — interveio uma mulher que também estava no bar. — Ele passou muito na guerra, gosta de levar uma vida calma. Isso não quer dizer que...

— E quem mais tinha a chave das traseiras? — perguntou a cozinheira. — Existe uma chave sobressalente pendurada na cabana do jardineiro desde que estou naquela casa. Ninguém arrombou a porta ontem à noite. Não houve nenhuma janela partida. A única coisa que ele teve de fazer foi esgueirar-se até à casa grande quando todos estavam a dormir...

Os aldeões trocaram entre si olhares sorumbáticos.

— Eu sempre achei que ele tinha má cara, se querem que vos diga — resmungou um homem lá ao fundo do bar.

— A guerra tornou-o esquisito — declarou o dono do estabelecimento.

— Eu sempre disse que não o queria como inimigo, não foi, Dot? — perguntou uma mulher.

— Tem cá um mau feitio — adiantou Dot, acenando vivamente. — Lembro-me de quando ele era pequeno...

Na manhã seguinte, não havia praticamente ninguém em Little Hangleton que duvidasse de que Frank Bryce assassinara os Riddle.

Mas na cidade mais próxima, em Great Hangleton, na esquadra escura e suja da polícia, Frank não parava de repetir que estava inocente e que a

única pessoa que vira perto da casa grande no dia da morte dos Riddle fora um adolescente, um rapazinho desconhecido, de tez pálida e cabelos escuros. Mas ninguém na aldeia tinha visto o rapaz e a polícia estava absolutamente convencida de que era invenção de Frank.

Foi então, quando as coisas já estavam a ficar sérias para o jardineiro, que chegou o relatório sobre os cadáveres, o qual veio mudar tudo.

A polícia nunca tivera nas mãos um relatório tão insólito. Uma equipa de médicos examinara os corpos e concluía que nenhum dos Riddle tinha sido envenenado, apunhalado, baleado, estrangulado, espancado ou, tanto quando podiam afirmar, magoado. Na verdade, segundo afirmava o relatório num tom de inconfundível perplexidade, todos os Riddle pareciam estar de perfeita saúde, para além do facto de estarem mortos. Os médicos referiram, como que determinados a encontrar algum problema nos corpos, que os Riddle tinham um olhar de terror no rosto, mas, como a frustradíssima polícia afirmou, quem é que ouviu alguma vez falar de três pessoas que tivessem morrido de medo ao mesmo tempo?

Não existindo provas de que os Riddle tivessem sido assassinados, a polícia viu-se obrigada a libertar Frank. A família Riddle foi enterrada no cemitério de Little Hangleton e as suas lápides foram, durante algum tempo, objecto de curiosidade. Para grande espanto de todos, e por entre uma nuvem de suspeitas, Frank Bryce regressou à sua cabana na propriedade dos Riddle.

— Cá para mim foi ele quem os matou e pouco me importa o que diz a polícia — declarou Dot n' O Enforcado. — E se ele tivesse alguma vergonha na cara, ia para longe porque todos aqui sabem o que ele fez.

Mas Frank não se foi embora. Ficou a tratar do jardim da família que veio depois morar para a casa dos Riddle e também das que se seguiram, porque ninguém ficava ali muito tempo. Segundo os novos proprietários, Frank devia ser o culpado do mau ambiente da casa que, na ausência de habitantes, se foi transformando numa ruína.

O homem abastado que possuía actualmente a casa dos Riddle não vivia lá nem a utilizava para o que quer que fosse. Dizia-se na aldeia que a mantinha por causa dos impostos, embora ninguém percebesse lá muito bem o que isso significava. Contudo, o abastado dono da casa continuava a pagar a Frank para tratar do jardim. O jardineiro estava quase a fazer setenta e sete anos, meio surdo, com a perna doente cada vez mais presa, mas ainda assim podiam vê-lo, nos dias bonitos, a mexericar nos canteiros de flores, se bem que as ervas daninhas comesçassem a levar-lhe a melhor.

Mas as ervas daninhas não eram a única coisa com que Frank se debatia.

Os rapazes da aldeia adoravam ir atirar pedras às janelas da casa dos Riddle. Passavam com as bicicletas por cima dos relvados que Frank, a tanto custo, mantinha impecavelmente lisos e macios. Por uma ou duas vezes, entraram na velha casa para o desafiar. Sabiam que o velho Frank era dedicado à mansão e aos jardins e gostavam de o ver coxear pelo jardim, ameaçando-os com o bordão e gritando-lhes na sua voz rouca. Por seu turno, Frank achava que os garotos o atormentavam porque, tal como os pais e os avós, o consideravam um assassino. Por isso, quando certa noite de Agosto despertou e viu algo muito estranho na velha casa, partiu do princípio de que os rapazes tinham ido um pouco mais longe nas suas represálias.

Foi a perna doente que o acordou. Doía-lhe cada vez mais à medida que a idade avançava. Levantou-se e desceu as escadas a coxear até à cozinha para encher novamente a botija de água quente que lhe aliviava a rigidez da perna. Estava junto do lava-loiças, a encher a cafeteira, quando viu luzes nas janelas do andar de cima da casa dos Riddle. Frank pensou imediatamente que os rapazes tinham entrado lá outra vez e, a julgar pela intensidade da luz, deviam ter pegado fogo à casa.

O jardineiro não tinha telefone e, mesmo que tivesse, deixara de confiar na polícia desde que fora detido para interrogatório sobre a morte dos Riddle. Pousou subitamente a cafeteira, subiu as escadas o mais depressa que a perna doente lhe permitiu e, pouco depois, estava de novo na cozinha, todo vestido, retirando uma velha chave cheia de pó do suporte ao lado da porta. Pegou no bordão que estava encostado à parede e desapareceu na noite.

A porta principal da casa dos Riddle não apresentava sinais de ter sido forçada, nem as janelas. Frank coxeou até às traseiras, chegando a uma porta quase inteiramente oculta pela hera, meteu a velha chave na fechadura e abriu-a ruidosamente.

Entrou na cozinha cavernosa, onde não punha os pés havia muitos anos. Ainda assim, apesar de estar tudo às escuras, lembrava-se perfeitamente do lugar onde ficava a porta que dava para o átrio. Avançou às apalpadelas, com o nariz cheio daquele cheiro de decadência, os ouvidos atentos a qualquer som de passos ou vozes que pudessem vir do andar de cima. Chegou ao vestíbulo, que era um pouco mais iluminado, graças às janelas com pinázios que ladeavam a porta principal e começou a subir as escadas, abençoando o pó que se acumulava na pedra e que abafava o som dos seus passos e do seu bordão.

No patamar, voltou à direita e viu, de imediato, onde se encontravam os intrusos: mesmo ao fundo do corredor estava uma porta entreaberta e uma

luz tremeluzente brilhava pela fresta, projectando uma longa faixa dourada no chão escuro. Frank aproximou-se lentamente, agarrando com firmeza o bordão. A poucos metros da porta conseguiu vislumbrar um pedaço estreito da sala.

O fogo, que então viu, ardia na lareira, facto que o surpreendeu. Parou e ouviu atentamente a voz de um homem que falava dentro da sala. Parecia tímido e receoso.

— Ainda há um pouco mais na garrafa, meu senhor, se ainda tiverdes fome.

— Mais tarde — disse uma segunda voz que pertencia também a um homem, mas que era estranhamente aguda e fria, como uma súbita rajada de vento gélido. Alguma coisa naquela voz fez os cabelos ralos do pescoço de Frank ficarem em pé. — Põe-me mais perto do lume, Wormtail.

Frank aproximou o ouvido direito da porta para tentar ouvir melhor. Detectou o ruído de uma garrafa a ser pousada numa superfície dura e, em seguida, o pesado arrastar de uma cadeira. Frank viu de relance um homem baixinho, voltado de costas para a porta, a empurrar a cadeira. Usava um manto preto até aos pés e tinha uma pelada na nuca. Por fim, saiu do seu ângulo de visão.

— Onde está a *Nagini*? — perguntou a voz fria.

— Eu... não sei, meu senhor — respondeu nervosamente a primeira voz. — Foi explorar a casa, penso eu...

— Tens de a mungir antes de nos irmos deitar, Wormtail — disse a segunda voz. — Vou precisar de me alimentar durante a noite. O dia foi extremamente cansativo.

Com a testa franzida, Frank aproximou um pouco mais da porta o seu melhor ouvido, escutando atentamente. Houve uma pausa e, em seguida, o homem chamado Wormtail falou de novo.

— Meu senhor, permitis que vos pergunte quanto tempo vamos ficar aqui?

— Uma semana — respondeu a voz fria. — Talvez mais. O lugar é relativamente confortável e o plano não pode ainda ser posto em prática. Seria disparate fazer alguma coisa antes do final da Taça Mundial de Quidditch.

Frank enfiou um dedo deformado dentro do ouvido e andou com ele à volta. Certamente fora uma enorme camada de cera que o fizera ouvir a palavra Quidditch, que não era palavra nenhuma.

— A... Taça Mundial de Quidditch, meu senhor? — indagou Wormtail. Frank mergulhou o dedo no ouvido, desta vez com mais vigor.

— Perdão, mas não estou a compreender, para quê esperar até ao fim da

Taça de Quidditch?

— Porque neste preciso momento os feitiçeiros estão a chegar ao país, vindos de todos os cantos do mundo, meu parvo! E todos os metediços do Ministério da Magia vão estar de serviço, à procura de sinais de actividades duvidosas, examinando e voltando a examinar a identidade de toda a gente. Vão andar obcecados com a segurança, não vão os Muggles desconfiar de alguma coisa. Por isso, nós esperamos.

Frank desistiu de tentar limpar o ouvido. Escutara nitidamente as palavras Ministério da Magia, feitiçeiros e Muggles. Era óbvio que aquelas expressões eram absolutamente secretas e Frank só conhecia dois tipos de gente que falavam em código: os espiões e os criminosos. Agarrou-se com mais força ao bordão e ouviu ainda mais de perto.

— Vossa Senhoria está, então, determinada? — perguntou calmamente Wormtail.

— Está claro que estou determinado, Wormtail. — Havia agora um leve tom de ameaça na sua voz gélida.

Seguiu-se uma breve pausa. Em seguida, Wormtail quebrou o silêncio. As palavras tropeçaram apressadamente umas nas outras como se ele se obrigasse a falar antes de perder a coragem.

— Podia passar-se sem o Harry Potter, meu senhor.

Nova pausa, mais prolongada e a seguir:

— Sem o Harry Potter? — soprou baixinho a segunda voz. — Estou a ver...

— Meu senhor, não digo isto por me preocupar com o rapaz — explicou Wormtail na sua voz aguda. — Não tenho nada a ver com ele, absolutamente nada. É só porque se usássemos outro feitiçeiro ou feitiçeira, um qualquer, as coisas poderiam ser feitas muito mais depressa. Se me fosse permitido abandonar-vos durante algum tempo, sabeis que consigo disfarçar-me na perfeição, poderia voltar aqui dentro de dois dias com uma pessoa adequada.

— Eu podia usar outro feitiçeiro — admitiu baixinho a segunda voz. — É bem verdade...

— Meu senhor, é o melhor — insistiu Wormtail num tom francamente aliviado. — Pôr as mãos no Harry Potter vai ser tão difícil, ele está tão protegido...

— E ofereces-te, portanto, para ir em busca de um substituto? Isso faz-me pensar... o encargo de tratar de mim não se terá tornado fastidioso, Wormtail? Não será essa sugestão de desistir do plano apenas uma forma de me abandonares?

— Meu senhor! Eu não desejo deixar-vos, de forma alguma.

— Não mintas! — sibilou a segunda voz. — Eu percebo sempre, Wormtail. Tu lamentas profundamente ter voltado para o meu lado. Eu repugno-te. Vejo muito bem como tremes quando olhas para mim, sinto o teu suor quando me tocas...

— Não! A minha devoção a Vossa Senhoria...

— A tua devoção não passa de cobardia. Não estarias aqui se tivesses para onde ir. Como vou sobreviver sem ti, precisando de ser alimentado várias vezes ao dia? Quem mungiria a *Nagini*?

— Mas pareceis muito mais forte, meu senhor...

— Mentiroso! — soprou a segunda voz. — Não estou nada mais forte e bastariam alguns dias para me despojar da pouca saúde que recuperei com os teus grosseiros cuidados. Silêncio!

Wormtail, que tinha estado a gaguejar incoerentemente, calou-se de imediato. Durante alguns segundos, Frank ouviu apenas o crepitar do lume. Pouco depois, o segundo homem voltou a falar num sussurro que era quase um silvo.

— Tenho as minhas razões para querer usar o rapaz, como já te expliquei, e não vou usar mais ninguém. Esperei treze anos. Mais alguns meses não farão grande diferença. Quanto à segurança que o rodeia, acredito que o meu plano será eficaz. Só é preciso que tenhas um bocadinho de coragem, Wormtail. E será bom que consigas tê-la se não quiseses sentir toda a ira de Lord Voldemort.

— Meu senhor, tenho de falar! — exclamou Wormtail, agora com pânico na voz. — Durante a nossa viagem não parei de pensar no plano. Meu senhor, o desaparecimento de Bertha Jorkins não vai passar despercebido durante muito tempo. E se continuarmos, se eu amaldiçoar...

— Se? — murmurou a segunda voz. — Se? Se agires de acordo com o plano, Wormtail, o Ministério nunca saberá que desapareceu outra pessoa. Terás de actuar com calma e sem criar confusão. Bem gostava de poder ser eu a fazê-lo, mas nas condições actuais... Vá lá, Wormtail, mais um obstáculo vencido e temos o caminho para o Harry Potter aberto. Não te peço que faças o que quer que seja sozinho. Nessa altura o meu servo fiel já terá regressado.

— Eu sou um servo fiel — assegurou Wormtail, sem o menor vestígio de mau humor.

— Wormtail, eu preciso de alguém com miolos, alguém cuja lealdade nunca tenha vacilado. E tu, infelizmente, não possuis nenhum desses requisitos.

— Eu encontrei-vos, senhor — disse Wormtail e havia agora na sua voz uma pontinha de aborrecimento. — Fui eu quem vos encontrou e fui eu

quem vos trouxe Bertha Jorkins.

— Isso é verdade — reconheceu o segundo homem com um tom bem-disposto. — Um lampejo de génio que eu não julgava possível em ti, Wormtail. Contudo, verdade seja dita, nem te apercebeste da grande utilidade que ela poderia ter quando a trouxeste.

— Eu... pensei que ela poderia ser útil, meu senhor.

— Mentiroso — disse mais uma vez a segunda voz, na qual era agora mais perceptível a nota de divertimento cruel. — Contudo, não posso negar que a informação que ela nos deu foi valiosíssima. Sem ela, não poderia ter engendrado o nosso plano e, por isso, terás a tua recompensa, Wormtail. Permitirei que executes uma tarefa essencial para mim. Uma tarefa por cuja execução muitos dos meus seguidores estariam prontos a dar a sua mão direita.

— A... sério, meu senhor? O quê? — Wormtail parecia de novo aterrorizado.

— Ah, Wormtail, não queres que estrague a surpresa, pois não? A tua parte fica mesmo para o fim... mas asseguro-te de que vais ter a honra de poder ser tão útil quanto Bertha Jorkins.

— Vós... vós... — A voz de Wormtail pareceu subitamente rouca, como se a boca tivesse ficado muito seca. — Vós ides matar-me também?

— Wormtail, Wormtail — repetiu a voz fria de forma insinuante. — Por que quereria eu matar-te? Matei Bertha porque fui obrigado. Ela não servia para nada. Depois de a ter interrogado, era totalmente inútil. Além disso, iam ser-lhe feitas muitas perguntas embaraçosas se ela voltasse ao Ministério a contar que te encontrara durante as suas férias. Os feiticeiros, que supostamente estão mortos, fariam melhor em não dar de caras com as feiticeiras do Ministério da Magia numa estalagem.

Wormtail murmurou qualquer coisa tão baixinho que Frank não conseguiu ouvir, mas que fez com que o segundo homem se risse. Um riso totalmente isento de alegria, tão frio como o seu discurso.

— *Podíamos ter-lhe modificado a memória?* Mas os encantamentos de memória podem ser quebrados por um feiticeiro poderoso, como ficou provado quando eu a interroguei. Teria sido um insulto à memória dela não usar a informação que lhe extraí, Wormtail.

No corredor, Frank tomou subitamente consciência de que a mão que agarrava o bordão estava escorregadia do suor. O homem da voz fria matara uma mulher e falava disso sem a mais leve ponta de remorso. Com divertimento. Era um homem perigoso, um louco. E tencionava matar mais pessoas. O tal rapaz, Harry Potter, quem quer que ele fosse, estava em perigo.

Frank sabia o que tinha de fazer. Se alguma vez sentira a necessidade absoluta de se dirigir à polícia, era agora. Ia sair sorrateiramente daquela casa e dirigir-se à cabina telefónica da aldeia... mas a voz fria tornara a falar e Frank ficou onde estava, apavorado, ouvindo com toda a atenção.

— Mais um feitiço... o meu fiel servo em Hogwarts... o Harry Potter é meu, Wormtail. Está decidido. Não há mais conversas a este respeito. Mas espera, parece que oiço a *Nagini*...

E a voz do segundo homem modificou-se. Começou a emitir uns ruídos que Frank nunca ouvira antes. Assobiava e bufava sem respirar. Frank pensou que ele estava a ter um ataque ou uma apoplexia.

Foi então que Frank ouviu os movimentos atrás de si, no corredor escuro, e ficou paralisado pelo medo.

Alguna coisa se movia ao longo do chão do corredor e só quando se aproximou da réstia iluminada é que Frank percebeu, com um arrepio de verdadeiro horror, que se tratava de uma gigantesca serpente, que tinha pelo menos quatro metros de comprimento. Transfigurado, Frank ficou a olhar para ela, enquanto o seu corpo sinuoso abria um carreiro enorme e curvo no pó do chão, aproximando-se mais e mais. Que fazer? A única maneira de escapar era entrando na sala onde estavam sentados dois homens a engendrar um crime, mas, se não o fizesse, a serpente matá-lo-ia pela certa.

Contudo, antes de ter tido tempo de tomar qualquer decisão, a serpente chegara junto dele e, milagrosamente, seguira em frente. Respondia ao assobio e aos silvos da voz fria do outro lado da porta e, em poucos segundos, a ponta da sua cauda, com desenhos em forma de diamante, desaparecia pela frincha entreaberta.

A testa de Frank estava coberta de suor e a mão que segurava o bordão tremia. Dentro da sala, a voz fria continuava o seu assobio e Frank foi assaltado por uma ideia impossível e bizarra... *Aquele homem conseguia falar com serpentes.*

O homem não compreendia nada do que estava a passar-se. O que mais desejava naquele momento era poder voltar à sua cama e à sua botija de água quente. O problema é que as pernas pareciam não querer mexer-se. Enquanto ali ficou, a tremer, tentando recuperar o domínio do seu corpo, a voz fria voltou novamente a falar.

— A *Nagini* tem notícias interessantes, Wormtail — declarou.

— A sério, meu senhor? — respondeu Wormtail.

— Sim, sim — tornou a voz. — Segundo ela, um velho Muggle está parado mesmo atrás da porta a ouvir tudo o que estamos a dizer.

Frank não teve tempo de se esconder. Ouviu passos e, em seguida, a

porta da sala foi aberta de par em par.

Um homenzinho quase calvo, de cabelos ralos e cinzentos, nariz pontiagudo e uns olhos pequeninos e aquosos, estava na sua frente, com um misto de medo e alarme no rosto.

— Convida-o a entrar, Wormtail. Onde estão os teus modos?

A voz fria vinha do antigo cadeirão que se encontrava diante da lareira, mas Frank não via o orador. A serpente, essa, estava enroscada no tapete esburacado, numa sinistra imitação de um cachorro de estimação.

Wormtail fez um sinal a Frank para que entrasse na sala. Apesar de profundamente abalado, o jardineiro agarrou-se com força ao bordão e transpôs o limiar da porta, coxeando.

O fogo da lareira era a única fonte de luz na divisão. Lançava sombras que pareciam aranhas gigantescas sobre as paredes. Frank olhou para as costas do cadeirão. O homem que lá estava devia ser ainda mais pequeno do que o seu servo, pois Frank não conseguia ver-lhe a nuca.

— Ouviste tudo, Muggle? — disse a voz fria.

— O que foi que me chamou? — perguntou Frank em tom de desafio, visto que agora, que estava lá dentro, agora que chegara o momento de agir, sentia-se com mais coragem. Fora sempre assim durante a guerra.

— Chamei-te Muggle — disse calmamente a voz. — Significa que não és um feiticeiro.

— Não sei o que quer dizer com feiticeiro — respondeu Frank com a voz cada vez mais segura. — Só sei que ouvi o suficiente esta noite para interessar a polícia. O senhor matou uma pessoa e está a planear matar outra. E deixe que lhe diga — acrescentou com uma súbita inspiração —, a minha mulher sabe que eu estou aqui em cima e se eu não voltar...

— Tu não tens mulher — retorquiu a voz muito calmamente. — Ninguém sabe que estás aqui. Não disseste a ninguém que aqui vinhas. Não mintas a Lord Voldemort, Muggle, porque ele sabe, ele sabe sempre...

— Ah é? — disse Frank asperamente. — Lord, é isso? Pois olhe, não me parece que tenha lá muito boas maneiras, *my Lord*. Dê uma volta e enfrente-me como um homem. Por que está de costas para mim?

— Mas eu não sou um homem, Muggle — respondeu a voz fria, apenas audível sobre o crepitar da madeira. — Contudo, sou muito mais do que um homem... por que não? Eu enfrento-te, sim... Wormtail, vem voltar a minha cadeira.

O servo soltou um gemido.

— Ouviste, Wormtail?

Lentamente, com o rosto contraído, como se a última coisa que quisesse fazer na vida fosse aproximar-se do seu amo e do tapete onde se encontrava

a serpente, o homenzinho deu alguns passos e começou a virar o cadeirão. A serpente ergueu a cabeça feia e triangular e sibilou levemente quando os pés do cadeirão embateram no tapete.

Em seguida, o cadeirão ficou de frente para Frank e ele pôde finalmente ver o que lá estava sentado. O bordão caiu no solo com grande estrondo. Frank abriu a boca e soltou um grito. Gritou tão alto que nem ouviu as palavras que a coisa disse enquanto erguia a varinha. Houve um clarão de luz verde, um ruído brusco e Frank Bryce não resistiu. Quando o seu corpo tocou no chão, já estava morto.

A cerca de trezentos quilômetros de distância, o rapaz de nome Harry Potter acordou sobressaltado.

Título original: Harry Potter and the Prisoner of Azkaban

Tradução do inglês por Isabel Fraga

Revisão de texto de Isabel Nunes

Todos os direitos reservados; nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio, quer seja eletrónico, mecânico, fotocópia ou outro, sem a autorização prévia da editora

Esta edição digital foi publicada pela primeira vez pela Pottermore Limited em 2015

Publicado pela primeira vez em papel em Portugal em 2000 por Editorial Presença

Copyright © J.K. Rowling 1999

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2000

Imagem da capa: Olly Moss © Pottermore Limited 2015

Harry Potter characters, names and related indicia are trademarks of and © Warner Bros. Ent.

O direito moral do autor foi reivindicado

ISBN 978-1-78110-309-8

Direitos de autor do capítulo adicional

Tradução do inglês por Isabel Fraga, Isabel Nunes e Manuela Madureira